OBRA GERAL DE RUDOLF STEINER

Rudolf Steiner

- ANTROPOSOFIA: COSMOLOGIA, COSMOGÊNESE, CARMA E DESTINO, REFLEXÕES, HISTÓRICO
- FILOSOFIA
- GOETHIANISMO
- CRISTOLOGIA
- EDUCAÇÃO
- MEDICINA
- FILOSOFIA SOCIAL
- EURRITMIA
- PSICOLOGIA
- CIÊNCIAS NATURAIS
- AGROSSILVICULTURA
- ARTE
- DRAMATURGIA
- DICÇÃO
- MÚSICA
- ARTES PLÁSTICAS
- ARQUITETURA
- MITOLOGIA

ANTROPOSÓFICA

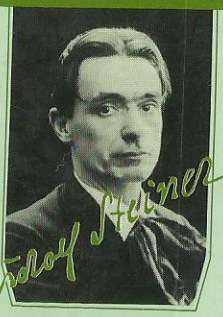
RUDOLF STEINER

Fundamentos da agricultura biodinâmica

631
STE /fun
3.ed.

OBRA GERAL ■ AGROSSILVICULTURA

Steiner



286109
286109

Fundamentos da agricultura biodinâmica

Vida nova para a terra

200304 2536
1390636
Fundamentos da agricultura biodinâmica

ANTROPOSÓFICA

Rudolf Steiner

Fundamentos da agricultura biodinâmica

Vida nova para a terra

Curso ministrado em Koberwitz, perto de Breslau (Alemanha), de 7 a 16 de junho de 1924, abrangendo oito conferências, quatro séries de respostas a perguntas dos ouvintes e uma alocução

Incluída, a título de introdução, conferência proferida em Dornach (Suíça), em 20 de junho de 1924

Tradução de
Gerard Bannwart

200304 2535
631 STE /fun 3.ed.
1390636

ANTROPOSÓFICA

Título original:
GEISTESWISSENSCHAFTLICHE GRUNDLAGEN
ZUM GEDEIHEN DER LANDWIRTSCHAFT
Landwirtschaftlicher Kursus
© 1963 Rudolf Steiner Nachlassverwaltung, Dornach
7ª ed. 1984, Rudolf Steiner Verlag Dornach (Suíça)
GA-Nr. 327 — ISBN 3-7274-3270-5

© da tradução by Associação Ibiraci
(Sociedade dedicada à renovação
da agricultura, da educação e da saúde)
Caixa Postal 81 — 18290-000 Buri, SP

Direitos desta edição reservados à
Editora Antroposófica Ltda. — R. da Fraternidade, 174
04738-020 São Paulo - SP — Tel./Fax (0xx11) 5687-9714
www.antroposofica.com.br / editora@antroposofica.com.br

Revisão da tradução: Jacira Cardoso
Capa (coleção): Marcelo Girard

1ª edição: 1993; 2ª edição: 2000

3ª edição — 2001

ISBN 85-7122-054-9 (coleção)
ISBN 85-7122-119-7 (volume)

UFCG
BIBLIOTECA CENTRAL
D. (Doação) CH AGRO-CAS
Nº 2535/03
VALR 89.40
DATA 10.04.03
C3580
PR0004532 16

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Steiner, Rudolf, 1861–1925.
Fundamentos da agricultura biodinâmica : vida nova para a terra / Rudolf Steiner ; tradução de Gerard Bannwart. — 2. ed. — São Paulo : Antroposófica, 2000. — (Rudolf Steiner : obra geral)

Título original: Geisteswissenschaftliche Grundlagen zum Gedeihen der Landwirtschaft (Landwirtschaftlicher Kursus).
Curso ministrado em Koberwitz, perto de Breslau, Alemanha, de 7 a 16 de junho de 1924...
ISBN 85-7122-119-7

1. Agricultura biológica 2. Antropossofia 3. Ecologia agrícola 4. Pragas agrícolas – controle I. Título II. Série.

00-1448 CDD-630.274

Índices para catálogo sistemático:
1. Agricultura biodinâmica 630.274
2. Agricultura biológica 630.274

Da publicação das conferências de Rudolf Steiner

A base da Ciência Espiritual orientada pela Antroposofia é formada pelas obras escritas e publicadas por Rudolf Steiner (1861–1925). Além disso, ele proferiu numerosas conferências e ministrou, entre os anos de 1900 e 1924, muitos cursos — tanto públicos como aos membros da Sociedade Teosófica e, depois, da subseqüente Sociedade Antroposófica. Originalmente ele mesmo não queria que suas conferências, proferidas livremente, fossem registradas por escrito, visto que as considerava "comunicações verbais, não destinadas à impressão". Como aumentava a distribuição de anotações de ouvintes, incompletas e incorretas, ele se viu levado a regulamentar a reprodução escrita. Essa tarefa foi confiada a Marie Steiner-von Sivers, a quem passou a competir a designação dos estenógrafos, a administração das anotações e a revisão necessária dos textos para a publicação. Como, por falta de tempo, apenas em muito poucos casos Rudolf Steiner pôde corrigir ele mesmo as anotações, suas ressalvas em relação a todas as publicações de conferências devem ser consideradas: "É preciso admitir que em edições não corrigidas por mim possam encontrar-se erros."

Depois da morte de Marie Steiner (1867–1948) foi iniciada, de acordo com suas diretrizes, a publicação de uma edição completa (*Gesamtausgabe*) da obra de Rudolf Steiner, à qual pertence o presente volume.

Sumário

BC UFG

A título de introdução *(Dornach, 20 de junho de 1924)* ... 13
Relato posterior de Rudolf Steiner sobre o Curso de Agricultura

Primeira conferência *(Koberwitz, 7 de junho de 1924)* 26
Apresentação e introdução ao curso. Emancipação da vida humana e animal em relação ao mundo exterior

A vida planetária. A vida terrestre. A vida da substância siliciosa no mundo. Substância cálcica. Plantas anuais. Plantas perenes. Períodos de ascendência planetária

Segunda conferência *(Koberwitz, 10 de junho de 1924)* 42
As forças da Terra e do Cosmo

O solo como órgão real. A individualidade agrícola. Inter-relação viva. O elemento cósmico refletido. A vitalidade interior. Quimismo cósmico. Corrente cósmica ascendente. O imediatamente terrestre. Calor floral / calor radicular. A força de cristalização. Individualidade e continuidade no tempo. O caos seminal. Formação natural de húmus. O ABC de todo o crescimento vegetal. O elemento solar. A grande transformação no âmago da Natureza. Análise cósmica qualitativa. Forma e cor no animal. Estrutura e consistência de sua substância

Terceira conferência *(Koberwitz, 11 de junho de 1924)* 61
Incursão na atividade da Natureza: a atuação do espírito na Natureza

Significado e influência do nitrogênio sobre toda a produção agrícola. A atuação do nitrogênio no Universo. A atividade do enxofre. Enxofre, o portador do espiritual. O significado do carbono no Universo. O carbono, portador de todos os processos de expressão formal na Natureza. O oxigênio abaixo e acima da terra. Oxi-

gênio, o portador do éter vivo. O nitrogênio acima e dentro da terra. O nitrogênio como portador da sensibilidade. O hidrogênio como transportador às vastidões do Universo. As substâncias protéicas primordiais e o caos da semente. Cal e sílica como base do crescimento vegetal. As papilonáceas. A argila

Quarta conferência *(Koberwitz, 12 de junho de 1924)* 81
Forças e substâncias que adentram o espiritual: a questão da adubação

A adubação na faina da Natureza. O modo de atuação da materialidade, das energias, e o modo de atuação do espiritual. A natureza da árvore em contraste com a planta anual. A terra disposta em montes. A natureza de uma terra adubada. Relação pessoal com o adubo. Atuações de forças no âmago do orgânico. Vitalização do próprio elemento terroso. Composto. Formação de chifres e de galhada. O esterco comum de curral. Bactérias e qualidade do adubo. Força vitalizante de adubação, concentrada no conteúdo de chifre de vaca. Diluir e mexer o esterco de chifre de vaca. Quartzo ou feldspato dentro da terra durante o verão. O homem como fundamento da observação

Respostas a perguntas *(12 de junho de 1924)* 98
Diluição, mistura e distribuição do esterco de chifre de vaca. Conservação e emprego de chifres. Indução da semente ao caos. Capacidade reprodutiva e nutritiva nos cereais

Quinta conferência *(Koberwitz, 13 de junho de 1924)* 113
A observação do plano macrocósmico como tarefa da Ciência Espiritual: crescimento da terra e da vegetação. As substanciação correta do adubo

Tratamento com fórmulas de substâncias inorgânicas. A vivificação direta da terra por meio do orgânico. Dosagem homeopática a partir do âmbito universal. Forças substanciais, vivas e radiantes. O milefólio no processo natural do crescimento vegetal. O cervo e as forças cósmicas. As atuações do cálcio e a Camomilla officinalis. *A urtiga, a maior benfeitora da vegetação. Impregnar o solo de sensatez. A natureza vegetal e as enfermidades vegetais. O carvalho. Absorção de ácido silícico da terra. Inter-relação qualitativa nos processos orgânicos. Interação entre ácido silícico e potássio. O dente-de-leão. A* Valeriana officinalis

Respostas a perguntas *(13 de junho de 1924)* 131
Trato geral do adubo. Pormenores sobre os preparados do adubo. Alimentação pela atmosfera

Sexta conferência *(Koberwitz, 14 de junho de 1924)* 140
A individualização nos procedimentos da agricultura. A natureza da erva daninha, das pragas animais e das assim chamadas doenças das plantas perante o foro da Natureza

As atuações cálcicas e silícicas na terra. As atuações planetárias. Influências lunares e a atividade do germe na terra. As forças promotoras da frutificação. Interrupção da atuação lunar nas ervas daninhas. A cinza. Sistema planetário e zodíaco. Atuações da Lua e de Vênus no reino animal. Rato campestre, um exemplo característico. Influências cósmicas nos insetos e nos animais inferiores. O nematóide da cenoura forrageira. O Sol no zodíaco. Normalidade e doenças em plantas e animais. Atuação lunar e formação fúngica parasitária. O Equisetum arvense *[cavalinha]*

Respostas a perguntas *(14 de junho de 1924)* 160
Sobre pragas aquáticas, hérnia da couve, doenças fúngicas da videira, ferrugem. A questão das constelações. O adubo mineral

Sétima conferência *(Koberwitz, 15 de junho de 1924)* 168
As mais íntimas interações da Natureza: a relação entre agricultura, fruticultura e pecuária

A árvore em toda a faina da Natureza. Cereais e plantas herbáceas. O câmbio. Odor de planta pequena e odor

de árvore. A natureza da raiz. A afinidade entre o mundo das plantas e dos insetos. As minhocas. O mundo alado. Inter-relação entre a floresta, a lavoura e o pasto: a regulação da floresta. O íntimo parentesco dos vegetais arbustivos com os mamíferos. A íntima relação de todo elemento fúngico com o mundo animal inferior. A relação do vegetal com o animal e vice-versa. O dar e tomar na Natureza

Oitava conferência *(Koberwitz, 16 de junho de 1924)* 184
A natureza da nutrição animal

A dualidade no organismo animal. Materialidade terrestre e cósmica. Forças terrestres e cósmicas. A agricultura como organismo. A disposição para o eu no adubo. A evolvente força do eu na terra. A agricultura como individualidade. A colaboração do fluxo de substância e energia nos animais leiteiros, de tração e de engorda. A nutrição radicular. A semente de linho. O feno. As espécies de trevos. O cozimento dos alimentos. O sal. Tomate e batata. A agricultura no relacionamento mais interior com a vida social

Respostas a perguntas *(16 de junho de 1924)* 205
Esterco e chorume. A questão das constelações. O papel da eletricidade na Natureza. A acidulação da forragem. A adubação verde. O emprego do estrume humano. Moralidade e caráter

Alocução *(Koberwitz, 11 de junho de 1924)* 215

Índice remissivo 225

A título de introdução

Conferência proferida em Dornach, em 20 de junho de 1924

Acabo de voltar da viagem a Breslau-Koberwitz, que desta vez serviu sobretudo a determinada meta, embora esta estivesse ligada a uma meta antroposófica muito geral. Primeiramente, como os Senhores sabem, ocorreu que um número de agricultores afiliados à Sociedade Antroposófica desejou que lhes fosse ministrado um curso com pontos de vista agrícolas particulares, isto é, com coisas dizendo respeito à agricultura. Realmente, aqueles que dentro de nossa Sociedade são agricultores viajaram de muito longe a fim de obter, com muita seriedade, pontos de vista a respeito do que, a partir da pesquisa antroposófica, pode ser oferecido a este campo de atividade humana.

Também é verdade que neste setor da vida se trata inteira e naturalmente de pontos de vista dirigidos ao trabalho, e não de quaisquer teorias. Foi por esta razão que também se esperou por pontos de vista totalmente práticos.

Por outro lado, aquela reunião teve caráter restrito, tendo sido extraordinariamente satisfatória para os participantes, pois estes, incluindo-se os membros da direção do Goetheanum que puderam estar presentes — como a Dra. [Marie] Steiner, a Srta. [Elisabeth] Vreede e o Dr. [Günther] Wachsmuth —, foram hóspedes, no castelo Koberwitz, de nosso caro amigo o Conde Keyserlingk.

E podemos afirmar que foi uma acolhida efetuada de um modo bastante extraordinário, ao gosto antroposófico. Pois não se tratou exatamente de uma coisa corriqueira: não só fazer sentar-se para conferências toda uma associação, num lugar que, em realidade, dista ainda uns três quartos de hora de automóvel de Breslau, mas também de hospedá-la de maneira muito generosa. Ora, o grupo consistia ainda de mais de cem participantes, que precisavam ser diariamente acolhidos.

O grupo chegava geralmente por volta das onze horas a Koberwitz. Lá as pessoas não podiam pousar, e por isso procediam de Breslau. E então começava imediatamente a conferência, que durava até às treze horas. A seguir se convertia em almoço, quan-

do os convidados podiam utilizar quase todo o castelo, assim como tudo o que lhe pertence, o que é muito interessante. Isso durava até por volta das catorze e trinta ou catorze e 45. E havia ainda uma alocução sobre assuntos agrícolas até às quinze horas.

Era esta, portanto, a parte de Koberwitz, de toda a organização. Isso durou dez dias.

Os Senhores vêem, portanto, que encontro fecundo aconteceu ali. Mas na verdade devo dizer que não foi fácil para a Condessa e o Conde Keyserlingk promover esse curso, pois havia muito ele fora prometido e eu nunca tinha a possibilidade de ir. O sobrinho do Conde Keyserlingk já estivera aqui em Dornach por esse motivo, durante o Congresso de Natal*; e naquela ocasião, ao ser enviado até aqui, havia-lhe sido dito: "Ou você me traz a promessa bem definida de que esse curso se realizará ainda no próximo semestre, ou não me volte mais para casa." Sob essa promessa surgiu então aqui o sobrinho, que na verdade também já realizara algumas outras coisas notáveis neste mundo, e falou realmente de modo tão enérgico que eu lhe disse que o curso teria lugar tão logo fosse possível de alguma forma.

Ora, como não foi possível antes, realizou-se em Pentecostes. Foi uma bela festa, uma verdadeira festa pentecostal antroposófica.

Há algo muito especial em torno dessa propriedade de Koberwitz e suas imediações. É que a ela pertence uma área agrícola de trinta mil jeiras. É uma das maiores propriedades rurais. Muita agricultura pode, portanto, ser avistada por lá. Tanto que muita coisa foi vista, pois tudo foi mostrado de um modo extraordinariamente acolhedor.

Uma coisa se sobressai de imediato ao chegarmos a Koberwitz, ao querermos realizar a atividade inicial de lavar as mãos: imediatamente notamos que há ferro dentro do lavatório. O solo em Koberwitz é realmente um solo que contém ferro. E eu penso, de fato, que esse solo ainda poderia encontrar os mais variados usos, por ser extraordinariamente rico em ferro.

Ora, eu encontrei efetivamente este lado acolhedor do ferro em toda parte. E por isso já disse logo ao meio-dia, na chegada,

* Reunião de membros e representantes ocorrida de 24.12.1923 a 1.1.1924 em Dornach, ocasião em que se procedeu a uma nova fundação da Sociedade Antroposófica Universal, sob a direção pessoal de Rudolf Steiner. (N. E.)

para saudar as pessoas da casa, que acima de todas as coisas nos chama a atenção, em Koberwitz, o fato de tudo ser de ferro: o sobrinho já era de ferro, em suas exigências, ao surgir aqui no Natal; o solo está todo embebido em ferro, e lá predomina algo conseqüente e enérgico, de modo que eu não podia dizer senão "a condessa de ferro e o conde de ferro". De fato, mesmo na atitude moral havia algo inteiramente férreo.

Foi desse modo que se tratou, pois, no Curso Agrícola, de desenvolver primeiro quais são as condições para a prosperidade dos diversos campos da agricultura. Aqui bem existem campos extraordinariamente interessantes, quais sejam o crescimento vegetal, a criação, a silvicultura, a horticultura, etc. Afora isso existe o que pertence ao âmbito mais interessante — os segredos da adubação, que são realmente segredos extraordinários.

Para tudo isso foram primeiramente desenvolvidos os princípios, as relações, que na verdade parecem muito particularmente significativos no tempo atual — porquanto, na realidade, por mais que se creia ou não, justamente a agricultura, sob a visão materialista do mundo, foi a que mais se apartou de princípios racionais. E na verdade pouquíssimas pessoas sabem que, no decorrer dos últimos decênios, ocorreu no âmbito da agricultura que todos os produtos dos quais o homem realmente vive estão degenerando e, a rigor, em escala extraordinariamente rápida.

Ora, não é só a evolução moral humana que nos dias de hoje — ou seja, no tempo da transição do Kali Yuga para a era luminosa* — está-se degenerando; aquilo que o homem, com suas disposições, fez da Terra e do que lhe está imediatamente acima, também se encontra em rápida degeneração, hoje estatisticamente comprovada e debatida, por exemplo, em associações agrícolas, e diante da qual os homens se vêem apenas impotentes.

E assim é que hoje o lavrador materialista também já pode, caso não esteja vivendo de um modo inteiramente apático, e sim

* O *Kali Yuga* (a época das trevas), que se iniciou em 3101 a.C. e atingiu seu auge com a encarnação do Cristo, findou em 1899. Vide, a esse respeito, a 3ª e a 4ª confs. do ciclo *Der Christus-Impuls und die Entwicklung des Ich-Bewusstseins*, GA-Nr. 116, Dornach 1961, e o volume *Das Ereignis der Christus-Erscheinung in der ätherischen Welt*, GA-Nr. 118, Dornach 1965. [V. também *Antroposofia, ciência espiritual moderna*, de Rudolf Lanz. São Paulo, Ed. Antroposófica, 1989, pág. 35.]

refletindo um pouco sobre as coisas que acontecem diariamente ou no mínimo anualmente, calcular mais ou menos dentro de quantos decênios os produtos estarão tão degenerados que, ainda no decorrer deste século, não mais servirão à alimentação humana.

Portanto, eu diria que aqui se trata integralmente de uma questão que, no sentido mais elevado, é uma questão terreno-cósmica. Justamente na agricultura fica evidente que é preciso extrair do âmago do espírito forças hoje inteiramente desconhecidas, não significando somente que talvez a agricultura deva ser um pouquinho melhorada, mas sobretudo que a vida dos homens — pois o homem precisa, a rigor, viver do produto da terra — possa, na verdade, prosseguir sobre ela, também no sentido físico.

Tratava-se, pois, de um tema muito importante. E os princípios que foram então relatados, a fim de se mostrar sob que condições prosperam as plantas dos mais diversos modos, e como hão de prosperar os animais, os princípios segundo os quais se adubará, segundo os quais as ervas daninhas serão afastadas, segundo os quais as pragas da lavoura, as parasitas serão exterminadas, segundo os quais as enfermidades serão combatidas, tudo isto constitui hoje, de fato, questões extraordinariamente evidentes no campo da agricultura.

Depois que estes princípios haviam sido debatidos, passou-se ao que será feito em seguida para chegar a ocorrer uma reforma na adubação, uma reforma no combate à erva daninha, às pragas animais, às parasitas e às enfermidades vegetais. E em seguida ao curso, bem como nos debates que diariamente se seguiam ao curso, formou-se um Círculo, conforme o Conde Keyserlingk o chamava, dos agricultores ali reunidos, querendo trabalhar no mais estreito relacionamento com a Seção de Ciências Naturais aqui do Goetheanum.* De modo que a Seção de Ciências Naturais terá de elaborar princípios segundo os fundamentos que justamente devem ser levados em consideração, em primeiro lugar, com relação à condição geológica do solo, com relação à restante condição do solo, com relação às possibilidades de arraçoamento, com relação às possibilidades de adubação, com relação a todos os campos, à proximidade da floresta, às condições climáticas, etc.

* Sede da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual, onde se efetuam pesquisas no âmbito das ciências naturais, das ciências humanas e das artes. (N.E.)

Depois de satisfatoriamente feitas estas indicações por parte dos profissionais agrícolas, serão então elaborados aqui os princípios segundo os quais os experimentos subseqüentes devem ser estruturados para efetivamente se provar o que foi dado à guisa de indicações práticas no curso ou apresentado em debates, para que cada qual possa dizer em seguida, mesmo que hoje alguma coisa ainda pareça estranha: nós o experimentamos, e dá certo.

Para isto deve, portanto, existir esse Círculo de Lavradores que irá colaborar estreitamente com a Seção de Ciências Naturais e também com a senhorita Vreede*, porque indicações astronômicas são necessárias nesse caso.

Evidentemente, e das mais variadas formas, toda a Escola Superior Livre haverá acima de tudo de tomar parte nisso, e também em especial a Seção Médica. De modo que, justamente segundo as intenções elaboradas durante o curso por nossos amigos, ou seja, por nosso amigo o Conde Keyserlingk e o Sr. Stegemann, quiçá o assunto tome agora, também no campo prático, um rumo mais favorável do que algumas coisas ultimamente empreendidas, sob outros auspícios, sob auspícios não tão objetivos, por alguns.

A condição para o êxito consiste, porém no seguinte, que foi seriamente frisado e numerosas vezes repetido: que o conteúdo desse curso permaneça inicialmente como propriedade espiritual do Círculo de Lavradores, dos lavradores práticos. Pois também havia ali interessados em agricultura que não podiam ingressar no Círculo, aos quais foi expressamente imposto que não tagarelassem a respeito de tudo com qualquer pessoa segundo o velho e costumeiro modo antroposófico, pois as coisas somente conseguirão atingir seu significado prático se, em primeiro lugar, aquilo que constituiu o conteúdo do curso permanecer no âmbito competente, sendo experimentado por lavradores. Algumas coisas necessitarão de quatro anos para se experimentarem. Durante esse período, o que foi dado como indicações práticas não deverá ultrapassar a esfera da comunidade agrícola, porque não faz sentido algum meramente falar sobre essas coisas, pois elas estão aí justamente para de fato ingressar na prática da vida. E todo aquele que, tendo ouvido ali

* Elisabeth Vreede, primeira dirigente da Seção de Matemática e Astronomia do Goetheanum. (N.E.)

tais assuntos, porventura os divulgar de alguma forma, praticará uma injustiça.

Estas são as coisas que, segundo creio, referem-se inicialmente ao fecundo Curso Agrícola.

Também houve ensejo de acontecer uma apresentação de eurritmia*, na manhã do domingo de Pentecostes, extraordinariamente bem concorrida e recebida de forma incrivelmente favorável.

Além dessas apresentações, deram-se inúmeras outras. Acima de todas as coisas, os debates agrícolas vespertinos duravam desde mais ou menos treze horas e um quarto até às quinze horas. Isto se dava fora, em Koberwitz, como eu disse. As outras coisas ocorriam em Breslau — depois direi o que acontecia de permeio —, e cada dia era encerrado com uma conferência de Antroposofia para os membros da Sociedade Antroposófica, ocupando-se, também, essencialmente das questões cármicas que já formavam aqui, há semanas, o objeto das considerações. Ali elas foram reunidas em nove conferências.** Na verdade, já dei uma breve notícia sobre todo esse assunto no boletim informativo incluso no *Das Goetheanum****, justamente hoje publicado. Ali já se noticiou sobre toda a apresentação de Breslau. Ainda posso frisar novamente: do que se pôde perceber nos mais diferentes lugares — em Praga, em Berna, em Paris e agora mais uma vez em Breslau —, direi que o resultado do Congresso de Natal, esse impulso esotérico que agora perpassa toda a Sociedade Antroposófica, o aspecto novo — poder-se-ia realmente dizer aquilo que aqui está após a verdadeira re-fundação da Sociedade Antroposófica**** — não estava aqui anteriormente, porém está sendo acolhido pelos corações em todos os lugares, não só de modo claramente satisfatório, mas também extraordinariamente animador; de tal forma que realmente existe a esperança fundamentada de que agora, depois que a Sociedade Antroposófica, graças ao Congresso de Natal, ganhou sua

* Arte antroposófica do movimento. (N.E.)

** *Karma der Schicksalsgestaltung des menschlichen Lebens*, em *Esotherische Betrachtungen karmischer Zusammenhänge*, vol. V, GA-Nr. 239, Dornach 1975.

*** Periódico, existente ainda hoje, publicado na instituição de mesmo nome situada em Dornach. (N.E.)

**** A esse respeito veja, de Rudolf Lanz, *Antroposofia, ciência espiritual moderna*. São Paulo, Ed. Antroposófica, 1989. (N.E.)

espiritualidade, a direção esotérica em Dornach já trabalha de forma conscientemente espiritual, sendo que agora pode-se de fato notar, por toda parte, não só que a correnteza se dirige para fora, mas que os corações dos participantes vão inteiramente ao encontro dessa correnteza.

Isto podia ser visto muito, muito claramente nas conferências da tarde, isto é, nas conferências aos membros à tarde. Além disso, a cordialidade com que Breslau e Koberwitz também iam ao encontro dessas conferências se transformou deveras numa forma espiritual-organizativa, pois havia profunda compreensão antroposófica, de igual modo transformada e materializada. Basta eu mencionar que na última tarde, na segunda-feira à tarde em Breslau, ao invés da conferência tudo levou a decidir por uma reunião social. Na realidade, muitos membros [da Sociedade Antroposófica] haviam viajado de longe, e havia muito tempo os membros das regiões alemãs não experimentavam algo assim; também de muito longe, do sul e do oeste da Alemanha e das regiões naturalmente mais próximas haviam viajado membros, de modo que os grandes salões estavam apinhados deles. Na última tarde, na reunião social, depois que no domingo muitos ou a maioria deles precisou partir, ainda estavam todavia presentes uns 370 membros, que então foram todos convidados a jantar em Breslau pela casa Keyselingk.

Portanto, os Senhores devem imaginar que num restaurante em Breslau se encontrava, trazido em caminhões, todo o necessário para servir 370 antropósofos — que nessa tarde, conforme observei ao circular, tinham um apetite extraordinariamente bom. Isto, na verdade, também acontece quando contemplamos quadros; nunca se está tão faminto como quando se andou por galerias de arte. O mesmo, pelo visto, também sucede em conferências antroposóficas. Naqueles dias tinha havido muito recolhimento. Mas o mais bonito foi que os antropósofos, apresentando um grande apetite, eram em número de 370 e ainda assim sobejou muita coisa.

Essas conferências constituíram, pois, o encerramento do dia, de modo que todo o evento se emoldurou com o Curso Agrícola e com as reuniões antroposóficas dos membros [da Sociedade].

De permeio houve um curso sobre o cultivo da fala*, ministrado pela Sra. Steiner; foram duas reuniões para o grupo de jo-

* *Sprachgestaltung*, arte antroposófica da dicção. (N.E.)

vens de Breslau, perfazendo duas horas de aula. E no último domingo acrescentou-se algo mais. Aí chegou o Sr. Kugelmann com sua companhia de atores, que lançaram os alicerces de novas peças artísticas de teatro sob o estímulo do curso de dicção havido aqui no Goetheanum há dois anos, e que desejavam apresentar-nos a *Ifigênia**, o que, relativamente a tudo o que se originou do curso de dicção, era efetivamente um assunto muito promissor, muito promissor já à primeira vista.

O tempo foi ricamente — de fato, ricamente — preenchido, mas também foi possível propiciar várias coisas a membros [da Sociedade] há muito tempo privados até de poder participar de uma apresentação antroposófica.

Entre essas coisas contavam as andanças pelos domínios. Contemplava-se o que pudesse ser visto na propriedade, onde naturalmente sempre acontece, como em todas as coisas do gênero na Europa Central de hoje, aquilo que se torna tão claramente observável na vida empresarial totalmente decrépita. Falo da vida econômica em geral. A propriedade Koberwitz é administrada de modo realmente notável, pois a atividade agrícola precisa, naturalmente, continuar; mas a vida econômica na Alemanha já se encontra numa situação muito ruim.

Bem, na segunda-feira, creio que às onze horas da noite, terminou todo o evento.

Depois consegui viajar, na terça-feira, para Jena-Lauenstein, onde um número de nossos amigos mais jovens, juntamente com a Sra. Ilse Knauer, fundaram um sanatório e educandário não só para maldotados, mas para crianças constitucionalmente doentes que serão educadas e levadas até onde realmente se possa chegar. Esse instituto está, conforme eu disse, em vias de fundação. Foi-me dado inaugurar um pouco o assunto e ver as primeiras crianças acolhidas; de modo que pudemos, por assim dizer, pôr de pé o assunto em Lauenstein, próximo a Jena.

Depois vim para Stuttgart. [...]**

* *Ifigênia em Táuride*, tragédia de Goethe. (N.E.)

** Omitimos na edição brasileira um trecho relativo a questões pedagógicas relacionadas com a primeira escola Waldorf, fundada em Stuttgart em 1919 por Rudolf Steiner. (N.E.)

Eis, pois, o relato que eu lhes desejava fazer. Todas estas coisas mostram que tudo o que, no campo antroposófico, é feito a partir do próprio movimento antroposófico ostenta atualmente um vigor muito grande. [...]

Existe uma necessidade daquilo que a Antroposofia pode dar. [Em Koberwitz] havia sido preparado um curso para o cultivo artístico da fala, o qual precisava ser cumprido em poucas horas, porque realmente não havia tempo para tanta coisa. Só que aí se apresentaram creio que 160 pessoas ou algo assim. Não se consegue dar aula de dicção a 160 pessoas em cinco horas, de modo que a coisa teve de ser arranjada fazendo-se sentarem-se à frente umas trinta pessoas que receberam uma efetiva aula de dicção; as demais só puderam ouvir. Logo, a necessidade existe, sem dúvida uma profunda necessidade, intensa e abrangente. Só que deveríamos ter condições de realmente desimpedir as forças existentes, a fim de justamente fazer progressos reais na atuação antroposófica.

É realmente fato que algo como o ocorrido em Breslau conseguiu realizar-se inteiramente pela atuação, conforme eu já dizia, do Conde e da Condessa "de ferro" Keyserlingk, e de nosso velho amigo, que por seu lado também já atua há quase tanto tempo quanto o movimento antroposófico, o Reitor Bartsch; ele começou a ser antropósofo quando jovem, sendo agora reitor escolar aposentado, mas sentindo-se ainda tão juvenil em companhia dos outros que, em suas palavras de saudação dirigidas a mim na primeira tarde de reunião dos membros [da Sociedade Antroposófica] para as conferências, chamou-me de pai, o que teve de expiar de modo bastante veemente durante todos os dez dias!

Eis o relatório que eu desejava fazer-lhes, meus caros amigos, daquele evento que indubitavelmente já interessará pelo fato de talvez até dar certo, em determinado campo, levar alguma coisa do âmbito antroposófico para dentro da vida imediata. Pois vemos que no campo antroposófico pode-se atuar a partir dos dois lados — do mais elevadamente espiritual e do totalmente prático; ou seja: a partir destes dois lados os fatos são entrelaçados e conduzidos à mais completa harmonia entre si.

Os erros que com facilidade podem originar-se da atuação antroposófica procedem justamente do fato de, por um lado, o espiritual não se transferir para a verdadeira vida, mas ficar sen-

do uma espécie de teoria, ou uma espécie de, eu diria, crença em palavras — nem mesmo em pensamentos, mas uma crença em palavras — e, por outro, de não se conseguir transmitir de modo correto o conhecimento de que o espiritual é capaz de realmente intervir no manejo prático direto.

Assim sendo, meus estimados amigos, basta considerar que hoje nenhuma pessoa compreende realmente a essência da adubação. Sabidamente, ela é feita de forma instintiva, pela tradição dos tempos antigos. Compreender, porém, a essência da adubação, isto nenhuma pessoa compreende de fato, hoje em dia. Nenhuma pessoa sabe, no fundo — exceto os que podem sabê-lo a partir do espiritual —, o que o adubo significa em realidade para a lavoura, nem por que, em determinadas regiões, é indispensável e necessário, nem como deve ser manejado. Hoje nenhuma pessoa sabe, por exemplo, que todos os tipos de adubos minerais são justamente os que contribuem com o essencial para essa degeneração de que lhes falei, para essa deterioração dos produtos agrícolas. É que hoje em dia cada qual pensa simplesmente: "Ora, ao crescimento vegetal corresponde uma certa porção de nitrogênio" — e as pessoas acham que é simplesmente indiferente tanto o jeito de se preparar esse nitrogênio como o local de onde ele provém. Todavia, não é indiferente de onde ele provém; com efeito, entre nitrogênio e nitrogênio — entre o nitrogênio tal qual se encontra com o oxigênio no ar, entre este nitrogênio morto e o outro nitrogênio — há uma grande diferença. Os Senhores não negarão, meus caros amigos, que há uma diferença entre um homem andando por aí e um cadáver, um cadáver humano. Uma coisa está morta, a outra está viva e animada.

Idêntico é o caso, por exemplo, do nitrogênio e as outras substâncias. Existe o nitrogênio morto. É aquele que está em nossas imediações aéreas, misturado ao oxigênio, desempenhando um papel em todo o nosso processo respiratório e no processo da convivência com o ar. Este não pode ser vivo pela simples razão de que, se vivêssemos em ar vivo, estaríamos continuamente desmaiados. Que o ar esteja morto — que o oxigênio esteja morto, que o nitrogênio esteja morto —, eis a condição para um ar em que muitos homens tenham de respirar, a fim de poderem pensar de modo consciente e refletido.

O nitrogênio que está dentro da terra, que deve penetrá-la juntamente com o adubo e que deve formar-se sob a influência do céu inteiro, este será um nitrogênio vivo.

E esses são dois nitrogênios diversos: o nitrogênio que está acima do nível da terra e o que está abaixo dele. Um é nitrogênio morto, o outro é nitrogênio vivente.

E assim acontece com tudo. Aquilo que é necessário para uma subseqüente manutenção da Natureza entrou completamente para a ignorância, no decurso da era materialista. Nem ao menos se sabem as coisas mais importantes. E deste modo continua-se a manejar as coisas, certamente a partir de um instinto muito bom, mas que vai desaparecendo paulatinamente. As tradições estão sumindo. As pessoas acabarão adubando as lavouras com ciência. As batatas, os cereais, tudo se torna cada vez pior.

As pessoas também sabem dessa deterioração, e constatam-na estatisticamente. Só que hoje em dia ainda se apresenta, inicialmente, uma oposição a medidas práticas originadas do resultado da contemplação espiritual.

Que um dia se olhe e se enxergue corretamente essas coisas é algo de um significado enorme. Também já referi aqui com freqüência que, tendo alguém uma agulha magnética — que sempre assume uma direção bem determinada, com uma ponta voltada para o pólo norte magnético e a outra para o pólo sul magnético —, seria considerado infantil se dissesse encontrarem-se dentro da agulha as razões pelas quais uma ponta sempre indica o norte e a outra o sul. Costuma-se dizer: aqui está a Terra e ali a agulha magnética. Por que a agulha magnética sempre indica com uma ponta o norte e com a outra o sul? Porque aqui há um pólo norte e aqui um pólo sul magnéticos. Recorre-se a toda a Terra para explicar a direção da agulha magnética, sendo esta última tomada como ponto de partida. Considerar-se-ia infantil quem achasse que o motivo para isso se encontra na agulha magnética.

Entretanto, somos igualmente infantis ao acreditar que as constatações da ciência contemporânea na vizinhança imediata das plantas ou no ambiente imediato dependem do que se contempla ali. Todo o céu, com suas estrelas, participa da vegetação! Precisamos saber disto. Isto precisa realmente acabar penetrando nas cabeças. É preciso o homem poder dizer a si mesmo que, de fato, é tão infantil praticar botânica à moda atual como seria infantil falar da agulha magnética conforme mencionei.

E qualquer pessoa instruída pode, hoje em dia, apropriar-se de determinadas coisas, bastando ter interesse pelas condições mais simples da vida antroposófica.

Aquilo que indiquei em Penmaenmawr [Inglaterra] pela primeira vez no ano passado* é extraordinariamente importante. Com certeza as pessoas nem sabem, hoje, como se alimentam o homem e o animal; o que dizer, então, de uma planta... As pessoas crêem que a nutrição consiste em o homem comer as substâncias de seus arredores. Ele as introduz na boca e em seguida elas chegam ao estômago. Ali uma parte é reservada e uma parte vai embora. Depois disso, a primeira é utilizada, indo também embora a seguir. Depois isso é novamente reposto. Atualmente, imaginamos a nutrição de um modo totalmente externo. Entretanto, não é com os alimentos absorvidos pelo estômago do homem que são reconstruídos os ossos, os músculos e a outra série de tecidos, pois isto só vale claramente para a cabeça humana. E tudo o mais que indiretamente se espalha pelos órgãos da digestão, para uma elaboração subseqüente no homem, constitui apenas o material elementar para sua cabeça e para tudo aquilo que se deposita no sistema neuro-sensorial e no que dele faz parte — enquanto, por exemplo, para o sistema dos membros ou para os órgãos do próprio metabolismo, as substâncias que usamos, digamos, para dar feitio aos ossos tubulares das pernas ou dos braços, ou para dar feitio aos intestinos com vistas ao metabolismo, à digestão, absolutamente não se formam pela alimentação recebida pela boca e pelo estômago, porém são absorvidas pela respiração e até mesmo pelos órgãos dos sentidos a partir de todos os arredores. No homem se realiza continuamente um processo pelo qual o que é absorvido pelo estômago flui para cima, sendo empregado na cabeça; mas o que é absorvido do ar e dos outros arredores na cabeça, ou seja, no sistema neuro-sensorial, flui por sua vez para baixo, disto constituindo-se os órgãos do sistema digestivo ou os membros.

Desejando-se, portanto, saber em que consiste a substância do polegar do pé, não se deve examinar os alimentos. Perguntando ao cérebro de onde vem a substância é que se deve olhar para a alimentação. No entanto, se os Senhores quiserem conhecer a

*Na 12ª conferência do ciclo *O conhecimento iniciático*. Ed. brasileira em trad. de Rudolf Lanz. São Paulo, Ed. Antroposófica, 1985. (N.E.)

substância desse polegar na medida em que não é substância sensorial, isto é, não é revestido de calor e assim por diante — pois nesta medida ele também se alimenta pelo estômago —, porém aquilo que ele é além disso, como substância estrutural, etc., então saibam que isto se absorve pela respiração, pelos órgãos dos sentidos, e uma parte até pelos olhos. E tudo isto entra nos órgãos do modo como já expus aqui amiúde: durante um ciclo de sete anos — de tal sorte que o homem, com relação ao seu sistema metabólico-motor, é substancialmente construído por matéria cósmica. Somente o sistema neuro-sensorial é construído por substância telúrica, terráquea. Pois bem, vejam: este é um fato tão fundamentalmente significativo que a vida física do homem e do animal só poderá ser avaliada se isto for conhecido. E nada — nem mesmo os meios e rumos para se saber algo assim —, nada é dado pela ciência contemporânea. Não se consegue absolutamente sabê-lo com a ciência atual. Não se consegue de modo algum, pois quando a ciência de hoje trabalha com seus recursos não consegue, absolutamente, chegar a algo dessa ordem. É impossível e desalentador.

Estas são as coisas que precisarão justamente ser ponderadas por inteiro. Por este motivo temos hoje esta separação entre a teoria e a prática. A prática contemporânea é insossa, é uma mera rotina.

Mas o que procede do espírito deixa de carecer do aspecto prático quando realmente se origina nele. Neste caso, torna-se prático no mais elevado sentido.

Primeira conferência

Koberwitz, 7 de junho de 1924

Apresentação e introdução ao curso. Emancipação da vida humana e animal em relação ao mundo exterior

É com profunda gratidão que me reporto às palavras recém-pronunciadas pelo Conde Keyserlingk. Pois não se trata, absolutamente, de apenas justificar o sentimento de gratidão dos que podem haurir algo da Antroposofia; de igual modo, por assim dizer, trata-se realmente da gratidão da causa antroposófica, gratidão que na difícil época atual se deve tributar a todos os colaboradores dos interesses antroposóficos, podendo ser profundamente sentida. Sendo assim, é justamente com base no espírito da mentalidade antroposófica que eu desejaria agradecer da maneira mais cordial as palavras proferidas há pouco.

Por certo, é um fato profundamente gratificante ser possível conseguir realizar este Curso Agrícola justamente aqui, na casa do Conde e da Condessa Keyserlingk. Graças a minhas visitas anteriores, conheço o ambiente que existe aqui em Koberwitz e a qualidade de sua influência maravilhosa; refiro-me, sobretudo, também ao ambiente anímico-espiritual, e à maneira como aqui se mantém vivo precisamente este ambiente, que é a mais bela premissa para o que se tratará no âmbito deste curso.

Tendo-nos o Conde feito observar que talvez possam ocorrer alguns transtornos para um ou outro — neste caso tratou-se das senhoras da eurritmia, embora outros visitantes de fora possam igualmente ser atingidos por isso —, por outro lado precisa também ser dito, com relação ao que propriamente nos fez reunir-nos para este Curso Agrícola, que eu creio seria difícil podermos ser melhor hospedados do que justamente em meio a uma agricultura tão primorosa e exemplarmente conduzida. A tudo o que venha a lume no campo da Antroposofia inere também a possibilidade de estarmos, por assim dizer, imersos no necessário ambiente sensível. E certamente poderá ser este o caso aqui, com relação à agricultura.

Ora, tudo isso me proporciona manifestar a mais profunda gratidão à família do Conde Keyserlingk, gratidão com a qual sem dúvida a Sra. Steiner também concordará pelo fato de podermos vivenciar justamente aqui estes dias de festa, os quais, penso, também serão dias de trabalho. Quanto a isto devo considerar, ou devo dizer, que já por estarmos exatamente em Koberwitz prevalecerá, durante estes dias, um espírito agrícola unido ao movimento antroposófico.

Aliás, foi sempre o Conde Keyserlingk quem, desde o início, compareceu com atos e palavras e com trabalho abnegado aos esforços que desenvolvíamos pela agricultura em Stuttgart desde o *Kommenden Tag* (Dia Vindouro)*, e quem, sem dúvida, fez prevalecer em seu espírito, tão profundamente atraído por um crescimento pessoal junto com a agricultura, aquilo que nos foi possível fazer em relação a ela. Eu diria que, em virtude disto, das maiores profundezas de nosso movimento já vigoravam forças que com uma certa naturalidade nos atraíram para cá, para Koberwitz, no instante em que o Conde desejou ter-nos aqui. Por isso, também posso ter certeza de poder crer que cada qual veio realmente de bom grado a Koberwitz, para a realização deste curso. Isto determina que nós, aqui chegados, tenhamos de expressar com a mesma profundidade nossa gratidão, e expressá-la de muito bom grado, pelo fato de a família Keyserlingk ter-se declarado disposta a acolher-nos, durante estes dias, com tanto empenho.

Quanto ao que me diz respeito, esta gratidão é sentida de todo o coração, e peço à família Keyserlingk que a aceite de maneira muito especial. Sei o que significa recepcionar tantos visitantes, por longos dias, da forma como sinto que vai acontecer, e por isso creio também poder dar a este agradecimento o colorido exato; e rogo que o aceitem por inteiro, pois sou totalmente capaz de imaginar as dificuldades que aguardam a realização deste encontro numa casa situada longe da cidade. Sejam quais forem os transtornos mencionados pelo Conde Keyserlingk, como representante, neste caso — naturalmente não da política interna, porém da política externa da organização local das conferências —, es-

*Sociedade anônima para o incentivo dos valores econômicos e culturais, com sede em Stuttgart. A ela estavam filiados inúmeros representantes da aristocracia rural, com suas propriedades.

tou convencido de que em todo caso cada um de nós partirá satisfeito quanto à hospedagem e à acolhida aqui.

Por outro lado, se porventura os Senhores também ficarão satisfeitos com o próprio curso é, naturalmente, uma questão que provavelmente se tornará cada vez mais discutível, embora queiramos verdadeiramente fazer tudo para também nos entendermos nos dias finais, em várias discussões a respeito do que houver sido exposto. Pois os Senhores devem considerar que, conquanto sem dúvida existisse em muitos setores, e demoradamente nutrido, um desejo por tal curso, esta é a primeira vez que o assumo do íntimo da aspiração antroposófica. Tal curso requer mesmo várias coisas, pois ele próprio vai mostrar-nos como os interesses da agricultura estão intimamente entrelaçados, em todas as direções, com a esfera mais ampla da vida humana, e como dificilmente existe um campo da vida que não pertença propriamente à agricultura. Em qualquer direção, em qualquer canto, todos os interesses da vida humana participam intimamente da agricultura. É evidente que aqui só poderemos tocar no âmbito central da matéria agrícola. Só que isto nos conduzirá, como que por si, a algum atalho que acabe por revelar-se indispensável, talvez justamente porque os temas a serem falados aqui deverão sê-lo inteiramente com base antroposófica. Os Senhores deverão perdoar-me o fato de o presente preâmbulo precisar começar sendo buscado tão longe que talvez ninguém veja logo a ligação possivelmente existente entre ele e o que temos, de especial, a discutir na agricultura. Apesar disto, no entanto, o resultado do que for falado hoje precisará ser apoiado em algo situado aparentemente um pouco além.

De certa maneira, é precisamente a agricultura que está sendo afetada, está sendo seriamente afetada por toda a vida espiritual moderna. Vejam os Senhores: na realidade toda esta vida espiritual moderna, especialmente no que toca ao caráter empresarial, adquiriu formas destrutivas, cujo significado arrasador ainda mal é pressentido hoje por muita gente. E foi contra tais coisas que se empenhou o conteúdo das intenções dos empreendimentos econômicos oriundos de nosso movimento antroposófico. Esses empreendimentos econômicos foram elaborados por economistas e comerciantes; só que não conseguiram transformar em realidade, em todas as direções, aquilo que constituía propriamente as

intenções originais, já simplesmente por ainda existir, na atualidade, um excesso de forças conflitantes para se provocar o entendimento correto sobre esse tipo de assunto. Isolado, o homem é muitas vezes impotente perante os poderes efetivos; por isso até agora nem mesmo chegou a ser discutido, de fato, o mais primordial desses esforços empresariais nascidos no seio do movimento antroposófico — nem mesmo o absolutamente mais essencial chegou a ser discutido. Ora, de que se tratou, na prática?

Quero, no exemplo da agricultura, situar as coisas para que não falemos de forma geral, mas de forma concreta. Existe hoje, por exemplo, um sem-número dos assim chamados livros e conferências sobre economia política que também trazem capítulos a respeito de agricultura do ponto de vista sócio-econômico. Reflete-se aí sobre como devemos dar feitio à agricultura a partir de princípios sócio-econômicos. Há estudos, hoje em dia, tratando de idéias sócio-econômicas sobre como devemos estruturar a agricultura. O todo — tanto a realização de conferências sobre economia política como a redação de tais livros — é um absurdo flagrante. Entretanto, o absurdo flagrante é atualmente praticado nos mais amplos círculos. Pois indiscutivelmente cada qual deveria reconhecer que apenas se pode falar a respeito da agricultura, mesmo em sua configuração social, tomando-se por base primeira o objeto da agricultura — sabendo-se o que significa efetivamente o cultivo de cenouras, de batatas e de cereais. Sem isto, tampouco se pode falar dos princípios de economia política. Estas coisas precisam ser observadas a partir do próprio assunto, e não a partir de quaisquer considerações teóricas. Hoje, quando dizemos algo assim perante pessoas que na universidade ouviram uma série de cursos sobre economia nacional relativa à agricultura, isto lhes parece totalmente absurdo, pois o assunto já se lhes afigura fixado de determinada maneira. Contudo, este não é o caso. Sobre a agricultura só pode pronunciar-se quem recolhe seu julgamente da lavoura, do arvoredo, da criação. Todo discurso a respeito de economia política que não seja extraído do próprio assunto deveria simplesmente cessar. Enquanto não se reconhecer que não passa de mero palavreado o que se diz hesitantemente a respeito de assuntos de economia política, não se chegará a qualquer coisa de auspicioso, nem neste campo agrícola nem em outro qualquer.

Que isto seja assim — que se creia poder falar das coisas a partir dos mais variados pontos de vista, mesmo quando nada se entende do assunto — deve-se apenas ao fato de não se conseguir, dentro de cada um dos campos próprios da vida, remontar aos fundamentos. Que efetivamente se veja uma cenoura como uma cenoura — certo, ela parece ser assim ou assado, deixa-se cortar com maior ou menor facilidade, apresenta esta cor ou contém aqueles elementos —, tudo isto pode ser dito. Mas deste modo está longe de ser entendida a cenoura e, acima de tudo, o seu convívio com o campo, com a época do ano em que amadurece, etc.; é preciso, isto sim, ter bem claro o que segue:

Tenho usado, com freqüência, uma comparação para deixar isso claro em outros campos da vida. Eu dizia que, ao ver uma agulha magnética, descobre-se que esta sempre aponta com uma extremidade mais ou menos para o norte e com a outra para o sul. Refletindo sobre o porquê de isto ser assim, não se busca sua causa na agulha magnética, mas em toda a Terra, atribuindo-se a um de seus lados o pólo norte e ao outro o pólo sul magnéticos. Se alguém procurasse na própria agulha magnética a causa pela qual esta se posiciona de forma tão peculiar, estaria dizendo um absurdo, pois apenas conseguimos entender a agulha magnética em sua posição sabendo em que relação esta se acha com toda a Terra.

Tudo o que em relação à agulha magnética parece um absurdo faz sentido para os homens com relação a muitas outras coisas. Quando se tem a cenoura crescendo na terra, tomá-la como é, dentro de seus limites estreitos, constitui no momento um disparate, por ser a cenoura, em seu crescimento, talvez dependente de incontáveis condições que absolutamente não se manifestam sobre a Terra, mas em suas imediações cósmicas. E assim se explica, hoje em dia, muita coisa desse jeito, e na vida prática se organiza muita coisa como se tivéssemos a ver somente com as coisas estreitamente limitadas, e não com os efeitos provenientes do mundo inteiro. Cada um dos campos da vida padeceu terrivelmente com isto, e mostraria muito mais esses padecimentos se não existisse ainda — eu diria que apesar de toda a ciência dos tempos modernos — um certo instinto oriundo daquele tempo em que se trabalhava com o instinto e não com a ciência. Eu sempre fico contente, num outro âmbito, com o seguinte: há pessoas a quem seus

médicos prescreveram quantos gramas de carne devem comer, quanto repolho, para que isto coincida com a fisiologia humana adequada — algumas pessoas têm a seu lado uma balança, e pesam tudo o que vai para o seu prato. É evidente que isto é bom; é preciso sabê-lo, mas eu me ponho cada vez a pensar novamente: também é bom que tal pessoa sinta fome caso ainda não lhe baste o que foi pesado — é bom que este instinto ainda se manifeste. O instinto era realmente subjacente a tudo o que as pessoas deveriam fazer, antes que uma ciência se apresentasse nesse campo. Às vezes esses instintos reinavam com toda a certeza, e até hoje ainda podemos ficar extraordinariamente surpresos, ao ler naqueles antigos calendários de camponeses as regras campesinas, como é enormemente sábio e sensato aquilo que expressam. Ora, ao homem instintivamente seguro também é possível não ser supersticioso em tais coisas. Da mesma forma como se têm para esse assunto expressões extraordinariamente profundas, valendo para a semeadura e para a colheita, encontra-se de quando em quando, para escusar todas as possíveis futilidades, expressões como: "Se no poleiro o galo se põe a cantar, ou vai chover ou fica tudo como está." Imprescindível, o humor é encontrado por toda parte, nesta instintividade, para repelir o supersticioso. Com efeito, ao falarmos aqui do ponto de vista antroposófico, não se trata de retornar aos antigos instintos, mas de encontrar, a partir de um conhecimento espiritual mais profundo, o que os instintos, agora inseguros, conseguem proporcionar cada vez menos. Para isto é necessário que nos entreguemos a uma intensa ampliação da observação da *vida das plantas e dos animais*, mas também da própria *vida da Terra* a uma intensa ampliação para o lado cósmico.

Seguramente é bem verdade que, por um lado, é muito certo não se relacionar de maneira trivial o tempo chuvoso com as fases da Lua; contudo, por outro lado também existe, em contrapartida, algo que aconteceu certa vez. Eu já relatei muitas vezes, em outros círculos, que em Leipzig viviam dois professores, dos quais um, Gustav Theodor Fechner*, era um homem dotado de tantos discernimentos seguros em assuntos mentais que era capaz de atentar, partindo de observações exteriores, e não tanto só por

* Gustav Theodor Fechner (1801–1887), cientista natural, fundador da psicofísica. (N.E.)

superstição, ao fato de que certas épocas de chuva e de seca são efetivamente imputáveis à Lua e sua marcha em redor da Terra. Para ele, esta foi a conclusão inevitável de pesquisas estatísticas. Mas seu colega, o famoso Professor Schleiden*, numa época em que não se fazia caso de tais coisas, por motivos científicos racionais negava tudo isto. Ora, ambos os professores da Universidade de Leipzig tinham esposas. E Gustav Theodor Fechner, que posssuía uma disposição algo humorística, dizia: "Deixemos então que nossas mulheres decidam." Por outro lado, ainda havia naquele tempo, em Leipzig, um certo costume. A água que se precisava para lavar roupa não era tão fácil de obter. Era necessário buscá-la longe. Por isso colocavam-se vasilhas e tinas para apanhar água de chuva. Isto era feito tanto pela Sra. Schleiden quanto pela Sra. Fechner. Contudo, não havia lugar suficiente para colocar ao mesmo tempo todas as tinas. Então disse o Professor Fechner: "Se isso é totalmente indiferente, se meu prezado colega tem razão, proponho que a esposa do Professor Schleiden coloque suas tinas no período em que, segundo minhas indicações e de conformidade com as fases da Lua, chova menos, e minha mulher colocará as suas no período em que, segundo essas indicações, caia mais água de chuva. Se tudo isto for um absurdo, a Sra. Schleiden fará isso de bom grado." E vejam só: a Sra. Schleiden não concordou, preferindo orientar-se pelas indicações do Professor Fechner do que por seu próprio marido. É assim mesmo. A ciência pode até estar certa, mas a prática não pode deixar-se levar por essa certeza da ciência. Não queremos falar desse modo; queremos falar seriamente. Só que isto precisava ser dito para nos indicar que se deve olhar um pouco mais adiante do que se costuma fazer hoje em dia ao atentar para a única coisa que torna viável a vida física na Terra — e isso, sem dúvida, é a agricultura.

Não posso saber se o que hoje já se pode dizer a partir da Antroposofia conseguirá satisfazer-nos em todos os sentidos. Mas deve-se tentar dizer o que, do âmbito da Antroposofia, pode ser oferecido à agricultura.

A título de introdução, eu quis apontar a coisa mais importante, em nossa existência terrena, para a agricultura. Pois hoje em dia, ao falarmos de algo, temos o costume de atribuir a maior

*Mathias Jakob Schleiden (1804-18881), cientista natural.

importância aos elementos físicos e químicos. Desta vez não vamos começar pelos elementos físicos e químicos, e sim por algo que existe atrás deles e, no entanto, tem importância muito particular para a vida da planta, por um lado, e para a do animal, por outro. Vejam os Senhores: ao observarmos a vida do homem, e até certo ponto também a do animal, temos de assinalar uma forte emancipação da vida humana e animal em relação ao mundo exterior; quanto mais nos detemos na vida humana, tanto mais forte é a emancipação a assinalar. Na vida humana e animal encontramos fenômenos que, de início, parecem-nos totalmente independentes das influências extraterrenas ou ainda das influências atmosféricas ou similares que envolvem diretamente a Terra. Isto não apenas parece assim; com relação a muita coisa na vida humana, é até mesmo extraordinariamente verdadeiro. Sem dúvida sabemos que, por determinadas influências atmosféricas, as dores de certas doenças se intensificam. Entretanto, sabemos menos que determinadas doenças acontecem de tal maneira, ou ainda outros fenômenos vitais transcorrem de tal modo, que copiam processos exteriores da Natureza em suas condições temporais. Todavia, não coincidem no início e no fim com esses processos naturais. Basta lembrarmos que um dos fenômenos mais importantes, os mênstruos femininos, em seu transcurso são cópias temporais do transcurso das fases da Lua, só que não coincidem com elas no início e no fim. Há numerosos outros fenômenos mais delicados, tanto no organismo masculino como no feminino, que são cópias de ritmos naturais.

BC UFG

Se nos insinuássemos muito mais intimamente nas coisas, iríamos compreender, por exemplo, muito do que se passa na vida social ao entender corretamente a periodicidade das manchas solares. Todavia não se atenta a tais coisas, pois o que na vida social humana pode corresponder à periodicidade das manchas solares não começa quando elas começam nem cessa junto com elas, porque se emancipou disso. Exibe a mesma periodicidade, o mesmo ritmo, mas não a coincidência temporal. Mantém inerentes a periodicidade e o ritmo, mas torna independentes essa periodicidade e esse ritmo, emancipando-se da Natureza. Ora, qualquer pessoa a quem digamos que a vida humana é um microcosmo imitando um macrocosmo pode chegar e dizer que isso, na verdade, é um absurdo. Quando afirmamos que para determinadas doenças há

um período febril de sete dias, aquela pessoa poderia objetar que neste caso, ao sobrevirem quaisquer fenômenos externos, seria preciso a febre também surgir e correr paralelamente aos fenômenos externos. A febre certamente não faz isto, porém mantém o ritmo dentro de si, embora o início e o fim temporais não coincidam com os fenômenos externos.

Para a vida humana, esta emancipação é quase totalmente realizada no Cosmo. Já para a vida animal um pouco menos, porém a vida vegetal ainda está, em alto grau, completamente inserida na vida geral da Natureza, bem como da extraterrena. Por conseguinte não poderá, em absoluto, haver uma compreensão da vida vegetal sem que se considere como tudo o que está sobre a Terra é, de fato, apenas um reflexo do que se passa no Cosmo. No homem isto só se esconde porque se emancipou. Ele traz em si apenas o ritmo interior. No vegetal esse ainda é o caso, no mais eminente sentido. E é a isto que hoje eu gostaria de me referir nestas palavras introdutórias.

Vejam: no espaço celeste, a Terra é rodeada primeiramente pela Lua e depois pelos demais planetas de nosso sistema solar. Numa antiga ciência instintiva, que contava o Sol entre os planetas, havia esta seqüência: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno. Agora eu desejaria, sem qualquer explicação astronômica, apontar para a vida planetária, para o que nessa vida planetária tem relação com o terrestre. Neste caso, ao lançarmos um olhar sobre a vida terrena maior, temos primeiramente de levar em consideração, nesta vida terrena mais ampla, como tudo o que, por outro lado, eu chamaria de vida da substância siliciosa no mundo desempenha o maior papel imaginável. Substância siliciosa encontra-se, por exemplo, encerrada em nosso belo quartzo, no feitio do prisma e da pirâmide. Encontra-se esta substância siliciosa, combinada com oxigênio, em nossos cristais de quartzo; ao se imaginar separado o oxigênio que está combinado no quartzo como sílica, temos o assim chamado silício. Assim sendo, temos esta substância que a química conta hoje entre os elementos — oxigênio, nitrogênio, hidrogênio, enxofre e assim por diante —, este silício que se combina com o oxigênio; temos, pois, a sílica como um elemento químico. Entretanto, não podemos esquecer que o que reside no quartzo como silício está distribuído em *47 a 48 por cento de nossa superfície terrestre*. Todas as demais

substâncias encontram-se em percentagem reduzida, exceto o oxigênio, em *27 a 28 por cento*. Existem quantidades enormes de silício.

Ora, por certo esse silício, encontrando-se em rochas como o quartzo, apresenta-se de uma forma tal que, ao observarmos o material externo, o solo com sua vegetação — do qual nos esquecemos —, esse solo não demonstra ter grande significado. É que não é solúvel em água — é permeável a ela. Portanto, em princípio parece não ter muito a ver com as condições em geral banais e triviais da vida. Por outro lado, observando a cavalinha, o *Equisetum*, os Senhores encontrarão ácido silícico a 90 por cento*, o mesmo que está no quartzo, numa distribuição muito tênue. De tudo isto pode-se constatar o enorme significado que devem ter a sílica e o silício. Quase a metade daquilo que encontramos na Terra consiste em sílica.

Outrossim, é notável que esta sílica seja tão pouco observada, a ponto de estar hoje até mesmo relativamente excluída das coisas em que pode atuar de modo admiravelmente benéfico. Na medicina oriunda da Antroposofia, a substância siliciosa constitui um ingrediente essencial de muitíssimos remédios. Todo um rol de enfermidades é tratado pela administração interna ou por banhos de ácido silícico [óxido de silício], pois quase tudo o que se manifesta em casos de doença por condições anormais dos sentidos, não se situando nos próprios sentidos, porém revelando-se neles — até nos sentidos interiores, o que provoca dores aqui e acolá nos órgãos —, tudo isto é justamente influenciado de modo notável pelo silício. Mas o silício também desempenha, acima de tudo, o papel mais importante que se possa imaginar naquilo que se chama — já que se tem esta expressão de origem antiga — a faina da Natureza.** É que o silício não está presente apenas onde o encontramos — no quartzo ou em outras rochas; manifesta-se numa distribuição admiravelmente tênue também na atmosfera, estando realmente em toda parte. Para dizer a verdade, a metade da Terra que está à nossa disposição é de sílica, pois são 48 por cento.*** Vejam os Senhores: o que faz, afinal, a sílica? Pois bem, devemos perguntar-nos isso de uma forma hipotética.

---

*Nas cinzas. [N.T.: Ácido silícico = óxido de silício.]

**No original, *Haushalt der Natur* — que, usando-se uma terminologia técnica da Agronomia, pode ser traduzido por "balanço da Natureza". (N.T.)

***Na literatura especializada em Geologia consta o teor de sílica na crosta terrestre (ácido silícico = SiO^2), ou seja, quartzo, em torno de 45-50 por cento.

Admitamos que tivéssemos apenas a metade da sílica em nosso ambiente terrestre. Teríamos então plantas, todas com formas mais ou menos piramidais. Todas as flores seriam estioladas, e eventualmente teríamos em quase todas as plantas as formas das cactáceas, que nos parecem tão anormais. As formas dos cereais nos pareceriam totalmente esquisitas: os caules se tornariam espessos para baixo, e até mesmo carnosos, e as espigas estioladas; não teríamos espigas completas.

Ora, vejam, isto seria por um lado. Por outro, achamos também que deve ser encontrada por toda parte na Terra, embora não tão difundida quando a substância siliciosa, a substância calcária e afins. Devem ser encontrados cal, potássio e substância sódica. Em contrapartida, se estes se manifestassem menos do que o fazem, obteríamos exclusivamente plantas com caules delgados, plantas que eventualmente teriam, em grande parte, caules retorcidos; não obteríamos senão plantas trepadeiras. Entretanto, as inflorescências se abririam, mas seriam estéreis e também não forneceriam substâncias nutritivas especiais. É somente no equilíbrio, no concurso destas duas forças — escolhendo eu duas substâncias —, no concurso de substâncias calcárias e siliciosas, medra a vida vegetal na forma como a vemos hoje em dia.

Bem, mas prossigamos. Vejam que tudo o que reside no elemento silícico tem forças que não procedem da Terra, mas dos planetas ditos distantes do Sol, isto é, de Marte, de Júpiter e de Saturno. Aquilo que parte destes planetas atua indiretamente, pelo elemento silícico e seus afins, sobre a vida vegetal. Mas a partir de tudo o que constitui planetas próximos à Terra — Lua, Mercúrio e Vênus —, as forças atuam indiretamente, pelo elemento calcário, sobre a vida vegetal e também sobre a vida animal na Terra. Portanto, diante de cada lavoura podemos dizer que ali dentro atuam o elemento silícico e o elemento calcário. No silícico atuam Saturno, Júpiter e Marte. No calcário, a Lua, Vênus e Mercúrio.

Agora examinemos, em contrapartida, as próprias plantas. Precisamos observar duas coisas distintas, na vida vegetal. A primeira é que tanto a essência inteira da planta como a espécie vegetal em si se mantêm nela, desenvolvendo a força reprodutiva, a força procriativa — enfim, o fato de a planta ser capaz de produzir seus iguais e sua sucessão. Esta é uma coisa. A outra é que a planta, como um ser de um reino relativamente inferior da Natureza, serve de alimento aos reinos superiores. No devir da planta estas duas correntezas têm, a princípio, pouco a ver entre si, pois com referência ao processo de desenvolvimento da planta-mãe para a planta-filha, para a neta e assim por diante, será totalmente indiferente às forças formativas da Natureza se comemos a planta e nos nutrimos graças a isto, ou não. São dois interesses inteiramente diversos que se expressam nesse âmbito; contudo, na relação de forças do âmbito natural as coisas se passam de tal modo que tudo o que se relaciona com a força reprodutiva interior e com o crescimento, contribuindo para que gerações de plantas se sucedam, sofre a atuação daquilo que da Lua, de Vênus e de Mercúrio influi, indiretamente pelo elemento calcário, do Cosmo sobre a Terra. Basta examinarmos o que se revela naquelas plantas que não comemos, que simplesmente sempre se renovam; olhemos para elas como se apenas nos interessasse a influência cósmica através das forças de Vênus, de Mercúrio e da Lua: essas forças participam daquilo que, na Terra, se reproduz na natureza vegetal.

Porém, quando plantas se tornam alimento no sentido mais elevado, quando se desenvolvem para que nelas se configurem as substâncias como alimento para o animal e para o homem, então participam disso, indiretamente pelo elemento silícico, Marte, Júpiter e Saturno. O elemento silícico se alia à natureza vegetal pelas vastidões do Universo afora, despertando os sentidos da natureza vegetal de tal modo que de toda a esfera do Universo é retirado aquilo que esses planetas remotos aperfeiçoam; disto participam Marte, Júpiter e Saturno. Do círculo da Lua, de Vênus e de Mercúrio, ao contrário, é absorvido o que torna a planta apta à reprodução. Ora, a princípio isto aparece apenas como um objeto do saber; mas tais coisas, que são extraídas de um horizonte algo mais amplo, levam, inteiramente por si mesmas, do conhecimento também ao plano prático.

Vejam, uma vez que forças da Lua, de Vênus e de Mercúrio adentram a Terra, vindo a atuar sobre a vida vegetal, devemos perguntar-nos de que modo isto é fomentado ou mais ou menos inibido — de que modo é fomentada ou inibida a atuação da Lua ou de Saturno sobre a vida vegetal.

Observando-se o curso do ano, constata-se que este transcorre verdadeiramente de forma que haja dias de chuva e dias de se-

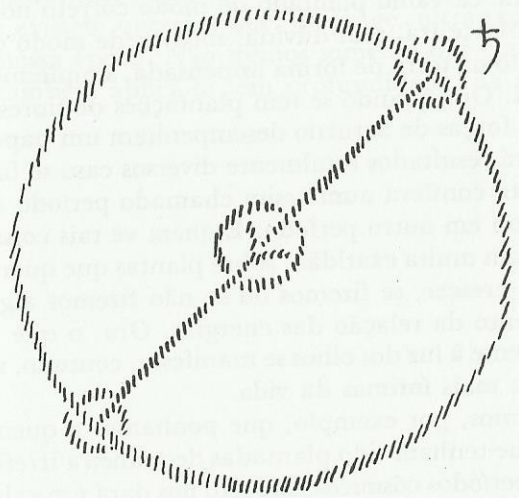
286109

ca. O físico de hoje, na verdade, quanto a isso pesquisa apenas o fato de que ao chover cai justamente mais água na terra do que quando não chove. E para ele a água é uma matéria abstrata, constituída de hidrogênio e de oxigênio, e ele a conhece somente como aquilo que consiste de hidrogênio e oxigênio. Ao se decompor a água pela eletrólise, ela se divide em duas substâncias, das quais uma se comporta assim e a outra assado. Mas com isto ainda não se disse coisa alguma de abrangente a respeito da água. A água abriga ainda muita coisa além de meramente o que aparece quimicamente como oxigênio e hidrogênio. A água é apropriada, no sentido mais elevado, para indicar, no âmbito da Terra, os caminhos àquelas forças que, por exemplo, procedem da Lua — de modo que a água realiza a distribuição das energias lunares no âmbito da Terra. Entre a Lua e a água na Terra existe um certo tipo de relacionamento. Sendo assim, suponhamos que tenham acabado de ocorrer dias de chuva, aos quais se segue a lua cheia. Bem, com as forças provenientes da Lua em dias de lua cheia sucede algo de prodigioso sobre a Terra. Elas se projetam para dentro de toda a vegetação, sendo que não conseguem fazê-lo sem a precedência de dias chuvosos. Teremos, pois, de falar disto: se acaso tem algum significado semearmos depois de haver chovido em determinado lugar e em seguida vir a lua cheia, ou se podemos semear, distraidamente, a qualquer tempo. Seguramente também surgirá algum resultado neste caso, mas a questão está lançada: será bom orientar-se, quanto à semeadura, após a chuva e o brilho da lua cheia? — pois o que a lua cheia deve justamente fazer a determinadas plantas se passa de modo pujante e vigoroso após dias chuvosos, e de modo débil e escasso após dias ensolarados. Tais coisas estavam contidas nas velhas regras campesinas. Dizia-se um ditado e sabia-se o que fazer. Ditados constituem hoje velha superstição, e ainda não existe uma ciência a respeito destas coisas às quais não nos queremos acomodar.

Além disso, encontramos ao redor da Terra a atmosfera. Ora, a atmosfera possui sobretudo, além de seu caráter aéreo, a peculiaridade de estar algumas vezes mais quente, outras mais fria. Em certos períodos ostenta um acúmulo considerável de calor que, quando a tensão fica muito forte, até mesmo se descarrega em temporais. Ora, como é, afinal, esta questão do calor? Aí a observação espiritual mostra que, conquanto a água não tenha relação

alguma com a sílica, todavia esse calor se relaciona de modo extraordinariamente forte com esta, uma vez que justamente as forças que podem atuar pelo elemento silícico levam a uma atuação peculiar; são elas as forças procedentes de Saturno, de Júpiter e de Marte. Essas forças que procedem destes planetas devem ser encaradas de um modo completamente diverso das forças da Lua. Ora, devemos considerar que Saturno precisa de trinta anos para sua circunvolução ao redor do Sol, e a Lua de apenas trinta ou vinte e oito dias para suas fases. Portanto, Saturno só é visível durante quinze anos, tendo de relacionar-se de modo totalmente diferente com o crescimento vegetal. Ora, com certeza não é atuante somente quando se expõe para a Terra; ele também atua quando sua irradiação precisa atravessá-la.

Se Saturno gira tão lentamente em trinta anos, fazendo um desenho [v. abaixo] teremos o trajeto de Saturno e acharemos que



às vezes ele brilha diretamente sobre um ponto da Terra, mas que no entanto também pode trabalhar esse ponto através dela. Depende sempre do estado do calor no ar o quão intensamente as forças de Saturno conseguem aproximar-se da vida vegetal da Terra. Com ar frio elas não conseguem, mas com ar quente sim. E onde é que vemos sua atuação na vida vegetal? Não a vemos

quando nascem plantas anuais, que no curso do ano nascem e novamente perecem, legando apenas sementes; o que Saturno faz com a ajuda das forças calóricas da Terra nós o vemos quando nascem plantas perenes — pois os efeitos destas forças que penetram no vegetal indiretamente, pelo calor, são visíveis na casca e no córtice das árvores, em tudo aquilo que faz de uma planta uma planta perene.

Isto deriva de a vida anual da planta e a restrição a um prazo de vida curto relacionarem-se precisamente com os planetas que têm curtos períodos orbitais. Ao contrário, aquilo que se desprende desta transitoriedade, envolvendo as árvores com córtice e casca tornando-as perenes, está ligado às forças planetárias que atuam indiretamente com as forças do calor e do frio e têm um longo período de revolução, como Saturno com trinta e Júpiter com doze anos. Por isso é até importante que alguém, desejando plantar um pé de carvalho, entenda também dos períodos de Marte. É que um pé de carvalho plantado de modo correto no respectivo período de Marte irá, sem dúvida, medrar de modo diverso daquele inserido na terra de forma impensada, simplesmente quando se nos dá. Ou, quando se têm plantações de florestas coníferas, onde as forças de Saturno desempenham um papel tão relevante, haverá resultados totalmente diversos caso se faça o plantio da floresta conífera num assim chamado período ascendente de Saturno ou em outro período. E quem vê tais coisas a fundo pode dizer com muita exatidão, sobre plantas que querem ou que não querem crescer, se fizemos ou se não fizemos algo segundo o entendimento da relação das energias. Ora, o que não chega tão abertamente à luz dos olhos se manifesta, contudo, muito bem nas situações mais íntimas da vida.

Admitamos, por exemplo, que ponhamos a queimar lenha de árvores que tenham sido plantadas de maneira irrefletida com relação aos períodos cósmicos; isso não nos dará um calor tão saudável como quando usamos madeiras que tenham sido plantadas com discernimento. É justamente nas situações mais íntimas da vida cotidiana, em que estas coisas interferem desta maneira, é justamente nisto que se revela a importância assombrosamente grande de tal assunto; mas hoje a vida já se tornou, para as pessoas, quase inteiramente vazia de pensamentos. Elas ficam contentes quando não precisam pensar nessas coisas. Imagina-se que

286109

a coisa toda deva acontecer como uma máquina; aí têm-se os dispositivos correspondentes: liga-se a máquina e ela funciona. E assim se imagina, de modo materialista, que toda a Natureza também funciona assim. No entanto, desta maneira já chegamos a coisas que na vida prática revelam uma importância enorme. Nesse momento sobrevêm os grandes enigmas. Por que é impossível, atualmente, comer batatas como as que eu ainda comia em minha mocidade? É isso o que acontece, e eu o constatei por toda parte. Não se consegue mais comer aquelas batatas, nem mesmo lá onde eu as comia naquela época. No decorrer do tempo, algumas coisas retrocederam totalmente em sua energia nutricional interior. As últimas décadas mostram isso no sentido mais relevante, porque não mais se entendem, em absoluto, as atuações mais profundas que estão em vigor no Universo e que, todavia, por sua vez devem ser procuradas por um meio como o que eu hoje apenas insinuei de modo introdutório. Eu queria apenas indicar onde existem questões que, de longe, ultrapassam os horizontes de nossa época. Não iremos somente dar continuidade a isso, mas também aplicá-lo, em profundidade, na prática.

Segunda conferência

Koberwitz, 10 de junho de 1924

As forças da Terra e do Cosmo

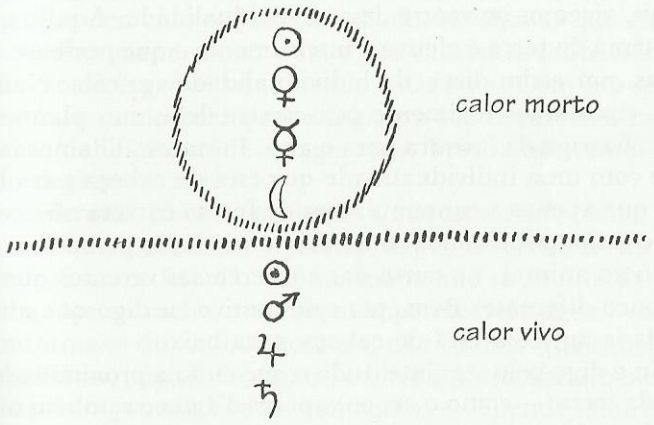
Nas aulas iniciais reuniremos, do conhecimento das condições para a prosperidade da agricultura, aquilo que nesse conhecimento é necessário para se tirarem as verdadeiras conclusões práticas a serem realizadas justamente no emprego direto, só possuindo significado nesse emprego direto. Portanto os Senhores deverão ocupar-se, já desde as primeiras aulas, em verificar de que forma o que se produz na agricultura vem efetivamente a existir e como se insere no contexto geral do mundo. Ora, uma agricultura preenche de fato sua natureza, no melhor sentido da palavra, quando pode ser entendida como uma espécie de individualidade em si, uma individualidade realmente coerente. E qualquer agricultura deveria, na verdade, aproximar-se — isto não pode ser alcançado integralmente, mas a agricultura deveria aproximar-se — desse estado: o de ser uma individualidade coerente. Isto significa que deveria ser promovida a possibilidade de se ter, dentro da própria empresa agrícola, tudo aquilo de que se necessita para a produção, devendo-se evidentemente adicionar a isso o respectivo gado. No fundo, numa lavoura idealmente configurada, aquilo que é trazido de fora, como adubos e coisas semelhantes, já deveria ser visto como um remédio para uma agricultura doente.

Uma agricultura sadia deveria conseguir produzir, dentro de seu próprio âmbito, também aquilo de que necessita. Veremos por que isto é uma coisa natural. Enquanto não se observam as coisas segundo sua essência e sua realidade, mas apenas no aspecto externo e material, pode surgir, de um modo inteiramente justificado, a seguinte pergunta: então não é indiferente se buscamos o esterco de vaca na vizinhança ou se o retiramos de nossa própria atividade rural? Conforme dissemos, as coisas não podem ser executadas assim tão rigorosamente, mas é preciso ter sempre uma idéia da necessária coesão de uma lavoura — se é que, de fato, queremos ordenar as coisas de forma objetiva.

Que esta afirmação ora exposta tem uma certa justificativa é algo que lhes ficará claro a partir de uma observação, por um

lado, da terra da qual brota nossa atividade rural e, por outro, daquilo que de fora de nosso planeta influi sobre ele. Quanto a isto, na verdade, hoje em dia em geral se fala de um modo realmente abstrato sobre as coisas que atuam de fora da Terra para dentro dela. Com efeito, estamos conscientes de que a luz e o calor do Sol, bem como tudo o que está meteorologicamente ligado a eles, tem uma certa ligação com determinado feitio de solo recoberto de produtos. Mas a visão atual não consegue, em absoluto, propiciar um verdadeiro esclarecimento sobre a situação mais exata das coisas, pois não penetra nas realidades, ou seja, nos fatos. Partamos — hoje ainda haveremos de observar as coisas de outros ângulos — do ponto de vista que de início focaliza o solo como base da agricultura.

Este solo — quero indicá-lo aqui de forma esquemática, mediante este traço — é habitualmente visto como algo meramente



mineral em que, quando muito, penetra algo orgânico pela formação de húmus ou pela introdução de adubo; de modo que o solo, como tal, não contém somente uma certa vida — já por si ele abriga alguma vegetalidade, sendo que aí até existe algo atuando de modo astral. Isto constitui algo que hoje nem sequer é pensado, quanto mais aceito! E se porventura prosseguirmos, verificando em seguida como essa vida interior do solo é completamente diversa em suave – eu diria – dosagem no verão e no inverno, então entraremos em campos que na verdade têm um enorme

significado para a prática, mas que justamente não são levados em conta. Com efeito, partindo da contemplação do solo, deve-se saber que este é uma espécie de órgão dentro do organismo que se evidencia no crescimento da Natureza por toda parte onde este crescimento existe.

O solo é um órgão real, um órgão que, se quisermos, poderemos eventualmente comparar ao diafragma humano. E nós obtemos uma imagem correta daquilo que aí reside — não expresso com total precisão, porém o bastante para nos esclarecer a respeito —, nós chegamos a uma idéia, dizendo-nos o seguinte: acima do diafragma se encontram, no homem, determinados órgãos — sobretudo a cabeça e aquilo que abastece o homem de respiração e circulação, e abaixo do diafragma estão outros órgãos. Ora, se deste ponto de vista compararmos, por assim dizer, o solo com o diafragma humano, deveremos dizer que na individualidade em questão a cabeça está sob o solo, e nós, juntamente com todos os animais, vivemos no ventre dessa individualidade. Aquilo que está em cima da terra é efetiva e inteiramente o que pertence às entranhas, por assim dizer, da individualidade agrícola. Numa lavoura, circulamos realmente pelo ventre dela, e as plantas crescem da barriga da lavoura para o alto. Portanto, lidamos inteiramente com uma individualidade que está de cabeça para baixo, sendo que apenas a contemplamos de forma correta observando-a como assim posicionada, também com relação ao homem. Com relação ao animal, no curso das conferências veremos que isto é um pouco diferente. Bem, por que motivo eu digo que a individualidade agrícola está de cabeça para baixo?

Eu o digo pelo seguinte: tudo o que está na proximidade imediata da terra — como o ar, os vapores d'água e também o calor, em cujo âmbito estamos, em cujo âmbito nós próprios respiramos, e de onde tudo isso provém, isto é, de onde as plantas recebem, juntamente conosco, esse calor, esse ar exterior e também essa sua água exterior — corresponde ao que, no homem, é órgão abdominal. Ao contrário, tudo o que acontece no interior da terra, sob a superfície, atua sobre toda a vegetação da mesma forma como nossa cabeça atua sobre nosso organismo, sobretudo na infância, mas também durante toda a vida. Temos uma contínua reciprocidade muito viva entre a superfície da terra e o subterrâneo, e a atuação que se encontra em cima da terra ao mesmo tempo depende — considerem isto *a priori* como localização diretamente da Lua, de Mercúrio e de Vênus, os quais apóiam e modificam o Sol em sua atuação; deste modo, os assim chamados planetas próximos da Terra desenvolvem sua atividade com relação a tudo o que se encontra sobre ela, enquanto os planetas distantes, que giram além da esfera solar, atuam, ao contrário, sobre tudo o que está embaixo da terra, apoiando o Sol nas influências que este exerce a partir do plano subterrâneo. De modo que, por assim dizer, com relação à nossa vegetação devemos procurar a atividade do céu distante embaixo da terra, e as redondezas terrestres em cima dela.

BC UFG

Portanto, tudo o que atua justamente das vastidões do Cosmo para dentro da vegetação não atua de modo direto, não atua por irradiação direta, mas por ter sido antes acolhido pela Terra e desta irradiado de volta para cima. Logo, o que vem de sob o solo como influências benéficas ou nocivas para a vegetação é, efetivamente, o elemento cósmico irradiado de volta. O que atua direta e imediatamente no ar e na água existentes sobre a Terra, a irradiação direta, é aí armazenado e daí atua. Com isto se relaciona, pois, o modo pelo qual o solo, em sua natureza dita interior, atua, de início, sobre a vegetação. Precisamos também estendê-lo depois aos animais.

Considerando o solo, a princípio ainda temos nele, como atuação, tudo o que, para efeito terrestre, depende dos mais extremos confins do Cosmo. Isso é o que normalmente se chama de areia e de rocha. Areia e rocha, o elemento impermeável à água — aquilo que, conforme se diz na vida comum, não contém quaisquer matérias nutritivas, não sendo menos, e sim extraordinariamente importante para a promoção do crescimento — depende inteiramente dos efeitos das mais distantes energias cósmicas. E pela via indireta — assim vemos nós — da areia contendo sílica, por mais improvável que pareça à primeira vista, penetra preferencialmente no solo, para então atuar na irradiação refletida, aquilo a que podemos denominar o etérico vital do solo e o quimicamente atuante do solo. O modo como o próprio solo se torna interiormente vitalizado, isto é, como o solo exerce um quimismo próprio, depende inteiramente de como está condicionada sua porção arenosa. E aquilo que as raízes das plantas experimentam no solo depende, não em pequena medida, justamente da extensão em que a vida cósmica

e o quimismo cósmico são acolhidos indiretamente pela rocha — o que, portanto, também pode estar inteiramente situado em certas profundezas da Terra. Portanto, em cada situação que venha a ser considerada para o estudo da vegetação, dever-se-ia obter total clareza quanto à base geológica sobre a qual se estabelece a vegetação, não se devendo deixar de observar em circunstância alguma que, para plantas nas quais objetivamos o próprio ser radicular, no fundo não se pode prescindir de um solo silícico, mesmo que apenas nas profundezas.

Ora, poder-se-ia dar graças a Deus pelo fato de a sílica, sob forma de ácido silícico [óxido de silício] e de outras combinações siliciosas, estar distribuída na Terra numa proporção de 47 a 48 por cento, podendo-se contar por quase toda parte com a atuação da sílica nas quantidades de que se necessita. Aqui, no entanto, cumpre fazer com que o elemento assim relacionado com o elemento radicular por meio da sílica possa também ser dirigido, através da planta, para cima. É preciso que ele flua para cima, é preciso haver uma contínua reciprocidade entre o que, do Cosmo, é introduzido pela sílica e o que acontece em cima na — perdoem-me, Senhores — "barriga" e ainda o que precisa, embaixo, ser abastecido: a "cabeça". É que a cabeça precisa ser abastecida a partir do Cosmo. Porém isto precisa estar em efetiva reciprocidade com o que acontece em cima, sobre o solo, no ventre. Aquilo que do Cosmo é acolhido pela camada subterrânea precisa sempre poder fluir para cima. E para isto — para que possa fluir para cima —, para isto existe lá no solo o elemento argiloso. Todo o elemento argiloso é, na verdade, o meio de promoção dos efeitos cósmicos de entidades no solo, de baixo para cima.

Ao passarmos para as coisas práticas, isto já nos dará uma noção concreta de como devemos proceder com um solo argiloso e com um solo silicioso, à medida que tivermos de cultivar um ou outro com uma ou outra forma vegetal. Mas primeiro é preciso saber o que está acontecendo. O modo como descrevemos a argila e o modo como se deve trabalhá-la para que se torne de todo produtiva, tudo isso decerto interessa extraordinariamente, em segundo plano. Mas em primeiro lugar é necessário saber que ela é a promotora do fluxo cósmico ascendente.

Por outro lado, todavia, não é preciso haver apenas este fluxo ascendente do elemento cósmico; também é necessário — e quero denominar este outro como o terrestre, o terreno — que aquilo que de certa maneira ainda está sujeito, no ventre, a uma espécie de digestão externa (também tudo o que ao longo do verão e do inverno se passa no ar acima do solo é, justamente para o crescimento da planta, inteiramente uma espécie de digestão), tudo o que acontece desse modo por uma espécie de digestão precisa ser novamente absorvido pelo solo para que efetivamente se realize uma atuação recíproca. O que, de forças, é produzido pela água e pelo ar situados em cima da terra, sendo também produzido em delicadas substâncias formadas homeopaticamente, é introduzido então no solo graças ao maior ou menor teor de cálcio deste. O teor cálcico do solo e a dispersão de substâncias calcárias em dosagem homeopática diretamente sobre ele serve, tudo isto, para conduzir o elemento imediatamente terrestre de volta a esse solo.

Vejam, essas coisas um dia acabarão por apresentar-se de modo muito diverso se obtivermos a seu respeito uma verdadeira ciência, e não apenas os disparates científicos de hoje. Poder-se-á fazer indicações precisas quanto a isso. Então se saberá também, por exemplo, que há uma grande e poderosa diferença entre o calor que está acima do solo — isto é, o calor que se encontra no âmbito do Sol, de Vênus, de Mercúrio e da Lua — e aquele calor que é útil dentro do solo, encontrando-se, portanto, sob a influência de Júpiter, de Saturno e de Marte. Estes dois calores, um dos quais podemos também designar, com relação às plantas, como calor floral e foliar e o outro como calor radicular, estes dois calores são completamente diversos entre si — na verdade, tão diversos entre si que podemos muito bem chamar de morto o calor existente em cima da terra e de vivo o calor existente embaixo dela. O calor de sob a terra tem algo que o impregna, sobretudo no inverno, algo que constitui um princípio de vida, uma vitalidade. Se este mesmo calor que atua dentro da terra tivesse de ser vivenciado por nós, homens, nós nos tornaríamos todos enormemente tolos, porque para sermos inteligentes precisamos ter calor morto ministrado aos nossos corpos. Mas no momento em que, pelo teor de cal no solo, o calor é puxado para dentro da terra, sendo-o portanto através das outras substancialidades terrestres, no momento em que, acima de tudo, calor externo se transforma em calor interno, o calor passa a um certo estado de suave vitalidade. Atualmente se sabe que há uma diferença entre o ar que está em cima

286109

da terra e o que está embaixo. Mas não se leva em consideração que já existe uma diferença entre o calor em cima e o calor embaixo da terra. Sabe-se que o ar de baixo contém mais ácido [gás] carbônico e o ar em cima da terra mais oxigênio. Todavia não se sabe, por outro lado, qual a razão disto. A razão disto é que o ar, por sua vez, fica perpassado de uma suave aragem de vitalidade ao ser absorvido e sugado para dentro da terra. É isto que ocorre quanto ao calor e ao ar. Eles recebem uma ligeira aragem de vitalidade ao serem admitidos na terra.

Diverso é o caso da água e do próprio elemento terrestre sólido. Estes se tornam, dentro da terra, ainda mais mortos do que já o são fora — mais mortos ainda. Perdem algo de sua vida exterior, mas precisamente por isso tornam-se capazes de ser expostos às mais distantes forças cósmicas. E as substâncias minerais precisam emancipar-se do que está imediatamente em cima da terra quando querem expor-se às mais distantes forças cósmicas. Elas conseguem emancipar-se mais facilmente das proximidades da Terra e penetrar na influência cósmica mais distante existente dentro dela — em nossa atual idade do mundo —, digamos, no período entre 15 de janeiro e 15 de fevereiro, isto é, nesse período de inverno.* Na verdade estas são coisas que um dia serão reconhecidas como indicações precisas. E este é o período em que, na Terra, pode ser desenvolvida a maior força de cristalização, a maior força formativa para as substâncias minerais. A Terra se encontra no meio do inverno. Então é peculiar ao interior terrestre ser menos dependente de si próprio em suas massas minerais e submeter-se à influência das forças cristalizadoras existentes nas vastidões do Cosmo.

Pensem, pois, no seguinte: quando termina o mês de janeiro**, as substâncias minerais da terra adquirem a maior ansiedade por serem cristalizadas, e quanto mais profundas dentro da terra, mais ansiedade possuem de tornar-se cristalinamente puras na faina da Natureza. Para o crescimento vegetal, isto é o que de mais neutro acontece com os minerais. Nesse momento as plantas estão entregues ao máximo a si próprias, na terra, e expostas

*O Autor se refere ao Hemisfério Norte. No Hemisfério Sul esse período está compreendido entre 15 de julho e 15 de agosto. (N.T.)

**Fim de julho no Hemisfério Sul. (N.E.)

ao mínimo às substâcias minerais; em contrapartida, pouco tempo antes e depois, quando os minerais, por assim dizer, vão-se preparando — ou seja, antes — para tornar-se expressão da forma, da cristalização, têm eles uma importância muito especial para o crescimento vegetal. Aí irradiam as forças que são muito importantes para a vegetação. Sendo assim, podemos dizer que por volta do mês de novembro até dezembro* há um momento, sob a superfície terrestre, em que isto se torna particularmente eficiente para a vegetação. Surge então o desafio: como podemos realmente aproveitar isto para o crescimento da planta? Ora, algum dia se verá como o aproveitamento de tais coisas é de importância muito especial para se poder dirigi-lo.

Neste ponto quero observar que quando nos ocupamos de um solo que não tem facilidade em conduzir ascendentemente, por si próprio, aquilo que neste período hibernal precisa justamente atuar para cima, é bom adicionar-lhe um pouco de argila em dosagem adequada, a ser indicada mais adiante. Pois assim se prepara o solo para levar para o alto, para acima da terra, a fim de poder aplicá-lo na vegetação, aquilo que inicialmente se encontra no solo mas já pode ser visto como força cristalina quando se olha a neve cristalizando-se — só que esta força de cristalização se torna mais intensa e mais forte quanto mais nos aprofundamos no interior da terra. Esse processo ainda não chegou a seu término, coisa que só acontecerá em janeiro, fevereiro.

Vejam, é desta maneira que se produzem, justamente dos conhecimentos aparentemente mais remotos, as indicações mais positivas e extremamente adjutórias, enquanto de outra forma permaneceríamos inteiramente numa mera tentativa. Acima de tudo é necessário termos bem claro que o campo da agricultura constitui, juntamente com o que se encontra abaixo do solo, uma individualidade que também prossegue vivendo ao longo do tempo, e que a vida da terra é particularmente forte justamente no inverno, enquanto no verão, de certa maneira, está amortecida.

Agora trataremos de examinar algo de suma importância justamente para o cultivo do solo. Vejam, esse assunto de suma importância — já o mencionei com freqüência entre antropósofos — consiste em saber em que condições o espaço cósmico pode atuar

*Período correspondente, no Hemisfério Sul, a maio-junho. (N.E.)

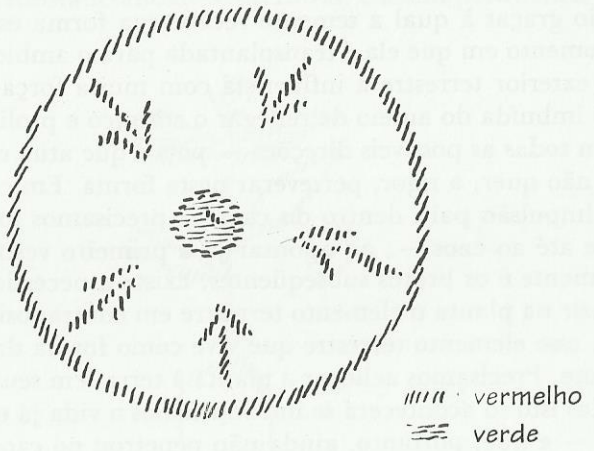
com suas forças sobre o âmbito terrestre. Para entender isso, comecemos pela constituição das sementes. Em geral a semente, da qual se desenvolve o elemento embrionário, é vista como um complexo molecular extraordinariamente intrincado, conferindo-se o maior valor à compreensão desta formação da semente em sua complicada estrutura molecular. Diz-se que as moléculas têm uma determinada estrutura — as moléculas simples, uma estrutura simples —, tornando-se a coisa cada vez mais complicada até se atingir a estrutura enormemente complexa da molécula protéica. Finalmente nos detemos, com um sentimento de admiração e espanto, diante daquilo que se imagina ser a estrutura complexa da proteína na semente, pois na verdade se pensa da maneira seguinte:

Imagina-se que a molécula protéica que aí está deve ser algo muitíssimo complicado. Pois de dentro dessa complicação cresce, com efeito, o próximo organismo. E sendo este próximo organismo enormemente complicado, já estando predeterminado no germe embrionário, essa substância microscópica ou hipermicroscópica deve também estar constituída de modo enormemente complicado. A princípio é este o caso, em certa medida. Ao mesmo tempo em que a proteína terrena se estrutura, a construção molecular também é estimulada até à suprema complexidade. Todavia, desta suprema complexidade jamais resultaria um novo organismo. Jamais.

Ora, o organismo não procede da semente precisamente de um modo que essa semente, formada a partir da planta ou do animal maternos*, tenha continuidade somente na planta ou no animal filiais. Isto não é, em absoluto, verdade. Muito mais verdadeiro é que, ao se estimular ao máximo essa complexidade da estrutura, ela entra em colapso — e naquilo que inicialmente, no âmbito do terreno, havia sido estimulado à maior complexidade, temos por fim um pequeno caos. Ele se decompõe, poder-se-ia dizer, em poeira cósmica; e quando isso acontece — quando a semente elevada à máxima complexidade degenerou em poeira cósmica e o pequeno caos está presente —, nesse momento todo o Universo circundante principia a atuar na semente, imprimindo-se nela e organizando, a partir do pequeno caos, o que de todos

*A palavra alemã *Samen*, empregada no original, significa tanto "semente" quanto "sêmen". (N.E.)

os lados pode ser construído nela mediante as atuações oriundas do Universo [desenho]. E na semente obtemos uma imagem do



Universo. A cada vez, na formação da semente, o processo terreno de organização é levado a termo até ao caos. A cada vez se constrói no caos da semente, a partir de todo o Universo, o novo organismo. O velho organismo apenas tende a inserir a semente naquele contexto do mundo — graças à sua afinidade com ele — de modo que as forças atuem partindo das direções corretas, e de um dente-de-leão não venha a nascer uma uva-espim, porém novamente um dente-de-leão.

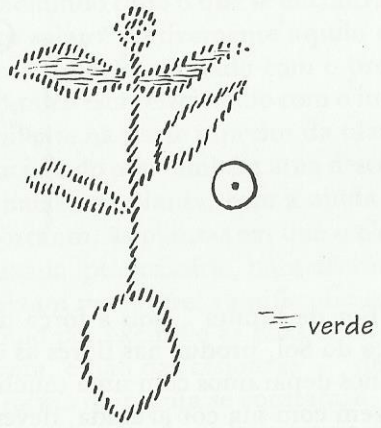
Contudo, o que se reproduz em cada planta é sempre imagem de alguma constelação cósmica, sendo construído a partir do Cosmo. Se quisermos induzir o Cosmo a atuar com suas forças em nosso âmbito terrestre, será necessário impelir o elemento terrestre o mais vigorosamente possível para dentro do caos. Por toda parte aonde levemos o Cosmo a atuar, deveremos impelir o terrestre, com a maior força possível, para dentro do caos. No caso da vegetação, em certo sentido a própria Natureza já se encarrega disto. Mas certamente é necessário, uma vez que cada novo organismo é realmente construído a partir do Cosmo, que conservemos este elemento cósmico no organismo pelo tempo necessário até manifestar-se, por sua vez, a formação da semente.

Digamos que plantemos uma semente de uma planta qualquer, obtendo nela a reprodução, a expressão de todo o Cosmo partindo de qualquer direção universal. Nisto vem a efeito a constelação graças à qual a semente recebe sua forma específica. E no momento em que ela é transplantada para o ambiente da terra, o exterior terrestre a influencia com muita força, sendo ela então imbuída do anseio de renegar o cósmico e proliferar, crescer em todas as possíveis direções — pois o que atua em cima da terra não quer, a rigor, perseverar nesta forma. Em contrapartida à impulsão para dentro do caos — precisamos impelir a semente até ao caos —, ao apontar já o primeiro vestígio vegetal da semente e os brotos subseqüentes, existe a necessidade de introduzir na planta o elemento terrestre em contraposição ao cósmico, esse elemento terrestre que vive como forma da planta na semente. Precisamos achegar a planta à terra, em seu crescimento. Mas isto só acontecerá se introduzirmos a vida já existente na terra — e que, portanto, ainda não penetrou no caos total, isto é, não progrediu até à formação da semente, porém se deteve na organização da planta antes de ter chegado àquele estágio — se efetivamente introduzirmos na vida vegetal a vida encontrável na terra. E aí, por sua vez, a rica formação de húmus na faina da Natureza vem em benefício do homem naquelas regiões especialmente bafejadas pela sorte. É que, no fundo, o homem só consegue substituir de modo artificial e imperfeito o que a terra pode desempenhar mediante uma formação natural de húmus.

Mas em que repousa esta formação de húmus? Repousa na circunstância de aquilo que procede da vida vegetal ser absorvido pelo processo da Natureza. O que ainda não chegou ao caos repele, de certo modo, o elemento cósmico. Sendo isto reaplicado na vegetação, aprisionamos o verdadeiramente terrestre dentro da planta, e o lado cósmico só atua no fluxo que, por sua vez, sobe até à formação da semente. O terrestre, ao contrário, atua no desenvolvimento da folha, da flor, etc. Somente o cósmico irradia seus efeitos para dentro de tudo isto. Isto pode ser realmente acompanhado, e com toda a precisão.

Admita-se que haja uma planta crescendo para o alto a partir da raiz. Na extremidade do caule forma-se o grãozinho de semente. As folhas e as flores se estendem para fora. Ora, vejam: na folha e na flor se encontra aquele lado terrestre que consiste

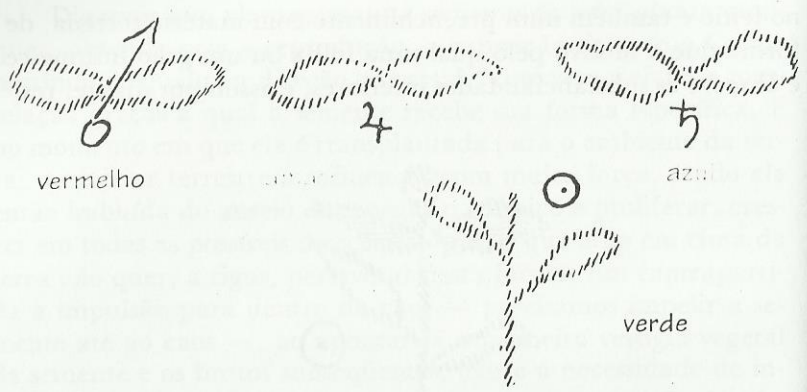
no feitio e também num preenchimento com matéria terrena, de forma que o motivo pelo qual uma folha ou um grão intumesce e absorve as substancialidades interiores, e assim por diante, resi-



de no que adicionamos como elemento terrestre à planta, não tendo ainda chegado ao caos. Em contrapartida, a semente, que desenvolve toda a sua força por meio do caule — porém na direção vertical, e não ao redor —, irradia a força do Cosmo atravessando a folha e a flor da planta. Isto pode ser visto com exatidão.

Ora, observem as verdes folhas vegetais [desenho à pág. 54]. Elas carregam o aspecto terreno em sua forma, em sua espessura, em sua cor verde. Entretanto não seriam verdes se nelas não vivesse também a força cósmica do Sol. Chegando-se, porém, até à inflorescência colorida, vê-se que nela não vive apenas a força cósmica do Sol, mas também aquele apoio que as forças cósmicas do Sol recebem através dos planetas distantes Marte, Júpiter e Saturno. Só quando vemos a vegetação neste contexto é que podemos olhar para a rosa enxergando em sua cor vermelha a força de Marte. Observemos o girassol amarelo: é inteiramente correto denominá-lo "flor do Sol"*; ele só é chamado assim por causa de sua forma, sendo que por seu tom amarelo deveria realmente ser

*Tradução literal de sua denominação alemã *Sonnenblume*. (N.T.)



chamado de "flor de Júpiter", pois a força de Júpiter, apoiando a força cósmica do Sol, produz nas flores as cores branca e amarela. Quando nos deparamos com uma tanchagem, ou seja, uma chicória selvagem com sua cor azulada, devemos pressentir nessa cor azulada a atuação de Saturno, que apóia a influência do Sol. Temos, portanto, toda a possibilidade de ver Marte na inflorescência vermelha. Temos a possibilidade de ver Júpiter na inflorescência branca e na amarela, e vemos Saturno na inflorescência azul, enquanto na folha verde vemos o próprio Sol.

Todavia, aquilo que aparece na coloração da flor atua de forma particularmente intensa, como força, na raiz. Pois ali atua, por sua vez, justamente no solo terrestre, este aspecto vitalizante e fortalecedor dos planetas distantes. Tanto é assim que nos sentimos obrigados a dizer que, ao arrancarmos uma planta da terra, tendo embaixo a raiz, encontra-se nesta o elemento cósmico, enquanto na flor se encontra sobretudo o terrestre, pois o cósmico se situaria apenas na mais delicada tonalidade da cor.

Por outro lado, quando o terrestre deve viver na raiz, deve viver intensamente na raiz, lança-se então na forma. Então a planta obtém sua forma daquilo que pode nascer no âmbito terrestre. O que expande a forma é de natureza terrestre. Mas quando a raiz é dividida, ramificada enquanto tal, multiplicando-se, o terrestre atua para baixo tal como o cósmico para o alto no caso da cor. De modo que temos justamente raízes cósmicas naquelas formadas unitariamente. Ao contrário, nas raízes ramificadas temos

uma atuação do elemento terrestre dentro do solo, tal como no caso do colorido temos uma atuação cósmica ascendente nas flores, sendo que o elemento solar se situa no meio. O elemento solar atua de preferência na folha verde e na inter-relação entre inflorescência e raiz, incluindo tudo o que se encontra entre ambos. Portanto, o elemento solar é efetivamente aquilo que, na qualidade de tal diafragma, está relacionado com o próprio solo, enquanto o elemento cósmico está relacionado com o interior da terra, atuando ascendentemente na parte superior da planta. Contudo, o elemento terrestre acima do solo também atua descendentemente, sendo puxado para baixo, na planta, com a ajuda da substância cálcica. Atentem, portanto, às plantas em que o elemento terrestre é intensamente puxado, pelo calcário, para dentro da raiz: trata-se de plantas que deixam suas raízes ramificadas expandir-se em todas as direções, como por exemplo as boas ervas forrageiras — a exemplo da esparzeta, e não das cenouras —; deste modo, podemos dizer que na forma da planta se constatará, caso se queira entender as plantas, se constatará, na forma e na cor da inflorescência, até onde o cósmico e o terrestre atuam nelas.

Por outro lado, admitamos que se consiga, por algum meio, que o cósmico fique contido na planta, fortemente retido. Neste caso este não se revelará muito desenvolvendo flores, e sim subsistirá em algo cauliforme. Bem, dentro de quê vive então, segundo as informações dadas, o cósmico na planta? Ele vive no elemento silicioso. Ora, examinem a cavalinha: ela tem a propriedade de atrair justamente o cósmico para si e de impregnar-se de substância siliciosa. Deveras, ela contém 90 por cento de ácido [óxido] de silício. Dir-se-ia que existe um prodigioso excesso de elemento cósmico nessa cavalinha, mas de forma a não se revelar na flor, e sim manifestar-se justamente no crescimento inferior.

Tomemos algo diferente. Admitamos que queremos reter no plano radicular de uma planta aquilo que quer elevar-se para dentro da folha através do caule. Na verdade, para nossa atual época terrestre isto não mais interessa muito, pois por diversas circunstâncias já estabelecemos as espécies de plantas. Diferente era o caso em tempos primitivos, primordiais, quando ainda se podia converter com facilidade uma planta em outra. Naqueles tempos isso interessava sobremaneira. Hoje em dia também ainda interessa,

porque necessitamos sair à procura das condições que sejam favoráveis a uma determinada planta.

A que devemos dar hoje atenção? Como devemos olhar para uma planta ao querermos que nela a força cósmica não ascenda inteiramente ao nível da flor nem do fruto, porém permaneça embaixo, para que de certo modo a formação do tronco e da folha seja retardada na formação da raiz? Que devemos então fazer? Devemos colocar tal planta num solo arenoso. Pois em solo silicioso o cósmico é retido ou, mais precisamente, absorvido. Por isso precisamos introduzir a batata, em cujo caso devemos realmente conseguir retardar embaixo, na própria batata, a formação da flor e contê-la — pois a batata é uma cepa, onde a força formativa da folha e do caule fica presa nela própria, que não é uma raiz, mas um caule contido —, precisamos introduzir a batata num solo arenoso, caso contrário não conseguiremos que a força cósmica seja retida nela.

Ora, de tudo isto ressalta que, para o critério a respeito de toda a vegetação, o ABC, por assim dizer, consiste em sempre podermos dizer: o que é cósmico numa planta, e o que nela é terrestre, terreno? Como fazer com que o solo, por sua natureza peculiar, se incline a tornar o cósmico, digamos, mais denso, e com isto mantê-lo mais na raiz e na folha? Ou como torná-lo mais refinado, para nesta forma ser aspirado para o alto até às flores, colorindo-as, ou até à formação do fruto, impregnando-o de um delicado sabor? Pois ao se obterem damascos ou ameixas de sabor delicado, este delicado sabor, assim como a cor das flores, consiste no elemento cósmico elevado para dentro da fruta. Na maçã se come efetivamente Júpiter, na ameixa se come realmente Saturno. E se a Humanidade, com seu conhecimento atual, fosse colocada perante a necessidade de produzir a partir de muitas espécies, porém de poucas plantas da era terrestre primitiva, a variedade de nossas espécies de frutas não chegaria longe se suas formas já não houvessem sido herdadas e produzidas numa época em que ainda se sabia algo — originário de uma sabedoria primordial e instintiva da Humanidade — sobre a produção das espécies de frutas a partir de espécies primitivas então existentes. Se já não tivéssemos as espécies frutíferas e as reproduzíssemos continuamente por hereditariedade, hoje em dia não conseguiríamos muita coisa com relação à produção dessas espécies se chegássemos à mesma

situação com a atual inteligência e tivéssemos de repetir isto mais uma vez. É que na verdade tudo se faz por experimentação, não se penetrando racionalmente no processo. Todavia esta é a condição básica que deverá resultar novamente se de fato quisermos continuar a explorar economicamente a terra.

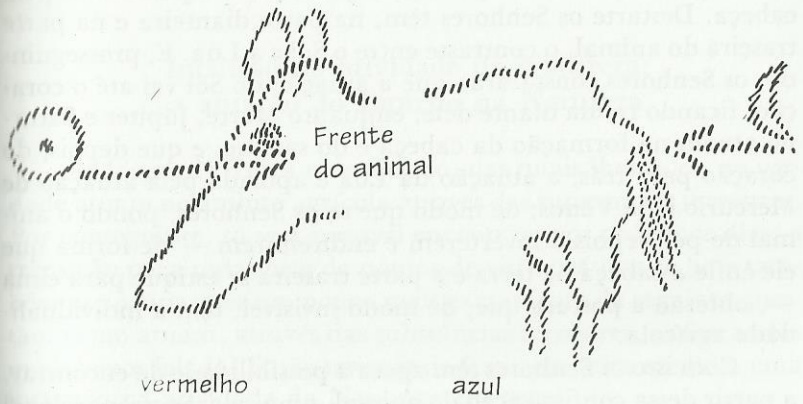
Foi extraordinariamente oportuno o que nosso amigo Stegemann disse: que se está constatando uma desvalorização dos produtos. Esta desvalorização está mesmo ligada — quer os Senhores levem ou não a mal minha observação —, bem como a mudança de formação da alma humana, com o decurso do *Kali Yuga* em todo o Universo durante as últimas décadas e nas décadas que estão por vir. De igual modo estamos colocados perante uma grande mudança no interior da Natureza. O que de antigas eras chegou até nós, o que também sempre reproduzimos tanto por disposições naturais como por conhecimentos adquiridos da Natureza e similares , bem como o que recebemos sob forma de remédios, está perdendo seu significado. Por outro lado, precisamos adquirir novos conhecimentos para penetrar em todo o contexto natural de tais coisas. A Humanidade não tem outra escolha senão aprender algo nos mais variados campos de todo o conjunto da Natureza, aprender novamente algo de todo o contexto do Universo, ou então deixar fenecer, degenerar tanto a Natureza como a vida humana. Do mesmo modo como nos tempos antigos foi necessário possuírem-se conhecimentos que efetivamente penetrassem na estrutura da Natureza, também hoje precisamos novamente de conhecimentos que realmente penetrem nessa estrutura.

Hoje o homem mal sabe como o ar — aliás, tenho falado disso — se comporta no interior da terra, mas sobretudo quase nada de como a luz se comporta nesse interior. Ele não sabe que é precisamente a rocha cósmica, o elemento silícico, que acolhe a luz na terra, levando-a a atuar aí; em contrapartida, aquilo que está próximo do terrestre vitalizado — a formação de húmus — não absorve luz, não a leva a atuar na terra, produzindo por isso um efeito opaco. Estas, porém, são coisas que precisam ser sabidas, vistas com lucidez.

Todavia, o que existe sobre a Terra como vegetação ainda não é tudo, pois a uma determinada região da Terra corresponde um determinado aspecto animal. Podemos abstrair do homem por razões que ainda serão igualmente apresentadas. Mas do que é re-

lativo ao animal não podemos abstrair, pois existe a peculiaridade de a melhor análise cósmica qualitativa, se é que devo chamá-la assim, se realizar por si mesma pela convivência entre uma determinada região recoberta de plantas e os animais que aí vivem. Existe a peculiaridade — mas eu ficaria feliz se as coisas fossem averiguadas, porque a verificação seguramente resultaria em confirmação —, existe a relação estabelecendo que quando se tem a medida correta de vacas, cavalos e outros animais em qualquer empresa rural, todos esses animais darão, em conjunto, tanto esterco quanto necessário para a lavoura, quanto necessário para acrescentar mais um pouco ao que se tornou caos. E, na verdade, quando se tem o número correto de cavalos, vacas, porcos, a proporção da mistura no esterco também será correta. Isto se liga ao fato de os animais consumirem, comerem a medida certa daquilo que lhes advém da vegetação, porque os animais comem a medida certa do que a terra pode render em plantas. Por esta razão desenvolvem também, no decorrer de seu processo orgânico, tanto esterco quanto necessário para ser novamente devolvido à terra. Em realidade, vale aqui — embora não se possa praticá-lo integralmente, sendo porém correto em sentido ideal —, o fato de que quando se precisa receber qualquer esterco de fora, apenas se tenha de usá-lo, tratá-lo como um remédio para uma agricultura já adoecida. Esta só é sadia à medida que se abastece a si mesma de esterco mediante seu plantel. Naturalmente isto demanda que se desenvolva uma ciência correta a respeito de quantos animais de determinada espécie necessitamos em determinada lavoura.

Todavia, isto se dará tão logo apareçam novamente os próprios conhecimentos sobre as forças interiores que aí atuam. Ora, naturalmente o que mencionamos sobre ser "barriga em cima do solo" e "cabeça embaixo do solo" também implica, por outro lado, a compreensão do organismo animal. Em realidade o organismo animal vive dentro de todo o conjunto da faina da Natureza de tal modo que, com referência à sua forma e sua cor, e também com referência à estrutura e à consciência de sua substância, recebe da frente para trás — isto é, do focinho em direção ao coração — as atuações de Saturno, de Júpiter, de Marte; no coração recebe a atuação do Sol, e atrás do coração, rumo à cauda, as atuações de Vênus, de Mercúrio e da Lua [desenho à pág. 59]. Com relação a isto, os que estão interessados nestas coisas deveriam realmente desenvolver, no futuro, os conhecimentos segundo a contemplação da forma.



Ora, esse desenvolvimento dos conhecimentos segundo a forma, segundo a contemplação da forma, é de um enorme significado. Dirijam-se um dia a um museu e contemplem o esqueleto de um mamífero qualquer, aproximando-se com a seguinte consciência: na formação da cabeça atua, quanto ao feitio, preferencialmente a irradiação solar, fluindo para dentro do focinho a atuação direta do Sol; e de acordo com isto — por outras razões, como ainda haveremos de discutir aqui —, um animal se expõe ao Sol desta ou daquela maneira — um leão se expõe de modo diverso do que o cavalo —, de acordo com isto é plasmada tanto a cabeça quanto aquilo que se une diretamente a ela. Sendo assim, quanto à dianteira do animal estamos lidando com a irradiação direta do Sol, e portanto com a formação da cabeça.

Ora, imaginem que a luz do Sol, enquanto refletida pela Lua, penetra ainda por um outro caminho na esfera terrestre. E nesse caso não temos de levar em conta somente a luz do Sol, porém a luz do Sol refletida pela Lua. Esta luz do Sol refletida pela Lua é totalmente ineficaz quando brilha sobre a cabeça de um animal. Ali ela não desenvolve qualquer atuação. Estas coisas valem especialmente para a vida embrionária. Mas a luz refletida pela Lua desenvolve sua maior atuação quando recai sobre a parte traseira do animal. Examinem a formação do esqueleto, na parte traseira, em sua relação peculiar com a formação da cabeça. Desen-

286109

volvam uma sensibilidade, relacionada com a forma, por este contraste: pela maneira como as coxas se inserem, formando-se aí a saída digestiva, em contraposição ao pólo oposto representado pela cabeça. Destarte os Senhores têm, na parte dianteira e na parte traseira do animal, o contraste entre o Sol e a Lua. E, prosseguindo, os Senhores constatarão que a atuação do Sol vai até o coração, ficando retida diante dele, enquanto Marte, Júpiter e Saturno atuam na formação da cabeça e do sangue; e que depois, do coração para trás, a atuação da Lua é apoiada pela atuação de Mercúrio e de Vênus; de modo que se os Senhores, pondo o animal de pé, depois o inverterem e endireitarem — de forma que ele enfie a cabeça na terra e a parte traseira se estique para cima —, obterão a postura que, de modo invisível, tem a individualidade agrícola.

Com isto os Senhores têm agora a possibilidade de encontrar, a partir dessa configuração do animal, uma relação proporcional entre aquilo que o animal fornece, por exemplo, como esterco e aquilo de que precisa a terra cujas plantas o animal ingere. Ora, os Senhores precisam efetivamente saber que, por exemplo, as atuações cósmicas que se fazem valer numa planta, provenientes do interior da terra, são conduzidas para o alto. Logo, se uma planta é particularmente rica em tais atuações cósmicas, vindo a comê-la um animal que, por sua vez, ao mesmo tempo fornece esterco de seu organismo com base em tal forragem, então esse animal fornece esterco especialmente apropriado para esse solo onde a planta cresce.

Os Senhores vêem, por conseguinte, que quando se compreendem as coisas segundo sua forma, alcança-se tudo o que é necessário nessa individualidade coesa que é a instituição agrícola. Basta apenas contar com o plantel.

Terceira conferência

Koberwitz, 11 de junho de 1924

Incursão na atividade da Natureza: a atuação do Espírito na Natureza

As forças da Terra e do Cosmo, das quais lhes falei, na verdade atuam no âmbito agrícola através das substâncias terrestres. Por conseguinte, só será possível encontrar, nos próximos dias, a transição para toda sorte de pontos de vista práticos se hoje também nos ocuparmos um pouco mais exatamente da seguinte questão: como atuam, através das substâncias terrestres, as forças das quais temos falado? Então teremos de fazer, em certa medida, uma incursão na atividade da Natureza em geral.

Uma das mais importantes questões a serem levantadas, em se tratando da produção no campo da agricultura, já foi aquela do significado e da influência do nitrogênio sobre toda a produção agrícola. Só que justamente esta questão da natureza do papel do nitrogênio degenerou, hoje, em grande confusão. Por toda parte onde o nitrogênio age as pessoas vêem, por assim dizer, apenas os prolongamentos de seus efeitos, ou seja, apenas o aspecto mais superficial em que ele se manifesta. Contudo, não se reconhecem os contextos da Natureza nos quais o nitrogênio atua; aliás, isso é impossível quando se estaciona num único campo da Natureza, só se tornando viável quando estendemos o olhar para as vastidões do domínio natural e então nos inquietamos com a atuação do nitrogênio no Universo. Pode-se até mesmo dizer — e isto se depreenderá de minhas exposições — que o nitrogênio, como tal, talvez não desempenhe nem mesmo o papel principal na vida vegetal; só que conhecer seu papel é fundamentalmente necessário para a compreensão dessa vida vegetal.

Eu diria, contudo, que ao atuar na Natureza o nitrogênio possui quatro irmãos, cujos efeitos deveremos aprender a conhecer simultaneamente se quisermos compreender suas funções, seu significado na assim chamada faina da Natureza. E esses quatro irmãos são aqueles que se combinam com ele de um modo que ainda hoje está repleto de mistério para a ciência externa; eles se com-

binam na proteína vegetal e animal. Os quatro irmãos são o carbono, o oxigênio, o hidrogênio e o enxofre.

Se quisermos aprender o significado integral da proteína, na verdade não poderemos citar somente, entre seus ingredientes importantes, o hidrogênio, o oxigênio, o nitrogênio e o carbono; precisaremos mencionar também o enxofre, o elemento que influi de uma maneira profundamente significativa sobre a proteína. Ora, dentro da proteína o enxofre é justamente o mediador entre o elemento espiritual estendido por toda parte no mundo, entre a força que expressa a energia plasmadora do elemento espiritual, e o âmbito físico. E podemos mesmo dizer que quem deseja, no mundo material, ir efetivamente ao encalço dos vestígios que o espírito traça, esse deve seguir de perto a atividade do enxofre. Mesmo que esta atividade não seja tão aparente quanto a dos demais elementos, certamente por isso mesmo é do maior significado, pois através do enxofre o espírito atua no plano físico da Natureza, ou seja, o enxofre é francamente o portador do espiritual. Ele possui seu nome antigo, *súlfur*, que na verdade é aparentado ao nome *fósforo*; tem esse nome antigo porque em tempos mais remotos via-se na luz que se propagava, na luz de cunho solar, também propagar-se o espiritual. E é por isso que se chamavam essas substâncias ligadas à atuação da luz dentro da matéria — como o enxofre e o fósforo — de portadores da luz.

Ora, assim se tornará bem visível para nós, precisamente por ser tão delicada a atividade do enxofre na faina da Natureza, e da melhor maneira pelo fato de focalizarmos e realmente aprendermos a entender os outros quatro irmãos — o carbono, o hidrogênio, o nitrogênio, o oxigênio —, tornar-se-á bem visível o que são propriamente essas substâncias no todo universal. Pois o químico ainda não sabe, hoje em dia, muita coisa sobre essas substâncias. Ele conhece sua aparência externa quando as tem no laboratório, porém não conhece absolutamente seu significado intrínseco no conjunto das atividades do Universo. E o conhecimento que, pela química, se tem hoje dessas matérias não é, realmente, nada maior do que o que se tem de um homem visto segundo sua figura externa ao se cruzar com ele na rua, o qual talvez tenhamos fotografado e do qual nos recordamos com a ajuda da fotografia. Ora, o que a ciência faz com essas matérias, cuja essência mais profunda precisamos justamente conhecer, não é muito mais do que retratar com o aparelho fotográfico, e o que consta em nossos livros e aparece em nossas conferências sobre essas substâncias não contém, efetivamente, muito mais do que isso.

Comecemos, portanto, pelo carbono, pois sua aplicação no âmbito vegetal certamente surgirá. Esse carbono, vejam, mergulhou realmente de uma posição muito aristocrática — meu Deus, na verdade muitos outros seres cósmicos percorreram, mais tarde, esses caminhos — para uma situação muito, muito plebéia nos tempos modernos. No carbono vemos aquilo que se coloca nos fornos — o carvão. No carbono se vê aquilo com que se escreve — o grafite. Na verdade, ainda continuamos a apreciar uma determinada modificação no carbono como sendo aristocrática: o diamante; porém não se pode mais apreciá-lo muito, pois não se pode comprá-lo. E assim o que se sabe sobre o carbono está, face à sua enorme importância no Universo, extraordinariamente reduzido. Na verdade esse — chamemo-lo sujeito — esse sujeito negro era tido até há relativamente pouco tempo, até há alguns séculos, por aquilo que se descrevia com um nome muito nobre: com o nome de "pedra filosofal".*

Por certo se tagarelou muito em torno do que viria a ser a pedra filosofal; mas essa tagarelice não resultou em muita coisa. Ora, quando os velhos alquimistas e pessoas semelhantes falavam da pedra filosofal, queriam significar o carbono em suas diversas ocorrências. E só mantinham seu nome em tal segredo porque, caso contrário, naturalmente qualquer pessoa possuiria a pedra filosofal. Já se tratava, porém, do carbono. E por que se tratava do carbono?

A isto podemos responder com uma concepção mais antiga e ao mesmo tempo algo que todavia deveríamos saber atualmente a respeito do carbono. Vejam: quando se abstrai da forma fragmentada em que, por determinados processos percorridos pelo carbono, este existe na Natureza como carvão de pedra ou também como grafite, quando consideramos o carbono em sua atividade viva, isto é, o modo como ele perpassa o homem e o corpo animal, o modo como a partir de suas relações constrói o corpo das plantas, então o elemento amorfo, desfigurado que presumimos ser o carbono se nos apresenta apenas como o último prolonga-

**Stein der Weisen*, "pedra dos sábios", no original. (N.T.)

mento, como o cadáver daquilo que o carvão, o carbono, efetivamente representa na faina da Natureza.

O carbono é verdadeiramente o portador de todos os processos configurativos da Natureza. O que quer que possa ser configurado, quer consideremos a figura relativamente efêmera da planta, quer o feitio do organismo animal em vias de eterna mudança, o carbono é aqui o grande plasmador, que não comporta somente sua negra substancialidade, e sim, quando está em plena ação, em mobilidade interior, por toda parte leva consigo as imagens plasmadoras do Universo, as grandes imaginações universais, das quais tudo o que é formado na Natureza precisa justamente proceder. Reina no carbono um elemento plasmador secreto, que ao construir as mais variadas formas na Natureza serve-se do enxofre. De modo que, se quisermos ver o carbono na Natureza de modo correto, precisaremos considerar de que maneira a atividade espiritual do Universo se umedece, por assim dizer, com o enxofre, que atua como plasmador e, com a ajuda do carbono, constrói a forma mais sólida da planta; e como porém, por outro lado, constrói a forma do homem — evanescente desde o momento em que é engendrado —, desse que é exatamente homem e não planta justamente por conseguir sempre destruir novamente a forma, assim que esta nasce, eliminando o carbono ligado ao oxigênio sob forma de ácido [óxido] carbônico. É justamente pelo fato de no corpo humano o carbono fazer de nós homens muito rígidos, muito sólidos, como uma palmeira — ele se adapta para tornar-nos tão sólidos —, que a respiração destrói imediatamente, arrebata este carbono da solidez, combinando-o com oxigênio e transportando-o para fora, e nós somos formados nessa mobilidade de que necessitamos como seres humanos.

Entretanto, o carbono se encontra de tal modo dentro da planta que, de certa maneira, fica retido numa figura sólida, e até certo ponto mesmo nas plantas anuais. Um velho ditado diz, a respeito do homem, que "o sangue é uma seiva muito especial"*, e deve-se dizer, com razão, que o eu humano pulsa no sangue, expressando-se de maneira física. Mas no fundo, para falar mais exatamente, é o carbono — que tece, que domina, que se configura e novamente dissolve sua forma — o elemento em cujas tra-

*Frase empregada por Goethe no *Fausto*. (N.E.)

BC UFG

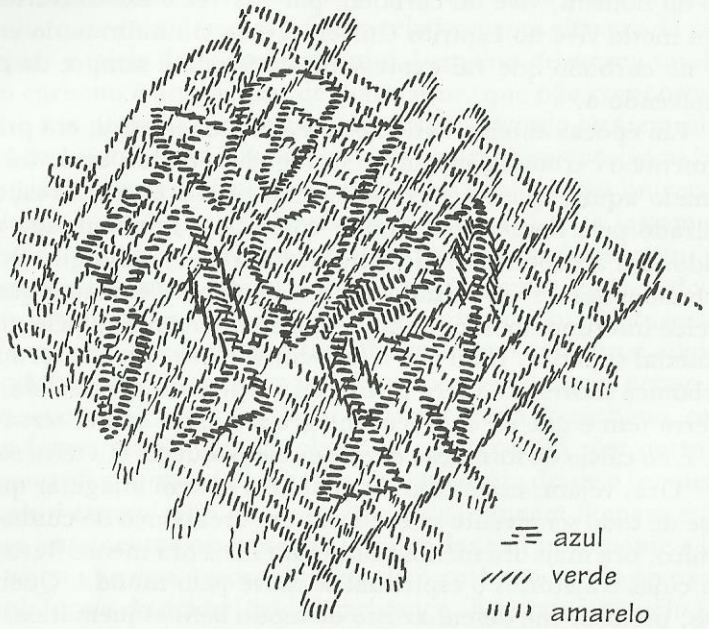
jetórias umedecidas pelo enxofre se movimenta, no sangue, esse ser espiritual do homem que denominamos "eu"; e da mesma maneira como o eu humano, na qualidade de espírito propriamente dito do homem, vive no carbono, por sua vez o Eu Universal de certo modo vive no Espírito Universal pela via indireta do enxofre, no carbono que vai expressando a forma e sempre de novo dissolvendo-a.

Em épocas anteriores de nossa evolução terrestre, era principalmente o carbono o elemento segregado. Só mais tarde foi adicionado aquilo que, por exemplo, constitui o elemento cálcico, utilizado pelo homem para obter como base também algo mais sólido, um arcabouço sólido para si. Para que aquilo que vive no carbono possa ser mobilizado, o homem elabora em seu esqueleto cálcico um fundamento sólido, assim como o animal, pelo menos o animal superior. Com isto o homem se eleva, em sua formação carbônica móvel, da mera formação cálcica mineral, sólida, que a terra tem e que ele também integra a si para conter terra sólida. É no cálcio da formação óssea que ele possui em si a terra sólida.

Ora, vejam: neste caso, os Senhores podem imaginar que na base de todo ser vivente se encontra um arcabouço de cunho carbônico, ora mais ora menos sólido, ora mais ora menos flutuante, em cujas trajetórias o espiritual se move pelo mundo. Queiram, pois, permitir-me desenhar isto de modo bem esquemático, para que tenhamos o assunto muito bem visível. Quero desenhar um arcabouço, desses que o espírito constrói de algum modo com a ajuda do enxofre, assim [desenho azul à pág. 66]. Portanto, ou isto é carbono em troca contínua, movendo-se de dentro do enxofre em dosagem muito tênue, ou então, como nas plantas, é uma estrutura de carbono solidificada, tornada mais ou menos sólida, de mistura com outras substâncias, ingredientes.

Ora, vejam: ao observar o homem e até um outro ser vivo, constatamos que — isto já foi ressaltado com freqüência durante nosso convívio — esse ser vivo deve estar impregnado por um elemento etérico, que é o próprio portador da vida. Portanto, aquilo que representa a estrutura carbônica de um ser vivente precisa estar, por sua vez, impregnado pelo etérico, de modo que este ou se mantenha mais imóvel nessa viga estrutural ou esteja ora mais, ora menos em movimentação flutuante. Porém o etérico deve estar totalmente alastrado pela estrutura [desenho verde]. Por con-

seguinte, podemos dizer que deve haver um elemento etérico em toda parte onde essa estrutura estiver.



Ora, este elemento etérico seria algo que, em princípio, não poderia existir como tal dentro de nosso mundo terreno físico se ficasse à sua própria mercê. Ele se insinuaria, por assim dizer, como um nada por dentro de tudo, não conseguindo agarrar aquilo que tem de agarrar no mundo físico-terreno caso não tivesse um portador físico.

Aliás, este é o aspecto característico de tudo o que temos na Terra: é o fato de o espiritual precisar sempre ter portadores físicos. Os materialistas adotam, então, apenas os portadores físicos, esquecendo o espiritual. Sempre têm razão, porque o elemento mais próximo, o que vem ao nosso encontro é, na verdade, o portador físico. Porém eles deixam justamente fora de consideração, e por completo, o fato de que o espiritual precisa ter, em toda parte, um portador físico. E esse portador físico do espiritual que

atua no etérico — podemos dizer que no etérico atua o espiritual mais inferior —, esse portador físico, impregnado de tal modo pelo etérico que o éter, por sua vez, de certa forma é umedecido com enxofre e por isso introduz no físico aquilo que deve levar para dentro desse ser estrutural — não como expressão da forma, não como construção de estruturas, mas como uma eterna mobilidade e vitalidade —, esse elemento físico que, a partir do éter e com a ajuda do enxofre, introduz aí as atuações da vida, esse elemento físico é o oxigênio. De modo, portanto, que os Senhores também podem imaginar, ao considerar como aspecto físico aquilo que esbocei aqui na cor verde, que isto representa o oxigênio e, por sua via, a essência flutuante, vibrante, entrelaçadora do etérico.

É por essa via do oxigênio que o etérico se move através do enxofre. O processo respiratório só adquire sentido graças a isto. É pelo processo respiratório que absorvemos o oxigênio. O materialista atual só fala daquele oxigênio que ele obtém na retorta ao fazer a eletrólise da água. Mas nesse oxigênio vive, por toda parte, o elemento supra-sensível mais inferior, o etérico, quando não foi morto, conforme deve ser, no ar que nos circunda. No ar respiratório, a parte vivente do oxigênio está morta para que não desmaiemos por causa do oxigênio vivo. Quando penetra em nós um elemento vivente mais elevado, nós desmaiamos. Já uma simples proliferação que aconteça dentro de nós, vivendo num local onde não deveria, faz-nos desmaiar e muito mais do que isso. E nós também andaríamos por aí completamente atordoados se estivéssmos envoltos por um ar vivo contendo oxigênio vivente. O oxigênio à nossa volta precisa ser morto. Porém eu diria que desde o nascimento ele é o portador da vida, do etérico. Ele também se torna imediatamente portador da vida quando extrapola a esfera de tarefas que lhe é atribuída por precisar envolver-nos, a nós homens, externamente pelos sentidos. Por outro lado, ao penetrar pela respiração em nosso interior, onde pode viver, ele se torna vivo. O oxigênio que circula dentro de nós não é o mesmo que nos envolve externamente. Dentro de nós é um oxigênio vivo, e assim também logo se torna oxigênio vivo quando, procedente do ar respiratório, penetra no solo — mesmo que ali sua vida seja de grau inferior à nossa, dos homens ou dos animais. Lá, contudo, ele se torna oxigênio vivo. O oxigênio embaixo da terra não é idêntico ao que se acha sobre ela.

É deveras difícil entrar em entendimento com os físicos e com os químicos a respeito deste assunto. Pois segundo os métodos que empregam, o oxigênio sempre precisa mesmo ser extraído da terra, e daí terem eles diante de si o oxigênio morto. Nem pode ser de outra maneira. Qualquer ciência que se abra apenas ao físico está exposta a isso: só consegue entender cadáveres. Em realidade o oxigênio é o portador do éter vivo, e esse éter vivo se apodera do oxigênio e o domina, fazendo isso de modo indireto pelo enxofre.

Mas agora tenho, então — de certo modo ainda justapostos —, de um lado, o arcabouço do carbono, em que o supremo elemento espiritual que nos é acessível na Terra mostra sua eficácia — o eu humano ou o ser espiritual universal que atua nas plantas. E olhando para o processo humano, temos a respiração, o oxigênio vivo que se apresenta no homem, carregando o éter; e depois o arcabouço do carbono que se encontra por trás, e que no homem é móvel. Estes precisam encontrar-se. O oxigênio precisa poder percorrer os caminhos prescritos pelo arcabouço, e precisa poder ir para onde uma linha qualquer, ou algo assim, tenha sido desenhada pelo carbono, pelo espírito do carbono; e por toda parte, na Natureza, o oxigênico-etérico precisa poder encontrar o caminho para o carbônico-espiritual. Como ele faz isto? Quem é, aí, o mediador?

O mediador aqui é o nitrogênio. O nitrogênio conduz a vida para dentro da formação incorporada no carbono. Por toda parte onde se apresenta, o nitrogênio tem a tarefa de intermediar entre a vida e o elemento espiritual que, a princípio, está formado no elemento carbônico. A ponte entre o oxigênio e o carbono é formada em toda parte nos reinos animal e vegetal, e também no interior da terra, pelo nitrogênio. E, por outro lado, aquela espiritualidade que com a ajuda do enxofre age por aí no nitrogênio, essa espiritualidade é a mesma que descrevemos como astral. Trata-se da espiritualidade astral no corpo astral do homem, da espiritualidade astral na periferia da Terra, onde na verdade o astral atua também na vida das plantas, na vida dos animais e assim por diante.

E assim temos, espiritualmente falando, o astral interposto entre o oxigênio e o carbono, mas este astral se manifesta no físico empregando o nitrogênio para poder atuar fisicamente. Onde quer que haja nitrogênio propaga-se o astral. Pois o etérico-vivente

flutuaria em todas as direções de modo nebuloso, não levando absolutamente em consideração essa estrutura de carbono, se o nitrogênio não tivesse uma tão prodigiosa atração por ela. Para toda parte onde linhas e trajetórias são aplainadas pelo carbono, o nitrogênio arrasta o oxigênio — isto é, o elemento astral no nitrogênio arrasta para aí o etérico [veja o desenho amarelo]. Este é o grande rebocador — este nitrogênio — do vivente rumo ao espiritual. Por isso este nitrogênio no homem é essencial ao seu plano anímico, que na verdade é o mediador entre a mera vida e o espírito.

Esse nitrogênio é realmente algo maravilhoso. Quando seguimos sua trajetória no organismo humano, ele se torna novamente um homem inteiro. Esse homem de nitrogênio existe. Se pudéssemos separá-lo do resto, ele seria o mais belo fantasma que poderia existir, pois imita plenamente aquilo que está na estrutura sólida do homem. Por outro lado, também se derrama rapidamente na vida. Isto se reconhece no processo respiratório. Assim, através do processo respiratório o homem absorve em si o oxigênio, ou seja, a vida etérica. Assim o nitrogênio interior, que arrasta o oxigênio, chega a toda parte onde há carbono, ou seja, onde há algo configurado, entrelaçante, mutante; para lá ele leva o oxigênio, a fim de que este procure para si esse elemento carbônico e o extraia para fora. Mas o nitrogênio é realmente o mediador para que o oxigênio se torne ácido [óxido] carbônico, e para que este seja expirado.

Esse oxigênio nos envolve por todos os lados. Só existe uma pequena porção de oxigênio — isto é, do portador da vida — à nossa volta, e uma grande porção do portador astral de espírito — o nitrogênio. Durante o dia o nitrogênio nos é enormemente necessário, e também durante a noite, nas imediações. Talvez respeitemos menos o nitrogênio de dia e de noite — quero dizer o nitrogênio do ar respiratório — por pensarmos que precisamos menos dele. Mas o nitrogênio é aquele que tem uma relação espiritual conosco. Os Senhores poderiam fazer o experimento a seguir:

Tentem fazer uma experiência com um homem situado num determinado espaço de ar, retirando do ar existente nesse espaço uma pequena porção de nitrogênio, para que o ar em volta do homem fosse um pouco mais carente desse gás do que geralmente o é. Se o experimento pudesse ser conduzido de modo cuidadoso, os

Senhores se convenceriam de que o nitrogênio se restabelece logo a seguir mesmo que não provenha de fora, evidenciando-se que é restabelecido a partir do interior do homem. O homem precisa entregar seu nitrogênio para novamente reconduzi-lo àquela condição quantitativa à qual está justamente habituado. Como homens, nós dependemos de restabelecer a proporção correta entre todo o nosso ser interior e o nitrogênio que nos circunda; nada dá certo quando há menos nitrogênio do lado de fora. Ele certamente ainda continuaria servindo, pois não necessitamos respirar nitrogênio; este, na verdade, continuaria sendo suficiente, mas para a relação espiritual que ali se dá é necessária aquela porção de nitrogênio habitual no ar.

Verifica-se, portanto, que o nitrogênio exerce forte influência no espiritual, e eu diria que agora os Senhores também podem pensar, podem imaginar que certamente esse nitrogênio tem de ser necessário à vida das plantas. A planta, tal como a princípio se encontra sobre o solo, só tem dentro de si seu corpo físico e seu corpo etérico, e não o corpo astral como o animal; mas o astral externo precisa envolvê-la por todos os lados. A planta não floresceria se o astral não a tocasse de fora. Embora não absorva o astral como o animal e o homem, ela precisa ser tocada externamente por ele.

A astralidade está em toda parte; e o nitrogênio, portador do astral, flutua por toda parte no ar como cadáver, porém no momento em que entra na terra torna-se novamente vivo. É precisamente do modo como o oxigênio se torna vivo que o nitrogênio se torna também. Este nitrogênio na terra, além de tornar-se vivo, é aquele — coisa a ser levada em especial consideração no campo da agricultura — que, por mais paradoxal que hoje isto pareça ao complicado cérebro materialista, além de tornar-se vivo torna-se sensível. Ele se torna um verdadeiro portador de uma sensibilidade repleta de mistério, derramada sobre toda a vida terrestre. É aquele que sente se a quantidade correta de água está presente em qualquer região da Terra. Ele sente isto como sendo simpático, e sente como antipático o fato de haver pouca água. Sente como simpático o fato de num solo qualquer se encontrarem as plantas certas, e assim por diante. E é deste modo que o nitrogênio derrama sobre todas as coisas uma espécie de vida sensível.

Pode-se dizer o seguinte: de tudo o que contei ontem e nas aulas precedentes — que os planetas Saturno, Sol, Lua e assim por diante têm uma influência sobre o feitio e a vida das plantas —, bem, isso não se sabe. Sim, vejam, pode-se dizer que quanto à vida cotidiana não se sabe disso. Mas o nitrogênio, que está em toda parte, este o sabe realmente, este o sabe muito bem. O nitrogênio não está inconsciente quanto àquilo que, fluindo dos astros, prossegue atuando na vida das plantas e na vida da Terra. Ele é o mediador sensível, do mesmo modo como o nitrogênio também é aquele que, no sistema neuro-sensorial do homem, transmite a sensibilidade; ele é verdadeiramente o portador da sensibilidade.

Ora, vejam como se pode efetivamente olhar para dentro da vida sutil da Natureza ao observar o nitrogênio movimentando-se por toda parte como sensações flutuantes. E nos ficará claro que justamente na manipulação do nitrogênio com vistas à vida vegetal reside algo enormemente importante. Naturalmente isto será objeto das considerações posteriores; mas por ora ainda é necessária uma outra coisa.

Constata-se, portanto, que numa viva colaboração entre aquilo que, a partir do espírito, adota feição estrutural no elemento carbônico e aquilo que, a partir do astral, impregna com vida a estrutura no âmbito do nitrogênio, tornando-a sensível, há vida atuante no nitrogênio.

Tudo isto, porém, age em conjunto no âmbito terrestre, porque ainda é penetrado por uma outra coisa, por algo que restabelece a ligação do mundo físico com as vastidões do Cosmo. Pois em nossa condição terrena não pode acontecer, naturalmente, de sem mais nem menos o elemento terra migrar como um corpo sólido pelo Universo afora, isolando-se do resto do mundo. Se a terra fizesse isso estaria na situação de um homem que, vivendo num âmbito agrícola, queira permanecer independente, isto é, queira deixar fora dele aquilo que cresce externamente na lavoura. Ora, por sensatez ele não o faz. Hoje em dia encontramos muita coisa na lavoura. E logo em seguida encontramo-la dentro do estômago dos prezados Senhores! E depois, de algum modo, isso se encaminha de volta à lavoura. Não podemos absolutamente dizer que conseguimos isolar-nos como homens; estamos ligados aos nossos arredores, e afinal fazemos parte deles. Da mesma forma como meu

dedo mínimo faz parte de mim, assim as coisas que estão por aí fazem naturalmente parte do homem todo. É preciso haver uma contínua permuta de matéria. É preciso que assim ocorra também entre a Terra, com todos os seus seres, e o Universo inteiro. Tudo aquilo que vive na Terra como formas físicas precisa poder ser reconduzido ao Universo e, de certo modo, ser aí depurado e purificado.

De modo que temos, portanto, o seguinte [desenho à pág. 66]: primeiro aquilo que desenhei anteriormente em azul — a estrutura do carbono; depois o que os Senhores vêem ali em verde — a natureza etérica do oxigênio; e depois temos, partindo por toda parte do oxigênio, transmitido pelo nitrogênio e direcionado às diversas linhas, aquilo que se desenvolve como o astral (amarelo), isto é, aquilo que estabelece a transição entre o que é próprio do carbono e o que é próprio do oxigênio. Por toda parte eu poderia mostrar como o nitrogênio arrasta para dentro das linhas azuis o que está esquematicamente indicado nas linhas verdes.

Entretanto, tudo o que foi desenvolvido nos seres vivos de modo inteiramente estrutural, qual um desenho delicado, em verdade também precisa poder desaparecer novamente. Não é o espírito que desaparece, porém aquilo que o espírito edificou lá dentro do carbono, pelo qual atrai para si a vida de dentro do oxigênio. Tudo isto deve poder desaparecer novamente. Não só até que desapareça sobre a Terra: precisa desaparecer no Cosmo, pelo Universo afora. Isto é feito por um elemento tão proximamente aparentado ao físico quanto possível, e, por outro lado, também tão proximamente aparentado ao espiritual quanto possível, ou seja, isto é feito pelo hidrogênio, em que, para falar corretamente — embora ele seja o mais sutil dos elementos físicos —, o físico totalmente dilacerado, levado pelo enxofre, inunda o âmbito indistinguível do Universo.

Poder-se-ia mesmo dizer que o espírito se fez físico em tais formações, vivendo de modo astral lá dentro do corpo, em sua reprodução como espírito, como um eu. Aí ele vive de modo físico, como espírito transformado em físico. Com o passar do tempo, não se sente bem ali. Quer dissolver-se. Agora precisa, ao umedecer-se por sua vez com o enxofre, de uma matéria dentro da qual abandone toda definição e toda estrutura, expondo-se à incerteza geral, ao lado caótico do Universo, onde mais nada existe desta ou

daquela organização. E a substância que, por um lado, está tão próxima do espiritual e, por outro, tão próxima do material é o hidrogênio. Este carrega para o alto, para as vastidões do Universo, tudo o que de algum modo é elemento astral formado e vivificado, de sorte a poder este ser novamente absorvido pelo Universo, conforme descrevemos. O hidrogênio realmente dissolve tudo.

E vejam os Senhores: temos assim estes cinco elementos que *a priori* realmente representam aquilo que atua e urde tanto no âmbito do vivo como no aparentemente morto — que, a rigor, é apenas transitoriamente morto —: enxofre, carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio; todos estes elementos se relacionam interiormente com um elemento espiritual de espécie bem característica, sendo portanto algo completamente diverso daquilo de que fala nossa química. Nossa química fala apenas dos cadáveres das matérias — não fala das verdadeiras matérias. Precisamos aprender a conhecê-las como sendo sensíveis, vivas. Só que no hidrogênio, justamente por ser ele o aparentemente menos denso, com o menor peso atômico, está realmente contido menos espírito.

Vejam, quando se medita — preciso inserir este assunto já, para os Senhores verem que estas coisas não são concebidas na turvação do espírito —, o que se faz efetivamente? O oriental o faz à sua maneira. Nós, no ocidente da Europa Central, fazemo-lo à nossa. Realizamos uma meditação que apenas indiretamente se apóia no processo respiratório; nós nos meneamos e vivemos na concentração e na meditação. Porém tudo aquilo que fazemos ao nos entregarmos aos exercícios anímicos tem, certamente, uma contrapartida corpórea, se bem que silenciosa e sutil. Sempre — conquanto apenas de um modo até bem suave — o curso regular da respiração, tão intimamente relacionado com a vida humana, é um pouco modificado pela meditação. Meditando, sempre retemos dentro de nós um pouco mais de gás carbônico do que no processo consciente alerta e corriqueiro. Sempre resta um pouco mais de gás carbônico em nós. É por isso que não expelimos a cada momento, conforme se faz na vida compulsiva usual, imediatamente todo o ímpeto do gás carbônico. Ainda retemos um pouco. Não lançamos todo o ímpeto do gás carbônico para fora, onde por toda parte o nitrogênio nos circunda. Retemos uma pequena porção.

Ora, vejam: ao esbarrarem com o crânio em algo como uma mesa, nesse momento os Senhores se tornam conscientes apenas

de sua própria dor; porém ao roçarem mais suavemente, tornam-se conscientes da superfície da mesa, e assim por diante. Isso também ocorre ao meditarem. Os Senhores crescem gradualmente para dentro de uma vivência do nitrogênio que os envolve. Este é o verdadeiro processo na meditação. Tudo se torna conhecimento — mesmo aquilo que vive dentro do nitrogênio. Ora, este é um sujeito muito sabido: ele nos ensina a respeito do que Mercúrio, Vênus e assim por diante fazem, pois ele o sabe, justamente o sente. Eis aí o ponto onde — ainda aludirei com mais precisão a algumas destas coisas — de fato o espiritual já começa a adquirir, na atuação interior, uma determinada relação com a agricultura. Nisto reside, pois, o que sempre provocou o especial interesse de nosso querido amigo Stegemann: essa colaboração entre o anímico-espiritual e aquilo que aí está à nossa volta. Ora, vejam: não é nada ruim que quem tem de cuidar da agricultura possa meditar. Graças a isto ele se torna receptivo às revelações do nitrogênio. Ele se torna cada vez mais receptivo a essas revelações. E por se haver tornado receptivo deste modo às revelações do nitrogênio, passa a exercer agricultura com um estilo e um sentido completamente diferentes de quando não o faz. Então ficamos, repentinamente, sabendo muitas coisas. Elas emergem. Assim sabemos muitas coisas dos segredos que reinam na produção e nas casas dos camponeses.

E vejam, não se pode repetir o que eu disse aqui uma aula atrás, porém eu posso caracterizá-lo de certa maneira novamente. Tomemos então um lavrador, que o erudito não considera erudito; ele está percorrendo sua lavoura. Bem, o homem douto dirá que o lavrador é tolo, mas em realidade isto não é verdadeiro pelo simples motivo de que — perdoem-me, mas é assim — no fundo o lavrador é um meditante. O que ele passa suas noites de inverno meditando é muita, muita coisa. E assim ele já se apropria de algo que constitui uma espécie de conhecimento espiritual. Ele só não sabe expressá-lo. E isso ocorre de um modo tal que de repente aparece. Anda-se pelos campos, e de repente lá está. Fica-se sabendo algo, para comprová-lo depois. Pelo menos em minha juventude, quando convivi com lavradores, eu sempre constatava que é inteiramente assim que acontece.

É realmente necessário ligarmo-nos a estas coisas. O lado meramente intelectualista não basta. Isto não nos introduz em tais

profundezas. É preciso ligarmo-nos a estas coisas. Afinal, a vida e a trama da Natureza são tão sutis que não se deixam capturar pelas grossas malhas dos conceitos intelectuais. Estes erros foram recentemente cometidos pela ciência. Esta quer descobrir com as grossas malhas dos conceitos intelectuais as coisas que, a rigor, são tecidas de modo muito mais delicado.

Vejam, todas estas matérias — o enxofre, o carbono, o oxigênio, o nitrogênio, o hidrogênio — estão reunidas na proteína. E agora haveremos de entender a formação da semente com maior precisão do que pudemos entendê-la até aqui. Vejam, quando de algum modo o carbono, o hidrogênio, o nitrogênio aparecem numa folha, numa flor, num cálice, numa raiz, por toda parte estão ligados de alguma forma a outras matérias. Eles são dependentes destas outras matérias — não são autônomos. Só se tornam independentes por um de dois caminhos: ou quando o hidrogênio leva tudo isto para fora, para as vastidões do Universo, e retira, arranca da coisa qualquer singularidade, deixando tudo desfazer-se num caos geral, ou então quando o hidrogênio impele para dentro da pequena formação da semente as matérias primordiais da proteína e ali as torna independentes, para que fiquem receptivas à influência do Cosmo. Na pequena formação seminal existe caos, e em todo o derredor, por sua vez, também há caos. E aqui um precisa atuar sobre o outro — o caos da semente sobre o caos da esfera mais vasta do mundo. Então surge a nova vida.

E agora verifiquemos como o modo de atuar destas assim chamadas matérias, que na verdade são portadoras de espírito, se realizam na Natureza. Vejam, seja lá o que atue no interior do homem como oxigênio e, por sua vez, como nitrogênio, isso também se comporta, no fundo, de maneira bastante ordenada; aí dentro vivem justamente as propriedades do oxigênio e do nitrogênio. Só que não conseguimos descobrir isso com a ciência comum, porque aparentemente está escondido no interior da Natureza. Mas as decorrências do elemento carbônico e do hidrogênico não conseguem comportar-se tão ordenadamente. Tomemos primeiro o elemento carbônico, quando este, em sua atuação de dentro do reino vegetal, se achega ao reino animal e ao reino humano; então o elemento carbônico precisa tornar-se primeiramente móvel, numa fase transitória. Para apresentar o feitio sólido, precisa então erguer-se sobre uma estrutura mais profundamente situada,

como a que está contida em nosso esqueleto cálcico — uma estrutura que no entanto também está contida no elemento silícico sempre existente dentro de nós; de forma que até certo grau o carbono mascara no homem, e igualmente no animal, sua força formativa, agarrando-se à do cálcio e da sílica. O cálcio lhe proporciona a força formativa terrestre; a sílica, a cósmica. E aqui ele não se declara, nem no próprio homem nem tampouco no animal, como elemento única e inteiramente determinante, e sim se apóia naquilo que o cálcio e a sílica modelam.

Mas também encontramos cálcio como base da vegetação. E precisamos desenvolver um conhecimento a respeito do que o carbono desenvolve em todo o processo humano da digestão, da respiração e da circulação relativamente à construção óssea e à construção silícica, ou seja, a respeito do que se passa lá dentro, que em certa medida veríamos se pudéssemos rastejar lá para dentro e evidenciar, no processo circulatório do homem, o modo como daí a formação carbônica se irradia para os âmbitos cálcico e silícico. Precisamos desenvolver este olhar ao fitarmos uma superfície terrestre recoberta de plantas e contendo cálcio e sílica abaixo de si. Para dentro do homem não se consegue olhar. Mas neste caso devemos desenvolver este conhecimento, devemos poder observar como o elemento oxigênico é recolhido pelo nitrogênico e depois levado para baixo, para o âmbito carbônico, mas para o âmbito carbônico à medida que este se apóia no elemento cálcico e silícico. Podemos também dizer que isso só transcorre por meio do carbono. Podemos ainda dizer que é necessário levar para dentro da terra o que vive nas imediações e é vitalizado como elemento oxigênico. Com a ajuda do nitrogênio isto deve ser introduzido nas profundezas da terra, para ali poder apoiar-se no elemento silícico, formando-se no cálcico.

E este processo pode — bastando apenas termos sensibilidade e receptividade para tal — ser observado do modo mais maravilhoso nas plantas papilonáceas, nas leguminosas — enfim, em todas aquelas que na agricultura podemos chamar de coletoras de nitrogênio —, que de fato estão incumbidas de atrair o nitrogênio para transmiti-lo àquilo que se encontra embaixo delas. E fitando essas leguminosas já se pode dizer que lá embaixo, na terra, há algo carente como, de certa forma, o pulmão humano é carente de oxigênio, porém neste caso carecendo de nitrogênio:

trata-se do elemento cálcário. De fato, lá dentro da terra o elemento calcário está igualmente, diríamos, incumbido de uma espécie de inspiração nitrogênica, do mesmo modo como o pulmão humano está incumbido de uma inspiração oxigênica. E quanto às papilonáceas, essas plantas efetivamente representam algo semelhante ao que acontece em nossas células epiteliais. Pela via da inspiração há um curso descendente. No fundo estas são efetivamente as únicas plantas dessa natureza. Nenhuma das demais se situa próximo à inspiração, mas à expiração. E assim, pois, eu diria que para nossa observação todo o organismo do mundo vegetal se esclarece quando recorremos ao elemento nitrogênico considerando-o uma espécie de respiração do nitrogênio: aí se torna claro todo o organismo do mundo vegetal. Ora, em toda parte onde nos deparamos com papilonáceas vemos, em certa medida, os caminhos da respiração; e onde encontramos outras plantas deparamo-nos com outros órgãos que exercem a respiração num sentido muito mais secreto, tendo, em realidade, outras funções como tarefa.

UFG

Eis a missão: aprendermos a enxergar a natureza das plantas de tal forma que cada espécie apareça disposta dentro de um organismo global do reino vegetal, do mesmo modo como cada órgão humano aparece disposto dentro do organismo global do homem. Devemos poder ver cada uma das plantas como parte de um todo. E vendo as coisas deste jeito, chegamos ao grande significado justamente das papilonáceas. As pessoas chegarão a isto — certamente estas coisas são conhecidas ; mas é necessário reconhecê-las a partir destes fundamentos espirituais, pois do contrário existe o grande perigo de em breve, ao nos perdermos ainda mais da tradição pelo emprego das novidades, chegarmos a caminhos inteiramente errôneos.

É possível ver como realmente atuam essas papilonáceas: todas elas têm o impulso de manter a região frutífera — que nas demais plantas é mais estendida para cima — mais no âmbito foliar. Há uma intenção de dar fruto antes de chegar à florada. Por toda parte as papilonáceas apresentam isto: o querer frutificar antes de chegar à florada. Isto advém do fato de, nessas plantas, ser justamente mantido muito mais junto à terra o que se expressa no elemento nitrogênico — elas levam o elemento nitrogênico para a terra; e nessas plantas esse elemento nitrogênico se expressa de

modo muito mais tendente à terra do que em outras, onde ele se desenvolve a uma distância maior do solo. Os Senhores vêem como essas plantas têm propensão para não colorir as folhas com o verde usual, e sim com um tom um pouco mais escuro. Vêem também como uma espécie de definhamento do fruto propriamente dito está presente nesses vegetais, e como suas sementes são férteis por apenas pouco tempo, perdendo depois a fertilidade. É que essas plantas são organizadas de modo a levar o que o mundo vegetal obtém não do verão, mas do inverno, a um desenvolvimento muito especial. Por conseguinte, poder-se-ia dizer que nessas plantas sempre reside a tendência a esperar pelo inverno; elas querem efetivamente esperar pelo inverno com aquilo que desenvolvem. O crescimento é retardado quando elas encontram em medida satisfatória aquilo de que efetivamente necessitam: suficiente nitrogênio no ar, que a seu modo consigam transportar para baixo.

Bem, vejam, Senhores: são estas as maneiras como se pode penetrar na evolução e na vida daquilo que se passa dentro e em cima do solo. E se a isto ainda acrescentarmos o seguinte: que o elemento cálcico tem realmente uma maravilhosa afinidade com o mundo das cobiças humanas — então veremos como tudo se torna orgânico e vivo. O cálcio, enquanto ainda elemento, já não dá sossego algum, pois quer realizar-se completamente, tornar-se cal, combinar-se com o oxigênio; mas ainda assim não fica contente — cobiça tudo quanto é possível, todos os ácidos [óxidos] metálicos possíveis, querendo até mesmo absorver o betume, que nem mais mineral é. Quer atrair tudo para si, desenvolvendo no solo a verdadeira natureza da cobiça. Quem tiver sensibilidade encontrará a diferença que se experimenta diante de uma outra substância. A cal, de fato, nos exaure. Tem-se aí a nítida sensação de que o que realmente mostra uma natureza cobiçosa, espalhada por toda parte onde está o elemento cálcico, a rigor também atrai o vegetal. Só que sempre tem de ser-lhe arrebatado. Por quem lhe é arrebatado? Por aquele que é incrivelmente nobre e nada mais deseja.

Tal nobreza existe — aquela que realmente nada mais deseja e que repousa em si mesma. Trata-se do elemento silícico. Este chegou ao repouso em si próprio. E quando as pessoas crêem que só conseguiriam ver o silícico naquilo que tem sólidos contornos minerais, estão enganadas. O elemento silícico está em toda parte, em dosagem homeopática, e repousa em si mesmo, não fazendo qualquer exigência. A cal exige tudo, mas o silícico não exige absolutamente mais nada. Este é como nossos órgãos dos sentidos, que tampouco são percebidos por si próprios, mas percebem o exterior. O elemento silícico é o sentido exterior geral no âmbito terrestre; o calcário é a cobiça exterior geral nesse mesmo âmbito, e a argila intermedia ambos. A argila situa-se um pouco mais próximo ao silícico, mas sempre intervém em direção à cal.

Ora, vejam, seria preciso compreender isto de modo a chegar a um processo cognitivo sensível. Também se deveria sentir a cal, por sua vez, como o sujeito cobiçoso, sendo ela quem quer justamente apoderar-se de tudo, e a sílica como aquele nobre senhor que introduz no âmbito atmosférico tudo o que é arrebatado à cal, o que lhe escapa, desenvolvendo então as formas das plantas. Ali ele vive entrincheirado como num castelo, tal qual ocorre na cavalinha [*Equisetum*], ou vive em toda parte de modo delicado, em grau débil, embora também às vezes distribuído em dosagem muito homeopática, provocando efetivamente aquilo que aí precisa ser arrebatado à cal. Vejam que aqui se apresenta algo existente como uma atuação incrivelmente íntima da Natureza.

O carbono é o efetivo agente estruturador em todas as plantas, o formador do aspecto estrutural. Porém, no curso da evolução terrestre isto lhe foi tornado difícil. O carbono poderia dar feitio a todas as plantas se embaixo dele houvesse apenas água. Então tudo cresceria; mas eis que a cal está embaixo e o incomoda, e por isso ele se combina com a sílica — e sílica e carbono juntos, ora em associação com a argila, plasmam por sua vez justamente porque a resistência do elemento cálcico precisa ser vencida. Como vive, afinal, uma planta dessas ali dentro?

Lá embaixo o elemento cálcico quer agarrá-la com tentáculos; aqui em cima o silícico quer torná-la tão inteiramente delicada, esguia e fibrosa como as plantas aquáticas, mas bem no meio, plasmando nossas verdadeiras formas vegetais, está o carbono, que ordena tudo isto. E é exatamente da maneira como nosso corpo astral gera ordem entre o eu e o corpo etérico que o nitrogênio atua como o elemento astral situado no meio. Cumpre aprender a entender isto — como o nitrogênio opera, ali dentro, entre o elemento cálcico, o argiloso e o silícico e entre tudo aquilo que, apesar de tudo, o elemento cálcico ainda re-

[illegible]ma continuamente para baixo e o silícico desejaria irradiar continuamente para cima.

Neste momento surge a seguinte questão: como introduzir corretamente o elemento nitrogênico no mundo vegetal? Amanhã nos ocuparemos desta questão, vindo a encontrar assim o caminho para as formas de adubar.

Quarta conferência

Koberwitz, 12 de junho de 1924

Forças e substâncias que adentram o espiritual: a questão da adubação

Por certo os Senhores viram que, na descoberta de métodos científico-espirituais destinados também à agricultura, de certa forma trata-se de observar a Natureza e a atuação do espírito na Natureza de uma maneira ampla e em sua esfera abrangente, enquanto a ciência de coloração materialista chegou cada vez mais a entrar nos círculos pequenos, ou seja, na pequenez. Embora em algo como a agricultura não se tenha sempre de lidar de imediato com o minúsculo, com o microscopicamente pequeno, com o qual tão amiúde se tem de lidar nas demais ciências, todavia é preciso lidar com aquilo que atua em âmbitos restritos, bem como com o que pode ser deduzido do efeito desses âmbitos. Entretanto, o mundo em que vivem o homem e outros seres terrestres não é, em absoluto, algo que só se possa realmente apreciar a partir de âmbitos restritos. Proceder desta maneira diante do que efetivamente interessa justamente, por exemplo, na agricultura, conforme procede hoje a ciência corrente, seria o mesmo que querer conhecer toda a essência do homem, digamos, por seu dedo mínimo e pelo lóbulo de sua orelha, querendo construir a partir daí aquilo que interessa de modo geral e mais amplo. Em contrapartida devemos, por nosso lado, propor — e hoje isto é necessário na medida do possível — uma verdadeira ciência que se abra para os grandes contextos mundiais.

O quão fortemente a ciência — quer no atual sentido corrente, quer no sentido corrente de alguns anos atrás — precisa corrigir-se a si mesma é algo que se depreende dos disparates científicos que, não muito tempo atrás, predominaram, por exemplo, com relação à alimentação do homem. Todas estas coisas eram inteiramente científicas; eram também cientificamente comprovadas, e absolutamente nada se podia objetar à sua comprovação quando se permanecia apenas naquilo que era justamente levado em conta. Considerava-se cientificamente comprovado que um ho-

mem, tendo um peso corporal médio de setenta e cinco quilogramas, precisa de aproximadamente cento e vinte gramas de proteína como alimento. Ora, como eu disse, isto estava, por assim dizer, cientificamente comprovado. Hoje, nenhuma pessoa possuidora de opiniões científicas acredita mais nessa sentença, uma vez que a ciência se corrigiu a si mesma. Atualmente todos sabem que cento e vinte gramas de alimento protéico não só não são necessários como são diretamente prejudiciais, e que no fundo o homem permanece mais sadio quando absorve apenas cinqüenta gramas por dia. Aqui a ciência corrigiu-se a si própria. Hoje se sabe que efetivamente é assim: quando se ingere proteína em excesso, esta gera no intestino produtos intermediários de efeitos tóxicos. E se examinamos não apenas as imediatas épocas de vida em que a proteína é ministrada à pessoa, porém sua vida inteira, reconhecemos que é principalmente destes efeitos tóxicos da proteína supérflua que provém a arteriosclerose na velhice. É desta maneira que as pesquisas científicas a respeito, por exemplo, do homem são muitas vezes enganosas, por considerarem apenas o momento. Entretanto uma vida humana, quando normal, dura muito mais do que dez anos, e os efeitos nocivos das causas tão almejadas e aparentemente favoráveis se instalam, com freqüência, muito tarde.

A Ciência Espiritual é capaz de justamente sucumbir menos a tal erro. Certamente não desejo, em absoluto, aderir à crítica barata, exercida com muita freqüência pelo fato de a ciência corrente precisar corrigir-se da maneira como acabo de expressar. É fácil entender que isto não pode ser diferente, sendo também necessário. Mas, por outro lado, é igualmente barato precipitar-se sobre a Ciência Espiritual quando esta quer intervir na vida prática — pelo fato de necessitar justamente ver os contextos maiores da vida, saltando-lhe então aos olhos aquelas forças e substâncias que adentram o espiritual, e não somente as forças e substancialidades grosseiramente materiais. Isto também vale inteiramente para a agricultura, e em especial quando aí se tem em vista a questão da adubação.

Já a própria freqüência com que hoje justamente os cientistas sentenciam, ao ser considerada a questão da adubação, já demonstra haver realmente uma visão pouco verdadeira do que a adubação significa de fato na faina da Natureza. É muito freqüente ouvir-

se hoje a alegação de que o adubo contém os nutrientes para as plantas. Pois bem, eu pronunciei estas poucas sentenças introdutórias a fim de mostrar-lhes de que forma, com relação à comida do homem, justamente nos últimos tempos, isto é, na atualidade imediata, a ciência precisou corrigir-se. Precisou corrigir-se por partir de uma visão inteiramente errônea relativa à nutrição de qualquer ser.

Vejam: acreditava-se que o mais importante da nutrição — não me levem a mal por dizer as coisas com tamanha franqueza — seria aquilo que se come diariamente. Ora, o que se come todo dia é deveras importante. Mas a maior parte daquilo que se come diariamente não existe, de modo algum, para ser absorvida pelo corpo como substância e ser depositada nele. A maior parte existe para entregar ao corpo as energias que contém em si, a fim de mobilizá-lo. E a maior parte daquilo que absorvemos deste modo é realmente eliminada de novo, de modo a ser forçoso dizer que não se trata principalmente de uma disposição metabólica segundo o peso, e sim de podermos absorver corretamente em nós, com os alimentos, a vitalidade das energias. Ora, nós utilizamos essa vitalidade, por exemplo, quando andamos ou trabalhamos, e sobretudo quando movemos os braços.

Por outro lado, aquilo de que o corpo necessita para depositar em si as substâncias, enriquecendo-se, por assim dizer, com elas — aquelas substâncias que são novamente repelidas ao se renovar, a cada sete ou oito anos, a substância corpórea —, em sua maior parte é absorvido pelos órgãos dos sentidos, pela pele e pela respiração. Deste modo, aquilo que o corpo realmente precisa absorver como substância, aquilo que ele precisa depositar, ele o absorve continuamente numa dosagem extremamente sutil, adensando-o então no organismo. Ele o retira do ar, enrijecendo-o e adensando-o então a tal ponto que precisamos depois apará-lo nas unhas, nos cabelos e assim por diante. É totalmente errôneo estabelecer a fórmula: alimentação absorvida, passagem pelo corpo, unhas, escamação da pele e coisas similares; deve-se, sim, formular o seguinte: respiração, a mais delicada absorção pelos órgãos dos sentidos, até mesmo pelos olhos, passagem pelo organismo, eliminação. Enquanto isso, de fato, o que absorvemos pelo estômago é importante por possuir, qual um combustível, mobilidade interior que introduz no corpo as forças para a vontade atuante nele.

001085

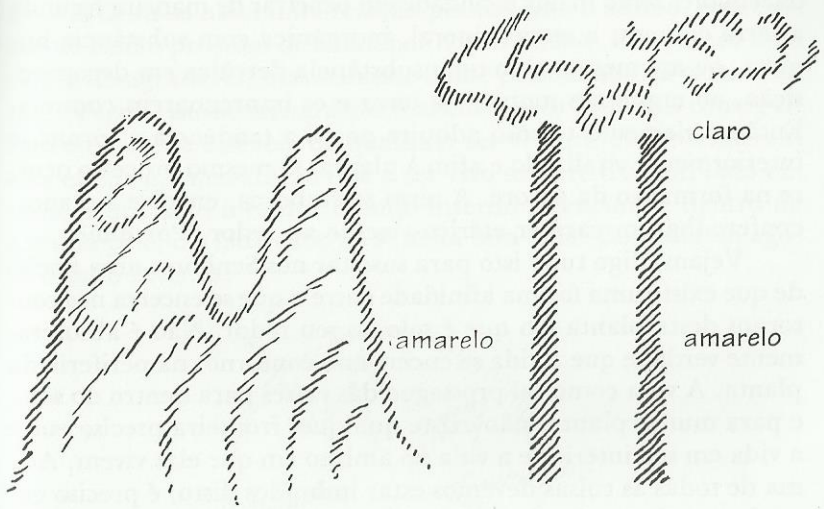
Ora, vejam: as pessoas ficam mesmo completamente desesperadas quando vêem aproximarem-se da verdade, daquilo que simplesmente resulta da Ciência Espiritual, os pontos de vista da atual ciência, que defende exatamente o inverso. Ficam desesperadas por dizerem-se a si mesmas ser tão difícil entenderem-se de todo, nas questões mais importantes, com essa ciência atual. E tal compreensão precisa advir, pois sem dúvida alguma a ciência atual levaria a um beco-sem-saída justamente diante da vida prática. E por si própria ela simplesmente não consegue compreender certas coisas contra as quais quase se choca com o próprio nariz. Nem me refiro aos experimentos. Via de regra é verdade o que a ciência diz sobre eles. Podemos muito bem utilizar os experimentos; ruim é o que em seguida se teoriza. Lamentavelmente é daí que provêm as indicações práticas para os diversos campos da vida. Ao se examinar isto é que se constata a dificuldade do entendimento. Mas por outro lado esse entendimento precisa chegar aos âmbitos mais práticos da vida, aos quais pertence a agricultura.

Vejam, é preciso já ter conhecimentos, nas diversas áreas da vida agrícola, sobre o modo de atuação do espiritual, quando se quer tratar as coisas de modo correto. A criança, enquanto não sabe para quê serve um pente, morde-o e emprega-o num sentido completamente inadequado e impossível. E assim também se empregam as coisas num sentido inadequado e impossível quando não se conhece sua natureza e o modo como o assunto em questão se comporta efetivamente no caso delas.

Para chegar a uma idéia, observemos, por exemplo, uma árvore. Vejam, uma árvore se diferencia de uma planta sazonal comum, que permanece meramente herbácea. Ela se envolve com a casca, com o córtice e assim por diante. Qual é, afinal, a natureza dessa árvore em contraste com a planta sazonal? Comparemos tal árvore com um monte de terra que se tenha escavado e que seja extraordinariamente rico em húmus, contendo quantidades extraordinariamente elevadas de matéria vegetal mais ou menos em decomposição e, talvez, também matéria animal decomposta [desenho ao lado].

Admitamos que este seja um monte de terra dentro do qual eu queira fazer uma depressão em forma de cratera — um monte rico em húmus — e que esta seja a árvore. Por fora há o mais ou menos sólido e por dentro cresce o que leva à configuração da

286109



árvore. Aos Senhores parecerá estranho que eu coloque estas duas coisas lado a lado. Mas elas têm, entre si, mais afinidade do que os Senhores pensam. Ora, essa terra que, conforme descrevi, está impregnada de substâncias humosas em vias de decomposição, essa terra contém algo etérico-vivente. E é isto que importa. Quando temos uma terra assim, que por sua condição peculiar nos mostra conter algo etérico-vivente, é porque está efetivamente em vias de tornar-se o invólucro da planta. Só que não perdura, não chega a tornar-se o invólucro vegetal que se recolhe para dentro da casca, para dentro do córtice da árvore. E os Senhores podem imaginar que na Natureza isso não chega a ocorrer. É que simplesmente em vez de se formar tal monte de terra, nele penetrando o húmus que atua no solo pelas particularidades características provindas do etérico-vivente, o monte simplesmente envolve a planta com uma forma evolutiva mais elevada.

Por conseguinte, quando em qualquer lugar da Terra se destaca um nível, ou seja, a superfície da parte interior, tudo aquilo que se ergue acima desse nível normal de determinada região mostrará uma tendência especial para o vivo, mostrará uma tendência especial para impregnar-se com o etérico-vivente. Portanto,

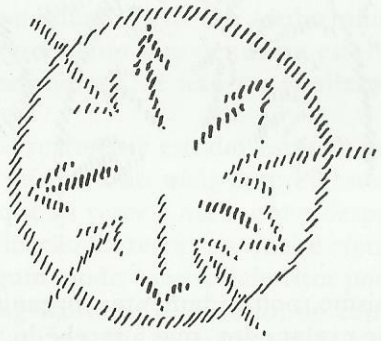
os Senhores terão maior facilidade em penetrar de maneira fecunda a terra comum, a terra mineral, inorgânica com substância humosa, ou até mesmo com uma substância detrítica em decomposição, ao erguerem montes de terra e os impregnarem com ela. Então o elemento terroso adquire por si a tendência a tornar-se interiormente vitalizado e afim à planta. O mesmo processo ocorre na formação da árvore. A terra se emborca, envolve a planta, confere-lhe um caráter etérico-vivente ao redor. Por quê?

Vejam, digo tudo isto para suscitar nos Senhores uma noção de que existe uma íntima afinidade entre o que se encerra nos contornos desta planta e o que é solo ao seu redor. Não é absolutamente verdade que a vida se encerra no contorno, na periferia da planta. A vida como tal prossegue das raízes para dentro do solo, e para muitas plantas não existe qualquer fronteira precisa entre a vida em seu interior e a vida no âmbito em que elas vivem. Acima de todas as coisas devemos estar imbuídos disto, é preciso entendermos isto a fundo para podermos efetivamente compreender a natureza de uma terra adubada ou de uma terra trabalhada de algum outro modo semelhante.

Cumpre saber que a adubação deve consistir numa revitalização do solo, para que a planta não entre na terra morta e tenha dificuldade para, a partir de sua vitalidade, cumprir o que é necessário até à formação da fruta. Ela cumpre com maior facilidade o que é necessário a essa formação quando já é mergulhada na vida. No fundo, toda vegetação tem este caráter suavemente parasitário, que a faz realmente evoluir na terra viva como um parasita. E é assim que deve ser. Uma vez que em muitas regiões da Terra não se pode contar com o fato de a Natureza, por si própria, lançar no solo suficientes resíduos orgânicos que este então decomponha a ponto de ficar suficientemente perpassado de vida, nessas regiões nós devemos vir em socorro da vegetação utilizando o adubo. Faremos isso o menos possível nas regiões onde exista a assim chamada terra preta, pois neste caso a própria Natureza cuida, de fato, para que a terra seja suficientemente vitalizada, pelo menos em certas zonas.

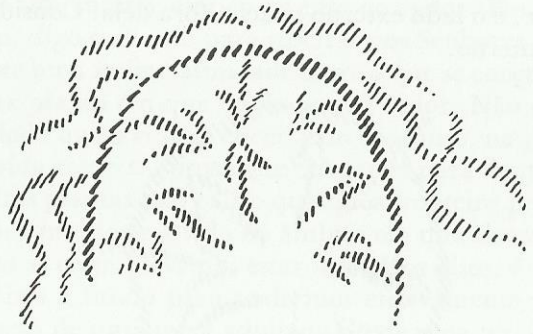
Os Senhores podem ver que é preciso, portanto, realmente entender do que se trata aqui. Porém ainda cumpre entender uma outra coisa: deve-se saber alcançar — é uma dura frase — uma espécie de vínculo pessoal com tudo o que interessa à agricultura,

e antes de mais nada uma relação pessoal com o adubo, especialmente com o processo de trabalhar com o adubo. Isto parece uma tarefa desagradável, mas sem este liame pessoal não dá certo. Por quê? Vejam, isto se tornará claro assim que os Senhores conseguirem entender a essência de qualquer ser vivente. Ao entenderem essa essência, constatarão que o ser vivo sempre tem um lado externo e um lado interno. O lado interno se encontra dentro de alguma pele, e o lado externo se acha fora dela. Considerem agora o lado interno.



O lado interno não possui apenas correntes energéticas dirigidas para fora, no sentido destas flechas [desenho]; a vida interior de um ser orgânico tem fluxos de energia que vão da pele para dentro, sendo impelidos de volta. Ora, o ser orgânico está envolto, exteriormente, por todos os possíveis fluxos energéticos. Neste caso há algo que, de um modo mais exato, porém um tanto pessoal, expressa o modo como o ser orgânico deve formular a relação entre seu interior e seu exterior. Tudo o que, na qualidade de efeitos energéticos, acontece no interior do ser orgânico, ou seja, efetivamente no interior do organismo, e portanto dentro dos contornos de sua pele, suscitando e mantendo vida, tudo isto deve — perdoem novamente a expressão rigorosa — recender por si, e poderíamos dizer, mesmo, feder. E no fundo a vida consiste essencialmente nisto — no fato de aquilo que normalmente propaga cheiro ao evaporar-se ser, ao invés disto, mantido coeso, para as coisas que recendem não irradiarem muito intensamente para fora, e sim serem retidas no interior, recendendo aí. Para fora,

o organismo deve viver de maneira a exteriorizar o menos possível, através de sua pele limitante, o que nele gera vida odorífica; assim sendo, poder-se-ia dizer que um ser orgânico é tanto mais sadio quanto mais recende no interior e quanto menos recende para fora [desenho].



Ora, o organismo, nomeadamente o organismo vegetal, está predestinado a não exalar odor, mas a recebê-lo. E quando se descobre a ação estimulante de um prado cheiroso, impregnado de plantas aromáticas, tornamo-nos atentos ao que, na vida, exerce apoio de efeito mútuo. Esse fator recendente que aí se propaga, sendo diferente do mero odor da vida, recende por motivos que ainda poderemos bem apresentar, sendo o que agora atua de fora sobre a planta. Todas estas coisas devem ser efetivamente mantidas vivas na relação pessoal, para então estarmos inseridos na verdadeira Natureza.

Portanto, doravante tratar-se-á de reconhecermos que a adubação e tudo o que se lhe assemelha devem consistir em conferir um certo grau de vitalidade ao solo — porém não apenas conferir-lhe um certo grau de vitalidade, mas também dar-lhe a possibilidade, à qual me referi em especial ontem, de ter em si o nitrogênio propagado de tal modo que, ao longo de determinadas linhas de força, conforme lhes mostrei, a vida seja suportada justamente com a ajuda do nitrogênio. Ao adubar devemos, portanto, trazer tanto nitrogênio ao âmbito da terra que o elemento vivo seja transportado justamente às estruturas situadas sob a planta, às quais

BC UFG

deve ser levado na área destinada ao plantio. É esta, portanto, a tarefa. Contudo, tal tarefa precisa ser executada de maneira exata e objetiva.

Agora vejam: isto já pode fornecer um forte indício de que, ao empregarem o mineral, o puramente mineral como adubo, os Senhores jamais se aproximam realmente do elemento terroso, e sim, no caso mais extremo, do elemento aquoso da terra. Com meios minerais de adubação os Senhores conseguem produzir um efeito no meio aquoso do solo, porém não progridem na vitalização da terra propriamente dita. Por conseguinte, as plantas que se encontram sob a influência de um adubo mineral qualquer lhes mostrarão um crescimento que denuncia estar apoiado somente na aquosidade estimulada, e não na vitalização da substância terrosa.

Se quisermos realmente estudar estas coisas, faremos o melhor recorrendo primeiro ao mais despretensioso dos adubos — o composto —, que às vezes é até mesmo desprezado. Temos aí um meio de vivificação da terra, na qual é efetivamente inserido tudo o que de algum modo constitui detritos pouco considerados, provenientes da agricultura, do jardim, do capim que deixamos decompor-se, até da matéria formada por folhas que caem e coisas do gênero, e até mesmo dos restos de animais mortos e assim por diante. Ora, vejam, não se deveria absolutamente desprezar tais coisas; elas ainda contêm algo preservado — não só de etérico, mas até mesmo de astral. Isto é importante. No monte de composto temos efetivamente, de tudo o que nele penetra, algo de etérico, com existência etérica, algo vivo, mas também astral. E embora tenhamos aí dentro algo com existência etérica e astral em grau não tão intenso quanto no adubo ou no estrume, temo-lo porém, em certa medida, mais firme; lá dentro ele se assenta, assentando-se especialmente mais o astral. E basta levarmos em adequada consideração esse assentamento. O astral, em sua atuação sobre o nitrogênio, é imediatamente afetado quando existe um elemento etérico proliferando muito intensamente. Uma vida que prolifere muito intensamente no etérico não deixa, por assim dizer, surgir o astral no monte de composto.

Outrossim, existe na Natureza algo a cuja preferência por essa Natureza já me referi aos Senhores dos mais diversos pontos de vista. Trata-se do elemento cálcico. Adicionem, portanto, esse ele-

mento ao monte de composto, quiçá sob forma de cal virgem, e então surgirá a peculiaridade de que, sem atuarmos muito intensamente sobre a recendência do astral, o etérico será absorvido pela cal virgem, de modo que também o oxigênio seja sugado e o astral possa ser levado a atuar de uma bela maneira. Com isto se alcança algo bem específico: adubando com composto, consegue-se comunicar ao solo algo tendente a impregnar muito intensamente o astral com o terroso, sem o desvio do etérico.

Por conseguinte, imaginem que o astral, sem fazer antes o desvio pelo etérico, penetre muito intensamente no terroso, de forma que este se torne muito especialmente, eu diria, astralizado, e por esta via indireta se impregne de elemento nitrogenado; sendo assim, o que aí se engendra é realmente muito semelhante a um certo processo, no organismo humano, afeito à planta, porém tão afeito que dá pouco valor a propiciar a formação do fruto, atendo-se, por assim dizer, à formação da folha e do caule. Na realidade precisamos ter dentro de nós este processo que comunicamos à terra, a fim de induzirmos adequadamente os alimentos à vivacidade que eu lhes disse dever estar presente. Mas também estimulamos o solo a essa vivacidade ao tratá-lo da maneira descrita. E com isto preparamos o solo capacitando-o a produzir-nos algo que venha a ser particularmente bom quando consumido, por exemplo, pelos animais — de modo que estes, sob sua influência mais ampla, desenvolvam vivacidade interior e tornem o corpo interiormente ativo. Em outras palavras, isto quer dizer que faremos bem em adubar com esse composto nossos prados e nossas pastagens, e que além disto, conduzindo as coisas com rigor — ou seja, realizando os outros procedimentos afins —, chegaremos a conseguir uma boa forragem, uma forragem tal que, mesmo segada, seja útil como forragem seca. Mas eu diria que, para proceder corretamente em tais coisas, deve-se justamente examinar todo o conjunto, pois o que se deve fazer aí, em pormenores, muitas vezes depende, naturalmente, do sentimento. Contudo, este sentimento se desenvolve quando perscrutamos corretamente toda a natureza do processo.

Ora, por outro lado, se simplesmente deixarmos o monte de composto tal qual o descrevi até aqui, poderá ocorrer muito facilmente de ele espalhar seu campo astral para todos os lados. E é por isso que se tratará de agora desenvolver a relação pessoal com

estas coisas, para, na medida do possível, levar um monte deste tipo a recender ao mínimo, o que se pode conseguir facilmente tentando primeiro dispor camadas finas, depois colocando em cima, digamos, um pouco de turfa moída e novamente uma camada, e assim por diante. Com isto se manterá unido o que de outro modo se evaporaria. Ora, o nitrogênio é realmente aquilo que procura de muito bom grado a amplidão, por todas as possíveis combinações formais. Aqui ele é contido. O que quero indicar com isto é, principalmente, que se deve tratar todo o ente agrícola justamente com a convicção de se dever espargir a vida, e até mesmo o elemento astral, em todas as direções para a coisa toda surtir efeito.

A partir daí, entretanto, pode evidenciar-se algo diferente. Alguma vez os Senhores já consideraram por que as vacas têm chifres, ou por que certos animais têm galhada? Esta é uma questão extraordinariamente importante. Mas o que a ciência oferece sobre isto é, em geral, algo extraordinariamente unilateral e superficial. Respondamos à questão sobre os chifres das vacas. Vejam, eu disse que o orgânico, o vivente nem sempre deve ter fluxos de energia dirigidos apenas para fora; ele também pode tê-los dirigidos para dentro. Agora, imaginem um ser orgânico de constituição aglomerada, tendo fluxos de energia rumo ao exterior e fluxos de energia rumo ao interior. O conjunto seria deveras irregular, e na verdade viria a existir um ser organicamente aleijado, um ser vivo aleijado. Teríamos vacas de aparência muito estranha, se fosse esse o caso. Seriam todas aleijadas com pequenos indícios de pés, tal qual ainda na primeira fase embrionária. Assim permaneceriam, parecendo grotescas. Mas na verdade a vaca não está constituída assim — ela possui chifres e cascos. O que acontece nos locais onde crescem o casco e o chifre? Aí se forma um local que envia, de modo excepcionalmente intenso, as correntes para o interior. Aí o exterior é rigorosamente isolado. Então não só a comunicação através da pele permeável ou do pêlo, mas os portões para o que flui para o exterior, estão completamente fechados. Por isso a formação do chifre está ligada a toda a conformação do animal. A formação de chifre e de casco se relaciona com toda a constituição do animal.

Algo inteiramente diverso ocorre na formação da galhada. Neste caso não se trata de os fluxos serem reconduzidos ao orga-

nismo, e sim de certas correntes serem justamente dirigidas um pouco para fora, existindo válvulas através das quais essas correntes — que não precisam ser sempre líquidas ou aeriformes, podendo também ser correntes de energia localizadas na galhada — são descarregadas lá fora. O veado é belo por ter uma intensa comunicação com suas imediações, por enviar para fora alguns de seus fluxos e por conviver com a redondeza, absorvendo assim tudo o que atua organicamente nos nervos e nos sentidos. Ele se torna um veado nervoso. Sob um certo aspecto, todos os animais que têm galhada são perpassados por um suave nervosismo, já perceptível em seus olhos.

A vaca tem chifres a fim de enviar para dentro de si aquilo que deve ter ação formativa no plano etérico-astral, isto é, aquilo que deve avançar na interiorização até o organismo digestivo, de modo a se criar muita atividade na área da digestão justamente pela irradiação oriunda dos chifres e dos cascos. Por conseguinte, quem quiser entender a febre aftosa, isto é, a retroação do periférico sobre o trato digestivo, precisa descobrir esta relação. E o nosso remédio contra a febre aftosa está fundamentado na descoberta desta relação. Ora, vejam: por este meio tem-se no chifre algo que, por sua natureza e substancialidade peculiares, está bastante apto a refletir para dentro da vida interior os aspectos vital e astral. No chifre existe algo irradiante de vida, e até mesmo irradiante de astral. É isso mesmo. Se pudéssemos arrastar-nos pelo organismo vivo da vaca, ao chegar à barriga poderíamos cheirar a maneira como o vital-astral flui dos chifres para dentro. No caso dos cascos ocorre algo análogo.

Vejam, isto agora fornece uma indicação para tais coisas, para o modo como podem ser recomendadas de nossa parte a fim de se aumentar mais, em sua eficácia, aquilo que hoje é empregado no adubo comum de estábulo. Em que consiste, afinal, esse adubo comum de estábulo? Consiste naquilo que penetrou no animal como alimento exterior, tendo sido absorvido pelo organismo até certo grau, até certo ponto, dando assim ensejo a surgirem nele, dinamicamente, efeitos energéticos; porém de modo algum foi empregado em primeira linha para enriquecimento com substância, e sim eliminado novamente. Contudo esteve no organismo, tendo-se impregnado de astral e de etérico. No plano astral foi perpassado pelas forças portadoras de nitrogênio, e no etérico pelas forças portadoras de oxigênio. Com isto é que foi permeada a massa que agora aparece como esterco.

Imaginem agora que tomemos essa massa e a entreguemos de uma forma qualquer à terra — ainda entraremos nos pormenores —, fornecendo efetivamente a ela um elemento astral-etérico situado legitimamente na barriga do animal, onde produz forças de natureza vegetal. Sim, pois as forças que produzimos em nosso trato digestivo são de natureza vegetal. A rigor devemos ser tremendamente gratos por restar esterco, pois este transporta elemento etérico e astral do interior dos órgãos para fora, para o ar livre. Aí isso permanece. Só que devemos mantê-lo de forma adequada, de modo a termos, no esterco diante de nós, o que é etérico e astral. Com isto já se atua de maneira vitalizante e também astralizante sobre o solo, no elemento terroso. Não somente no aquoso, mas nomeadamente no terroso. Essa adição dispõe da força para vencer o aspecto inorgânico do elemento terroso.

Ora, o que se entrega à terra deve naturalmente perder sua forma originária, possuída antes de ser absorvida como alimento, pois este deve ter justamente atravessado um processo orgânico interior do sistema metabólico. Estará, de certo modo, em vias de decomposição, de dissolução. Mas o melhor é quando está mesmo naquele ponto em que, por força de seu próprio etérico e astral, está em vias de dissolver-se. Aí se instalam então os parasitas, os mais minúsculos seres vivos. Estes têm aí um bom terreno nutritivo. Por isso se acredita também que estes seres parasitários têm algo a ver sobretudo com a qualidade do adubo. Entretanto, na verdade constituem apenas os indicativos de que o adubo se encontra neste ou naquele estado. É por indicarem isto que podem ter significância. Mas se acreditarmos que por meio de inoculação com estas bactérias e com coisas semelhantes conseguimos tornar o adubo radicalmente melhor, estaremos entregando-nos a uma ilusão. Pela aparência externa este poderá ser o caso, no início, mas na realidade não o é. Voltarei a falar do quanto, realmente, estas coisas não vêm ao caso. Mas agora prossigamos.

Tomemos o adubo, tal qual podemos obtê-lo, enchamos com ele um chifre de vaca e enterremo-lo a uma determinada profundidade — eu diria a uns três quartos até meio metro de profundidade, se tivermos embaixo um solo nem muito argiloso nem muito arenoso. Para isto podemos escolher uma boa terra, que não

seja arenosa. Vejam, por termos enterrado o chifre de vaca com seu conteúdo de esterco, conservamos dentro do chifre as forças que este estava habituado a exercer na própria vaca, isto é, refletir o que é vivificante e astral. Pelo fato de o chifre de vaca estar envolto externamente pela terra, é para dentro de sua cavidade interna que se dirigem todas as radiações voltadas à eterização e à atralização. E o esterco contido no chifre será vitalizado interiormente com essas forças que com isso atraem da terra adjacente tudo o que é vivificador e etérico; ao longo do inverno — quando a terra está, portanto, vitalizada ao máximo —, todo o conteúdo do chifre é vivificado interiormente. É no inverno que a terra está mais vitalizada por dentro. Todo o aspecto vivente será conservado neste esterco, obtendo-se com isto uma força de adubação extraordinariamente concentrada, vivificadora, no conteúdo do chifre de vaca.

Então pode-se desenterrar o chifre, retirando-se lá de dentro o que há de esterco. Em nossas últimas experiências em Dornach os Senhores próprios se convenceram de que, ao retirarmos o esterco, este absolutamente não fedia mais. Isto foi muito notável. Ele não tinha mais qualquer cheiro, mas começava naturalmente a cheirar um pouco ao ser tratado novamente com água. Isto prova que tudo o que recende está concentrado e elaborado nele. Lá dentro existe uma poderosa força de astralidade e de etericidade, força que se pode usar diluindo, após ter hibernado, o conteúdo retirado do chifre de vaca em água comum, que talvez só deva ser um pouco aquecida. Sempre resultou que, tendo eu examinado antecipadamente a superfície a ser adubada — obtendo deste modo uma idéia da quantidade —, e querendo-se tratar com tal adubo uma superfície medindo aproximadamente, digamos, da terceira janela até talvez a primeira passagem transversal (cerca de 1.200 m^2), basta usar para isto somente um chifre de vaca, cujo conteúdo se dilui em mais ou menos meio balde de água. Então é necessário promover uma profunda ligação de todo esse conteúdo do chifre com a água. Isto quer dizer que se deve agora começar a mexer, e até mexer de modo a girar rapidamente junto à beirada do balde, mexendo ao longo da periferia a fim de se formar uma cratera no interior até quase o fundo, para que o todo esteja efetivamente em rotação mediante o movimento giratório. Em seguida reverte-se depressa o sentido, a fim de que o todo borbulhe

para o lado contrário. Prosseguindo com isto por uma hora, obtemos uma impregnação profunda.

Basta, na verdade, levar em consideração quão pouco trabalho é necessário. A carga de trabalho não será muito grande para estas coisas. Além disso, eu poderia imaginar que os membros normalmente desocupados de uma área agrícola terão um divertimento especial em, pelo menos no começo da coisa, mexer o esterco exatamente desse modo. Portanto, se as filhas e os filhos da casa cuidassem disto, então esse cuidado poderia ocorrer da forma mais maravilhosa. É que constitui uma sensação muito agradável descobrir como precisamente um odor, embora ainda mantido suave, se desenvolve de dentro do inteiramente inodoro. Esta relação pessoal que os Senhores podem desenvolver com o assunto tem algo de extraordinariamente benéfico para a pessoa que de bom grado se apercebe da Natureza em geral, e não apenas tal qual consta no guia de turismo.

Vejam, então se tratará apenas — em áreas pequenas podemos fazê-lo com a ajuda de um regador comum — de ir borrifando a coisa sobre solo arado, para que ela se una à terra. É bem evidente que se precisará fazer a coisa de maneira a construirmos máquinas especiais para áreas maiores. Mas ao se promover a ligação da adubação comum com esta espécie de, eu diria, "esterco espiritual", então já se verá qual fertilidade pode advir dessas coisas. Em especial se verá que estas coisas são extraordinariamente passíveis de desenvolvimento. É que a esta medida que acabo de descrever pode-se adicionar imediatamente uma outra, consistindo do seguinte:

Tomam-se novamente chifres de vaca, porém desta vez não os enchendo com esterco, e sim com quartzo ou cascalho, ou mesmo ortoclásio ou feldspato, tudo moído ao ponto de farinha, da qual se faz uma papa com a consistência de uma massa muito rala, enchendo-se com isto o chifre. Agora, em vez de deixar o chifre hibernar, deixamo-lo passar o verão e retiramo-lo depois após essa estação — no fim do outono —, guardando então o conteúdo até a primavera seguinte; depois retiramos aquilo que, na terra, esteve exposto à vida estival, tratando-o de modo semelhante, porém desta vez empregando quantidades muito menores. Os Senhores podem portanto dissolver, mexendo num balde d'água, uma porção do tamanho de uma ervilha, quiçá até de um pedacinho

do tamanho da cabeça de um alfinete. Só que também é preciso mexer durante uma hora. Ao utilizarem isto para borrifar a parte externa das próprias plantas — dará resultados especiais com hortaliças e similares —, não para regar de modo grosseiro, mas para aspergir, os Senhores verão como isto, por seu lado, irá apoiar protetoramente o efeito que emana da terra através do esterco de chifre de vaca.

E se realmente espalhássemos a coisa pelas lavouras, o que não seria absolutamente tão, digamos, irregular — por que não seria igualmente possível ter máquinas não tão difíceis de construir, que simplesmente borrifassem lavouras inteiras com a rega bem fraca que usamos? —, então os Senhores veriam como o esterco do chifre de vaca impele de baixo para cima, e o outro atrai do alto, não o fazendo com intensidade nem muito fraca nem muito forte. E isto poderia atuar de forma maravilhosa justamente nos frutos com sementes.

Vejam, eu diria que as coisas são justamente retiradas de uma esfera maior de observação, e não daquilo que fazemos de imediato com um assunto, como se quiséssemos construir teoricamente o homem inteiro a partir do dedo; e com isto se alcançará seguramente algo que, realmente, tampouco deve ser subestimado. Vejam, o que atualmente se pesquisa e pode ser, conforme se diz, produtivo para o agricultor, no final se resume a pesquisar como tornar a produção mais rica em rendimento financeiro. Não se trata de muita coisa. É verdade — certamente não se pensa sempre nisto, mas inconscientemente isto subjaz —, e então como agricultores ficamos espantados ao conseguir momentaneamente, por uma medida qualquer, grandes êxitos obtendo grandes batatas — algo que tenha tamanho e entumesça. Sim, mas deste ponto em diante não se prossegue com a pesquisa, pois nada disto é o mais importante neste assunto.

O mais importante é que as coisas, ao se achegarem ao homem, medrem o mais possível em favor de sua existência. Os Senhores podem realmente cultivar qualquer fruto de aspecto esplêndido, no campo ou no pomar, mas talvez ele sirva ao homem apenas enchendo-lhe o estômago, e não propriamente promovendo-lhe organicamente seu bem-estar interior. Entretanto, a rigor a ciência não consegue fazer chegar até este ponto de o homem ob-

ter a melhor espécie de alimento para seu oganismo, por não encontrar absolutamente o caminho para tal.

No entanto os Senhores vêem que nesta explanação feita a partir da Ciência Espiritual reside toda a faina da Natureza. O argumento é concebido a partir do todo; por conseguinte, o pormenor que se deve expressar é determinante para o todo. Absolutamente nada de diferente pode surgir, quando se exerce a agricultura, senão que ela forneça o melhor para o homem e para os animais. Na observação, até mesmo partimos do homem em todos os pontos, ou seja, o homem é edificado em fundamento. Com isto se produzem os sinais dados para que a natureza do homem se mantenha da melhor maneira possível. Isto é o que diferencia esta forma de observação daquelas que hoje são costumeiras.

BC UFG

Respostas a perguntas

12 de junho de 1924

Diluição, mistura e distribuição do esterco de chifre de vaca. Conservação e emprego de chifres. Indução da semente ao caos. Capacidade reprodutiva e nutritiva nos cereais

A diluição continua de forma aritmética?

Certamente temos de dizer algo com relação a isto. A probabilidade que ocorrerá é a de que, com o aumento da área, se usem maiores quantidades de água e menos chifres de vaca; de modo que se poderá, portanto, adubar superfícies grandes com relativamente poucos chifres. Em Dornach tínhamos vinte e cinco chifres, que de início dividimos por uma horta maior. Neste caso havíamos utilizado um chifre para cada meio balde. Depois ainda preparamos uma vez um balde inteiro com dois chifres. E ainda tínhamos de adubar uma área que era substancialmente maior: sete chifres de vaca para sete baldes.

Para mexer o esterco em áreas maiores pode-se empregar um batedor mecânico, ou isto não é admissível?

Isto naturalmente é algo que ou poderá ser aceito de forma rigorosa ou, seja lá como se possa decidir, fará incorrer paulatinamente em medidas sucedâneas. É inteiramente indubitável que mexer com as mãos significa, com certeza, algo diverso de mexer de modo mecânico. Naturalmente a pessoa mecanicista não vai admitir isto. Entretanto, basta os Senhores ponderarem a imensa diferença existente entre mexerem efetivamente com a mão — introduzindo juntamente, ao mexer, todos os delicados movimentos que a mão executa, todas as coisas que eventualmente penetram, quiçá também os sentimentos, tudo isto penetrando — e simplesmente mexerem de modo mecânico. Naturalmente as pessoas não crêem, hoje em dia, que esta diferença deva ser considerada, porém isto se nota também em todo o âmbito médico. Creiam os Senhores que não é absolutamente indiferente se preparamos

algum remédio manual ou mecanicamente. O homem entrega algo às coisas quando ele próprio as elabora. Não se deve zombar de algo assim. Fui indagado com freqüência — alguns dos Senhores conhecem, por certo, os remédios de Ritter na medicina* — o que penso desses remédios. Pois os Senhores talvez saibam que sobre esses remédios de Ritter uns cantam hinos de louvor e outros espalham que não têm efeitos especiais. Na verdade os efeitos estão indiscutivelmente presentes, mas também estou firmemente convencido de que, se justamente esses remédios forem introduzidos no comércio em geral, perderão o essencial de seus efeitos, pois precisamente no caso desses remédios não é indiferente se o próprio médico está de posse do remédio e o entrega diretamente ao paciente. É que quando tudo isto só se passa num âmbito restrito, o médico transmite um certo entuasiasmo quando entrega algo assim ao paciente. Neste caso os Senhores dirão que o entusiasmo não tem peso, que não se consegue pesá-lo. Porém ele vibra junto, e os médicos ficam empolgados quando se entusiasmam. A luz atua intensamente sobre os remédios; por que não atuará também sobre eles a empolgação? Mas ela transmite e atua muito, de modo que os atuais médicos entuasiasmados podem provocar grandes atuações. É justamente por isso que o remédio de Ritter atua com muita força. Poderemos provocar grandes efeitos com a empolgação. Mas se os Senhores fizerem isso de modo mecânico, provavelmente o modo de atuação se desvanecerá. É isto o que interessa em tais coisas: ou se faz algo com tudo o que procede da mão humana — e muita coisa procede dela — ou se faz a coisa com a máquina. Mas aos poucos poderia ficar evidente ser um grande prazer ocupar-se desse processo de mexer, de forma que nem se cogitará de um movimento mecânico nos casos em que se necessite de muitos chifres de vaca. Chegar-se-á a isto fazendo-o simplesmente aos domingos, após o almoço. E já simplesmente com isto, quando se tiverem muitas visitas a convidar e se fizer isso aos domingos, tendo aí a necessária diversão, conseguir-se-á nesse caso, sem máquinas, a mais bela das coisas.

---

*O dr. M. P. Ritter, médico contemporâneo de Steiner, criou fórmulas medicamentosas alternativas — como remédios fitoterápicos e fotodinâmicos, além da magnetoterapia — vistos com simpatia pela medicina antroposófica. (N.E.)

286109

A distribuição de meio balde d'água numa área de um terço de tarefa já apresentará pequenas dificuldades técnicas. Quando, porém, a quantidade de chifres de vaca é aumentada, tudo isto não só aumenta pelo número de chifres de vaca, porém muito mais rapidamente. Portanto a distribuição, por sua vez, se tornaria ainda mais difícil. Será que se pode diluir esta quantidade de água com mais água ainda, ou se trata de deixar esta proporção (de meio balde) como está? Ou seja, toma-se cerca de meio balde para um terço de tarefa?*

Isto até será possível, mas eu creio que neste caso o método de mexer deve ser mudado. Os Senhores podem fazê-lo de modo a que de início terminem de mexer um chifre em meio balde d'água, diluindo-o depois no balde cheio e em seguida tendo de mexer novamente; creio, todavia, que neste caso seria mesmo melhor calcular quanta substância a menos se deve dissolver em meio balde, mexendo então nessa medida de água, embora com menos de um chifre. O que importa enormemente é conseguir uma íntima permeação. Sim, porque uma efetiva permeação está longe de ocorrer quando se derrama a substância na água e depois se mexe. Deve-se provocar uma permeação íntima, e toda vez que se deseja apenas uma substância relativamente espessa, ou que não se mexa com força, tampouco ocorre uma mistura profunda. Creio ser mais fácil para a pessoa remexer o maior múmero possível de meios baldes com substâncias reduzidas do que ter de mexer mais uma vez a água dissolvida.

Poder-se-ia coar o líquido, no qual sempre ficam retidos componentes sólidos, para distribuí-lo melhor com um aparelho de aspersão?

Penso que isto não será necessário, pois quando se gira depressa obtém-se um líquido um tanto turvo, não precisando levar em consideração se lá dentro ainda se encontram quaisquer corpos estranhos. O esterco se deixará distribuir corretamente. O esterco puro de vaca é o melhor, mas não creio que devamos sujeitarnos a esse incômodo de efetuar uma limpeza extra, ainda que lá

*No original, *Morgen*: jeira, jorna, jugada, tarefa ou cerca de 3.600 m² (N.T.)

dentro haja corpos estranhos. Havendo corpos estranhos lá dentro, estes poderão eventualmente — sem que tenham uma nocividade — atuar, ao contrário, de modo muito favorável, porque na concentração e subseqüente diluição nada realmente atua a não ser a radiação, e não mais as substâncias — somente a radiação dinâmica, de forma que não ficamos expostos ao perigo de obter, no lugar onde um desses corpos estranhos for lançado, pés de batata com longos brotos e nada junto. Este perigo certamente não existirá.

Eu pensava apenas no emprego do aparelho de aspersão.

Pode-se coar, que isto não fará mal. Seria preferível fazer desde já máquinas que tenham uma peneira antes da aspersão.

Não foi dito se deveríamos pesar a massa de dentro do chifre para conseguir uma relação proporcional. O meio balde é um balde do tipo suíço ou uma indicação em litros?

Eu usei um balde suíço — o balde de ordenha na Suíça; a coisa toda foi testada segundo uma visualização direta. Agora seria preciso levá-la a relações de peso.

Pode-se usar mais vezes os mesmos chifres de vaca ou eles precisam ser sempre de animais recém-abatidos?

Eu penso — não testamos este assunto — que, segundo o que se pode saber sobre tais coisas, é possível usar os chifres de vaca três a quatro vezes seguidas, e que depois não dará mais inteiramente certo. Também poderia até existir a possibilidade de, tendo-se eventualmente guardado os chifres no estábulo após tê-los usado durante três a quatro anos, poder empregá-los então por mais um ano. Todavia não tenho qualquer idéia de quantos chifres estão à disposição de uma lavoura, e se aí é necessário agir de modo especialmente parcimonioso ou não. É uma questão que não posso decidir agora.

Onde se pode obter os chifres de vaca? Devem ser utilizados os da região do oeste europeu ou da Europa Central?

É inteiramente indiferente onde se conseguem os chifres de vaca; só não se deve tomá-los da carniça, pois eles devem ser os

mais frescos possível. Todavia, o mais notável, por mais paradoxal que isto soe, é realmente que a vida ocidental, a vida no Hemisfério Ocidental, é inteiramente diferente da vida no Hemisfério Oriental. A vida na África, na Ásia, na Europa significa algo diferente da vida na América. Assim, talvez chifres de gado americano sejam eventualmente levados a atuar de um modo um tanto diverso. Talvez pudesse evidenciar-se que nesses chifres se deva engrossar um pouco o esterco, torná-lo mais denso, comprimi-lo mais. O melhor de tudo é usar chifres da região onde se está. Há uma afinidade prodigiosamente forte entre as forças que estão nos chifres de vaca de uma região e as demais forças existentes aí, enquanto forças de chifres de fora podem conflitar-se com as coisas que estão na terra. Neste caso também se deve considerar que é muito comum as vacas que fornecerão os chifres, em qualquer região, não provirem diretamente dela. Então se deve deixar isto de lado e levar em consideração que a vaca, tendo pastado por uns três a quatro anos em certo solo, e portanto tendo vivido nele, passa a pertencer-lhe mesmo não sendo de gado local.

Que idade podem ter esses chifres? Devem ser de uma vaca velha ou nova?

Eu penso — tudo isto deve ser reavaliado —, de conformidade com a natureza do assunto, que chifres semivelhos, encontrados na meia-idade da vaca, seriam os melhores.

Que tamanho devem ter os chifres?

[O dr. Steiner desenha o tamanho do chifre na lousa — cerca de 30 a 40 cm de comprimento (veja-se a ilustração). Segundo essa indicação, subentende-se o tamanho usual do chifre de uma vaca do Allgäu.*]

Não será, também, essencial se o chifre é retirado de um boi de corte ou de um animal macho ou fêmea?

Existe a maior possibilidade de que com relação a bois a coisa não funcione absolutamente, e no caso de um touro funcione de forma relativamente fraca. É por isso, também, que digo sempre chifres de vaca. Via de regra, vacas são do sexo feminino! Eu me refiro à fêmea.

Qual é a melhor época para semear cereais, trigo?

A resposta a esta pergunta virá exatamente quando eu falar, na conferência, sobre a semeadura. É natural que a semeadura seja extraordinariamente importante, e existe uma grande diferença entre estarmos perto ou menos perto dos meses de inverno. Estando perto dos meses de inverno, consegue-se uma forte capacidade nutritiva nos cereais.

Pode-se também distribuir o esterco do chifre de vaca junto com areia? A chuva tem algum significado nisto?

No que se refere à areia, pode-se fazê-lo. Nós não o tentamos. Não há absolutamente nada em contrário. Como atua a chuva, isso é naturalmente algo que ainda deveria ser primeiro experimentado. É de admitir que a chuva, neste caso, não cause qualquer alteração, e eventualmente possa até mesmo realizar uma confirmação da coisa. Mas, por outro lado, trata-se de uma tão forte concentração de forças que até se poderia pensar que, por força do pequeno abalo exercido pela queda da gota de chuva, pudesse haver borrifo demais. Realmente, é uma atuação delicada, e tudo isto deve ser levado em conta. Quanto à distribuição por meio de areia misturada ao esterco de vaca, nada há a objetar.

*Região ocidental dos Alpes alemães, junto à parte alta do rio Ill, afluente do Reno. (N.E.)

Como devem ser impedidas quaisquer influências nocivas na conservação do chifre de vaca e de seu conteúdo?

Em tais coisas, em geral o afastamento das assim chamadas influências nocivas causa, via de regra, mais nocividade do que quando as deixamos ficar. É bem verdade que nos tempos atuais se cuida temerosamente de desinfetar por toda parte. Nestas coisas, indubitavelmente, exagera-se em todos os campos. Assim, no caso de nossos remédios tratou-se de, ao se querer evitar absolutamente toda possibilidade de emboloramento, ter de empregar métodos que, por sua vez, tolhem a própria força curativa. Ora, eu não tenho absolutamente tanto respeito assim pelo que se instala como nocividades. Elas não prejudicam tanto assim. O melhor é não nos esforçarmos tanto por empregar métodos de limpeza, e sim deixá-las como são. Nós pusemos bexigas de porco por cima, para que a terra não caísse lá dentro. Fazer uma limpeza nos próprios chifres não é particularmente recomendado. Devemos até familiarizar-nos com o fato de que sujeira não é sempre "sujeira". Se os Senhores, por exemplo, untarem o rosto com uma fina camada de ouro, isto será sujeira; entretanto, ouro não é sujeira. Logo, sujeira não é sempre sujeira. Às vezes sujeira é aquilo que atua precisamente de molde a conservar.

Deve-se apoiar, por meio de medidas quaisquer, o mais amplamente possível essa impulsão da semente para dentro do caos?

Poder-se-ia apoiá-la, mas não será necessário. Quando sobrevém a formação da semente, já acontece o máximo de formação de caos. Aqui não será necessário apoiá-la. Vamos precisar justamente do apoio na adubação. Porém na formação da semente não creio que surja uma necessidade de promover a formação de caos; quando há semente germinante, aí há presença completa de caos. Naturalmente seria possível fazê-lo tornando o solo mais silícico do que é, pois através da sílica atua realmente o que, na terra, é acolhido do próprio plano cósmico. Poder-se-ia fazê-lo deste modo, porém não creio ser necessário.

Que tamanho devem ter as áreas experimentais? Não será necessário fazer também algo pelas forças cósmicas que deveriam ser preservadas até à nova formação vegetal?

BC UFG

A esse respeito poder-se-ia, sim, fazer experimentos da maneira a seguir. Nestas coisas é sempre relativamente fácil indicar as diretrizes, porém a medida conveniente de um assunto deve ser realmente comprovada por cada um. Ora, os experimentos para esta questão devem ser muito fáceis de empreender. Digamos que se plante uma vez, lado a lado, em dois canteiros experimentais, trigo e esparzeta. Ali se terá a possibilidade de, numa planta com fácil tendência à formação de semente, encontrar o dano causado a essa formação — o trigo tende à formação duradoura de semente — ao se empregar sílica: no caso da esparzeta se verá que a formação de semente é inteiramente reprimida, realizando-se ainda em tempo retardado. Quando se quer pesquisar estas coisas, sempre se pode adotar como comparação o que é inerente ao grão, ao trigo, como propriedades, e por sua vez o que, como propriedades semelhantes, vale para a esparzeta, para as leguminosas, realizando deste modo experimentos muito interessantes sobre a formação de semente.

BC UFG

É indiferente em que ocasião levamos as porções diluídas para a lavoura?

Isto não é, sem dúvida, indiferente quando se quer guardar os chifres tal qual estão [com seu conteúdo] após tê-los retirado da terra. Mas em geral pode-se deixá-los dentro da terra até que se precise deles; assim eles não se deterioram, mesmo que devam hibernar e ainda ficar lá dentro algum tempo no verão. Entretanto, se fôssemos obrigados a guardá-los em algum outro lugar, deveríamos fazer uma caixa revestida por dentro com turfa, cuidando para que todos os lados tenham revestimento de turfa. Então deveríamos introduzir os chifres lá dentro, para que a concentração muito forte pudesse ficar preservada. Ao contrário, guardar a água já diluída não é uma circunstância aconselhável. Já se deveria tratar de mexer quando se quisesse empregar o adubo após um tempo não muito longo.

Quando se quer tratar cereais de inverno, deve-se empregar os chifres um trimestre após sua retirada da terra?

Sempre será melhor — mas não importa — deixá-los dentro da terra até que se queira empregá-los. Quando os empregamos no

início do outono iminente, deixamo-los dentro da terra até o momento de usá-los. Com isto o esterco não perde a qualidade.

Será que não se irão perder, através dos aparelhos de dispersão fina, em conseqüência da micropulverização do líquido, as forças etéricas e astrais?

Isto certamente não. Elas estão muito ligadas. Do mesmo modo, aliás, como em relação ao espiritual também precisamos temer menos que ele nos fuja, caso não o mandemos embora de antemão, do que o material.

Como se tratam os chifres de vaca que passaram o verão em companhia dos componentes minerais?

Estes não sofrem qualquer dano quando retirados e guardados em algum lugar. Podem ser jogados e amontoados em qualquer sítio. Passar o verão não prejudica em absoluto a substância. Eles podem ser iluminados pelo sol. Isto até lhes será proveitoso.

Deve-se enterrar os chifres no exato lugar do campo que mais tarde se quer adubar ou pode-se enterrá-los lado a lado em qualquer outro sítio?

Isto fará uma diferença tão pequena que não é preciso absolutamente considerá-la. Na prática será melhor escolher um lugar que tenha terra relativamente boa — portanto, não precisamente terra de forte teor mineral, mas uma terra algo humosa, podendo-se enterrar num sítio dela todos os chifres de vaca de que se venha a precisar.

O que ocorre quando se utilizam máquinas na lavoura, posto ser dito que não deveriam ser utilizadas?

Pois bem, naturalmente — vejam: esta é uma questão que, no fundo, não pode ser respondida do ponto de vista agrícola. A rigor está inteiramente fora de dúvida que hoje, em nossa vida social contemporânea, levanta-se uma questão bastante desatualizada ao se perguntar se podemos empregar máquinas. Realmente, hoje mal se pode ser lavrador sem o emprego de máquinas. Naturalmente nem todos os processos são afins aos mais íntimos processos da Natureza como justamente esse ato de mexer e similares. Exatamente do mesmo modo como não deveríamos aproximar-nos com o mero elemento maquinal de um processo tão íntimo da Natureza, assim também, com relação aos outros elementos considerados, a própria Natureza cuida para que, nos casos não relacionados com máquinas, tampouco estas possam servir para muita coisa. Na formação da semente, a máquina não pode fazer muito — disto a própria Natureza cuida. Creio até que a questão não seja muito atual; mas hoje é assim mesmo: como daremos conta de tudo sem máquina? Só que convém alertar para o fato de que, por outro lado, não é preciso ter uma mania rebuscada por máquinas na lavoura. Sem dúvida ficará evidente que, se alguém tem essa mania de máquinas, mesmo se a nova máquina trouxer melhoramentos ele se comportará, na agricultura, de forma muito pior do que ao continuar empregando sua velha máquina, até que esta não valha mais nada. Entretanto, estas são coisas que, no estrito sentido da palavra, não se relacionam mais com a agricultura.

Pode-se também utilizar a porção indicada de esterco de chifre de vaca, dissolvida em água, para a metade da superfície indicada?

Neste caso obtêm-se frutos excrescentes, evidenciando-se o que indiquei antes, em outra ocasião. Quando empregam isto, por exemplo, para o cultivo de batatas ou para qualquer outra coisa, os Senhores obtêm frutos proliferantes e uma estrutura caulescente ampliada, enquanto o que querem realmente não é realizado. Os Senhores obtêm aquilo que chamamos de pontos viçosos. O que existe de pontos viçosos obtém-se usando [adubo] demais.

O que sucede no caso de plantas forrageiras, em que se quer obter o proliferante — no caso do espinafre?

Creio que também iremos empregar aqui apenas esse meio balde com um único chifre, conforme nós próprios já fizemos para uma área que, no fundo, é justamente uma horta de legumes. Já para coisas que são cultivadas em áreas maiores, precisaremos de muito menos. Isto já é o ideal.

É indiferente qual esterco se emprega — se de vaca, de cavalos ou de carneiro?

286109

Sem dúvida o melhor material para esse procedimento é, na verdade, o esterco de vaca. Entretanto, poderia ser o caso de se examinar mais amplamente também a questão do emprego do esterco de cavalos. Então será certamente o caso de, querendo-se tratar o esterco de cavalos deste modo, envolver o chifre com alguns cabelos da crina, para assim pôr em atividade aquilo que no cavalo — que não tem chifres — efetivamente se situa na crina.

Deve-se fazer isso antes ou depois da semeadura?

É correto fazê-lo antes da semeadura. Veremos como isso atua. É que este ano nos ligamos ao assunto um pouco tardiamente, e algumas coisas serão feitas após a semeadura. Por conseguinte, veremos se isso prejudica. Mas a evidência é que se faça isto antes da semeadura, a fim de que o solo já seja atingido.

Pode-se empregar também para o [adubo] mineral os chifres de vaca usados para o esterco?

É bem verdade que se pode fazer isso, mas também que não se pode empregá-los mais de três a quatro vezes. Após esse tempo de uso eles já perdem suas forças.

É importante quais pessoas executam o trabalho, ou também podem outras pessoas quaisquer executá-lo — deve ser um antropósofo?

Eis, naturalmente, a questão. Sendo levantada hoje, será certamente muito ridicularizada. Lembro-lhes que há gente cujas flores que cultivam em suas janelas medram maravilhosamente. Com outras pessoas elas não medram em absoluto, e sim ressecam. É que tais coisas de fato existem. Tudo aquilo, todavia, que por influência do próprio homem acontece de uma maneira exteriormente inexplicável, porém interiormente muito translúcida, também acontece porque o homem, digamos, realiza meditações e se prepara por meio da vida meditativa — eu caracterizei isto ontem. Na verdade, convive-se realmente de modo inteiramente diverso com o nitrogênio, contido nas imaginações, quando se medita. Graças a isto transportamo-nos a um estado que faz tudo isto ser naturalmente atuante. Ora, nós nos transportamos a esse estado sobretudo diante de todo o crescimento vegetal. Só que

atualmente o assunto, por certo, não é tão claro como o era nos tempos em que estas coisas eram reconhecidas. E houve tempos em que as pessoas sabiam de fato que, graças a certos procedimentos que se propunham, elas simplesmente se tornaram aptas ao cultivo da vegetação. Hoje, como não se observa isto, as outras pessoas empalidecem, e estas atuações delicadas e sutis são perdidas ao nos movimentarmos continuamente entre pessoas que não atentam para algo assim. Por conseguinte, é muito fácil contestar o emprego de algo deste tipo. Por isto é que até me assusto um pouco de justamente falar de modo livre sobre estas coisas diante de uma comunidade maior, porque naturalmente elas podem ser refutadas com muita facilidade pelas atuais condições de vida. Durante o debate no salão Bock foi levantada por nosso amigo Stegemann uma questão extraordinariamente melindrosa: se podemos combater os seres parasitários por esta via — pela via, digamos, da concentração [mental] e de coisas similares. É totalmente inquestionável que, procedendo de modo correto, pode-se fazê-lo. Sobretudo se, no período que se estende de meados de janeiro a meados de fevereiro [v. nota à pág. 48], quando a Terra ostenta suas maiores forças, a bem dizer concentradas ao máximo dentro da terra, estabelecêssemos aqui, por assim dizer, um feriado, e então procedêssemos efetivamente a tais concentrações; neste caso, os efeitos já poderiam mostrar-se. Conforme foi dito, é uma questão melindrosa, porém uma questão que se faz responder positivamente deste modo. Basta efetuarmos isto em harmonia com toda a Natureza. Deve-se saber que é algo inteiramente diferente fazer um exercício de concentração no período mediano do inverno ou no período do alto verão. Existe até muita coisa, contida em alguns ditos populares, que ainda pode dar importantes indicações ao homem contemporâneo. Vejam, ontem eu ainda teria podido muito bem mencionar que, dentre as muitas coisas que eu deveria fazer nesta encarnação mas não consegui realizar, foi que quando era jovem tive a idéia de escrever uma assim chamada filosofia de camponeses, narrando a vida conceitual dos camponeses em todas as coisas pelas quais eles são tocados. Disto teria podido surgir algo extraordinariamente belo, e a afirmação do Conde de que os camponeses são tolos teria sido refutada. Tem-se evidenciado uma sabedoria sutil, uma filosofia que, já no fraseado, versa de modo totalmente grandioso sobre as intimidades da vida da Na-

tureza. Sim, fica-se deveras pasmado com o que o camponês efetivamente sabe sobre as ocorrências no âmbito da Natureza. Hoje não é mais possível escrever tal filosofia dos camponeses; em nosso tempo estas coisas se perderam, em grande parte, completamente. Hoje não é mais como há cinqüenta, quarenta anos. Aquilo, sim, era algo extraordinariamente significativo, pois naquele tempo podia-se aprender muito mais com o camponês do que na Universidade. Mas era mesmo uma época inteiramente diversa; vivia-se com os camponeses no campo, e quando chegavam as pessoas com os calabreses, que naquela época introduziam o movimento socialista contemporâneo, elas eram raridades. Hoje o mundo está totalmente mudado. As Senhoras e os Senhores mais jovens, aqui presentes, não têm absolutamente qualquer noção disto — de como o mundo mudou no decurso dos derradeiros trinta a quarenta anos. E assim, hoje já se perdeu muito do que existia das verdadeiras belezas nos modos de falar populares, e mais ainda foi perdido da verdadeira filosofia campesina, que era uma espécie de filosofia da cultura. Mesmo nos almanaques camponeses ainda figuravam, outrora, assuntos que hoje não figuram mais. Eles também tinham outra aparência, eram agradáveis. Eu ainda conheci almanaques camponeses onde se empregava papel de má qualidade, mas dentro havia os signos dos astros feitos em cores, e por fora havia um minúsculo pedacinho de açúcar na capa, com o qual nos deparávamos em primeiro lugar — um diminuto pedacinho de açúcar, que sempre se podia lamber quando se consultava o livro. Desta maneira o livro também era tornado de bom gosto. As pessoas, umas após outras, utilizaram-se disto.

Quando áreas maiores são adubadas, deve-se, neste caso, fazê-lo puramente segundo a sensibilidade, com relação ao número de chifres de vaca a serem empregados?

Eu não recomendaria isto. Em tal caso, creio que se deve mesmo é ser sensato. Eu recomendaria que de início se faça tudo para, através de experimentação de acordo com a sensibilidade, conseguir os resultados mais favoráveis; e depois, para prestar contas ao mundo, comece-se a transformar o assunto em números, a fim de ter tabelas exatas e para que as pessoas possam depois usá-las. Eu recomendaria o seguinte: se qualquer pessoa, segundo seu modo de pensar, está apta a fazer isto de acordo com sua sensibilidade,

deve fazê-lo. Entretanto, em sua atitude diante das outras pessoas não deve portar-se como se não apreciasse muito as tabelas, e deve fornecer isso a elas em números e tabelas calculáveis. Com efeito, tudo deveria ser convertido em números e totais recalculáveis. Em realidade, é disto que se necessita atualmente. Nós precisamos de chifres de vaca para levar avante o assunto, mas não precisamos de [teimosos] chifres de touro* para defendê-lo. Isto é justamente o que tão facilmente leva a oposições. Eu gostaria de recomendar aqui que se passe o mais possível aos compromissos, e que se leve o melhor possível em consideração os juízos exteriores.

Pode-se empregar adubação com cal virgem no monte de composto, nas porcentagens prescritas hoje em dia?

O antigo procedimento se evidenciará como favorável. Só que se deverá especificar um pouco, conforme se tenha solo argiloso ou arenoso: o solo arenoso requer um pouco menos de cal virgem, enquanto o solo argiloso requer um teor um pouco mais elevado, por causa da formação de ácido.

O que acontece quando se revolve o monte de composto?

Isto não lhe faz mal. Naturalmente trata-se apenas, tendo-o revolvido, de protegê-lo se possível mediante uma camada de terra que se deixa ao redor para, após se haver revolvido o monte, usá-la como cobertura. É especialmente bom empregar, para isto, terra turfosa, turfa.

Que espécie de potassa é considerada para, eventualmente, empregar numa lavoura de transição?

Potassa magnesiana.

Como empregar melhor o adubo remanescente, depois que os chifres de vaca tiverem sido enchidos? Deve-se levá-lo no outono para o campo, a fim de que suporte a experiência hibernal, ou deve-se esquecê-lo até à primavera?

**Stier*, como consta no original, tanto significa "teimoso" como "touro", configurando um jogo de palavras intraduzível. (N.T.)

Os Senhores devem ter bem claro que esta adubação de chifre de vaca não substitui totalmente a adubação em geral, e que naturalmente se deve adubar a mais. Tratar-se-á de considerar a nova adubação como uma espécie de adubação extra, que eleva substancialmente os atuais processos de adubação. A outra adubação continua existindo simultaneamente.

Quinta conferência

Koberwitz, 13 de junho de 1924

BC UFG

A observação do plano macrocósmico como tarefa da Ciência Espiritual: crescimento da terra e da vegetação A substanciação correta do adubo

O que foi apresentado ontem quanto à melhora de nosso adubo nos chifres de vaca refere-se, naturalmente, a uma melhora da adubação. É evidente que a adubação continua existindo, e hoje teremos de falar sobre como comportar-nos diante dessa adubação justamente quando é preciso atentar para que o elemento vivo também seja mantido dentro do vivo.

Pois bem, vimos como o etérico-vivente jamais, efetivamente, deve abandonar aquilo que se encontra na região, na esfera do crescimento. Eis por que atribuímos um tão grande valor a reconhecer como o solo do qual cresce a planta e que envolve suas raízes é uma espécie de prolongamento do crescimento na terra, é o vital-vegetal na própria terra, sendo, portanto, algo vivo. E ontem eu até mesmo indiquei como se pode imaginar a transição de um amontoado de terra, com sua, digamos, vitalidade interior originária do teor de humo e aquilo que circunda a árvore na qualidade de casca, e mesmo de córtice, fechando-se ao exterior. Bem, foi de um modo totalmente natural que no decorrer da época mais recente, em que se perdeu todo e qualquer conhecimento, este ficou igualmente perdido no tocante aos grandes contextos da Natureza; e justamente aí também se perdeu, por inteiro, esse conhecimento a respeito de como essa vida comum ao crescimento da terra e da vegetação se prolonga para dentro dos produtos de secreção da vida que se nos apresentam no adubo, e de como atuam as forças dessa vida oniabrangente. Também o conhecimento penetrante disto teve de perder-se cada vez mais.

Ora, conforme eu já disse ontem no debate, a Ciência Espiritual realmente não deve atuar de modo a interferir como algo turbulentamente furioso e revolucionário, a partir de um certo fanatismo, naquilo que mais recentemente foi trazido à tona nos mais

variados campos da vida; ao contrário, é preciso que tratemos de reconhecer plenamente o que foi realizado. E apenas devem ser — se é que se pode dizer assim — combatidas aquelas coisas que justamente repousam sobre premissas inteiramente falsas, relacionando-se com a concepção materialista contemporânea do mundo; e se complementará o que realmente pode fluir de uma visão viva do mundo a respeito dos mais variados âmbitos da vida. Eis por que não desejo atribuir um valor especial à descrição de como preparar o adubo a partir de esterco de curral, de chorume e de composto. A este respeito já ocorreram, no que toca à elaboração de adubo e de chorume, as coisas mais variadas. E nesse sentido talvez muita coisa possa ser falada hoje à tarde, durante o debate. Quero apenas antecipar que existe, sem dúvida, a correta noção de que é efetivamente necessário praticar agricultura predatória em nossos cultivos. Esta agricultura predatória simplesmente precisa ser praticada porque, junto com tudo o que enviamos da agricultura para o mundo, estamos realmente retirando da terra, e até mesmo do ar, forças que devem ser restituídas; de modo que, de fato, cada vez mais o teor de adubo, que em seu valor se relaciona com o elemento usado para aviventar corretamente a terra empobrecida, tem de ser tratado de modo correspondente. Ora, aqui têm-se apresentado ultimamente, oriundos justamente da visão materialista do mundo, os mais diversos erros de avaliação.

Primeiramente, hoje se estuda de modo cuidadoso como agem as bactérias, os mais ínfimos seres vivos; e atribui-se precisamente a estes pequenos seres vivos a capacidade de estabelecer, no adubo, a substanciação correta. Olha-se diretamente para o que as bactérias fazem no adubo e conta-se com elas. Com efeito, em relação a isto fizeram-se experimentos de inoculação do solo realmente engenhosos e extraordinariamente lógicos, porém na maioria dos casos pouco duradouros e pouco úteis. Tudo a partir justamente da idéia que se assemelha mais ou menos à seguinte: num aposento descobre-se uma quantidade grande de moscas, e imagina-se que o aposento esteja sujo por haver ali muitas delas. O aposento não está absolutamente sujo por existirem ali tantas moscas, e sim as moscas estão lá porque o aposento está sujo. E tampouco este se tornará mais limpo se tramarmos toda sorte de métodos para multiplicar as moscas, por imaginarmos que elas

comerão mais depressa a sujeira, ou para poder reduzi-las de outro modo, e coisas semelhantes. Não se conseguirá muita coisa por estes métodos, porém em todo caso, quando se investe diretamente contra a sujeira, consegue-se mais.

Portanto, quando são empregados produtos de excreção animal no adubo, trata-se de considerar os pequenos seres vivos como algo que ocorre graças aos processos formados aqui ou acolá na substância desse adubo, e por conseguinte como algo que pode ser um sintoma extraordinariamente útil para certos estados da substância, mas que todavia de maneira alguma pode ter um grande significado nem no plantio nem na criação, mas antes no combate. Em qualquer caso, o que vale é manter-se, em linhas gerais, no âmbito do importante aspecto vivente da agricultura, ampliando o menos possível, quanto a esses pequenos seres, um modo de observação de feição atomística.

Naturalmente não faríamos de forma alguma tal afirmação se, ao mesmo tempo, não mostrássemos meios e procedimentos de como fazer as coisas. Certamente o que foi falado até agora será frisado de vários ângulos; contudo, é importante não apenas saber o que é correto, pois esse correto freqüentemente não serve para coisa alguma quando não temos medidas para, sendo o correto negativo, opor-lhe o positivo. Trata-se justamente de, toda vez em que não se podem fazer propostas positivas, evitar propriamente frisar o negativo, porque isto apenas agrava a situação.

Um segundo ponto é que, de outro lado, por incentivo da visão de colorido materialista, recentemente se tem dado valor a tratar o adubo das mais variadas maneiras e com as mais diferentes combinações de substâncias inorgânicas ou elementos. Nós nos convencemos, pela experiência, de que isto tampouco tem valor duradouro. É que se deve ter bem claro que, tencionando-se melhorar e enobrecer o adubo pela mineralização, age-se apenas sobre a vitalização do líquido, isto é, da água, conquanto para um cultivo consistente seja necessário reorganizar e aviventar não somente a água. Ora, da água que assim se vai infiltrando na terra não surge qualquer vivificação adicional.

Deve-se aviventar a terra diretamente, o que não é possível quando se procede à mineralização; isto só se torna viável colocando-se em prática o orgânico, dispondo-o adequadamente de modo que ele possa, por si próprio, atuar de forma organiza-

dora e vivificante sobre o elemento terroso sólido. Tudo isto, ou seja, dar este impulso diretamente à massa de adubo ou à massa de chorume — a qualquer massa que seja utilizada desta maneira pode ser dado este impulso, desde que se permaneça no âmbito do vitalizado —, eis a tarefa do impulso científico-espiritual que pode ser conferido à agricultura. A Ciência Espiritual quer examinar por toda parte as grandes atuações do vivente, abstendo-se — por não ser isto de maior significado — de fitar o pequeno e das conclusões tiradas do pequeno, do microscópico. A isto atenta o microscópio. A observação do macrocósmico, das vastas esferas da atuação na Natureza, eis a tarefa da Ciência Espiritual. Para isto, naturalmente é necessário que sondemos essas atuações da Natureza.

Vejam, porém: existe uma proposição que os Senhores irão encontrar, das mais diversas formas, em toda a literatura agrícola — na realidade ela provém das experiências que se acredita ter — e que soa mais ou menos assim: o nitrogênio, o ácido fosfórico, a cal, a potassa, o cloro, etc., até mesmo o ferro, todos têm um grande valor para o solo sobre o qual deve prosperar a vegetação. Entretanto, o ácido silícico, o chumbo, o arsênico, o mercúrio — até o bicarbonato de sódio é mencionado nesse contexto —, estes têm, para a efetiva prosperidade das plantas, quando muito um valor picante, conforme se diz. Com estes se pode excitar as plantas.

Ao expressarem esta proposição, seus autores documentam estarem realmente tateando no escuro, e só é bom — certamente segundo antigas tradições — que não se comportem perante as plantas de modo extravagante como se comportariam se também fossem seguir esta proposição. É que nem se pode segui-la. Qual é, afinal, a questão?

Vejam, na realidade o assunto se restringe ao fato de que a grande Natureza, quando não levamos em consideração seu ácido silícico, seu chumbo, seu mercúrio, seu arsênico, não nos abandona tão impiedosamente como quando não consideramos de maneira ordenada a potassa, a cal e o ácido fosfórico. É que o ácido silícico, o chumbo, o mercúrio e o arsênico são dados pelo céu, que os entrega voluntariamente com a chuva. Para se ter na terra ácido fosfórico, potassa e cal na forma correta, deve-se trabalhá-la, deve-se adubar de maneira adequada. Isto o céu não entrega voluntariamente. Não obstante seja possível, sem dúvida, empobrecer a terra pelo cultivo continuado. Sim, nós a empobrecemos incessantemente. É por isto que é preciso adubá-la. E, tal como é o caso em muitas empresas agrícolas, a compensação pelo adubo pode ser muito fraca. Neste caso se pratica agricultura predatória. Então se permite que a terra empobreça incessantemente.

É preciso tomar providências para que o verdadeiro processo da Natureza se complete de modo bem correto. O que se denomina efeitos excitantes são, na verdade, os mais importantes dos efeitos. Justamente as substâncias que se tomam por desnecessárias estão presentes e atuantes, numa dosagem sutil, em torno de toda a Terra; e as plantas precisam tanto delas quanto lhes é necessário o que provém do solo. Só que as aspiram da esfera do Universo, sugando o mercúrio, o arsênico e o ácido silícico do solo após haverem sido as próprias substâncias irradiadas para dentro do solo terrestre.

Nós, homens, somos capazes de, muito eficientemente, impedir por completo que o solo irradie corretamente para dentro aquilo que, proveniente da periferia cósmica, as plantas necessitam. Continuando a adubar sem método, impediríamos a terra de aspirar aquilo que, na qualidade de ácido silícico, chumbo e mercúrio, é eficaz em dosagem homeopática sutil; aquilo que — se é que posso expressar-me assim — chega da periferia cósmica e deve ser absorvido pela vegetação, para que a planta, que na formação do carbono efetivamente constrói seu corpo com a ajuda do que chega em dosagem sutil da esfera do Universo, sempre obtenha por intermédio da terra o que precisa.

Por isso não devemos trabalhar metodicamente nosso adubo apenas como eu disse ontem, mas também com algo mais. E aqui não vem ao caso meramente adicionar-lhe substâncias que acreditamos ele deva ter para transportá-las para dentro das plantas; trata-se, isto sim, de lhe adicionarmos forças vivas. É que para a planta são muito mais importantes as forças vivas do que as simples forças substanciais, as meras substâncias. Se tivéssemos continuamente um solo, por mais rico que fosse quanto a esta ao aquela substância ele de nada serviria, contudo, à vegetação se não conferíssemos à planta, mediante a adubação, a capacidade de também acolher no próprio corpo o que o solo contém de atuações. É disto que se trata, na verdade.

Contudo, hoje não se sabe absolutamente quão diminutas quantidades atuam de forma extraordinariamente vigorosa quando se lida com o vivente. Eu penso, entretanto, que desde as pesquisas da Dra. Kolisko* sobre os efeitos de entidades mínimas — pesquisas que erigiram de uma maneira tão brilhante, sobre uma base científica tão fundamental, tudo aquilo que até então consistia apenas em sondar e tatear, na homeopatia —, eu penso que desde então pode-se considerar inteiramente científico que é precisamente em entidades pequenas, é em pequenas quantidades que forças irradiantes usadas no mundo orgânico são liberadas, pelo fato de se empregarem quantidades mínimas de modo adequado.

Ora, ao adubar não nos será fácil empregar quantidades mínimas desse modo. E nós vimos como, ao prepararmos isso, deixando-o completamente pronto antes ou depois da adubação por meio do conteúdo preparado nos chifres de vaca, acrescentamos as forças que devem ser adicionadas para virem em socorro do adubo em seus efeitos, quando este é empregado à parte dessa adubação homeopática e levado de modo correto a seu lugar. Porém deve-se tentar, das mais diversas formas, dar realmente ao adubo a vitalidade correta, dar-lhe a consistência para conservar, por si próprio, tanto nitrogênio e tanto das demais substâncias quanto necessite; conferir-lhe uma tendência à vitalidade que, por sua vez, o capacite a fazer essa vitalidade chegar adequadamente à terra. E assim eu gostaria de indicar hoje, mais a título de orientação, algo justamente no sentido de se acrescentar ao próprio adubo, em pequenas doses, aquilo que ao lado do conteúdo procedente dos chifres de vaca o vitalize tanto que ele, por sua vez, transfira sua vitalidade para o solo do qual brota a vegetação.

Para isto mencionei diversas coisas, frisando porém expressamente que, caso seja eventualmente difícil obtê-las em uma ou outra região, elas podem ser substituídas por muitas outras. Somente num único caso não se encontrará um substituto, pois aí o elemento é tão característico que dificilmente será encontrado da mesma forma em outra espécie de planta.

Em seguida ao que apresentei, atentaremos primeiro ao que, no orgânico, deve ser levado em consideração antes de mais nada

*Veja L. Kolisko, *Physichalischer Nachweis der Wirksamkeit kleinster Entitäten*. Stuttgart, 1923.

286103 BC UFG

a partir do mundo — o carbono, o hidrogênio, o nitrogênio e o enxofre —, para que no orgânico isto se concilie corretamente com outras substâncias — digamos, portanto, justamente com sais potássicos. Quando atentamos apenas à quantidade de sais potássicos de que a planta precisa para o crescimento — certamente se sabe alguma coisa a respeito —, sabe-se que os sais potássicos ou a potassa introduzem sobretudo o crescimento vegetal mais naquelas áreas do organismo das plantas que depois, em numerosos casos, tornam-se estrutura e provocam o aspecto rígido, caulescente, ficando o crescimento contido no caule pelo teor de potassa. Trata-se, porém, de elaborar este teor de potassa dentro daquilo que ocorre entre a terra e a planta, para que no processo orgânico ele se comporte de maneira correta diante do que ora constitui o corpo propriamente dito, o elemento protéico da planta. E aqui se consegue alguma coisa fazendo o seguinte:

Toma-se o milefólio*, planta que pode ser obtida com facilidade. Não a encontrando em alguma região, pode-se empregar igualmente seu preparado farmacêutico, do mesmo modo. Esse milefólio é uma obra maravilhosa; toda planta o é, mas quando o comparamos a qualquer outra flor, podemos sentir de todo o coração que maravilhosa obra ela é — trata-se mesmo de uma particular maravilha. Ela contém aquilo de que lhes falei, com que o Espírito sempre borrifa os dedos quando quer transportar as diversas coisas — carbono, nitrogênio e assim por diante — para seus respectivos locais orgânicos. Esse milefólio se apresenta na Natureza como se um criador qualquer de plantas tivesse nela um modelo para levar corretamente o enxofre, em proporção adequada, às outras substâncias vegetais. Diríamos que em nenhuma outra planta os espíritos da Natureza conseguem tal perfeição no emprego do enxofre como no milefólio. E quando se está familiarizado com a atuação do milefólio no organismo animal e humano, quando se sabe como esse milefólio, ao ser introduzido de forma correta no âmbito biológico, consegue efetivamente melhorar tudo o que encontra como fraqueza no corpo astral, então conseguimos acompanhá-lo, em sua "milefolhice", ao longo de todo o processo do crescimento vegetal da Natureza. Ele já é extraordinariamente benfazejo quando cresce de modo silvestre em algum

*_Achillea millefolium_ ou mil-folhas. (N.T.)

BC UFG

lugar às margens das lavouras ou dos caminhos, onde seja praticado o cultivo de cereais, de batatas ou qualquer outro cultivo. Não se deveria absolutamente erradicar o milefólio. É evidente que se deveria preservá-lo de estabelecer-se em qualquer lugar onde fosse importuno — ele não é realmente nocivo em lugar algum, mas pode tornar-se importuno —, mas do mesmo modo como certas pessoas simpáticas atuam na sociedade por sua mera presença, e não pelo que dizem, assim o milefólio atua numa região onde cresce em abundância graças já à sua presença, e de modo extraordinariamente favorável.

Ora, justamente com o milefólio pode-se fazer o seguinte: tome-se exatamente o mesmo que se emprega do milefólio também na medicina — a parte alta das inflorescências, as inflorescências em forma de guarda-chuva. Quando se dispõe de milefólio natural, pode-se colhê-las o mais frescas possível e em seguida deixá-las apenas secar por um período muito curto. Nem é preciso deixá-las secar muito. Não conseguindo obter o milefólio fresco, mas apenas o farmacêutico, antes de empregá-lo tente-se espremer o suco das folhas, que pode até ser obtido por cozimento da folhagem seca, e regue-se a inflorescência com um pouco desse suco. Tome-se a seguir — vejam como aqui se permanece sempre no vivo —, depois de ter apertado uma ou duas mancheias desse milefólio, uma bexiga de cervo e tente-se encerrar nela essa substância; feche-se a bexiga novamente, obtendo assim uma massa de milefólio bastante consistente dentro dela. Depois pendure-se essa massa de milefólio, durante o verão, no lugar mais ensolarado possível. Ao chegar o outono, ela será retirada do alto e colocada, em não grande profundidade, dentro da terra para passar o inverno. Portanto, durante um ano expusemos a flor do milefólio contida na bexiga do cervo — até o próprio fruto pode ser colocado —, em parte em cima e em parte embaixo da terra, às influências possíveis. Descobriremos que durante o inverno ela terá adquirido uma consistência muito característica.

Quando então juntamos — agora podemos guardá-la desta forma quanto tempo queiramos — esta substância extraída da bexiga a um monte de esterco, que pode ser tão grande quanto uma casa, e a distribuímos lá dentro — nem é preciso empregar muito trabalho —, quando a distribuímos simplesmente, então a irradiação passa a atuar. Há uma força irradiante tão extraordinária lá dentro — e em forças irradiantes o materialista crerá, sem dúvida, pois ele fala em rádio — que só de introduzi-la, por mais que a dispersemos, ela atua sobre a massa do adubo e do chorume e sobre a massa do composto.

Essa massa obtida do milefólio atua, de fato, de modo tão vivificante e renovador mesmo ao se empregar esse adubo elaborado hoje em dia, que se consegue melhorar muito daquilo que, de outra forma, se torna agricultura predatória. Devolve-se ao adubo a possibilidade de aviventar a terra, de modo a serem captadas as demais quantidades de elementos cósmicos que chegam ao solo na mais sutil dosagem homeopática, tais como o ácido silícico, o chumbo, etc. Bem, a respeito disto os membros do Círculo de Agricultores deveriam, por sua vez, fazer seus experimentos; eles irão constatar que isto dá resultado.

Vejam, Senhores, a questão agora é esta — pois devemos trabalhar com conhecimento, e não com desconhecimento —: aprendemos a conhecer o milefólio; seu teor muito homeopático de enxofre, aqui combinado exemplarmente com potássio, atua de modo tão grandioso a partir do próprio milefólio que consegue fazê-lo irradiar também seus efeitos mais amplamente sobre massas maiores. Mas por que justamente na bexiga de um cervo?

Isto se relaciona com uma percepção clara de todo o processo que se passa precisamente com relação à bexiga. O cervo é uma criatura animal que se encontra num relacionamento muito especial, não tanto com a terra, mas com as imediações da terra — com o que, nas imediações da terra, é cósmico; por isso possui a galhada cuja tarefa foi exposta ontem. Ora, mas aquilo que o milefólio justamente contém é conservado de forma muito especial no organismo humano e animal pelo processo que se desenrola entre o rim e a bexiga; e esse processo, por sua vez, depende da condição substancial da bexiga. Com isto temos, por sua vez, na bexiga do cervo, por mais delgada que seja ela em sua substância, forças que não se relacionam, como no bovino — aí são muito diferentes —, com o íntimo, e sim com as forças do Cosmo; a bexiga do cervo é quase uma reprodução do Cosmo. Assim damos ao milefólio a possibilidade de aumentar consideravelmente as forças que já possui para combinar o enxofre com as outras substâncias. Por conseguinte, graças a essa elaboração do milefólio que acabo de indicar, obtemos algo inteiramente fundamental para a

melhoria do adubo e permanecemos dentro do vivente — não saímos do vivente, não ingressamos na química inorgânica. Isto é o mais importante.

Tomemos um outro exemplo. Desejando dar ao adubo a possibilidade de recolher em si próprio tanta vida que possa transferi-la para a terra dentro em que cresce a planta, deve-se tratar de tornar o adubo igualmente capaz de vincular ainda mais entre si aqueles elementos necessários à vegetação: além da potassa, também o cálcio e as combinações calcárias. No milefólio lidamos preferencialmente com os efeitos potássicos. Se quisermos igualmente captar os efeitos cálcicos, usaremos por outro lado uma planta que, embora não nos entusiasme tanto quanto o milefólio, também contém enxofre distribuído em dosagem homeopática; assim, a partir do enxofre atrairemos as demais substâncias necessárias à planta, atraindo-as para dentro de um processo orgânico. Trata-se da camomila, *Chamomilla officinalis*.

Não se pode simplesmente dizer que a camomila se distingue por conter intensamente potassa e cálcio, mas que o milefólio desenvolve sua força sulfúrea preferencialmente dentro do processo de formação da potassa. Por isso o milefólio contém o enxofre na quantidade exatamente necessária para elaborar a potassa. No entanto, para isso a camomila elabora adicionalmente o cálcio e, deste modo, aquilo que pode contribuir em essência para excluir da planta aqueles efeitos frutificantes nocivos, mantendo-a em bom estado de saúde. Ora, é maravilhoso que a camomila contenha também um pouco de enxofre, porém em outra quantidade, pois precisa elaborar juntamente cálcio. Cumpre, então, refletir. Vejam, o que provém da Ciência Espiritual sempre se revela nas grandes esferas, ou, conforme se diz, nas relações macrocósmicas, e não nas microcósmicas.

Devemos agora seguir de perto o processo que a camomila, uma vez consumida, suporta no organismo humano e animal. Para tudo isto a bexiga é relativamente desprovida de significado, tendo, em contrapartida, maior significado a substâncias das paredes intestinais — é importante a substância das paredes intestinais. Por isso, querendo-se atuar com a camomila da mesma forma como com o milefólio, colhemos, por outro lado, as belas e delicadas cabecinhas amarelo-esbranquiçadas da camomila e as tratamos do mesmo modo como aos pequenos guarda-chuvas do

milefólio; porém não os introduzimos numa bexiga, mas em tripas de gado bovino.

Vejam, por nosso lado podemos fazer algo belíssimo; não é preciso muita coisa, e todavia é um assunto magnífico. Em vez de empregar tudo de que se dispõe neste sentido, isto é, em vez de empregá-lo da maneira como se emprega atualmente, em vez de encher lingüiça, façamos lingüiças de tripas de gado bovino, enchendo-se com o que tiver sido preparado, desta forma, da camomila. E assim teremos contribuído, por nosso lado, com algo que só precisa ser corretamente exposto à atuação da Natureza. Os Senhores vêem que também aqui ficamos sempre dentro do vivo. Ora, como se trata de fazer atuar ao máximo o vivente que é afim ao terroso, precisamos agora transplantar estas preciosas — são realmente preciosas — lingüicinhas, durante o inverno, numa profundidade não muito grande, para uma terra o mais rica possível em humo, e também procurar localizações onde a neve permaneça por mais tempo e o sol ilumine bem a neve remanescente, a fim de que os efeitos cósmico-astrais atuem o mais possível lá dentro onde tivermos acomodado essas preciosas lingüicinhas.

Depois, retirando-as na primavera, apanhando-as e adicionando-as ao adubo do mesmo modo como o milefólio, veremos como se obtém assim um adubo que, em primeiro lugar, será mais estável quanto ao nitrogênio do que um outro adubo, mas além disso tem a peculiaridade de aviventar a terra de forma tal que atuará sobre a vegetação de um modo extraordinariamente estimulante. E acima de tudo, ao adubarmos desta maneira, produziremos plantas mais sadias, plantas realmente mais sadias do que deixando de fazer tal adubação.

Sei muito bem que hoje tudo isto parece loucura; mas imaginem quanta coisa, neste mundo, até hoje pareceu loucura às pessoas, passando a ser adotada depois de alguns anos. Bastaria os Senhores terem lido os jornais suíços quando alguém propôs que se construíssem estradas de ferro nas montanhas, e visto quanta coisa lhe foi atirada na cabeça. Todavia, depois de pouco tempo lá estavam as estradas de ferro montanhesas, e atualmente as pessoas não acham mais que quem as inventou fosse um louco. Nestas coisas trata-se, portanto, de colocar de lado os preconceitos. Conforme foi dito, se de alguma forma ambas estas plantas forem difíceis de obter em algum lugar, poderão ser substituídas por

alguma coisa diferente, mas isto não seria tão bom. Todavia, é inteiramente possível usar também a planta sob sua forma farmacêutica.

Em contrapartida, difícil de substituir para uma boa atuação sobre nossa massa de adubo é uma planta que freqüentemente não agrada, isto é, não agrada no sentido de que gostamos de acariciar muitas coisas que nos agradam. Ninguém gosta de acariciar esta planta: a urtiga. Ela é realmente a maior benfeitora da vegetação, e mal se consegue substituí-la por qualquer outra. Não sendo possível obtê-la em algum lugar, precisamos mesmo substituí-la pela forma farmacêutica. Mas a urtiga é realmente um pau-para-toda-obra que sabe fazer muitíssimas coisas. A urtiga também traz consigo aquilo que o espiritual dispõe e elabora por toda parte — o enxofre, cujo significado já expliquei antes. Mas além de promover a potassa e o cálcio em suas irradiações e correntes, a urtiga tem ainda uma espécie de irradiações ferrosas que são quase tão favoráveis à marcha da Natureza quanto as nossas próprias irradiações de ferro no sangue. Com efeito, em virtude de sua bondade, a urtiga não merece de modo algum crescer tão desprezada como o é freqüentemente lá fora, na Natureza. Deveria realmente crescer ao redor do coração do homem, pois lá fora na Natureza, em sua grandiosa atuação interior e em sua organização intrínseca, ela realmente se assemelha ao que constitui o coração no organismo humano. Portanto, o fato é que em primeiro lugar já temos na urtiga um grande benefício, e — perdoe-me, sr. Conde, se neste momento me torno muito localista — até diríamos que para a desferrificação do solo, caso isto fosse necessário, contribui justamente o plantio de urtigas em locais onde não atrapalhem: elas libertam, de maneira especial, a camada superior do solo da atuação do ferro, por gostarem dele a ponto de o atraírem para si (embora o ferro como tal não seja abalado, e sim sua influência sobre a vegetação). Por isso o plantio de urtiga teria, particularmente nestas regiões, um significado especialíssimo. Entretanto, quero apenas mencionar isto de passagem. Quero chamar a atenção para o fato de que a mera presença da urtiga já pode ser significativa para todos os arredores, com relação ao crescimento vegetal.

Para melhorar o adubo, basta apanharmos a urtiga que conseguirmos obter e, levando-a a murchar um pouco, comprimi-la levemente; utilizemo-la sem bexiga de cervo nem tripas bovinas — enterremo-la simplesmente, adicionando ao mesmo tempo uma leve camada de, digamos, turfa para que fique algo isolada do alcance imediato da terra. Enterre-se isto diretamente, marcando-se bem o local, para que não se escave apenas terra ao querer desenterrá-lo. Depois deixemo-lo hibernar e atravessar, por sua vez, o verão — precisa ficar enterrado por um ano —, e então o teremos numa substancialidade de enorme atuação.

Ao misturá-lo agora ao adubo do mesmo modo como o outro que apresentei, fazemos sobretudo com que este adubo se torne interiormente sensível, verdadeiramente sensível, como se agora ele se tivesse tornado sensato a ponto de não permitir que coisa alguma se decomponha erradamente, nem lance de si o nitrogênio de modo incorreto, e coisas do gênero. É justamente graças a este ingrediente que tornaremos o adubo simplesmente sensato, isto é, capacitamo-lo a tornar também sensata a terra dentro da qual é aplicado, a fim de que ela se individualize em prol das plantas que se deseja justamente cultivar desta maneira. É realmente algo como "impregnar de sensatez" o solo, o que se consegue efetuar com esta adição de *Urtica dioica*.

Vejam, os métodos atuais de melhoria do adubo, embora às vezes surpreendam momentaneamente em sua atuação externa, terminam seguidamente por nos levar a transformar a totalidade dos excelentes produtos agrícolas em, por assim dizer, meros empanturradores de estômago no homem. Eles não mais conterão uma verdadeira força nutritiva. Aqui se trata realmente de não nos iludirmos com obter algo grande e abalofado, e sim de termos algo consistente em si e com uma verdadeira força nutritiva.

Por outro lado, pode ser que se vejam surgir doenças vegetais em algum lugar da lavoura. Neste caso quero falar de modo genérico. Hoje em dia as pessoas gostam de especializar-se em todas as coisas e de conversar sobre esta ou aquela enfermidade. Isto também está muito certo na medida em que se pratica a ciência, pois é preciso saber qual a aparência disto e daquilo. Porém, tal como para o médico, em geral não adianta muito saber descrever uma doença; é muito mais importante conseguir curá-la. Para curar interessam pontos de vista totalmente diversos dos que se têm atualmente para a descrição de enfermidades. Pode-se possuir uma grande perfeição para descrever enfermidades e saber

exatamente o que se passa no organismo, segundo as regras da fisiologia atual ou da química fisiológica, porém não se consegue curar coisa alguma. Não se deve curar segundo a diagnose histológica ou microscópica; deve-se saber curar a partir dos grandes contextos. O mesmo se dá perante a natureza vegetal. E uma vez que a natureza vegetal é realmente mais simples, a este respeito, do que a natureza animal e humana, eu diria que a cura é algo que pode decorrer mais no plano geral, de forma que se pode adotar para a planta uma espécie de remédio mais universal. Se isto não fosse possível, estaríamos de fato numa situação realmente má diante do mundo vegetal, na qual já estamos freqüentemente — adiante ainda falaremos disto — quanto à cura dos animais, mas não quanto à cura do homem. O homem consegue dizer o que lhe dói. Animais e plantas não conseguem. Todavia, é bem verdade que aqui a cura decorre de um modo mais genérico. Ora, nem todas as doenças vegetais, porém um grande número delas, uma vez percebidas podem ser precisa e efetivamente remediadas mediante uma formulação correta da adubação — na verdade, do seguinte modo:

Por meio da adubação devemos, neste caso, adicionar cálcio ao solo. Entretanto, de nada irá adiantar adicionarmos cálcio ao solo mediante desvio do âmbito vital; o cálcio deve permanecer na abrangência do vivo quando tem de agir curativamente. Ele não pode excluir-se do vivente. De nada serve a cal comum ou coisas similares.

Ocorre que temos uma planta contendo cálcio em abundância: setenta e sete por cento da substância da cinza, mas em delicada combinação: é o carvalho. É particularmente a casca do carvalho que constitui por si uma espécie de produto intermediário entre a vegetalidade e o elemento terroso vitalizado, inteiramente no estilo do que lhes expus sobre a afinidade entre esse terroso vitalizado e a casca. Em relação ao que se mostrará como cálcio, o ideal é sobretudo aquilo que se apresenta na casca do carvalho como estrutura de cálcio. Ora, o cálcio tem, quando ainda em estado vivente, não no extinto — embora também atue neste —, aquilo que expliquei. Estabelece ordem quando o corpo etérico, atuando muito intensamente, faz com que o astral não consiga aproximar-se de qualquer elemento orgânico. Ele mata (isto é, amortece) o corpo etérico, liberando assim as atuações do corpo

astral. Este é o caso de qualquer cal. Mas quando queremos que um elemento etérico proliferante se concentre de uma bela maneira, e de tal modo que essa concentração seja efetivamente muito regular e não provoque choques no orgânico, precisamos certamente empregar o cálcio na estrutura encontrada na casca do carvalho.

Coletemos, pois, casca de carvalho conforme a obtivermos. Não necessitamos de muito: não mais do que possa ser obtido com facilidade. Coletemos isto e cortemo-lo em pedaços, a fim de obter uma consistência fragmentada, uma estrutura fragmentada. Em seguida tomemos um crânio — quase não importa de que animal doméstico provenha —, uma calota craniana e, colocando nela a casca de carvalho picada, fechemo-la por sua vez do melhor modo possível com massa óssea; depois enterremo-la a não muita profundidade, cobrindo-a com turfa e tentando, através de uma canaleta qualquer, levar a esse local a maior quantidade possível de água de chuva. Seria também possível fazê-lo do seguinte modo: fazendo com que a água de chuva pudesse sempre fluir para dentro e depois para fora de uma tina, tendo-se colocado nesta uma substância vegetal que provoque a presença forte de lodo vegetal o tempo todo; neste assim chamado lodo vegetal fica depositado o recipiente ósseo que encerra a casca de carvalho esmigalhada. Isto precisa então hibernar — água de neve é tão boa quanto água de chuva —, e tanto quanto possível atravessar o outono e o inverno.

A partir desta massa será acrescentado aos nossos volumes de adubo aquilo que realmente lhes empresta forças para combater e deter profilaticamente as doenças vegetais nocivas. Até aqui já juntamos quatro coisas à mistura. Tudo isto demanda, sem dúvida, um pouco de trabalho, mas ao refletirem sobre o assunto os Senhores até irão achar que isto proporciona menos trabalho do que todas as bugigangas feitas nos laboratórios químicos para a agricultura, as quais ainda precisam ser pagas. Logo os Senhores verão que, para a economia nacional, o que expusemos rende mais.

Mas agora precisamos de algo mais, que ainda atraia de maneira correta o ácido silícico de toda a circunvizinhança cósmica. Ora, cumpre termos este ácido silícico dentro da planta. E é justamente com relação à absorção deste ácido silícico que a terra perde, com o decorrer do tempo, sua capacidade. Ela a perde lentamente, e por conseguinte não o notamos tanto; observem, po-

rém: para as pessoas que a rigor ainda olham apenas para o microscópico, e não para o macrocósmico, a perda de ácido silícico nada quer dizer, pois elas crêem que este não tem significado algum para a vegetação. No entanto, ele tem o maior significado para o crescimento vegetal. Ora, sobre estas coisas devemos saber algo. É óbvio que, para o douto, hoje em dia isto não é mais sinal de uma confusão tão grande como ainda há pouco tempo era considerado, pois atualmente já se fala da transmutação dos elementos sem sentir vergonha. A observação dos mais variados elementos amansou, a este respeito, os leões materialistas.

Todavia, certas coisas que realmente acontecem a todo momento à nossa volta não são absolutamente conhecidas. Se as pessoas as conhecessem, poderiam acreditar mais facilmente em coisas como as que acabo de explicar. Sei muito bem que quem está entocado no atual modo de pensar dirá: "Mas você não nos conta coisa alguma de como se melhorará o teor de nitrogênio do adubo." Entretanto, falei disto continuamente — ou seja, quando falei do milefólio, da camomila, da urtiga —, pois no processo orgânico reside uma alquimia secreta que efetivamente converte, por exemplo, a potassa em nitrogênio — bastando operar lá dentro de modo adequado — e converte em nitrogênio a própria cal, quando esta opera de modo correto. Os Senhores sabem que na vegetação estão presentes todos os quatro elementos dos quais falei; ao lado do enxofre também está presente, portanto, o hidrogênio. Eu lhes indiquei o significado do hidrogênio. Ora, existe um relacionamento qualitativo recíproco entre a cal e o hidrogênio, semelhante ao relacionamento qualitativo entre o oxigênio e o nitrogênio no ar. E só isto já poderia denunciar, de forma tão puramente exterior como na análise química quantitativa, que existe uma analogia entre a relação do oxigênio com o nitrogênio no ar e a relação da cal com o hidrogênio nos processos orgânicos. Com efeito, sob a influência do hidrogênio a cal e a potassa estão continuamente transformadas em similar de nitrogênio, e finalmente em verdadeiro nitrogênio. E o nitrogênio gerado deste modo é justamente de enorme utilidade para o crescimento das plantas, mas é preciso fazê-lo originar-se justamente pelos métodos aqui descritos.

O ácido silícico contém silício. O silício, por sua vez, é transformado no organismo em uma substância sumamente importante,

que hoje em dia não é absolutamente contada entre os elementos químicos; e necessita-se justamente do ácido silícico para interiorizar o cósmico. E então é preciso que na planta se origine simplesmente uma verdadeira interação entre o ácido silícico e o potássio — não com o cálcio. Necessitamos, pois, aviventar o solo para desenvolver esta interação correta por meio da adubação. Devemos procurar uma planta em condições de, por sua própria relação entre o potássio e o ácido silícico, conferir ao adubo o poder adequado ao ser, por sua vez, adicionada a ele numa espécie de dose homeopática. Essa planta é realmente possível de encontrar. E basta, por outro lado, que cresça dentro de nossas áreas agrícolas para já ser benéfica neste sentido. Trata-se do *Taraxacum* ou dente-de-leão. O inocente dente-de-leão amarelo, em qualquer região que cresça, é extraordinariamente benfazejo. Porque ele é o mediador entre o ácido silícico, distribuído no Cosmo de modo sutilmente homeopático, e aquilo que é efetivamente utilizado como ácido silícico em toda a região. Ele é realmente uma espécie de mensageiro celestial, esse dente-de-leão; porém deve-se empregá-lo de forma correta quando se quer torná-lo atuante no adubo, isto é, quando interessa usá-lo. Então devemos naturalmente expô-lo à atuação da terra, à atuação da terra no inverno. Mas aqui se trata de ganhar as forças circundantes trabalhando-o do mesmo modo como o resto.

BC UFG

Coletemos as cabecinhas amarelas do dente-de-leão, deixando-as murchar um pouco; costuremo-las a seguir dentro de um mesentério bovino [v. notas à pág. 165] e coloquemo-las também na terra durante o inverno. Ao retirarmos, então, as bolas na primavera — pode-se guardá-las até precisar delas — elas estarão, de fato, inteiramente impregnadas de atuação cósmica. A substância que se tenha obtido delas pode, depois, ser analogamente adicionada ao adubo, vindo a dar ao solo a capacidade de extrair exatamente tanto ácido silícico da atmosfera e do Cosmo quanto seja necessário às plantas, a fim de se tornarem estas efetivamente sensíveis a tudo o que atue em suas imediações, atraindo assim, elas próprias, aquilo de que necessitarão.

Ora, a rigor as plantas, para realmente crescerem, devem ter uma espécie de sensibilidade. Tal qual eu, como homem, posso passar ao largo de um sujeito apático sem que ele o perceba, assim também tudo no solo e sobre o solo pode, naturalmente, pas-

sar por uma planta sem que esta o perceba, e nem tampouco consiga colocá-lo a serviço de seu crescimento. Entretanto, se a planta for impregnada desta maneira, vitalizada com ácido silícico do modo mais sutil, será de natureza tal que se tornará sensível a tudo e tudo atrairá. No entanto, pode-se muito facilmente levar a planta a utilizar, na terra, apenas uma periferia muito restrita à sua volta para atrair o que precisa. Isto naturalmente não é bom. Ao trabalhar o solo do modo como acabei de expor, a planta se prepara para atrair as coisas em âmbito mais amplo. Ela não só se beneficia do que está na lavoura, mas também do que está no solo do prado vizinho, se o necessitar. Ao se tornar interiormente sensível desta forma, a planta se beneficia do que está no solo da floresta existente nas proximidades. E assim podemos provocar uma interação na Natureza ao darmos às plantas as forças que deste modo, por meio do dente-de-leão, compete a elas.

E assim eu poderia imaginar que com isto se devesse tentar produzir meios de adubação adicionando realmente estes cinco ingredientes ou seus sucedâneos aos adubos, da maneira indicada. No futuro, um adubo, em lugar de ser tratado com as bugigangas químicas, deverá ser tratado com milefólio, camomila, urtiga, casca de carvalho e dente-de-leão. Tal meio de adubação conterá, de fato, muito daquilo que efetivamente necessitamos.

A fim de melhorar ainda mais o adubo, antes de empregá-lo assim preparado espremem-se as flores da valeriana — *Valeriana officinalis* —, diluindo bastante o suco obtido — pode-se prepará-lo em qualquer época e depois guardá-lo, porém empregando água morna para a diluição —; assim, ao adicionar sutilmente ao adubo este suco diluído da florescência da valeriana, pode-se provocar nele especialmente aquilo que o estimula a comportar-se de modo correto diante da chamada substância fosfórica. Então poderemos, graças a estes seis ingredientes, produzir um excelente adubo, tanto de chorume quanto de esterco de curral ou de composto.

Respostas a perguntas

13 de junho de 1924

Trato geral do adubo. Pormenores sobre os preparados do adubo. Alimentação pela atmosfera

No caso da bexiga de cervídeo, trata-se do cervo — ou veado — macho?

Eu me referi ao cervo macho.

Quanto à urtiga, trata-se da anual ou da perene?

Da *Urtica dioica*.

É correto telhar a esterqueira em regiões onde chove muito?

Na realidade, o adubo deveria suportar as quantidades normais de chuva. Por outro lado, do mesmo modo como não lhe é benéfico deixar de receber qualquer água de chuva, também o prejudica ser totalmente lixiviado pela precipitação pluvial. Tais coisas não se podem decidir assim, generalizando completamente. Em geral a água de chuva é boa para o adubo.

Não se deveria, para o chorume não se perder, ter esterqueiras cobertas?

Em certo sentido, a água de chuva é necessária ao adubo. Poderíamos questionar se é bom deter a chuva distribuindo turfa sobre o adubo. Impedir totalmente a chuva com um telhado é algo que certamente não terá qualquer finalidade correta. Sem dúvida o adubo se tornará pior com isto.

Se a vegetação é tão fomentada pelo modo de adubar indicado, este beneficiará igualmente as plantas nobres e as ervas daninhas; ou, neste caso, devem ser empregados métodos especiais para exterminar as ervas daninhas?

Em primeiro lugar, é claro que a pergunta é inteiramente justificada. Nos próximos dias quero falar sobre o assim chamado

combate à erva daninha. Em princípio, aquilo que eu disse é favorável à vegetação em geral, não se conseguindo com isto exterminar a erva daninha. No entanto, a planta fica muito mais resistente às pragas parasitárias que nela se apresentem. Mas o assunto é o seguinte: contra aquilo que aparece como pragas parasitárias no reino vegetal já se têm os meios. O combate à erva daninha não é algo que se relacione com os princípios até agora discutidos. A erva daninha até mesmo participa da vegetação geral. Sobre isto ainda falaremos. As coisas se relacionam de tal modo que não é bom retirar alguma coisa.

O que se deve achar do procedimento do capitão Krantz, segundo o qual também se pode tornar o adubo isento de cheiro mediante amontoamento solto, em camadas, de massas de adubo e mediante sua própria produção de calor?

Foi bem intencionalmente que não falei sobre as coisas que hoje são empregadas de forma racional. Eu queria mencionar aquilo que pode provir da Ciência Espiritual como estímulo para a melhoria de cada um desses métodos. Esse procedimento que o Senhor citou certamente tem muitas vantagens. Mas creio que o procedimento seja de modo geral novo, não seja um procedimento antigo, e é de presumir que também pertença àqueles procedimentos deslumbrantes no início e que, no decorrer do tempo, não se mostram tão práticos quanto em realidade havíamos pressuposto. No início, quando o solo ainda tem sua tradição, tudo realmente o renova, de uma certa maneira. Depois, quando se emprega a coisa por mais tempo, acontece como nos remédios ao entrarem pela primeira vez num organismo. Os mais incríveis remédios certamente ajudam da primeira vez, e depois cessa o efeito curativo. Também nestas coisas demora sempre muito tempo até se descobrir que não é como se acreditava originalmente. O que neste caso tem um significado especial é realmente a produção de calor próprio, e esta atividade que deve ser exercida para produzi-lo é, sem dúvida, extraordinariamente favorável ao adubo, de modo que desta atividade algo favorável deve resultar. Os danos que poderiam provir disto são o fato de se ter o adubo solto e o fato de eu não saber se vale tão ao pé da letra que o adubo fica totalmente isento de cheiro. Bem, se o adubo se revela inodoro, isto seria

indicativo de uma coisa boa e favorável. Este é um procedimento que ainda não foi testado desde há muitos anos.

Não será melhor montar a esterqueira por cima do solo, em lugar de aprofundá-la na terra?

Em princípio, é correto instalar a esterqueira o mais alto possível — conquanto aqui se deva, por outro lado, cuidar para que a própria esterqueira não esteja demasiado alta, a fim de permanecer relativamente ligada às forças existentes sob a terra. Não se pode montá-la sobre uma colina, porém já se pode construí-la ao rés do solo, sendo esta a disposição mais favorável quanto à elevação.

Na videira, que precisa suportar muita coisa, pode ser usado o mesmo composto?

Pode, com algumas modificações. Quando eu estiver discutindo a fruti-viticultura surgirão algumas modificações, mas em geral vale o que eu disse hoje quanto à melhoria de toda espécie de adubo. Hoje eu apresentei as coisas que geralmente melhoram o adubo. Ainda haveremos de tratar da especificação para o prado e o pasto, para o cereal, para a fruti-viticultura.

É correto calçar a esterqueira?

Segundo o que se pode saber sobre toda a estrutura da terra e sua conexão com o adubo, sem dúvida é um absurdo que a esterqueira seja calçada. Tampouco posso entender por que ela seria calçada. Deve-se deixar um espaço livre para a própria esterqueira, isto é, deixar em derredor um lugar livre para a ação conjunta entre o adubo e a terra. Por que piorar o adubo, isolando-o da terra?

Tem o subsolo alguma influência, por ser arenoso ou argiloso? Algumas vezes a camada interna da esterqueira é revestida de argila, para ficar impermeabilizada.

Está correto que certas espécies de terra têm uma determinada influência. Esta resulta, naturalmente, da peculiaridade dessas próprias espécies de terra. Se tivermos um solo arenoso sob a

esterqueira, será necessário primeiramente forrá-lo com um pouco de argila antes de colocar-lhe adubo por cima, pois sendo ela permeável, sempre absorverá água. Todavia, tendo um solo pronunciadamente argiloso, deveríamos realmente afofá-lo e polvilhá-lo com areia. Para obter um efeito médio, sempre se toma uma camada de areia e uma de argila. Assim se têm ambos, contando com uma consistência do reino terroso e com os efeitos da água. Do contrário a água se infiltra e se perde. Uma mistura de ambas as espécies de terra será sobremaneira favorável. Por este motivo é que se trata de não escolher, pelo menos quando se pode evitá-lo, solos de loesse para instalar a esterqueira. Loesse e similares não terão uma atuação especial. Então será melhor fazer, aos poucos, um solo artificial para a esterqueira.

No tocante às plantas que nos foram indicadas — o milefólio, a camomila e a urtiga —, é possível simplesmente inoculá-las por semeadura na região, quando esta não as possui? Na lavoura da Terra Verde mantivemos o ponto de vista de que o milefólio seria perigoso para o gado bovino, além do dente-de-leão. Na Associação Terra Verde quisemos eliminar o mais possível essas plantas, assim como o cardo. Estamos, neste momento, justamente empenhados em executar isso. Será que agora deveríamos, então, semeá-las novamente nas bordas do campo, porém não nos prados nem nos pastos?

Sim, mas de que modo seriam nocivas à alimentação animal?

Conde Keiserlingk:
Dizem que o milefólio teria elementos tóxicos. Dizem que o dente-de-leão não seria benéfico para a nutrição do gado bovino.

Deve-se atentar para isto: em campo aberto o animal não come essas coisas.

Conde Lerchenfeld:
Entre nós se faz o contrário. Lá o dente-de-leão é muito apreciado diretamente como forragem leiteira.

Às vezes estas coisas só existem como conceitos. Não se sabe se foram experimentadas. É possível — deve-se experimentar —

que [essa vegetação] não seja nociva no feno. Eu creio que, se for nociva, o próprio animal deixará de lado o feno. O animal não come nada que lhe seja nocivo.

Não foi o milefólio especialmente afastado pela forte calagem, uma vez que precisa realmente de um solo úmido e com teor ácido?

Quando se emprega o milefólio espontâneo — foi o caso desta homeopatização peculiar —, aqui também basta realmente uma porção diminuta de milefólio, disseminada sobre uma propriedade muito grande. Ter o milefólio aqui no jardim seria suficiente para toda a propriedade.

Em meus pastos eu vi que o dente-de-leão novo, enquanto ainda prestes a florescer, foi muito consumido por todo o gado bovino. Em contrapartida, mais tarde, assim que principiou a florescer, o gado bovino não o apanhou mais.

Neste caso o senhor deve considerar o seguinte: naturalmente esta é a regra geral. O animal não come o dente-de-leão quando este lhe é prejudicial; ele tem um instinto alimentar extraordinariamente bom. Mas aqui o senhor deve considerar outra coisa. Certamente, quando queremos promover alguma coisa que se apóia num processo, quase sempre empregamos alguma coisa que não empregamos isoladamente. Por exemplo, ninguém iria consumir fermento de pão no uso diário, porém este sempre se emprega para assar pão. As coisas são assim: aquilo que eventualmente pode atuar de modo tóxico, quando consumido em grande dosagem, em outras circunstâncias atuará da maneira mais benéfica. Na verdade, geralmente os remédios são tóxicos. Ora, estou dizendo que o verdadeiramente decisivo é o processo, e não a matéria. Acho, assim, que se pode muito bem passar por cima da dúvida sobre se o dente-de-leão pode prejudicar o animal. Existem tantos conceitos notáveis; e é realmente algo curioso que, por um lado, seja frisada a nocividade do dente-de-leão pelo Conde Keyserlingk, enquanto por outro o Conde Lerchenfeld diz que esta seria justamente a melhor forragem leiteira. A atuação em regiões tão próximas não pode ser diferente; uma das opiniões não pode estar certa.

Será porventura o subsolo decisivo? Além disso, minha afirmação se apóia em opiniões veterinárias. Devem este milefólio e o dente-de-leão ser plantados especialmente nos pastos e nas áreas dos prados?

Basta uma área muito pequena.

É importante por quanto tempo os preparados precisam ser guardados com o adubo, após terem sido retirados do solo?

Quando são misturados ao adubo, não importa quanto tempo ficam lá dentro. Mas ao se distribuir o adubo no campo, isto já deveria realmente ter sido providenciado de antemão.

Deve-se enterrar todos os preparados de adubo juntos ou cada qual à parte?

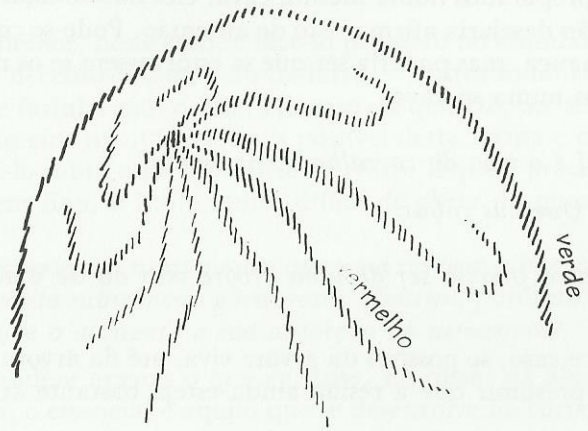
Isto tem, efetivamente, um significado à medida que, enquanto acontece essa interação, é bom um preparado não perturbar o outro; de modo que se deveria pelo menos enterrá-los a uma certa distância entre si. Se eu tivesse de fazê-lo numa propriedade pequena, sempre iria procurar já na periferia os pontos mais distantes, procedendo aos enterramentos com os maiores intervalos entre eles, a fim de que um não atrapalhasse o outro. Numa propriedade grande, pode-se estabelecer as distâncias como se queira.

A terra situada em cima dos preparados enterrados pode cobrir-se de vegetação?

A terra pode fazer o que quiser. É até muito bom, em tais casos, que a terra em cima se cubra de vegetação. Ela também pode estar coberta de plantas cultivadas.

Como se tratam os preparados na esterqueira?

Eu recomendaria submetê-los a este procedimento: enterrá-los a um quarto de metro ou um pouco mais fundo em uma esterqueira das maiores, a fim de que o esterco envolva a coisa. Não é preciso um metro de profundidade, mas o esterco deve realmente envolver os preparados. Pois o que ocorre é o seguinte: sendo esta a esterqueira [v. desenho], e tendo-se colocado aqui uma minús-



BC UFG

cula partícula — todo o assunto repousa na radiação —, os raios saem todos assim; e não é bom ficar muito perto da superfície. A radiação se quebra na própria superfície, fazendo uma curva bem determinada sem sair, quando o esterco está fechado ao redor dela. Um meio metro de profundidade basta. Estando muito na superfície, perde-se uma grande parte da radiação energética.

É suficiente fazer apenas algumas cavas, ou deve-se distribuir tudo o mais possível?

Na verdade é melhor distribuir, e não fazer cavas apenas num lugar. Senão as radiações se interceptam.

Deve-se introduzir todos os preparados ao mesmo tempo na esterqueira?

Quando se introduzem os preparados na esterqueira, pode-se colocá-los lado a lado. Eles não se influenciam mutuamente; apenas influenciam o adubo como tal.

Pode-se colocar todos os preparados numa só cava?

Teoricamente se poderia até pressupor que, se colocássemos todos os preparados numa mesma cava, eles não se estorvariam. Mas eu não desejaria afirmar isto de antemão. Pode-se colocá-los em vizinhança, mas poderia ser que se estorvassem se os reuníssemos todos numa só cava.

Qual é o tipo do carvalho mencionado?

É o *Quercus robur.*

A casca precisa ser de uma árvore viva ou de uma árvore abatida?

Neste caso, se possível da árvore viva, até da árvore da qual se possa presumir que a resina ainda esteja bastante ativa.

Interessa a casca inteira?

Realmente, só a superfície — a camada externa da casca que se desfaz quando retirada.

É absolutamente necessário, no enterramento dos preparados do adubo, chegar apenas até à camada de cultivo, ou pode-se também enterrar os chifres de vaca mais profundamente?

Na verdade é melhor deixá-los ficar na camada de cultivo. É até de presumir que no subsolo, abaixo da camada de cultivo, eles nem produzam um material tão fecundo. Naturalmente ainda seria de levar em consideração que uma camada de cultivo mais profunda seria absolutamente mais favorável. Tendo-se escolhido essa camada de cultivo mais poderosa, este seria mesmo o melhor local. No entanto, abaixo da camada de cultivo não se conseguirá qualquer rendimento.

Na camada de cultivo as coisas estariam sempre expostas à geada. Isto não prejudica?

Quando expostas à geada elas entram justamente naquele período em que a terra, graças a essa geada, se expõe mais intensamente às influências cósmicas.

Como se esmigalha quartzo e cascalho? Num pequeno moinho ou no almofariz?

O melhor, neste caso, é fazê-lo primeiro no almofariz — para isto é necessária uma mão-de-ferro —, triturando-o até a um ponto de farinha muito fina. No caso do quartzo, até será necessário primeiro triturá-lo o mais possível desta forma e continuar a triturá-lo sobre uma superfície de vidro. É que é preciso ser farinha bem fina, e isto é muito difícil de obter do quartzo.

A experiência rural mostra que uma rês bem alimentada também deposita substâncias gordurosas. Existirá, portanto, uma relação entre o alimento e sua absorção da atmosfera?

Considere apenas o que eu disse. Eu disse: na absorção do alimento, o essencial é aquilo que se desenvolve no corpo em forma de energias. Da correta absorção do alimento depende se o animal desenvolve energias suficientes para ter as capacidades de absorver as substâncias vindas da atmosfera e elaborá-las. Isto pode ser comparado ao seguinte: quando se precisa calçar uma luva apertada, não se consegue alargá-la por enchimento, e sim tracionando-a antes, por dentro, com madeira. Assim, isto constitui também uma flexibilização das forças que precisam estar presentes para acolher da atmosfera aquilo que não é obtido pela alimentação. Por meio dos alimentos o organismo é alargado e, com isto, tornado capaz de absorver mais da atmosfera. Por este intermédio pode até sobrevir a hipertrofia, quando se ingere demais. Esta é expiada, então, com um tempo de vida mais curto. Aqui existe algo situado no meio, entre o máximo e o mínimo.

286109

Sexta conferência

Koberwitz, 14 de junho de 1924

A individualização nos procedimentos da agricultura. A natureza da erva daninha, das pragas animais e das assim chamadas doenças das plantas perante o foro da Natureza

Dando prosseguimento às nossas considerações, teremos agora de apoiar-nos em muita coisa ouvida nos dias precedentes acerca do crescimento das plantas e também das formações animais. Agora será o caso de fazermos passar diante de nós, ao menos de modo aforístico, também algumas das idéias científico-espirituais relacionadas com as plantas — com as pragas vegetais e animais da agricultura e com aquilo que denominamos enfermidades das plantas. Ora, estas coisas só se deixam realmente observar de modo concreto. E é por isso que em primeiro lugar apresentarei, também em âmbitos onde em geral pouco se pode dizer — pois as coisas devem ser especificadas —, exemplos que depois, ao serem adotados como pontos de partida para experimentos, podem realmente conduzir a algo adicional. De início eu desejaria partir da natureza da erva daninha, ou como se queira chamá-la; gostaria de considerar essas pragas vegetais.

Vejam, aqui se trata menos de obter uma definição da erva daninha do que de obter conhecimentos sobre como podemos afastar de uma determinada área de cultivo as plantas que não desejamos por ali. É bem verdade que às vezes ainda temos veleidades assaz estranhas, conservadas desde nossa época estudantil. E por isso tentei, embora em realidade não com muito prazer, perseguir uma dessas veleidades e procurar, em alguns escritos, o que se tem como definição de erva daninha. Ora, então constatei que a maioria dos autores, ao querer definir o que é erva daninha, dizem o seguinte: "Erva daninha é tudo aquilo que cresce no local onde não o queremos." Vejam, esta é uma definição que não penetra muito profundamente na essência da coisa. E tampouco se terá muita sorte ao desejar penetrar na essência da erva daninha, pelo simples motivo de que perante o foro da Natureza a erva daninha tem

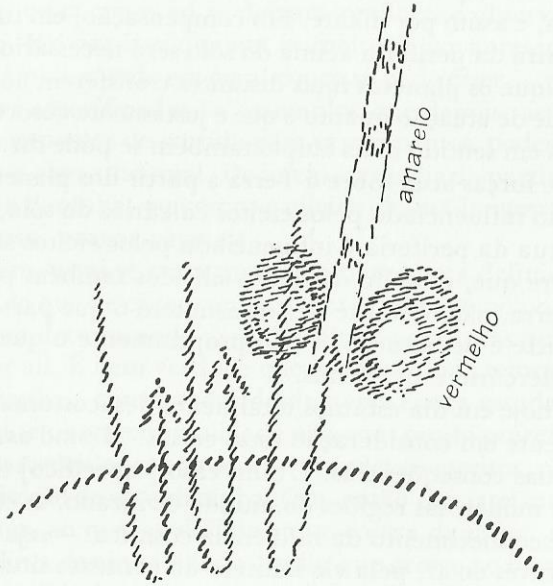
exatamente tanto direito a crescer quanto o que se considera útil. Já se deverá ter bem claro que as coisas precisam ser enxergadas de um ponto de vista um pouco diferente, isto é, daquele que focaliza como eliminar de determinada área de cultivo justamente aquilo que não tenha sido previsto para lá mas que, devido ao contexto geral da Natureza, cresce nesse lugar. Não se consegue absolutamente responder a estas questões a não ser levando em consideração justamente as coisas que mencionamos nos dias anteriores.

Ora, nós mencionamos como se deve distinguir rigorosamente as forças que se encontram na vegetação e que, embora provenham do Cosmo, primeiro são absorvidas pela terra para, a partir dela, atuar sobre a vegetação. Essas forças que em sua essência são, portanto, provenientes das influências cósmicas, conforme eu disse — de Mercúrio, de Vênus e da Lua —, porém não atuando diretamente destes planetas, e sim pela via indireta da Terra, essas forças devem ser levadas em consideração quando se trata de seguir de perto aquilo que a uma planta-mãe faz suceder uma planta-filha, e assim por diante. Em compensação, em tudo o que a planta retira da periferia acima do solo será necessário considerar tanto o que os planetas mais distantes transferem ao ar como possibilidade de atuação quanto o que é justamente absorvido deste modo. Mas em sentido mais amplo também se pode dizer que tudo o que de forças atua sobre a Terra a partir dos planetas próximos é muito influenciado pelos efeitos calcários do solo, enquanto o que atua da periferia é influenciado pelos efeitos silícicos. E assim ocorre que, quando os efeitos silícicos também partem da própria Terra, não obstante eles transmitem o que parte de Júpiter, de Marte e de Saturno, e não propriamente o que parte da Lua, de Mercúrio e de Vênus.

Ora, hoje em dia estamos totalmente desacostumados de levar realmente em consideração estas coisas. Mesmo assim, deve-se sofrer suas conseqüências. E num caso [específico] tivemos de sofrer, em numerosas regiões do mundo civilizado, as conseqüências do desconhecimento da influência cósmica — seja enquanto agindo através do ar, pela via indireta do contexto situado acima do nível do solo, seja enquanto agindo de baixo, por intermédio da terra —, por causa dessa incompreensão, à medida que estava totalmente esgotado o que outrora fora feito pela mais antiga ciência instintiva a respeito de tais coisas. Isto pode ser indiferente para

todos os Senhores, mas para muitas pessoas não é. O solo terrestre estava exaurido, as tradições estavam igualmente esgotadas — embora os lavradores houvessem, às vezes, ajudado um pouco —, e assim sobreveio a filoxera sobre vastíssimos vinhedos. Diante da filoxera, as pessoas ficavam bastante desamparadas. Eu ainda saberia contar muita coisa da redação de um jornal agrícola surgido nos anos oitenta [do século dezenove] em Viena, o qual foi assaltado de todos os lados porque deveria encontrar um remédio contra a filoxera, tendo ficado completamente desnorteado quando, naquela época, o mal da filoxera se tornou realmente agudo. Estas coisas não se deixam tratar, de modo radical, com esse tipo de ciência que se tem hoje em dia; elas somente se deixam tratar quando conseguimos realmente penetrar naquilo que se pode saber pelos caminhos que apontamos.

Bem, imaginem os Senhores — vou desenhar isso esquematicamente [v. desenho] — que este seja o nível da terra, aqui tudo



o que ingressa do Cosmo como influência de Vênus, de Mercúrio e da Lua e, por sua vez, irradia de volta, atuando de baixo para cima. E isto, que desta forma passa a ter atuação na Terra — vou

desenhá-lo de novo, esquematicamente —, isto leva as plantas a agir de modo a formarem primeiro o que cresce em um ano, e só depois a semente. Da semente provém então a nova planta, em seguida a terceira planta e assim sucessivamente. Tudo isto que advém por esta via penetra na força reprodutora, isto é, na sucessão das gerações.

Em contrapartida, tudo o que advém por uma outra via situada acima do nível do solo provém das outras forças, isto é, das forças planetárias distantes. Isto pode ser desenhado de forma esquemática, de modo a que eu diga o seguinte: eis o que, na planta, agora se transforma pelo fato de esta se espalhar ao redor; eis o que a faz parecer robusta e corpulenta, e que tomamos como nutriente, por formar sempre de novo um fluxo contínuo. O que retiramos, por exemplo, da maçã e do pêssego e depois comemos como polpa da fruta, tudo isso provém desses efeitos planetários distantes da Terra. Ora, é justamente destes conhecimentos que emerge o modo de proceder quando se quer influenciar de alguma maneira a vegetação. Uma compreensão do modo de influenciar a vegetação não pode ser obtida senão levando-se em consideração essas forças diversas.

Ora, inicialmente exerce a maior influência sobre um grande número de plantas, principalmente sobre aquelas que na vida cotidiana se contam entre as plantas daninhas, sendo às vezes plantas medicinais extremamente fortes — é justamente entre as ervas daninhas que procuramos as plantas medicinais mais fortes —, sobre estas plantas tem a maior influência o que se pode chamar de atuações lunares.

Da Lua se sabe, na vida normal, que ela acolhe os raios solares em sua superfície e os projeta sobre a Terra. Ora, por captar isso com nossos olhos — e a Terra também capta esses raios lunares —, vemos os raios solares refletidos. Trata-se, portanto, dos raios solares refletidos desta forma, porém perpassados pela Lua com suas forças — chegando por isso à Terra justamente como forças lunares desde que a Lua se separou dela. É no Cosmo que atua justamente essa força lunar, fortalecendo todo o âmbito terrestre. Quando a Lua ainda estava unida à Terra, o elemento terroso era muito mais vivo e muito mais fértil. Um elemento mineral tão forte como temos atualmente não existia, em verdade, naquele tempo em que a Lua ainda estava unida à Terra. Mas de-

pois da separação ele veio a atuar de tal forma que a condição terrestre normal, suficiente para provocar o crescimento em seres vivos, é fortalecida por seu intermédio, podendo o crescimento intensificar-se até à reprodução.

Quando um ser cresce, aumenta de tamanho. Aí atua a mesma força que também age na reprodução. Só que no caso do crescimento não é atingido o ponto de nascer um ser da mesma espécie. Nasce apenas célula de célula, o que é um processo reprodutivo mais fraco, sendo que a reprodução é um processo de crescimento mais forte. Por si própria, a Terra consegue justamente intermediar o processo reprodutivo mais fraco — o crescimento —, mas sem a Lua não consegue coisa alguma a respeito do crescimento reforçado. Neste caso ela precisa, mesmo, simplesmente daquilo que, na qualidade de forças cósmicas, brilha por intermédio da Lua e, em plantas específicas, também por intermédio de Mercúrio e Vênus em direção à Terra. Anteriormente eu disse que se imagina a Lua apenas recebendo os raios solares e lançando-os Terra adentro. Por conseguinte, no caso da atuação lunar só erguemos realmente o olhar para a luz do Sol. Todavia, esta não é a única coisa que chega à Terra. Ora, com os raios lunares também chega à Terra todo o Cosmo refletido. Tudo o que age sobre a Lua é novamente refletido. Assim sendo, também todo o céu estrelado, sem que isso possa igualmente ser demonstrado ao homem moderno com os métodos físicos atuais, de certa forma é refletido da Lua para a Terra. Já é uma força intensa muito organizadora, essa que é irradiada da Lua para baixo, para dentro das plantas, a fim de que a planta possa servir-se dela com relação ao teor seminal, ou seja, a fim de que a força de crescimento se eleve à força de reprodução.

Ora, mas tudo isto só tem lugar, numa região da Terra, quando há lua cheia. Havendo lua nova, essa região não goza do benefício da influência lunar. Durante a lua nova só se conserva nas plantas o que elas absorveram na época da lua cheia. Já se poderia conseguir também algo significativo estudando sobretudo até onde se chegaria, digamos, caso já na semeadura para a mais primordial das atividades germinativas na terra se utilizasse a Lua, conforme fizeram até o século dezenove os antigos indianos, que semearam segundo as fases lunares. Entretanto, a Natureza não é, realmente, tão cruel que já castigue o homem pelo pequeno descuido e pela indelicadeza que ele confere à Lua durante a semeadura e durante a colheita. Bem, na verdade temos a lua cheia doze vezes por ano; isto basta para que os efeitos da lua cheia, ou seja, as forças promotoras da frutificação, sejam suficientes. E quando uma coisa qualquer que contribui para a frutificação é empreendida alguma vez na lua nova ao invés de na lua cheia, fica esperando na terra até a próxima lua cheia, passando por cima dos erros humanos e orientando-se segundo a Natureza. Isto é inteiramente suficiente para a utilização da Lua pelos homens, sem que eles tenham uma noção disto. Mas assim tampouco se progride.

Vejam, pois, que em vista disso as ervas daninhas reclamam seus direitos do mesmo modo como as demais; e faz-se uma confusão total por não se estar, em absoluto, no âmbito das forças que regulam o crescimento. Pode-se saber o seguinte: é com a força lunar plenamente desenvolvida que se atua em prol da reprodução, da propagação de todo ser vivente vegetal. É, portanto, em favor do que a raiz impulsiona para cima, na formação da semente, que se atua. Ora, obteremos realmente as melhores ervas daninhas deixando a Lua benfazeja atuar sobre elas, não a detendo nem um pouco em sua atuação. Ora, por existirem também anos chuvosos em que as forças lunares atuam melhor do que nos anos secos, essas ervas daninhas irão reproduzir-se e, conseqüentemente, proliferar. Porém contando com essas forças cósmicas dir-se-á o seguinte:

Impedindo a atuação da lua cheia nas ervas daninhas, deixamos atuar sobre elas apenas o que influi de fora, não sendo por conseguinte efeito lunar o que atua diretamente, e estabelecemos um limite à sua propagação. Então elas não conseguem reproduzir-se. Logo, trata-se de manejar o solo de tal forma — uma vez que não se pode desativar a Lua — que a terra se torne imprópria para acolher os efeitos lunares; e não só a terra pode tornar-se imprópria para acolher os efeitos lunares: também as plantas, essas ervas daninhas, podem adquirir uma certa timidez por crescer numa terra tratada num certo sentido. Se conseguirmos isto, teremos o que desejamos.

Nós presenciamos como a erva daninha se instala, no decorrer de um ano. Pois bem, devemos tomar o assunto nas mãos e não nos assustar, porém dizer-nos a nós mesmos que agora é hora

BC UFG

de intervir. Então coletamos uma certa quantidade de sementes dessa erva daninha — portanto, o elemento dentro do qual se isolou por último a força mencionada por mim. Acendemos um fogo — o melhor é um simples fogo de lenha — e queimamos essas sementes, coletando cuidadosamente tudo o que resulta como cinza. Por esta via conseguimos relativamente pouco dessa cinza. Entretanto, no caso das plantas assim tratadas, ao fazermos a semente passar pelo fogo transformando-a em cinza concentramos literalmente nessa cinza a força oposta ao que se desenvolve pela atração das forças lunares. Espalhando então em nossa lavoura — e não precisamos proceder com cuidados muito especiais, uma vez que as coisas atuam na grande periferia — este pequeno preparado assim obtido a partir das mais diversas ervas daninhas, veremos, já no segundo ano, como estará muito menos presente aquela espécie de erva daninha tratada por nós dessa maneira. Ela não irá mais crescer com tamanha força, e como na Natureza existe um ciclo de quatro anos para muitíssimas coisas, veremos que após o quarto ano a erva daninha em questão, tratada anualmente desta forma à medida que espalhamos essa "pimenta", deixará de existir nessa lavoura.

Vejam que aí se tornou efetivamente fecundo o efeito das entidades mínimas, que agora está cientificamente comprovado pelo Instituto Biológico. Deste modo se poderia realmente conseguir muitíssimos resultados; e os Senhores, sobretudo agora que contam com estas coisas em seus procedimentos, levando, portanto, realmente em conta os efeitos que hoje em dia permanecem inteiramente desconsiderados, podem controlar muitas coisas extraordinárias. Agora podem efetivamente cultivar em qualquer lugar o quanto necessitam de dente-de-leão no sentido exposto ontem; mas também podem empregar este dente-de-leão, com relação à sua semente, de modo a fazer com ele este experimento de queima, preparando a pequena "pimenta" e espalhando-a em sua lavoura. Conseqüentemente conseguirão estabelecer o dente-de-leão onde quiserem, porém de tal modo que a lavoura tratada com dente-de-leão queimado desta forma lhes será poupada dele.

Estas são justamente coisas — hoje em dia não se crê nelas — que antigamente eram dominadas a partir de uma sabedoria agrícola instintiva. Naquele tempo era possível, dentro de limites regionais, plantar lado a lado o que se desejasse, porque outrora

tais coisas se faziam instintivamente. Quanto a tudo isso posso dar indicações que os Senhores vejam como possíveis pontos de partida para se aplicarem na prática efetiva, corretamente, essas coisas. E por já existir atualmente o conceito — não quero chamá-lo de preconceito — de que tudo deve ser posteriormente verificado, pois bem, tente-se então verificá-las. Fazendo-se os experimentos de modo correto, já se constatará que estes realmente se terão confirmado. Todavia, se eu tivesse uma empresa própria não iria esperar pela confirmação: começaria imediatamente com este assunto, pois tenho toda a certeza de que a coisa dá certo. Ora, para mim o assunto se apresenta do seguinte modo: verdades científico-espirituais são verdadeiras por si; não se necessita de sua confirmação por outras circunstâncias, por métodos externos. Todos os nossos cientistas cometeram este erro: o de se terem voltado para métodos externos, querendo verificar essas verdades por esses métodos. Também fizeram isto dentro da Sociedade Antroposófica; mas neste caso as pessoas deveriam saber que as coisas podem ser verdadeiras por si. Entretanto, para se conseguir algo hoje em dia deve-se verificá-lo já com vistas ao exterior, assumir um compromisso, pois aí o compromisso é necessário — embora em princípio não o seja. Ora, de que modo sabemos as coisas interiormente? Sabemos que elas estão, com certeza, estabelecidas interiormente por sua qualidade, tão estabelecidas quanto está mais ou menos estabelecido que, quando mando fabricar alguma coisa empregando cinqüenta pessoas e depois me proponho a querer produzir três vezes mais, devo tomar cento e cinqüenta pessoas. E neste momento pode surgir um curioso dizendo não acreditar que cento e cinqüenta façam três vezes mais, sendo primeiro necessário provar isso. Então pode, eventualmente, acontecer de sermos contestados pela experiência, ao fazermos efetivamente a prova. Suponhamos que se faça elaborar algum objeto em vista, primeiro por uma, depois por duas e no final por três pessoas. Então se averigua estatisticamente o quanto as três trabalharam. Ora, se as três ficam tagarelando entre si o tempo todo, elas trabalham menos do que uma só. O pressuposto que tivermos feito será falso: o experimento pode provar o contrário. Porém nada está ainda definido quando um experimento demonstra o contrário. Neste caso se deve, ao se proceder com toda a exatidão, examinar bem

precisamente também a instância contrária. Então o que é interiormente verdadeiro também se confirmará exteriormente.

Portanto, poder-se-ia falar mais genericamente quanto às pragas vegetais em nossos campos. Já não se poderá falar tão genericamente ao tratar das pragas animais. Neste caso eu gostaria de escolher primeiro um exemplo particularmente característico e adequado a experimentos, a fim de se ver de que modo tais coisas também se comprovam.

Tomemos aqui um amigo especialmente bom do lavrador, o rato campestre. Este rato, o quanto não se deseja fazer, o quanto não se faz para combatê-lo! Pode-se ler em obras sobre agricultura que a princípio se emprega realmente muito bem toda sorte de preparados fosfóricos, empregando-se ainda outras coisas como o preparado de estricnina-sacarina. Surgiu até mesmo o combate um tanto radical que consiste em cultivar o tifo no rato campestre, o que é possível introduzindo-se determinados bacilos — nocivos apenas aos roedores — em purê de batatas, que se espalha de forma adequada. Também estas coisas foram feitas, ou pelo menos são recomendadas. Portanto, uma vez estando presente esse animalzinho de aspecto assaz ingênuo, em todas as esferas possíveis procura-se apanhá-lo empregando medidas de aparência realmente muito pouco humana. Eu creio que neste caso o próprio Estado se mobiliza, porque sem dúvida de nada serve combater os ratos desta forma se o lavrador vizinho não faz o mesmo. Então eles vêm da outra lavoura para esta, e aí o Estado precisa ser chamado a ajudar para que todos sejam obrigados a eliminar os ratos de modo específico. Pois bem, o Estado não se imiscui em modificações; de sua parte, faz seus regulamentos quando acha correto um método qualquer — sendo totalmente indiferente se é mesmo correto ou não —, a fim de que cada qual o execute.

Ora, vejam portanto como tudo isto consiste em experimentar de fora e controlar de fora. E assim sempre se tem a sensação de que os experimentadores não se sentem muito bem quanto ao assunto, porque os ratos estão sempre voltando. Para eles as coisas não vão muito bem: os ratos sempre retornam. Ora, sem dúvida se trata aqui de algo que também não se pode empregar única e exclusivamente numa propriedade, mas que até já pode ajudar, de certa forma, nessa fazenda isolada. Não será algo plenamente exeqüível; também aí será necessário agir pela compreensão, para que os vizinhos o façam, mas eu afirmo que no futuro deveremos sobretudo atentar muito mais para compreensões do que para medidas policiais. Isto já será um verdadeiro progresso em nossa vida social.

Imaginem os Senhores que, capturando um rato relativamente jovem, possamos esfolá-lo, retirando-lhe a pele. O importante é conseguir essa pele — sempre há tantos ratos, todavia devem ser ratos campestres quando se quer fazer o experimento —, é conseguir esse pelame do rato campestre no período em que Vênus se encontra no signo de Escorpião. Vejam, esses sujeitos antigos, com ciência instintiva, não eram absolutamente tão tolos. No ponto onde passamos da planta para os animais chegamos justamente também ao zodíaco. Ora, não é em vão que o zodíaco se chama assim.* Querendo alcançar alguma coisa no mundo vegetal, podemos deter-nos no sistema planetário. No caso do animal, isto já não basta. Aqui já se necessita de representações que levem em conta as estrelas fixas circundantes, nomeadamente aquelas estrelas fixas existentes no zodíaco.

Pois bem, para a vegetação o efeito lunar quase é suficiente para promover a reprodução. No reino animal ele precisa ser apoiado pela atuação de Vênus. O efeito lunar nem precisa ser muito profundamente constatado no reino animal, pois este conserva, guarda dentro de si as forças lunares e emancipa-se da Lua. Portanto, neste reino animal a força da Lua também está desenvolvida quando não é precisamente lua cheia. O animal carrega dentro de si a força da lua cheia e se emancipa da determinação temporal. Entretanto não é este o caso com relação ao que devemos expor aqui, isto é, não é o caso com relação às demais forças planetárias.

Trata-se, pois, de executar com o pelame do rato algo bem específico. Obtemos esse pelame no período da permanência de Vênus no signo de Escorpião; queimamos então esse pelame e recolhemos cuidadosamente o que resulta da queima da cinza, sobretudo partes caídas para fora — não será muito, mas quando se dispõe de um certo número de ratos será o bastante: bastará

*A palavra "zodíaco", do latim *zodiacus* e do grego *zoidiakós*, compôs-se originalmente dos termos gregos *zoi* + *kyklós*, significando "círculo dos animais", tal como sua correspondente alemã *Tierkreis*, referida pelo Autor. (N.E.)

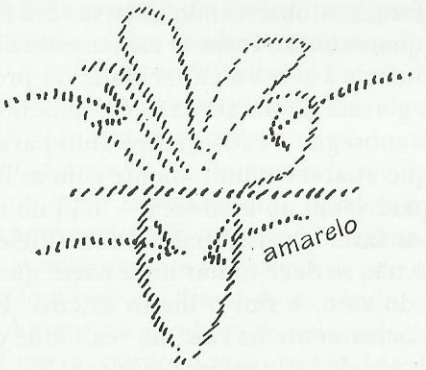
o que conseguirmos. E assim obtemos o pelame de rato queimado no período em que Vênus se encontra em Escorpião. E no material consumido resta agora a energia negativa, oposta à energia reprodutiva do rato campestre. Ao espalhar então em suas culturas a "pimenta" obtida deste modo — as coisas ficam deveras difíceis em determinadas regiões, e por isso os Senhores podem tornar a medida ainda mais homeopática, uma vez que nem se necessita de um prato de sopa cheio da "pimenta" —, tendo ela sido corretamente atravessada pelo fogo no ápice da conjunção entre Vênus e Escorpião, os Senhores terão aí um meio para que os ratos evitem esse campo. Ora bem, eles são animais atrevidos, e ressurgem quando a pimenta é espalhada de forma que na proximidade algo fique "desapimentado". Aí nesse lugar eles se aninham novamente. Isto significa que, embora a atuação se irradie amplamente, poderia contudo ocorrer de as coisas não serem levadas plenamente a efeito. Entretanto, sem dúvida o efeito é radical quando a mesma coisa é realizada em toda a vizinhança. Eu creio que até se poderia ter muita alegria com tais coisas. Por meio delas seria possível saborear a agricultura como se saboreia alguma comida após tê-la apimentado um pouco.

E vejam, trata-se de, por esta via, sem de modo algum sermos nem um pouco supersticiosos, chegarmos a contar com as atuações estelares. Acontece apenas que muito do que originalmente constituía um saber transformou-se, mais tarde, em mera superstição. Naturalmente não é possível requentar a superstição. É preciso partir novamente de um saber, porém hoje esse saber deve ser integralmente adquirido de um modo espiritual, e não só de um modo físico-sensorial. Pois bem, assim a terra será tratada quando se quiser empreender a luta contra todas as pragas do campo que, em algum sentido, podem ser imputadas a animais superiores. Os ratos são roedores contados entre os animais superiores. Ao contrário, por este meio não se consegue atingir muito bem os insetos, uma vez que estes estão sob influências cósmicas totalmente diversas, e tudo quanto é animal inferior é passível de influências cósmicas diferentes do que os animais superiores.

Por outro lado, eu gostaria de entrar em terreno escorregadio citando como exemplo, em relação ao assunto discutido, os nematódeos das beterrabas, para que também se possa ter algo de fácil compreensão. Aqui se descobre a assim chamada causa dos

conhecidos entumescimentos da raiz fibrosa e também por que as folhas ficam murchas de manhã. Este é o sinal exterior. Ora, é preciso entender claramente que este órgão mediano — as folhas, que portanto sofrem aqui uma alteração — absorve do ar as atuações cósmicas, mas as raízes absorvem as forças cósmicas que, através da terra, retornam à planta. O que acontece, então, quando surge o nematódeo? Quando ele chega, acontece que o processo de absorção das forças cósmicas, o qual em realidade deveria estar na região das folhas, é empurrado para baixo, para a região onde então se aproxima das raízes.

Desenhando esquematicamente: se temos aqui o nível da terra e aqui a planta, as forças cósmicas que devem atuar em cima atuam



aqui embaixo, na planta tomada pelos nematódeos. Este é o fenômeno que de fato ocorre aqui. Certas forças cósmicas escorregam demais para baixo. Com isto também é provocada toda a aparência exterior da planta. Assim, porém, é dada ao animal a possibilidade de obter, no interior da terra onde vive, as forças cósmicas das quais precisa viver. Caso contrário precisaria viver no alto, nas folhas — o nematódeo é um verme filiforme —, onde todavia não o consegue, pois a terra, por sua vez, é o seu meio.

Determinados seres vivos — na verdade, todos os seres vivos — já possuem a peculiaridade de somente poderem viver dentro de certos limites da existência. Tentem, alguma vez, viver num ar com setenta graus Celsius de calor ou com setenta graus Celsius de frio. Nós dependemos inteiramente de viver em determi-

nada [faixa de] temperatura. Acima ou abaixo deste nível não conseguimos mais viver. O nematódeo tampouco o consegue. Ele não consegue viver se a terra não está presente, e se ao mesmo tempo não estão presentes as forças cósmicas — pois do contrário ele teria de morrer. Existem sempre condições bem determinadas para um ser vivo. Até mesmo todo o gênero humano deveria desaparecer se não existissem certas condições.

Ora, justamente para os seres que se desenvolvem desta maneira é importante que penetre na terra o elemento cósmico, aquele elemento cósmico que de outro modo só deveria prevalecer na periferia. Estes efeitos são, na verdade, quadrienais. Só que no nematódeo temos algo extremamente anormal, algo que também se pode pesquisar do ponto de vista cognitivo — trata-se exatamente das mesmas forças — observando as larvas dos escaravelhos, que surgem a cada quatro anos. Trata-se exatamente das mesmas forças que querem conferir à terra a capacidade de promover o desenvolvimento dos germes da batata. São exatamente as mesmas forças, que a terra consegue a cada quatro anos para a formação dos escaravelhos, que aparecem juntamente com as batatas. Isto perfaz um ciclo quadrienal ao aparecer — não no nematódeo, mas no que devemos fazer para trabalhar contra eles.

Neste caso não se deve tomar uma parte qualquer do inseto, como no caso do rato, e sim o inseto inteiro. É que tal inseto, instalando-se nocivamente na raiz, na realidade constitui, em seu todo, um resultado de influências cósmicas. Ele só precisa da terra como base. Neste caso deve-se queimar o inseto inteiro. A melhor coisa a fazer é queimá-lo. Esta é a forma mais rápida de dar-lhe cabo. Também poderíamos deixá-lo apodrecer, porém é difícil coletar os produtos da putrefação; talvez se conseguisse algo mais radical, mas com toda a certeza se consegue igualmente o pretendido mediante a queima do inseto inteiro. Trata-se, pois, de realizar esta queima. Pode-se guardar o inseto onde for possível e depois queimá-lo seco. Esta queima deve ser efetuada quando o Sol se encontra no signo de Touro, exatamente em oposição às constelações onde deve encontrar-se Vênus ao se produzir a "pimenta" de pelame de ratos. É que o mundo dos insetos está integralmente relacionado com as forças que se desenvolvem quando o Sol percorre Aquário, Peixes, Carneiro, Gêmeos, até Caranguejo; aí aparece bem fraco, surgindo novamente fraco em Aquário. Enquanto percorre esta região, o Sol irradia as forças relacionadas com o mundo dos insetos.

Na verdade não se sabe absolutamente que criatura especializada é o Sol. O Sol não é, efetivamente, o mesmo ao brilhar do Touro para a Terra, em seu percurso anual ou diário, ou ao brilhar do Caranguejo, e assim por diante. Ele é sempre algo diferente. E é até mesmo uma grande tolice, todavia perdoável, falar do Sol de modo generalizado. Na verdade, dever-se-ia dizer "Sol de Carneiro", "Sol de Touro", "Sol de Caranguejo", "Sol de Leão" e assim por diante. Cada um é sempre um ser inteiramente diverso, e isto se orienta — resultando um efeito combinado — tanto segundo o percurso diário quanto segundo o percurso anual, que são determinados pela posição do Sol no ponto vernal.* Vejam, fazendo isto e obtendo, deste modo, a "pimenta" de insetos, os Senhores poderão espalhá-la na lavoura de beterrabas e os nematódeos serão seguidamente acometidos de um desmaio. Após o quarto ano, certamente constataremos ser este desmaio muito eficaz: eles não poderão mais viver, eles temerão a vida quando precisarem viver numa terra "apimentada" desta forma.

Notem como aqui emerge diante de nós, de uma maneira assaz notável, aquilo que antigamente se designava por astronomia. A astronomia que se tem hoje em dia só serve, ainda, como orientação matemática. A rigor não pode mais ser usada para qualquer outra coisa. Não foi esta, porém a astronomia de todas as épocas; já se chegou a ver nas estrelas até mesmo algo pelo qual as pessoas podiam orientar-se para a vida, para a atividade e para o trabalho terrestres. Esta ciência está agora totalmente perdida.

Ora, vejam como também deste modo temos uma possibilidade de manter distantes as pragas animais, e como se trata realmente de chegar a uma tal relação com a terra que se saiba ser correto ela adquirir, em especial mediante as atuações da Lua e da água, a capacidade de provocar vegetalidade por si própria. Porém aquilo que está na planta, que está em cada ser traz também em si o germe de sua própria destruição. Assim como, por um lado, a água é inteira e completamente uma exigência do fecundo, assim o fogo é um destruidor da fertilidade. Ele consome a fertilidade. Por conseguinte quando, analogamente, tratamos

*Equinócio de primavera. (N.T.)

BC UFG

pelo fogo o que de outro modo seria tratado pela água em prol da fertilidade — o ser vegetal —, então criamos justamente a destruição na faina da Natureza. Eis o que aí devemos levar em consideração. Uma semente desenvolve fertilidade à distância por meio da água embebida de Lua. Uma semente desenvolve força destrutiva à distância por meio do fogo impregnado de Lua e, acima de tudo, impregnado de elemento cósmico, conforme vimos no último exemplo.

Reparem que o assunto não parece tão estranhamente ameaçador, uma vez que aí se conta com grandes forças ampliadoras, em cujo contexto ainda chamamos incisivamente a atenção para o fato de que a época também influi. É que a energia da semente atua, na verdade, rumo à ampliação. Por conseguinte, ela também atua à distância na força destrutiva. Observa-se, portanto, que o que se encontra na semente tem energia ampliadora. É próprio delas, da semente e da força, terem capacidade ampliadora. Sendo assim, o que produzimos desta maneira como "pimenta" está impregnado de energia ampliadora. Eu chamo isso de "pimenta" apenas por causa da aparência. Em geral estas coisas parecem pimenta.

Resta agora observarmos as assim chamadas doenças vegetais. Vejam, aqui adentramos um capítulo de natureza tal que cumpre dizer o seguinte: no sentido correto, não se pode realmente falar de doenças vegetais. Os processos de natureza mais anormal que se apresentam como doenças vegetais não são doenças no mesmo sentido que nos animais. Quando tratarmos do reino animal compreenderemos com mais precisão a diferença. Sobretudo não se trata de processos semelhantes aos do homem doente, pois uma doença não é realmente possível sem a existência de um corpo astral. No ser animal o corpo astral está relacionado, mediante o corpo etérico, com o corpo físico. E aí existe uma certa normalidade. Justamente a relação normal é de um tipo bem determinado. Ora, quando o corpo astral está mais intensamente relacionado com o corpo físico — ou com qualquer órgão do corpo físico — do que normalmente deveria estar — quando, portanto, o corpo etérico não constitui compensação suficiente, sendo o corpo astral impulsionado com mais força para dentro do corpo físico —, então surge a maioria das doenças. Ora, a planta não contém um corpo astral propriamente dito. Por conseguinte, essa forma específica de estar doente que se declara no animal e no homem não se declara na planta. É preciso estarmos inteiramente cônscios disto.

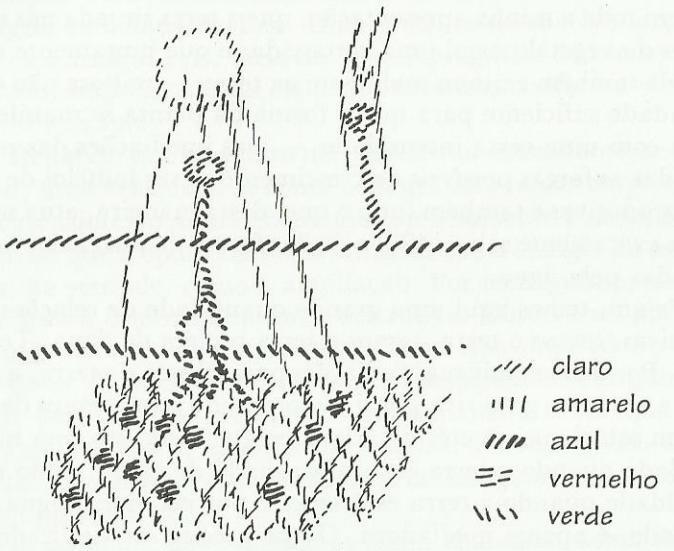
Agora trata-se de conseguir entender o que efetivamente pode causar o adoecimento das plantas. Mas os Senhores terão notado, em toda a minha apresentação, que a terra situada nas imediações do vegetal possui uma certa vida; e que juntamente com esta vida também existem realmente na terra — embora não com intensidade suficiente para que a forma da planta se manifeste, porém com uma certa intensidade —, nas imediações das plantas, todas as forças possíveis de crescimento, leves indícios de forças reprodutivas e também tudo o que, desta maneira, atua sobre a terra exatamente sob a influência das forças da lua cheia, intermediadas pela água.

Vejam, temos aqui uma grande quantidade de relações significativas: temos a terra, temos a terra repleta de água. Temos a Lua. Por deixar fluir suas radiações para dentro da terra, a Lua torna-a até certo grau viva por si, despertando movimentos de vaivém em seu elemento etérico. Ela consegue fazer isto com maior facilidade quando a terra está impregnada de água, tendo mais dificuldade quando a terra está seca. É por isso que a água, em realidade, é apenas mediadora. O que precisa ser vitalizado é a própria terra, o elemento sólido, mineral. Na verdade, a própria água é algo mineral. Naturalmente não existe uma linha divisória precisa. Sendo assim, precisamos ter dentro do solo também as atuações lunares.

Por outro lado, as atuações lunares podem tornar-se excessivamente fortes dentro do solo. Isto pode até acontecer de uma forma muito simples. Imaginem por um momento um inverno bastante chuvoso, seguido igualmente de uma primavera bastante chuvosa. Então a força lunar penetrará com excessiva força no elemento terroso, e a terra será demasiadamente aviventada. Neste caso teremos uma vitalização muito forte da terra. Vou indicar isso fazendo pontinhos vermelhos quando se trata de uma terra muito fortemente vitalizada pela Lua [desenho à pág. 156]. A seguir vemos que, se os pontinhos vermelhos não estivessem aqui, ou seja, se a terra não fosse excessivamente aviventada pela Lua, cresceria algum vegetal sobre ela, desenvolvendo-se normalmente até à semente — digamos, portanto, algum cereal até à semente, quando justamente a vitalidade correta é conferida à terra pela

001385

Lua. Então esta vitalidade atua para o alto, a fim de que a semente venha a existir.



Admitamos, outrossim, que a atuação da Lua seja muito forte, que a terra seja excessivamente vitalizada; então a atuação de baixo para cima será muito intensa, e aquilo que só deveria aparecer por ocasião da formação da semente já aparece antes. Ao fortalecer-se não consegue subir, atuando, por sua intensidade, mais embaixo. A atuação da Lua consegue então que a formação de sementes não tenha força suficiente. A semente recebe dentro de si um pouco de vida amortecida, por meio da qual se forma, de certo modo, acima do primeiro solo, acima do primeiro nível, um segundo. Na verdade aí não há terra, porém os mesmos efeitos estão presentes, estão aí em cima. A conseqüência disto é que a semente da planta, a parte superior da planta, transforma-se numa espécie de chão para outros organismos. Aparecem parasitas e formações fúngicas. Apresenta-se toda sorte de formações fúngicas. E por esta via vemos formarem-se doenças como a ferrugem das plantas e outras similares. Nesses casos, por uma atuação muito forte

286109

da Lua, fica afastado da altura necessária exatamente aquilo que, da terra, deve atuar ascendentemente. A força da fecundidade depende inteiramente de ser normal, e não muito forte, a atuação da Lua. É digno de nota, porém é fato, que isto não se realiza por um enfraquecimento das forças lunares, mas por um fortalecimento. Talvez pela reflexão e pelo exame meticuloso — mas não pela contemplação — chegássemos a resultados opostos. Isto, porém, seria justamente errado. É a contemplação que revela a coisa tal qual a descrevi aqui.

De que se trata agora? Trata-se de aliviar a terra da excessiva força lunar que nela se encontra. É possível aliviar a terra. Basta encontrar o que atue dentro dela de modo a retirar da água sua força mediadora e conferir à terra maior capacidade terrosa, a fim de que esta não absorva a atuação maior da Lua por intermédio da água presente. E isto se consegue — externamente tudo permanece como está — transformando o *Equisetum arvense* [cavalinha] numa espécie de chá, num chá bastante concentrado, que em seguida se dilui e depois se emprega como chorume nas lavouras em que necessitamos dele, ou seja, onde se quer combater a ferrugem e doenças vegetais similares. Neste caso bastam, por sua vez, porções diminutas, basta uma espécie de homeopatização.

Note-se, porém, que aqui também se encontra a área onde vemos claramente como os campos da vida devem interagir. Quem compreende a notável influência que o *Equisetum arvense* exerce indiretamente sobre o organismo humano, pela função renal, tem nisto um modelo. Naturalmente não é possível averiguá-lo em minúcias nem deduzi-lo, mas dispõe-se de um modelo para poder conferir como atua o *Equisetum* quando o transformamos no que chamei de uma espécie de chorume que depois espargimos — sem a necessidade de aparelhagem — com o fim de atuar nos lugares mais distantes, mesmo que só muito pouco seja espargido. Descobrimos então que isto é um remédio muito bom. Não se trata de um verdadeiro remédio porque as plantas, a rigor, não conseguem realmente adoecer. Não é um verdadeiro processo de cura, e sim o processo inverso do que descrevi anteriormente. Destarte, ao se examinar o que são atuações da Natureza nos mais variados campos, pode-se de fato passar a ter nas mãos o crescimento, e também, conforme veremos adiante, o crescimento animal, as normalidades e as anormalidades animais. E, no fundo, só isto é efe-

tivamente ciência. Porquanto submeter as coisas à experimentação, como se faz hoje em dia, não é ciência alguma, mas apenas uma anotação de coisas isoladas, de fatos isolados — não é absolutamente ciência. A verdadeira ciência só é gerada quando se têm nas mãos as forças atuantes.

Ora, as plantas e os animais que vivem por aí, bem como todas as parasitas das plantas, não são realmente compreensíveis por si. E já estava muito certo o que eu lhes disse nas primeiras aulas, ao afirmar que quem pretende observar a agulha magnética vendo, na circunstância de esta sempre se mover para o norte, a causa na própria agulha magnética, está naturalmente dizendo uma tolice. Não se faz isto; toma-se a Terra toda, atribuindo-lhe um pólo norte e um pólo sul magnéticos, sendo que para a explicação é preciso socorrer-se do Globo inteiro. Exatamente da mesma maneira como precisamos recorrer à Terra inteira para explicar as propriedades da agulha magnética, ao tratar de plantas precisamos, portanto, não somente erguer os olhos para os elementos vegetal, animal e humano: precisamos consultar o Universo inteiro. Porquanto toda a vida provém do Universo inteiro, e não apenas

daquilo que a Terra nos entrega. A Natureza é um conjunto, e de todos os lados atuam forças. Quem tiver um sentido aberto para a evidente atuação das forças, esse compreenderá a Natureza. Entretanto, o que faz a ciência hoje? Faz uma pequena lâmina, coloca sobre ela um preparado, isolando tudo cuidadosamente, e depois olha lá para dentro. Dá-se a isto o nome de microscópio. A rigor isto é o contrário do que realmente se deve fazer para obter tal compreensão das coisas mais distantes. As pessoas não se contentam mais em trancar-se no quarto; neste tubo elas se isolam de todo o mundo, que é magnífico. Aí nada mais pode permanecer senão o que ingressa na objetiva. Assim se chegou cada vez mais a ignorar ora mais, ora menos as coisas ao microscópio. No entanto, quando vierem a encontrar o caminho do macrocosmo, as pessoas voltarão a compreender algo da Natureza e muitas coisas mais.

Respostas a perguntas

14 de junho de 1924

Sobre pragas aquáticas, hérnia da couve, doenças fúngicas da videira, ferrugem. A questão das constelações. O adubo mineral

Pode-se usar também para outros insetos o método indicado para o nematódeo? Neste caso estou pensando em pragas de qualquer espécie. É lícito, por estes métodos, aniquilar em grandes superfícies a vida animal e vegetal assim, sem mais? Poderia surgir um grande abuso. Deveria ser estabelecido um limite para o homem não poder espalhar a destruição pelo mundo inteiro.

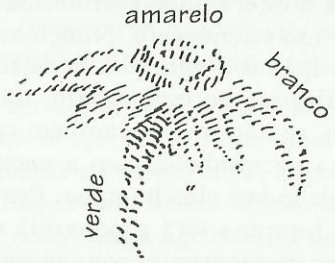
A questão de ser lícito, veja, na verdade reside no seguinte: admitamos ficarmos na opinião — neste momento não quero examinar antecipadamente a questão ética, a questão ética oculta — de que tais coisas não seriam lícitas. Então aconteceria o que já indiquei repetidas vezes: nossa agricultura dentro das regiões civilizadas se tornaria cada vez pior, sobrevindo uma escassez e carestia de alimentos não só eventual, mas generalizada. Este é um assunto que num futuro não tão distante se fará presente, de modo que não temos qualquer outra escolha senão deixar perecer a civilização na Terra, ou então dar-nos ao trabalho de conduzir as coisas de forma que elas possam justamente provocar uma nova fecundidade. Com referência à necessidade, realmente não se tem hoje qualquer escolha quanto a discutir se as coisas são lícitas ou não. Entretanto, esta questão pode ser formulada de um outro ponto de vista. Trata-se de realmente pensar em conseguir uma espécie de válvula contra o abuso nestas coisas. É verdade que, quando as coisas se generalizam, naturalmente torna-se possível praticar abusos com elas. Isto é muito evidente. E basta poder aludir ao fato de que, ainda assim, houve períodos na civilização da Terra em que estas coisas eram conhecidas, sendo empregadas nas mais amplas proporções, e era possível mantê-las tão dentro dos limites da humanidade séria que o abuso não era praticado. Na verdade, um abuso maior foi praticado com tais coisas na época em que elas se dispuseram de modo a que isso ocorresse mais intensamente pelo fato de essas forças atuarem em toda parte. Este foi o caso em certos períodos tardios da evolução atlântica, quando um abuso maior foi praticado, o que levou a grandes catástrofes. De um modo geral, só se pode dizer isto: certamente se justifica o costume de manter o conhecimento destas coisas em âmbito mais restrito, não o deixando generalizar-se. Mas em nosso tempo isto quase já não dá mais. Em nossa época o conhecimento não se deixa manter em círculo restrito. Os círculos restritos aspiram rapidamente a que, de alguma maneira, o conhecimento extrapole seu âmbito. Enquanto não havia a arte da impressão do livro, isto era mais fácil. Enquanto a maioria das pessoas não sabia escrever, isto era ainda mais fácil. Hoje, em quase toda conferência, por menor que seja a esfera onde é proferida, levanta-se a questão de onde buscar um estenógrafo. Nunca me agrada ver o estenógrafo. Somos obrigados a tolerá-lo. Seria melhor que não estivesse presente. Refiro-me ao estenógrafo, não à pessoa.

Vejam, porém, se não se deve também contar, por outro lado, com uma outra necessidade, com a necessidade de um melhoramento moral de toda a vida humana. Este melhoramento moral de toda a vida humana será a panacéia contra o abuso. No entanto, ao observar certos eventos contemporâneos preferiríamos ser algo pessimistas. Com relação a este melhoramento moral da vida, porém, jamais tudo deveria levar somente a uma mera observação, mas sempre a pensamentos impregnados de impulsos da vontade; e também se deveria realmente pensar em fazer qualquer coisa pelo melhoramento moral do ser humano genérico. Isto também poderia, certamente, partir da Antroposofia, que nada teria contra isto caso também se formasse um círculo como uma espécie de remédio contra o abuso possível de ser gerado. Pois na Natureza também se constata que o bom pode transformar-se em nocivo. Imaginem só: se não dispuséssemos das forças lunares em prol lá de baixo, tampouco poderíamos tê-las em prol cá de cima; mas elas precisam justamente existir, precisam atuar, e qualquer coisa que num campo seja exigível e necessário no mais alto grau é uma praga em outro. O que é ético em certo nível é inteiramente anti-ético em outro. O que é arimânico na esfera terrestre só é nocivo por estar na esfera terrestre. Acontecendo numa esfera situada apenas um pouco mais acima, terá uma atuação inteiramente boa.

No que concerne à outra pergunta, é correto que o que foi aduzido com relação ao nematódeo vale inteiramente para o mundo dos insetos em geral — para todo o mundo dos animais inferiores, que em essência se caracterizam por uma medula ventral e não uma medula costal. Quando há medula costal, deve-se esfolar a pele; quando há medula ventral, deve-se queimar o animal inteiro.

A camomila mencionada é a silvestre?

É essa camomila que tem as folhas dispostas assim, para baixo [desenho]. Ela não tem pétalas que sobem, e sim voltadas para



baixo. É a *Chamomilla officinalis*, que cresce espontaneamente às margens dos caminhos.

Também da urtiga se colhem as flores?

No caso da urtiga se podem colher tanto as folhas como a erva toda, quando floresce, mas sem a raiz.

Pode-se pegar a camomila romana que aparece no campo?*

Essa espécie é mais afim à verdadeira do que a que é exibida por aqui como camomila de jardim. Esta não pode ser usada. Mas aquela que também se usa para chá [*Matricaria chamomilla*] é muito mais apropriada do que a que existe aqui. Essa [a do chá] já pode ser empregada.

*De nome científico *Anthemis* e designada em alemão por *Hundchamille*, ou seja, "camomila-de-cachorro". (N.E.)

A camomila que se encontra por aí junto aos trilhos da estrada de ferro seria, então, a verdadeira?

Essa é realmente a verdadeira.

*O que foi dito quanto ao extermínio da erva daninha também vale para as pragas vegetais aquáticas — por exemplo, para a "peste da água"?**

Isso vale tanto para as coisas que nascem no brejo como para as que nascem na água, inclusive para a praga aquática. Neste caso é preciso, naturalmente, semear as margens com a "pimenta".

Podem as parasitas subterrâneas, como por exemplo a hérnia da couve, ser combatidas com os mesmos meios que as aéreas?

Sim, certamente.

Pode-se empregar o recurso contra doenças vegetais também na videira?

Embora justamente isto não tenha sido testado — nem por mim —, nem tenha sido feita muita coisa em especial no âmbito oculto, devo expressar minha convicção de que a videira poderia ser protegida conforme já expliquei, caso se procedesse do modo indicado.

O que fazer quanto à doença do desfolhamento?

Esta deve ser combatida como qualquer ferrugem.

Acaso é lícito que nós, antropósofos, recuperemos a viticultura?

Veja, em muitas coisas a Antroposofia só pode hoje estar presente para dizer do que se trata. A questão de como as coisas devem ser torna-se, atualmente, ainda bastante difícil para os mais variados campos. Tive um bom amigo antropósofo que possuía grandes vinhas. Mas ele empregava uma parte — não imensa, po-

*Em alemão, *Wasserpest*, cient. *Elodea*, planta anfíbia do Hemisfério Norte. A Elodea canadensis tem hastes flutuantes de até 3 m, impedindo às vezes a navegação. (N.E.)

rém uma boa parte — do que lucrava durante o ano com suas vinhas para enviar cartões postais a todo mundo e propagar a abstinência. Por outro lado, tive um amigo que era um ferrenho abstêmio e que, enquanto viveu, sempre teve uma mão aberta para a Antroposofia. Porém pertencia àquela classe de pessoas que por toda parte faziam anúncios nas estradas de ferro, em cartazes nos quais figurava: *Steinberger Cabinett!** Aí a questão prática começa a tornar-se singular. Hoje não se pode impor tudo. Por isso eu dizia: os chifres de vaca são, com certeza, os chifres que tiramos das vacas e mergulhamos na terra; mas os chifres de touro que colocaríamos em nós mesmos para lutar bovinamente contra tudo poderiam, eventualmente, trazer grandes danos à Antroposofia.

Não se poderia substituir a bexiga de veado por outra coisa?

Sim, é certo que talvez seja difícil obter bexigas de veado. Porém quanta coisa não é tornada difícil no mundo! Poderíamos, naturalmente, ver se é possível substituir a bexiga de veado por outra coisa. Isso eu não posso dizer hoje. Seria, de fato, inteiramente possível que houvesse em algum lugar um gênero animal, talvez de territórios confinados na Austrália. Isto poderia muito bem existir. Mas dentre os animais naturais da Europa eu não conseguiria imaginar nada diferente. Em algo diverso de uma bexiga de animal não se poderia absolutamente pensar. Não será recomendável lançar mão de sucedâneos.

No combate aos insetos, a posição da constelação deve ser a mesma?

Isto é algo que precisa ser testado. Eu disse que importa toda a seqüência de Aquário a Caranguejo. E por certo aqui tem significado uma variação dentro da constelação, quanto aos diversos animais inferiores. Isto precisa ser experimentado.

No caso do combate ao rato campestre, trata-se da Vênus astronômica?

Sim, da que chamamos Estrela Vespertina.

*Marca de bebida alcoólica. (N.T.)

[O que significa] constelação de Vênus com Escorpião?

A constelação de Vênus com Escorpião é para ser entendida como cada constelação com a qual Vênus entra em relação ao poder ser vista no céu tendo ao fundo o signo de Escorpião. Vênus tem de estar atrás do Sol.

A queima da rama da batata tem influência no crescimento das batatas?

A influência é tão pequena que realmente não interessa. Existe até uma influência — sempre há alguma quando se realiza algo com um resto de qualquer coisa orgânica — não apenas sobre as plantas isoladas, mas sobre toda a lavoura; porém é tão pequena que na prática não interessa.

*O que se entende por mesentério bovino?**

Entenda-se o peritônio. Por mesentério se entende, segundo sei, o peritônio.**

É a mesma coisa que "bucho"?

Não é a mesma coisa. É o peritônio.

Como deve ser distribuída a cinza no campo?

Eu quis mostrar que de fato se pode fazer isto do mesmo modo como se espalha pimenta em alguma coisa. Isso tem um raio de atuação tão grande que realmente basta andar pelo campo e espalhar.

Os preparados também atuam do mesmo modo nas árvores frutíferas?

De modo geral, tudo o que já foi dito também é aplicável às frutas. Algumas coisas que ainda têm de ser levadas em consideração deverão ser comunicadas amanhã.

*Pergunta pertinente à quinta conferência. (N.E.)
**O peritônio é a membrana que envolve os órgãos abdominais. (N.E.)

É normal, na agricultura, ministrar esterco de curral às plantas de ceifa. Será que o adubo preparado também serve para os cereais, ou precisa ser tratado à parte?

Em princípio essas usanças que existem por aí podem, certamente, ser mantidas. Trata-se apenas de acrescentar a elas o que eu disse. Para as demais usanças às quais não aludi, vale o seguinte: não é preciso afastar de imediato tudo como sendo ruim e reformar tudo. Eu creio que podemos prosseguir integralmente com as coisas que se confirmam, tendo apenas de encaixar nelas as que apresentamos aqui. Eu desejaria apenas ressaltar que se modificará muito fortemente a eficácia do que apresentei se tomarmos adubo rico em esterco de carneiro e de porco. Neste caso o efeito não se manifestaria de forma tão evidente quanto evitando-se empregar esterco de carneiro e de porco em demasia.

Quando se utiliza adubo orgânico, o que acontece?

Neste caso só ficará evidente que o adubo mineral [químico] é o que, com o tempo, deve cessar por completo. Pois qualquer adubo mineral faz com que, após algum tempo, os produtos das lavouras adubadas com ele percam valor nutritivo. Esta é uma lei bem geral. Ora, justamente o que indiquei torna, quando seguido, desnecessário adubar mais do que a cada três anos. Talvez seja preciso adubar apenas a cada quatro a seis anos. Poder-se-á dispensar completamente o adubo químico. Ele será suprimido sobretudo por uma questão até de barateza, se as coisas forem usadas. O adubo químico é algo de que não se necessita mais, e desaparecerá novamente. Hoje avaliamos tudo segundo espaços de tempo excessivamente curtos. Por ocasião de um debate sobre a apicultura, um moderno apicultor foi especialmente incisivo em prol da criação industrial de rainhas, em que estas são vendidas para os mais diversos lugares, não prosseguindo o manejo no próprio apiário isolado. Eu tive de dizer: — Sim, certamente o senhor está correto! Mas talvez não daqui a trinta a quarenta anos; com certeza daqui a quarenta a cinqüenta anos se verá justamente que a apicultura inteira terá sido arruinada com isto. — Portanto, deve-se levar estas coisas em consideração. Atualmente tudo se mecaniza e se mineraliza, porém o que vale totalmente é o fato de o mineral só dever atuar segundo sua própria capacidade de ação

na Natureza. Sem inserir o mineral em alguma coisa, não devemos realmente impregnar a terra viva com ele, com algo totalmente extinto como é o mineral. Se amanhã isso ainda não der certo, depois de amanhã, sem dúvida, dará certo por si.

Como se deve coletar os insetos? Poder-se-ia empregá-los no estado larval?

No caso dos insetos poder-se-á empregar tanto as larvas quanto o inseto alado. Pode acontecer que a constelação se altere um pouco. Ela se deslocará um pouco de Aquário para Caranguejo, caso se mude do inseto alado para a larva. O inseto terá a constelação um pouco mais em direção a Aquário.

286109

Sétima conferência

Koberwitz, 15 de junho de 1924

As mais íntimas interações na Natureza: a relação entre agricultura, fruticultura e pecuária

Agora eu gostaria, durante o tempo que ainda nos resta, de acrescentar às observações feitas por nós alguma coisa a respeito da pecuária, da fruticultura e da horticultura.

Naturalmente não haverá muito tempo disponível para isto, porém este campo da atividade agrícola não poderá ser observado de um ponto de vista fecundo se aqui não se fizer também todo o possível para promover uma compreensão, uma profunda percepção dos respectivos relacionamentos. É isto o que desejamos fazer hoje, passando amanhã a algumas indicações práticas de emprego.

Eu lhes pedirei procurarem hoje acompanhar comigo as coisas que, digamos, estão algo mais afastadas, porque embora elas fossem outrora muito familiares a um entendimento mais instintivo da agricultura, hoje em dia se apresentam francamente como terreno totalmente desconhecido. As entidades existentes na Natureza, como os minerais, as plantas e os animais — por ora vamos abstrair do homem —, os seres que se apresentam na Natureza são, na verdade, muitíssimas vezes observados apenas como se estivessem isolados. Hoje estamos habituados até mesmo a considerar uma planta por si só, e a partir dela observar uma espécie vegetal por si só, para ao lado desta, de outro lado, observar outra espécie por si só. Isto é então ordenado de um modo bem bonito em compartimentos, encaixado em espécies e raças, ou seja, naquilo que deve ser conhecido a respeito das coisas. Entretanto não é absolutamente assim que ocorre na Natureza. Nela, na Criação em geral, tudo está interagindo mutuamente. Uma coisa sempre atua sobre a outra. Hoje, na era materialista, perseguem-se apenas os efeitos grosseiros de uma coisa sobre a outra — quando uma coisa é devorada ou digerida pela outra, ou quando o esterco dos animais chega aos campos de cultivo. Só se perseguem estas interações grosseiras.

Em realidade, além destas interações grosseiras ocorrem continuamente interações tanto mediante forças mais sutis como mediante substâncias mais sutis — o calor, o elemento etérico químico atuando continuamente na atmosfera, o éter vital. E sem levar em consideração estas interações mais sutis não se consegue progredir em determinadas partes da empresa agrícola. Devemos olhar sobretudo para o que eu chamaria de as interações mais íntimas na Natureza, quando lidamos com a convivência entre o animal e a planta dentro do estabelecimento agrícola. Por outro lado, não devemos olhar simplesmente para aqueles animais indubitavelmente mais próximos de nós como os bovinos, os cavalos, as ovelhas e assim por diante; também devemos olhar de forma compreensiva, digamos, por exemplo, para o mundo variegado dos insetos que voejam ao redor do mundo vegetal durante uma certa época do ano. A rigor, devemos até mesmo saber olhar de modo compreensivo para o mundo das aves. A Humanidade ainda não forma, hoje, conceitos corretos a respeito da influência que a expulsão de determinados espécimes de aves regionais, pelas modernas condições de vida, efetivamente tem sobre toda a vida agrícola e florestal. É preciso lançar novamente luzes para dentro destas coisas por meio de uma observação científico-espiritual — poderíamos dizer também macrocósmica. Outrossim, podemos empregar agora um pouco do que deixamos atuar sobre nós para chegarmos a maiores entendimentos.

Quando se olha para uma árvore frutífera — uma pereira, uma macieira ou uma ameixeira —, cada uma delas é uma coisa totalmente diferente; na verdade cada árvore é a princípio muito diversa, em seu aspecto exterior, de uma planta das espécies herbáceas ou dos cereais. É preciso descobrir de modo muito objetivo em que medida a árvore é algo diverso, senão jamais entenderemos a função da fruta na faina da Natureza. É claro que agora estou falando prioritariamente da fruta que cresce em árvores.

Observemos, pois, a árvore. O que é ela, afinal, em toda a faina da Natureza? Ao examiná-la de forma compreensiva, inicialmente só podemos incluir dela, na vegetalidade propriamente dita, aquilo que cresce como ramos finos, como verdes portadores de folhas, como flores e como frutos. Isto cresce para fora da árvore do mesmo modo como a planta herbácea cresce para fora da terra. Na verdade a árvore é realmente o solo para aquilo que

cresce nos ramos. É a terra crescida em monte, porém um pouco mais vitalizada do que aquela de onde crescem nossas plantas herbáceas e cerealíferas.

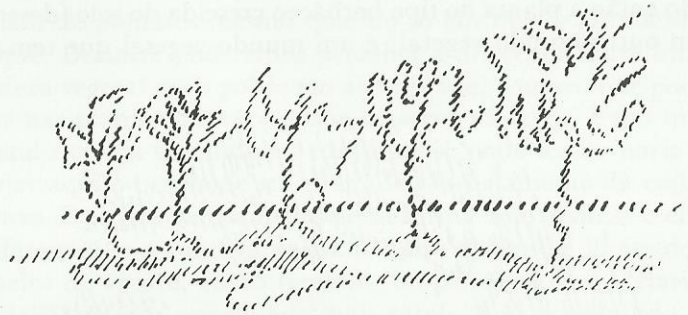
Por conseguinte, caso pretendamos compreender a árvore, deveremos dizer: — Pois bem, lá está o grosso tronco da árvore, ao qual, em certo sentido, pertencem também os galhos e a ramagem. Portanto, a princípio é dali que crescem as folhas e as flores. Esta é a planta enraizada no tronco e nos ramos da árvore, do mesmo modo como as plantas herbáceas e as cerealíferas estão enraizadas na terra. — Então surge imediatamente a pergunta: será que esta planta da árvore, a ser chamada mais ou menos de parasita, também está efetivamente enraizada?

Uma verdadeira raiz é algo que não conseguimos descobrir na árvore. E se quisermos entender isto corretamente, deveremos dizer o seguinte: na verdade essa planta que aí cresce, desenvolvendo lá no alto suas flores e folhas, como também seus caules, perdeu suas raízes por estar assentada na árvore. Porém uma planta não está completa quando não tem qualquer raiz. Ela precisa de uma raiz. Devemos, portanto, perguntar-nos: onde está, afinal, a raiz dessa planta?

Ora, vejam, a raiz só não é visível para a grosseira visão externa. Neste caso não devemos limitar-nos a querer enxergar a raiz, e sim compreendê-la. O que significa devermos compreendê-la? Imaginem — vamos prosseguir com uma comparação real — que eu plantasse num solo, próximas entre si e lado a lado, exclusivamente plantas herbáceas cujas raízes crescessem entremeadas, entrelaçando-se uma na outra e vindo o todo a transformar-se numa espécie de pasta radicular complexa. Poderíamos imaginar que esta pasta de raízes não se permitisse ser algo irregular: ela se organizaria numa unidade, e as seivas iriam confluir lá embaixo. Haveria pasta organizada de raízes lá onde não se pode distinguir onde elas terminam ou começam. Surgiria na planta uma entidade comunitária de raízes [desenho].

Uma coisa que de início nem precisa existir, mas que no entanto nos pode tornar algo compreensível, seria a seguinte: — Aqui estaria o solo. Nele planto, então, todas as minhas plantas... assim! E agora, aqui embaixo, crescem entremeadas todas as raízes. Então se forma uma camada de raízes inteiramente plana. Não se sabe onde umas terminam e outras principiam. Ora, o que lhes

desenhei aqui de modo hipotético existe efetivamente na árvore. A planta que cresce na árvore perdeu sua raiz, tendo-se até mesmo separado relativamente dela, e apenas lhe está ligada de um modo, digamos, mais etérico. E o que desenhei aqui de modo hipotético constitui, dentro da árvore, a camada do câmbio*, de forma que não podemos mesmo visualizar as raízes desta planta senão como sendo substituídas pelo câmbio.

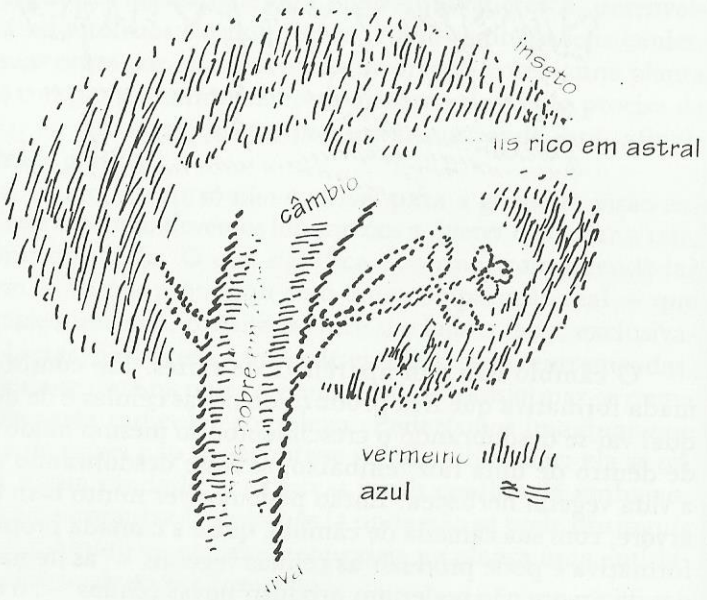


O câmbio não tem aparência de raízes. Ele consiste na camada formativa que fica produzindo novas células e de dentro da qual vai-se desdobrando o crescimento, do mesmo modo como se de dentro de uma raiz, embaixo, se fosse desdobrando em cima a vida vegetal herbácea. Então podemos ver muito bem como na árvore, com sua camada de câmbio, que é a camada propriamente formativa e pode produzir as células vegetais — as demais camadas da árvore não poderiam produzir novas células —, o elemento terroso efetivamente se amontoou, cresceu para o âmbito aéreo, precisando com isto de mais interiorização vital do que a terra normalmente contém encerrando em si a raiz comum. E começamos

* Denominação para a camada geratriz localizada entre o lenho e o líber nas plantas arbóreas. (N.E.)

a entender a árvore. Em primeiro lugar entendemo-la como um ser notável, como aquele ser que existe para separar entre si as "plantas" que nela crescem — caules, flores, fruto e sua raiz —, para afastá-las entre si e ligá-las somente pelo espírito, isto é, pelo etérico.

Desta maneira é necessário examinar o crescimento de forma macrocosmicamente compreensiva. Mas isto ainda vai muito mais longe. O que ocorre, afinal, pelo nascimento de uma árvore? O que ocorre é o seguinte: o que cresce lá em cima na árvore constitui, no ar e no calor externo, um ser vegetal diverso daquele que cresce para o ar e para o calor diretamente do solo, desenvolvendo então a planta do tipo herbáceo crescida do solo [desenho]. É um outro mundo vegetal, é um mundo vegetal que tem rela-



ções muito mais íntimas com a astralidade circundante segregada no ar e no calor, para que o ar e o calor possam ser mineralizados do modo como o homem e o animal os necessitam. E assim ocorre que, ao contemplarmos a planta crescendo sobre o solo, ela é enleada e obnubilada, conforme eu disse, pelo astral.

Porém aqui na árvore essa astralidade é muito mais densa. É mais densa a ponto de nossas árvores serem concentrações de substância astral. Nossas árvores são claramente concentradoras de substância astral.

Neste campo é realmente a coisa mais fácil chegar, eu diria, a um desenvolvimento superior. Quando nos esforçamos nestes campos, torna-se muito fácil sermos esotéricos neles. Não conseguimos tornar-nos francamente clarividentes, mas conseguimos, com muita facilidade, tornar-nos "claricheirantes"* quando nos apropriamos verdadeiramente de um certo olfato para os diversos aromas que exalam de plantas encontradas na terra, e para os que exalam de pomares mesmo quando só em flor, e até mesmo do bosque. Destarte poderemos perceber a diferença entre uma atmosfera vegetal mais pobre em astralidade, conforme se pode farejar nas plantas herbáceas que crescem na terra, e um mundo vegetal rico em astralidade, conforme se pode ter no nariz ao se farejar aquilo que pode ser cheirado tão belamente da copa das árvores. E ao nos habituarmos desta forma a especificar o cheiro, a diferenciá-lo e a individualizá-lo entre cheiro de planta do solo e cheiro de árvore, então teremos, no primeiro caso, "claricheirância"** para a astralidade mais rarefeita e, no segundo caso, "claricheirância" para a astralidade mais densa. Vê-se assim que o lavrador pode tornar-se facilmente "claricheirante". Só que ultimamente ele não se tem utilizado disso do mesmo modo como nos velhos tempos da clarividência instintiva. Conforme eu dizia, o homem do campo pode tornar-se "claricheirante".

Examinando o ponto aonde isto nos pode levar, devemos realmente perguntar-nos: o que ocorre com o que se contrapõe, de certa forma, polarmente ao que a planta parasita da árvore realiza nas imediações desta como aspecto astral? O que acontece através do câmbio, e o que faz ele afinal?

Vejam, a árvore torna amplamente, ao seu redor, a atmosfera espiritual mais rica em qualidade astral. O que ocorre, então, quando algo herbáceo cresce lá no alto da árvore? Neste caso a árvore contém uma certa vitalidade interior, uma etericidade, uma vida de certo modo intensa. O câmbio comprime então esta vida

BC

* Tradução adotada aqui para o neologismo do original *hellriechend*. (N.T.)
** Idem para *Hellriechigkeit*. (N.T.)

um pouco mais para baixo, a fim de torná-la mais semelhante ao mineral. Assim o câmbio atua, portanto, do seguinte modo: enquanto se produz riqueza astral no alto, ao redor da árvore, ele atua para se produzir um caráter etérico mais pobre no interior dela, para haver pobreza etérica na árvore em comparação com a planta. Surge aqui algo mais pobre em éter. Porém pelo fato de se produzir lá na árvore, por meio do câmbio, uma maior pobreza em éter, por sua vez a raiz também será influenciada. A raiz da árvore torna-se mineral, torna-se mais mineral do que as raízes das plantas herbáceas.

Conseqüentemente, por tornar-se mais mineralizada, a raiz subtrai ao solo, no que permanece inerente ao vital, algo de sua etericidade. Ela torna o solo imediato à árvore um pouco mais morto do que seria nas imediações da planta herbácea. Isto deve ser examinado com muito rigor. Entretanto, algo surgido assim na Natureza sempre terá igualmente um significado importante em sua faina, um profundo significado dentro dela. Por conseguinte, precisamos ir em busca deste profundo significado da riqueza astral nas imediações da árvore e da pobreza etérica em sua região radicular.

E lançando um olhar abrangente, descobrimos como isto prossegue na faina da Natureza. É daquilo que permeia as árvores como riqueza astral que vive e se move o inseto desenvolvido. E o que lá embaixo, no solo, se torna etericamente mais pobre e se estende naturalmente por toda a árvore como pobreza etérica — conforme sempre atua o espiritual sobre o todo, tal como expus ontem com relação ao carma no homem —, isso que atua lá embaixo o faz sobre as larvas; de modo que, portanto, se a terra não tivesse árvores, não haveria absolutamente insetos sobre ela. É que as árvores tornam possível a existência dos insetos. É em torno das partes arbóreas elevadas da terra que voejam os insetos; portanto, os insetos que voejam por toda a floresta vivem pelo fato de ela existir, e suas larvas também vivem pelo mesmo motivo. Vejam, aí temos uma indicação adicional de um relacionamento mais íntimo de toda entidade radicular com o mundo animal subterrâneo. Eu diria, pois, que junto à árvore se pode aprender muito bem o que acabamos de expor. Aí isto se torna claro. No entanto, é significativo que o que fica claro e evidente na árvore esteja, por sua vez, presente em todo o mundo vegetal em diferentes nuances, de modo que dentro de toda planta vive algo querendo tornar-se arbóreo. Na verdade, em toda planta a raiz, juntamente com suas imediações, aspira a abandonar o éter, e em toda planta o que cresce para o alto aspira a aproximar mais densamente o astral. A tendência arbórea está realmente contida em toda planta. Por conseguinte, em toda planta fica evidente este parentesco com o mundo dos insetos que eu caracterizei especificamente no caso da árvore. Todavia, deste parentesco com o mundo dos insetos deriva igualmente um parentesco com todo o mundo animal. As larvas dos insetos, que a princípio só conseguem viver efetivamente na terra por existirem raízes arbóreas, desenvolvem-se em outras categorias animais que se lhes assemelham e que passam toda a sua vida animal numa espécie de estado mais ou menos larval, emancipando-se depois, de certa forma, da radicularidade arbórea para também viverem rumo à outra radicularidade das plantas herbáceas e conviverem com ela.

Ora, é evidente o aspecto singular que podemos ver no modo como, em realidade, animais subterrâneos já muito afastados do caráter larval têm, por sua vez, a capacidade de regular a vitalidade etérica no solo quando esta se torna muito elevada. Se o solo se torna, digamos, excessivamente vivo e sua vivacidade exagerada, estes animais subterrâneos cuidam para que a vitalidade excessivamente forte seja liberada de dentro dele. Eles se tornam, assim, maravilhosas válvulas e dispositivos reguladores para a vitalidade presente na terra. Esses preciosos animais, que por isso têm uma importância muito especial para o solo, são as minhocas. As minhocas, essas deveriam ser estudadas em seu convívio com o solo — pois são elas os animais que deixam à terra precisamente tanta etericidade quanto esta necessita para o crescimento vegetal.

Temos assim, sob a terra, essas minhocas e criaturas animais semelhantes que apenas lembram as larvas. E realmente deveríamos, para determinados solos em que isto é visível, tratar até mesmo de uma criação de minhocas que lhes fosse favorável. Assim veríamos como tal domínio desse mundo animal embaixo da terra atua de modo benéfico igualmente sobre a vegetação, e com isso, por sua vez, conforme adiante indicaremos, sobre o mundo animal.

Por outro lado, existe uma remota semelhança de certos animais com o mundo dos insetos, quando este mundo dos insetos

já se encontra desenvolvido e voejando por aí. Trata-se do mundo das aves. Outrossim, sabe-se que ocorreu algo maravilhoso entre os insetos e as aves no decorrer da evolução terrestre. Poder-se-ia dizer da maneira mais plástica possível o que se passou. Por certo um belo dia os insetos disseram: "Não nos sentimos suficientemente fortes para elaborar de modo correto a astralidade que cintila ao redor das árvores. Daí utilizarmos, de nossa parte, a tendência arbórea das demais plantas voejando ao redor delas, deixando para vocês, aves, principalmente aquilo que envolve as árvores como astralidade." E deste modo sucedeu uma verdadeira divisão do trabalho, na Natureza, entre a existência das aves e a das borboletas, atuando ambas conjuntamente, por sua vez, de um modo maravilhoso a ponto de esses seres voadores espalharem corretamente a astralidade por todos os lugares onde esta é necessária, tanto na superfície da terra como no ar. Quando eliminamos este ser voador, a astralidade efetivamente abjura de seu trabalho regular, o que pode ser constatado por uma certa atrofia da vegetação. Existe uma relação entre os dois elementos — os animais alados e o que cresce da terra para dentro do ar. Um sem o outro não são, em última análise, absolutamente pensáveis.* Por esta razão é que se deveria lançar também o olhar, no campo da agricultura, para a espécie correta de insetos e de aves a serem deixados voejar à vontade. Ao mesmo tempo, o próprio agricultor deveria também entender um pouco de criação de insetos e de aves. Pois na Natureza — devo sempre voltar a isto — tudo, realmente tudo está interligado.

Estas coisas são muitíssimo importantes para o conhecimento do assunto, e por esta razão queremos colocá-las com muita precisão diante da alma. Podemos dizer que através do mundo voador dos insetos efetua-se a correta astralização do ar. Esta astralização do ar está em correlação com a floresta, que conduz a astralidade de forma tão correta quanto, em nosso corpo, o sangue é conduzido por determinadas forças. Aquilo que a floresta efetua em suas imediações mais amplas — as coisas atuam em áreas

* Cabe lembrar aqui a poesia de Goethe: "Pequena campânula / do solo brotou. / Surguiu prematura / e abriu linda flor. / Vem uma abelhinha, / provando-a, gentil. / Uma sem a outra / jamais existiu." (Trad. Jacira Cardoso in A. Baur, *O sentido da palavra*. São Paulo, Ed. Antroposófica, 1992.) (N.E.)

BC UFC

muito amplas —, nesta direção, precisa ser efetuado por coisas muito diferentes nos lugares onde há regiões desprovidas de florestas. E deveríamos entender que realmente o crescimento no solo em regiões onde florestas e áreas de cultivo se alternam está sujeito a leis inteiramente diversas das existentes em territórios predominantemente desprovidos de florestas.

Há determinadas regiões da Terra nas quais se vê, de antemão, que foram tornadas ricas em florestas num tempo em que o homem ainda nada fazia em prol disto — pois em certas coisas sabe-se que a Natureza ainda é mais sensata do que o homem —; e pode-se até admitir, quando a floresta está presente de modo natural em alguma região, que esta tenha sua utilidade para a agricultura circundante e para a vegetação herbácea e talosa à sua volta. Por isso deveríamos ter a noção de não exterminar a floresta em tais regiões, e sim cuidar bem dela. E em razão de a terra também se modificar seguidamente pelas mais variadas influências climáticas e cósmicas, deveríamos concordar, toda vez que vislumbrássemos vegetação empobrecendo, em não fazer toda sorte de experimentos meramente *na* e *para* a lavoura, mas aumentar um pouco as áreas de florestas na proximidade. E quando notássemos as plantas crescendo exageradamente, não tendo força germinativa suficiente, deveríamos certamente partir para poupar áreas na floresta e apartá-las. O dimensionamento da floresta em regiões outrora destinadas a florestamento simplesmente faz parte da atividade agrícola, e no fundo precisa ser observado pelo lado espiritual, segundo toda a sua envergadura.

Por outro lado, podemos dizer que o mundo dos vermes e das larvas também interage com a cal da terra — portanto, com o mineral —, enquanto o mundo dos insetos e das aves, tudo o que adeja e voa pelo espaço, está em inter-relação com o astral. O que vive embaixo da terra — o mundo dos vermes e das larvas — está inter-relacionado com o mineral, nomeadamente com a essência calcária, derivando-se assim o etérico corretamente, conforme eu lhes disse há alguns dias de um outro ponto de vista. Incumbe à cal esta tarefa, mas ela a desempenha em interação com o mundo das larvas e dos insetos.

Vejam, entrando mais em detalhes do que foi apresentado aqui por mim, chega-se ainda a outras coisas — não fora assim, não me atreveria a apresentá-las com tamanha segurança — que

antigamente, na época da clarividência instintiva, foram empregadas de modo inteiramente correto, pela via do sentimento. Só que os instintos para isso foram perdidos. O intelecto perdeu realmente todos os instintos, o intelecto exterminou efetivamente todos os instintos. O fato de os homens se terem tornado tão inteligentes e tão intelectuais é culpa do materialismo. No tempo em que eram menos intelectuais eles não eram tão inteligentes, porém mais sábios; e a partir do sentimento sabiam tratar as coisas do modo como devemos novamente tratá-las conscientemente quando, por meio de algo que por sua vez tampouco é inteligente — a Antroposofia não é inteligente: ela aspira mais à sabedoria —, conseguimos aproximar-nos da sabedoria em relação a todas as coisas, e não só na ladainha abstrata "O homem é composto de corpo físico, corpo etérico, etc.", coisa que se pode aprender e recitar de cor como um livro de culinária. No entanto não se trata disto, e sim de introduzir realmente o conhecimento destas coisas em toda parte e vê-lo dentro de tudo, obtendo-se assim orientação — quando verdadeiramente se adquiriu a clarividência tal como lhes expliquei — para distinguir realmente, na Natureza, o modo de ser das coisas.

E então se constata que o mundo avícola se torna nocivo quando não tem a seu lado a floresta conífera, a fim de que suas realizações sejam convertidas em algo útil. E agora, por sua vez, o olhar se aguça mais, constatando-se uma outra afinidade. Tendo-se acabado de reconhecer essa notável afinidade das aves com as florestas de coníferas, descobre-se uma outra que se impõe com clareza e que a princípio é uma afinidade sutil, de uma sutilidade como a que apresentei, mas que pode até transformar-se numa mais grosseira. É a seguinte: com tudo que na verdade não se torna árvore, mas que tampouco permanece uma planta pequena, isto é, com os arbustos como as aveleiras, por exemplo, os mamíferos têm uma afinidade interior; portanto, em prol do melhoramento de seu caráter mamífero num trabalho agrícola, fazemos bem plantando vegetais arbustivos na paisagem. Por sua mera presença os vegetais arbustivos exercem uma influência benéfica, pois na Natureza tudo está em interação.

Mas prossigamos. Os animais certamente não são tão tolos quanto os homens, pois percebem rapidamente a existência dessa afinidade. E ao notar que apreciam os arbustos, e que o gosto por

eles lhes é inato, então também aceitam de bom grado comê-los, começando por comer as partes de que necessitam, o que age de forma extraordinariamente reguladora sobre o outro alimento. Mas continuando, deste modo, a seguir essa afinidade mais profunda na Natureza, por outro lado pode-se obter vistas, a partir daí, para a natureza do nocivo.

Do mesmo modo como a floresta de coníferas tem uma relação íntima com as aves e os arbustos a têm com os mamíferos, todo elemento fúngico tem, por seu turno, uma relação íntima com o mundo animal inferior, com as bactérias e criaturas análogas, nomeadamente com as parasitas prejudiciais. Estas se mantêm junto ao elemento fúngico, desenvolvendo-se nos locais onde este se mostra disperso. E disto resultam as doenças vegetais, bem como prejuízos mais graves nas plantas. Entretanto, se conseguirmos não ter somente florestas, porém igualmente campinas nas respectivas proximidades das lavouras, essas campinas se tornarão especialmente eficientes para a agricultura, uma vez que nelas existe um solo bom para fungos. Deveríamos também cuidar para que essas campinas tivessem seu solo ocupado com fungos. Então presenciaríamos o fato notável de que onde há uma campina, uma campina rica em fungos — embora talvez não seja absolutamente de bom tamanho — na proximidade de uma lavoura, nesse lugar os fungos, por sua afinidade com as bactérias e com a outra espécie parasitária, afasta esta espécie do resto. Pois os fungos se conservam mais junto a esta espécie do que as demais plantas. Ao lado de coisas como as que apresentei para o combate de tais pragas vegetais, existe também a possibilidade, a possibilidade em geral de manter afastada da lavoura, pela instalação de campinas, a parasita animal nociva, a infestação prejudicial.

É na distribuição correta da floresta, dos pomares, da vegetação arbustiva e das campinas com uma certa cultura natural de fungos que reside o essencial de uma agricultura favorável, tanto que assim realmente se realiza mais em prol da agricultura mesmo precisando diminuir as áreas utilizáveis do solo agrícola. Em todo caso, não se pratica qualquer administração econômica quando se aproveita a área do solo em extensão tal a ponto de se desvanecer tudo que abordei, especulando-se com isto poder cultivar mais. O que pode ser cultivado a mais torna-se acentuadamente pior do que o resultado conseguido pelo aumento das áreas à cus-

286109

ta das demais coisas. Na verdade, não podemos situar-nos dentro de uma empresa tão intensamente natural como a agrícola sem termos, desta maneira, percepções para o contexto, para a interação nessa empresa natural.

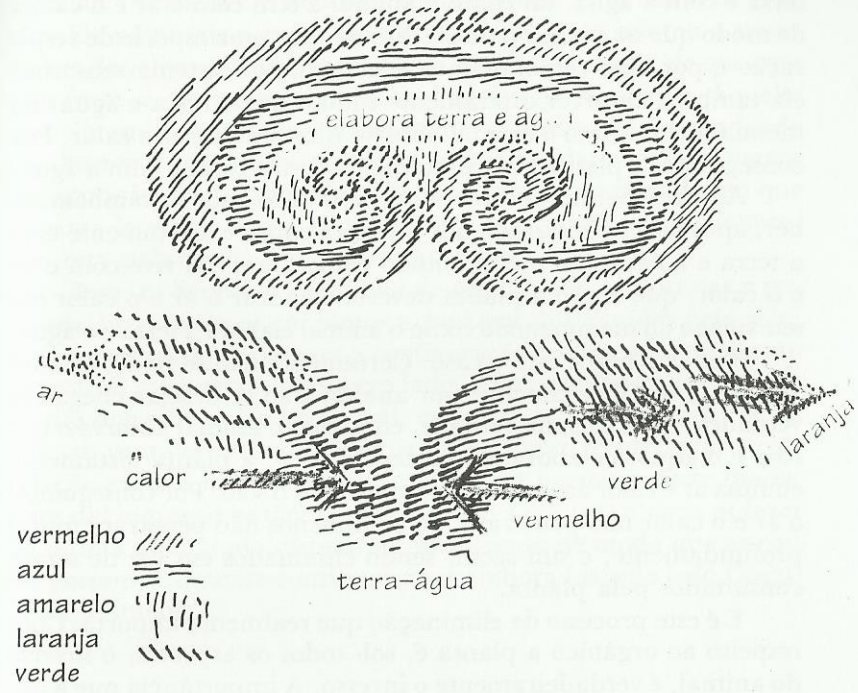
Este também é o momento de trazer à nossa compreensão aqueles pontos de vista que acima de tudo colocam diante de nossa alma a relação do vegetal com o animal e, inversamente, do animal com o vegetal. O que é realmente um animal, e o que é realmente o mundo vegetal?

No caso do mundo vegetal, deve-se falar mais de seu conjunto. O que é, na verdade, um animal, e o que é o mundo vegetal? Que isto precisa ser procurado enquanto relação fica evidente pelo fato de que só entendendo algo dela é que se pode também entender um pouco de nutrição animal. Ora, a nutrição só pode ser realizada corretamente quando praticada no sentido da relação correta entre a planta e o animal. O que são os animais?

Bem, observando-se os animais, e até mesmo os dissecando, obtêm-se as estruturas ósseas com cujas formas as pessoas se podem deleitar, além de estudá-las, conforme expus. Também se estuda muito bem o aparelho muscular e o nervoso, mas o que os animais efetivamente são, dentro de toda a faina da Natureza, não se consegue mesmo extrair deste modo. Isto só se obtém examinando aquilo com que o animal está em interação totalmente imediata e íntima no tocante a seu ambiente. Vejam, o fato é que o animal elabora diretamente de seu ambiente, para dentro de seu sistema neuro-sensorial e de uma parte de seu sistema respiratório, tudo o que primeiro passa pelo ar e pelo calor. Enquanto ser autônomo, no fundo ele é um elaborador direto de ar e de calor mediante seu sistema neuro-sensorial.

Por conseguinte, desenhemos esquematicamente o animal assim [desenho ao lado]. Em tudo o que reside em sua periferia, em seu ambiente, em seu sistema neuro-sensorial e numa parte de seu sistema respiratório, o animal é um ser autônomo que vive diretamente no ar e no calor. É com o ar e com o calor que ele tem uma relação inteiramente imediata, sendo seu sistema ósseo efetivamente formado a partir do calor, sobretudo quando os efeitos da Lua e do Sol são transmitidos por este. É do ar que se forma seu sistema muscular, em que por sua vez agem indiretamente, por essa via aérea, as forças do Sol e da Lua.

O próprio ser, no calor aéreo



Em contrapartida, o animal não consegue relacionar-se nem com o elemento terroso nem com o aquoso numa elaboração tão direta. Nem a terra nem a água ele consegue elaborar diretamente. Tendo de admitir terra e água em seu interior, precisa possuir um tubo digestivo direcionado de fora para dentro, elaborando então tudo em seu âmago com aquilo em que veio a se transformar pelo calor e pelo ar: ele elabora a terra e a água com seu sistema metabólico e com uma parte de seu sistema respiratório. O sistema respiratório se alça para o sistema metabólico. É com uma parte de seu sistema respiratório e uma parte de seu sistema metabólico que ele elabora terra e água. Portanto, o animal já precisa estar presente pelo ar e pelo calor ao ter de elaborar terra e água. É assim que ele vive no âmbito da terra e no âmbito da água. Naturalmente a elaboração ocorre do modo como indiquei, mais no sentido energético do que no substancial. Frente a isto, perguntemos: o que é então uma planta?

Vejam, a planta tem justamente uma relação direta com a terra e com a água, tal como o animal a tem com o ar e o calor; de modo que na planta temos o fato de, por uma espécie de respiração e por algo remotamente semelhante ao sistema sensorial, ela também absorver diretamente tudo o que é terra e água, da mesma forma como o animal absorve diretamente ar e calor. Por conseguinte, a planta vive diretamente com a terra e com a água.

Agora os Senhores dirão: ora, neste caso pode-se também saber, após haver constatado que a planta convive diretamente com a terra e a água, do mesmo modo como o animal vive com o ar e o calor, que então a planta deveria elaborar o ar e o calor em seu âmago do mesmo modo como o animal elabora a terra e a água.

Todavia não é este o caso. Certamente não se pode, quanto ao que já se sabe, concluir por analogia ao se desejar chegar às verdades espirituais; na verdade, enquanto o animal absorve o terroso e o aquoso elaborando-os dentro de si, a planta justamente elimina ar e calor ao vivenciá-los junto com o solo. Por conseguinte, o ar e o calor não penetram, ou pelo menos não penetram muito profundamente, e sim saem, sendo eliminados em vez de serem consumidos pela planta.

E é este processo de eliminação que realmente importa. Com respeito ao orgânico a planta é, sob todos os aspectos, o inverso do animal, é verdadeiramente o inverso. A importância que a absorção de alimento tem para o animal é a mesma que tem, na planta, a eliminação de ar e calor; e no mesmo sentido em que o animal vive da absorção de alimento, neste mesmo sentido a planta vive da eliminação de ar e calor. Poder-se-ia dizer que o caráter virginal da planta é o fato de ela não querer absorver algo avidamente por sua própria natureza, e sim efetivamente dar o que o animal retira do mundo e, graças a isto, viver. Assim a planta dá e vive de dar.

Examinando este dar e tomar os Senhores obterão, por outro lado, aquilo que desempenhava um grande papel num antigo conhecimento instintivo destas coisas. A frase que aqui extraio da reflexão antroposófica — "A planta dá e o animal toma, na faina da Natureza" — era outrora absolutamente correta numa instintiva compreensão clarividente da Natureza. E alguma coisa se preservou até épocas mais tardias, mormente em pessoas sensíveis a este assunto — os Senhores ainda encontram justamente em Goethe o uso freqüente desta frase: "Na Natureza tudo vive de dar e tomar." Certamente a encontrarão ao percorrer as obras de Goethe. Ele não mais a entendia corretamente, mas adotou-a novamente de velhos costumes e tradições, tendo a sensação de que com esta frase se designava algo de verdadeiro na Natureza. Aqueles que vieram depois nada mais entenderam disto, não entendendo igualmente o que Goethe quis dizer ao falar de dar e tomar. Quanto à respiração, ele também fala de dar e tomar, na medida em que respirar interage com o metabolismo. Fica claro que ele empregou esta palavra de um modo não-claro.

Bem, os Senhores vêem que de certo modo as florestas e pomares, bem como os conjuntos arbustivos distribuídos pelo solo, são agentes reguladores para a configuração correta do crescimento vegetal. E sob a terra, por outro lado, é um regulador semelhante aquilo que, em união com a cal, constitui as larvas inferiores, os animais vermiformes, etc. Deveríamos, portanto, contemplar a correlação entre a lavoura, a fruticultura e a pecuária deste modo, para daí ingressar então na prática. Isto é o que tentaremos fazer na última aula ainda disponível, avançando de modo que as coisas possam realmente continuar a ser elaboradas pelo belo Círculo Experimental.

Oitava conferência

Koberwitz, 16 de junho de 1924

A natureza da nutrição animal

Nesta última conferência — que talvez possa ser arrematada com algumas coisas, conforme os Senhores necessitem, no debate subseqüente — eu gostaria, na medida em que a exigüidade do tempo o permita, de apresentar alguns aspectos complementares e algumas indicações práticas. Porém hoje trataremos justamente do lado prático, que muito dificilmente pode ser apresentado sob fórmulas genéricas e coisas semelhantes, estando muito mais sujeito, e em maior medida, à individualização e ao tratamento pessoal. E é precisamente por este motivo que neste campo será especialmente necessário obter os conhecimentos científico-espirituais — conhecimentos que podem conduzir, de forma compreensiva, à individualização das medidas a tomar.

Pensem só no seguinte: hoje existe pouco conhecimento nesse importantíssimo campo que é o da nutrição de nossos animais agrícolas. Mas a rigor nem se consegue melhorar muito essa questão, embora se façam tantas indicações orientadas justamente nesse sentido. Como se deve proceder à nutrição animal? Estou convicto da possibilidade de uma substancial melhora [nesse âmbito] à medida que o ensino agrícola se oriente cada vez mais no sentido de desenvolver conhecimentos sobre a verdadeira natureza da nutrição. É para isso que hoje quero inicialmente contribuir com algo.

Vejam — já indiquei isso anteriormente —, o significado da nutrição para o animal, bem como para o homem, é sempre visto de forma inteiramente errônea. Não se trata do que acontece grosseiramente, ou seja, de os nutrientes serem absorvidos de fora e depois, conforme sempre mais ou menos se imagina ao comparar este caso a uma espécie qualquer de transformação, estes serem simplesmente depositados no organismo. Na verdade, imagina-se crua e grosseiramente que lá fora estejam os nutrientes e que depois o animal os absorve, depositando dentro de si o que possa necessitar e eliminando o que não utiliza. Ora, é preciso atentar para várias coisas — por exemplo, para que o animal não seja sobrecarregado e para que obtenha o alimento mais nutritivo possível, a fim de poder utilizar muito do que está contido nos nutrientes. E certamente se faz distinção quando, neste campo, também se gosta de separar as coisas de modo materialista entre nutrientes propriamente ditos e aquelas substâncias que promovem, segundo se diz, os processos de combustão no organismo; e nisso se fundamenta toda sorte de teorias que então se aplicam também na prática, tendo-se nesse caso de constatar sempre, naturalmente, que algumas dessas coisas são corretas, enquanto outras justamente não são, ou então não são mais após algum tempo, ou se modificam por este ou aquele motivo. E como esperar que isto seja diferente?

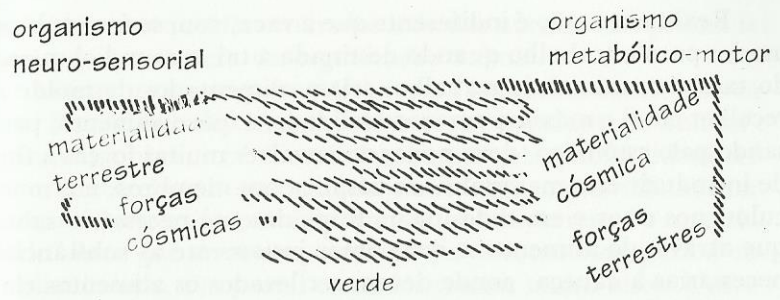
Pois vejam: fala-se de processos de combustão no organismo. Naturalmente não existe qualquer processo de combustão no organismo, pois a combinação de qualquer material com oxigênio, dentro do organismo, significa algo totalmente diverso de um processo de combustão. Combustão é um processo existente na natureza mineral inanimada. Além disto, entretanto, do mesmo modo como um organismo é algo diferente de um cristal de quartzo, assim também o que se designa como combustão no organismo não é o processo combustivo morto que se passa no exterior, e sim algo vivo e até mesmo sensível.

É precisamente devido ao modo de expressão acima exposto, dirigindo-se neste caso os pensamentos em determinado rumo, é precisamente por esta razão que se provoca o mais amplo abuso. Ora, quem se expressa assim fala de modo simplesmente negligente ao tratar da combustão no organismo. Se tiver em mente o modo correto de ver a questão, não fará mal se falar de modo negligente e, apesar disto, executar as coisas mais ou menos corretamente segundo o instinto ou a tradição. Mas se depois disso for acometido da *psychopatia professoralis* — já empreguei muitas vezes esta expressão — a propósito desse falar descuidado sobre tais coisas, então do que foi negligentemente falado construirá teorias brilhantes. Depois agirá segundo essas teorias, não identificando mais de modo algum a questão. Estará falando de algo totalmente diverso do que ocorre nas plantas e nos animais. É um fenômeno típico dos dias atuais fazer-se algo totalmente diverso do que convém aos acontecimentos da Natureza. É por isso que justamente nesse âmbito devemos atentar para o que realmente interessa.

BC UFG

Observemos agora as conclusões a que chegaram nossas observações de ontem — que a planta possui um corpo físico e um corpo etérico, estando em sua parte superior mais ou menos envolta pelo astral. Ela não alcança o astral, e sim está como que envolta por ele. Ao unir-se de uma forma muito especial ao astral, como no caso da formação da fruta, é criado justamente para a nutrição algo que fortalece o astral nos organismos animal e humano. Observando atentamente o processo, vê-se com facilidade em qualquer planta, ou em qualquer outra coisa, se isto deve ou não fortalecer algo no organismo animal. Todavia opino que deveríamos também examinar o pólo oposto. Com efeito, aí existe algo extraordinariamente importante. Já me referi a isto anteriormente; mas aqui, onde devem ser obtidas as bases para os processos nutricionais, este assunto deve ser especialmente ressaltado mais uma vez.

Por se tratar de arraçoamento, comecemos pelo animal. Nele não temos uma "trimembração" tão clara do organismo quanto no homem. Além disso, seus organismos neuro-sensorial e metabólico-motor são mais pronunciadamente salientes. Tais organismos são nitidamente separados, porém o do meio, o organismo rítmico, está mal definido em diversos animais. Neste organismo rítmico entra um pouco do que ainda provém do organismo sensorial, com mais um pouco do que provém do organismo metabólico, de forma que a rigor deveríamos falar, no caso do animal, de um modo um pouco diferente do que no caso do homem. Neste último é inteiramente correto falar desta trimembração do organismo. Com relação ao animal, porém, dever-se-ia falar da estrutura orgânica localizada preferencialmente na cabeça e daquela situada na parte posterior do corpo e nos membros — a metabólico-motora, que por sua vez permeia todo o organismo. E é na região mediana do animal que o metabolismo e a organização neuro-sensorial se tornam mais rítmicos do que no homem, interpenetrando-se a fim de que o rítmico não surja tão independente no animal. Trata-se de uma "inter-ressonância" mais indistinta de ambos os pólos externos [desenho ao lado]. Portanto, no caso do animal dever-se-ia efetivamente falar de uma "bimembração" do organismo, porém de modo que ambos os membros se misturem no meio, surgindo assim a chamada organização animal.



Ora, todas as substâncias que se encontram na organização da cabeça — na verdade isto também ocorre no homem, mas fiquemos com o animal —, tudo o que se encontra na cabeça é de matéria terrosa. Já na época embrionária a matéria é depositada dentro da organização da cabeça. A estrutura orgânica do embrião deve ser disposta de molde a que a cabeça receba sua substância da terra. Lá dentro, pois, temos material terroso. Em contrapartida, tudo o que temos como materialidade na organização metabólico-motora, ou seja, o que impregna nossos intestinos, nossos membros, nossos músculos, nossos ossos e assim por diante não se origina da terra, mas provém daquilo que é absorvido acima da terra, isto é, do ar e do calor. Trata-se de materialidade cósmica. É importante que não se veja um casco como algo formado pelo depósito de matéria física ingerida pelo animal e chegada até lá embaixo. Ora, isto não é verdade: pelos sentidos e pela respiração é absorvida a matéria cósmica.

O que o animal come serve apenas para desenvolver nele as forças de mobilização propícias a que o cósmico se introduza na organização metabólico-motora, ou seja, no casco, para que então haja materialidade cósmica por toda parte. Por outro lado, com as energias ocorre o contrário. Na cabeça, justamente porque os sentidos estão situados predominantemente nesta região e percebem a partir do cósmico, nos havemos com energias cósmicas. Na organização metabólico-motora — basta lembrarmos que ao caminhar nos engajamos continuamente na gravidade terrestre, e portanto tudo o que se faz com os membros é ligado ao terreno — nos havemos com forças terrenas, terrestres, isto é, com materiais cósmicos e com forças terrestres.

Realmente, não é indiferente que a vaca, com seus membros usados para o trabalho quando destinada a tal, ou um boi quando também animal de trabalho, sejam alimentados de molde a recolher em si o máximo em materialidade; e que o alimento, passando pelo estômago, deva poder desenvolver muitas forças a fim de introduzir essa materialidade cósmica nos membros, nos músculos, nos ossos e em todo lugar. É igualmente necessário saber que através do alimento se deve obter justamente as substâncias necessárias à cabeça, aonde devem ser levados os alimentos elaborados pelo estômago. Nesse sentido é a cabeça que realmente depende do estômago, e não o dedão do pé; e cumpre ter bem claro que a cabeça só consegue elaborar esse alimento recebido do corpo quando obtém forças correspondentes do Cosmo. Portanto, não se deve simplesmente confinar os animais em estábulos abafados, onde as forças cósmicas não conseguem absolutamente fluir para eles, e sim conduzi-los pelo pasto, proporcionando-lhes sobretudo a oportunidade de se relacionarem também com o meio ambiente de modo perceptível aos sentidos. Vejam, aqui devemos atentar, por exemplo, ao seguinte:

Imagine-se um animal mantido em pé diante do comedouro de um estábulo abafado, recebendo a medida da nutrição que a sabedoria humana coloca nesse comedouro. Se não receber lá dentro uma variedade — o que só pode ser recebido em liberdade, esse animal exibirá uma grande diferença em relação ao outro que se serve de seus sentidos — por exemplo, de seu olfato, procurando lá fora seu alimento em liberdade segundo seu órgão olfativo, por cuja medida segue as forças cósmicas, procurando para si o alimento, tomando-o por si próprio e desenvolvendo em seu âmago toda a sua atividade nesse ato de tomar a alimentação.

Um animal mantido em pé diante do comedouro não demonstrará imediatamente — estas coisas são hereditárias — não conter em si forças cósmicas; ele ainda as herda, porém pouco a pouco produz descendentes em que as forças cósmicas já não são do mesmo modo inatas, e eles não as possuem mais. E o animal se torna fraco a partir da cabeça, ou seja, não consegue mais nutrir o corpo por não poder absorver os elementos cósmicos que justamente devem penetrar nesse corpo. Estas coisas já indicam que a rigor não deveríamos simplesmente dizer de modo generalizado "Dê esta ração neste caso e aquela no outro", e sim provocar uma

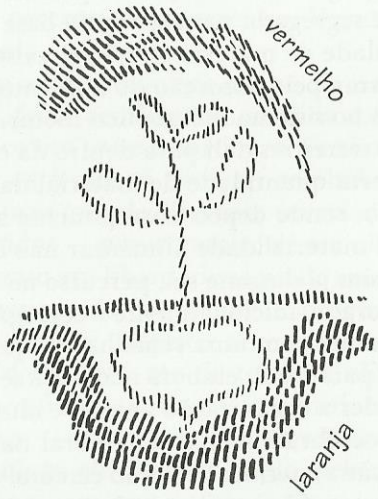
noção do valor que determinados métodos nutricionais podem ter para toda a natureza da organização animal.

Mas agora prossigamos. O que está realmente contido na cabeça? Materialidade terrestre. Ao extrair, portanto, do animal o órgão mais nobre, o cérebro, encontramos nele materialidade terrestre. No cérebro do ser humano [também] há materialidade terrestre; somente as forças são cósmicas, sendo terrestre a materialidade. Para que serve esse cérebro? Serve como base para o eu. O animal ainda não possui o eu. Insistamos muito nisto: o cérebro serve de base para o eu, sendo que o animal ainda não possui o eu, pois seu cérebro está apenas a caminho da formação do eu. No homem há uma aproximação cada vez maior da formação do eu. Pois bem, o animal tem um cérebro; de que modo este veio a existir?

Tomemos o processo orgânico inteiro. Tudo o que nele ocorre, manifestando-se no cérebro como elemento terrestre material, é simplesmente segregado, é secreção do processo orgânico. Aí a matéria terrestre é segregada para servir de base para o eu. Ora, uma certa quantidade de matéria terrestre, existente na base do processo que se forma pela absorção do alimento mediante a distribuição digestiva no sistema metabólico-motor, é capaz de conduzir os alimentos terrestres dali para dentro da cabeça e do cérebro; então uma certa quantidade de materialidade terrestre percorre este caminho, sendo depois corretamente segregada no cérebro. Porém essa materialidade alimentar não é segregada apenas no cérebro, e sim já durante seu percurso no intestino. O que não pode ser elaborado adicionalmente é segregado no intestino, e assim nos deparamos com uma semelhança que acharemos extraordinariamente paradoxal, embora não possa ser ignorada quando se deseja entender a organização animal e também a humana. O que é a massa cerebral? A massa cerebral nada mais é senão massa intestinal levada a termo. Secreção cerebral antecipada passa pelo intestino. O conteúdo intestinal, de acordo com seus processos, é inteiramente afim ao conteúdo do cérebro.

Falando grosseiramente, eu diria que no cérebro está espalhado um monte de estrume evoluído; aliás, segundo os fatos isto está totalmente correto. É o estrume que, pelo próprio processo orgânico, se transforma na massa nobre do cérebro e lá se torna a base do desenvolvimento do eu. No homem, a maior quantida-

de possível de estrume ventral se transforma em estrume cerebral, porque a rigor o ser humano traz consigo seu eu pelo mundo terreno; no animal isso ocorre menos, ficando por isso mais quantidade no estrume ventral, que então é empregado como estrume efetivo. Nesse caso permanece algo mais de "eu" dentro do aparelho. Pelo fato de o animal não o transformar num eu, permanece algo mais lá dentro do aparelho. Daí serem o esterco animal e o esterco humano duas coisas inteiramente diversas. O esterco animal ainda contém a predisposição para o eu. E quando adubamos, tendo trazido o eu de fora para a raiz, para as plantas, constatamos que desenhando a planta inteira [desenho], tendo a raiz aqui embaixo e em cima as folhas e flores em desenvolvimento, neste caso o astral se desenvolve adicionalmente pelo contato com o ar, desenvolvendo-se então o rudimento do eu na planta pelo contato com o adubo.



Com efeito, tal agricultura é um organismo. Este desenvolve seu astral em cima, o que ocorre pela presença de frutíferas e de florestas. Quando os animais se alimentam corretamente do que existe sobre o solo, naquilo que deles provém sob forma de adubo se desenvolvem as verdadeiras forças do eu, que por sua vez fazem

crescer as plantas de modo correto a partir da raiz, no rumo da força da gravidade. Trata-se de uma maravilhosa interação, mas que precisamos entender aos poucos.

Ora, vejam: por tudo isto, a agricultura é uma espécie de individualidade. E é daí que obteremos a compreensão para o fato de os animais deverem ser mantidos ora mais, ora menos nesta interação, bem como as plantas. Por isso já constitui, em certo sentido, um prejuízo para a Natureza quando não obtemos o adubo dos animais pertencentes à fazenda, e sim os suprimimos e obtemos do Chile o conteúdo para o adubo.* É que deste modo passa-se a ignorar o fato de este ser um circuito fechado, algo que se deve auto-sustentar. Naturalmente devemos dispor a questão de forma a propiciar essa auto-sustentação. Simplesmente precisamos ter na fazenda tantos e tais animais para obter na lavoura o esterco suficiente e correto. Por outro lado, devemos estar atentos para o plantio de certas coisas, propiciando, aos animais que desejamos manter, a possibilidade de comer, por instinto próprio, o que procuram.

Nesse caso, naturalmente, os experimentos ficam complexos por se tornarem individuais. Mas aqui se trata justamente de indicar os rumos em que os experimentos devem ser aplicados. E então muita coisa será experimentada. Resultarão regras para o uso, porém todas elas deveriam originar-se da orientação no sentido de se fechar o círculo da agricultura para que esta se possa auto-sustentar. Não, porém, inteiramente. Por quê? Por meio de uma observação objetiva, em sentido científico-espiritual, jamais nos tornamos fanáticos. Isto não pode ser realizado integralmente, no contexto de nossa atual ordem econômica. Contudo, deveríamos procurar realizá-lo na medida do possível.

Ora, vejam: obtendo isto, conseguimos encontrar mais concretamente as relações do organismo animal com o organismo vegetal, ou seja, com o organismo nutricional. Examinemo-lo primeiramente em grandes linhas, em sua generalidade.

Observemos a raiz: em geral esta se desenvolve dentro da terra, sendo impregnada, mediante o adubo, por uma "energia do eu" em vias de desenvolvimento; ela absorve essa energia evolven-

* Steiner se refere ao *salitre do Chile* (nitrato de sódio extraído de jazidas andinas e empregado no adubo nitrogenado). (N.E.)

te por todo o modo como se situa dentro da terra, sendo apoiada nessa absorção quando pode encontrar a quantidade correta de sal na terra.

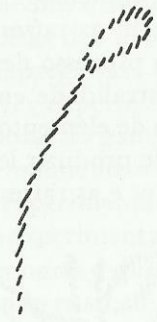
Suponhamos obtermos essa raiz simplesmente das observações que fizemos. Então deveremos explicar as raízes como aqueles alimentos que, ao penetrar no organismo humano, mais facilmente encontram o caminho para a cabeça mediante a digestão. Portanto, utilizaremos a nutrição radicular ao pressupor que queremos dar substância, ou seja, elementos materiais à cabeça, para que as forças cósmicas atuantes através dela encontrem efetivamente a matéria adequada para sua atividade plástica. Imaginem que alguém expresse a seguinte frase: "Preciso dar nutrição radicular a um animal que necessita levar substância à cabeça a fim de, na mais ativa relação sensorial, ou seja, na relação cósmica, aproximar-se do âmbito cósmico." Por acaso não se pensa imediatamente no bezerro e na cenoura forrageira? Comendo a cenoura, a rigor o bezerro estará cumprindo todo o processo. No momento em que se diz algo assim, sabendo como as coisas parecem ser e como vivem, na verdade se dirige o olhar para o que deve acontecer. Basta saber como se realiza este processo de troca.

Prossigamos. Agora, tendo a substância sido efetivamente levada para dentro da cabeça e tendo-se fornecido a cenoura forrageira ao bezerro, pode-se iniciar o processo inverso, isto é, a cabeça pode então trabalhar com vontade, produzindo assim, no organismo, também forças que possam, por sua vez, ser elaboradas dentro dele. Não é o mero esterco de cenoura forrageira que será depositado na cabeça; daquilo que nela é segregado, isto é, que está em processo de decomposição, devem penetrar irradiações energéticas no organismo — ou seja, é necessário haver um segundo alimento que, após ter sido atendido um membro do corpo — neste caso, portanto, a cabeça —, faça com que esse membro, por sua vez, trabalhe corretamente no resto do organismo.

Ora, observem o seguinte: — Eu dei a cenoura forrageira. Quero agora que o corpo fique corretamente impregnado pelas forças que possam desenvolver-se a partir da cabeça. Neste caso, preciso daquilo que na Natureza tenha forma irradiante ou faça convergir corretamente essa forma irradiante, digamos, para uma formação concentrada. O que é necessário aqui? É necessário adicionar à cenoura forrageira, como segundo alimento, algo que se

BC UFG

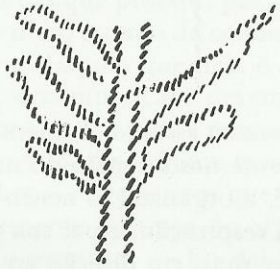
transforme em elemento irradiante na planta, e também concentre esta força irradiante. Isto faz lembrar as sementes de linho e outras semelhantes. E arraçoando gado novo com cenoura forrageira e sementes de linho, ou outro tipo de combinação como feno fresco e cenoura forrageira, obtém-se aquilo que efetivamente atua dentro do animal de forma dominante, ou seja, leva realmente o animal ao caminho ao qual ele está predisposto. Por conseguinte, deve-se tentar dar ao gado novo um alimento que, por um lado, promova a força característica do eu e, por outro, aquilo que transcorre de cima para baixo, promovendo os preenchimentos astrais. Este é especialmente o caso de todo vegetal longicaule [desenho], que em tal condição é simplesmente abandonado ao próprio desenvolvimento e, sendo portanto longicaule, transforma-se em feno. É assim que vemos esta questão, e é assim que deveríamos examinar toda a agricultura e saber, de cada coisa, o que se passa com esta ao se dirigir do animal para dentro do solo ou da planta para dentro do animal.



Avancemos mais neste assunto. Tomemos um animal que precisa ser forte justamente nessa região do meio, onde a organização da cabeça, isto é, a organização neuro-sensorial, desenvolve-se mais em direção à respiração, e por sua vez a organização metabólica se desenvolve mais em direção ao rítmico — onde, portanto, ambas se interpenetram. Que animais são esses que precisam ficar fortes nesse local? São justamente os animais leiteiros. Estes precisam ficar fortes nessa região do corpo. Na produção de leite é realmente preenchida a exigência no sentido de os animais se tornarem fortes na região do meio. A que se deve atentar nesse

caso? Deve-se atentar para que no fluxo que vai da cabeça para trás, que é preferencialmente um fluxo de energias, e no fluxo que transcorre de trás para a frente, que é preferencialmente um fluxo de matéria, ocorra uma correta interação. Ocorrendo essa interação correta, de modo que o que flui de trás para a frente seja elaborado do melhor modo posssível pelas forças que correm da frente para trás, então se produz o bom leite e o leite abundante. Pois no bom leite está contido aquilo que no metabolismo foi formado de modo especial, isto é, um preparado material que ainda não passou pelo sistema sexual, porém no processo digestivo se tornou o mais semelhante possível ao processo digestivo sexual. O leite consiste simplesmente em secreção das glândulas sexuais, transformada por algo que, conduzido pelas forças da cabeça aí atuantes, é levado ao encontro de um material em vias de tornar-se secreção sexual. É possível observar todo o processo que realmente ocorre aí; pode-se examiná-lo integralmente.

Ora, para todos os processos que se devem formar deste modo precisamos procurar os alimentos que atuam menos em direção à cabeça do que o fazem as raízes, que absorveram a força do eu. Mas pelo fato de o processo dever ficar próximo à força sexual, não devendo ter astralidade em demasia, tampouco nos cabe recorrer a um excesso de elementos opostos à flor e ao fruto. Ou seja, quando se trata de produzir leite, devemos atentar para o que se situa entra as flores e as raízes — ao verde e ao folhoso,



e a tudo o que se desenvolve em folha e erva [desenho]. Querendo estimular o leite em casos de animais cuja produção achamos que possa ser aumentada, obteremos este aumento fazendo o seguinte:

Admitamos que, pelas condições existentes, de início eu arraçoe uma determinada vaca com alimentos de natureza herbácea e foliar. Quero aumentar a produção de leite. Imagino que possa aumentar a produção de leite. Que faço então? Emprego plantas que recolhem para dentro do processo folhoso e herbáceo o processo de frutificação, isto é, tudo o que se passa no florescimento e na fecundação. Assim fazem, por exemplo, as leguminosas, ou seja, as espécies trifoliadas. Na substância do trevo se desenvolvem várias coisas com natureza de fruto, justamente como uma erva. Tratando-se a vaca desta forma ainda não se consegue ver muita coisa nela própria; porém quando esta parir um bezerro — normalmente, tudo o que se altera pela nutrição leva uma geração nesse processo , este se transformará numa boa vaca leiteira. Entretanto, nestas coisas é preciso prestar especial atenção num ponto.

Em geral, tendo desaparecido as antigas tradições oriundas da sabedoria instintiva sobre este assunto, preservou-se todavia alguma coisa, do mesmo modo como os médicos mantiveram alguns remédios, conquanto não saibam mais por quê: eles os mantiveram pelo fato de esses remédios sempre terem ajudado. Assim sendo, sabem-se algumas coisas das antigas tradições, embora não se saiba o porquê de empregá-las, e de resto se experimenta, informa-se a dosagem a ser experimentada, isto é, a dosagem a ser dada ao gado de engorda, ao gado leiteiro e aos demais. E então neste assunto a coisa realmente se passa, com freqüência, da mesma forma como nas experimentações humanas, em particular tal qual ao serem estas experimentações entregues inteiramente ao acaso. Imaginem os Senhores o que se passa com alguém quando, em algum lugar, estando entre muita gente, sente dor de garganta e recebe de cada pessoa que o aprecia algum remédio. Em meia hora junta uma farmácia inteira. Se tomasse tudo isso, uma coisa anularia a outra e sem dúvida ele arruinaria completamente o estômago, sendo que as dores de garganta não passariam. Neste caso, simplesmente pelas circunstâncias, algo simples que deveria acontecer é transformado em algo muito complicado.

Algo muito semelhante se dá quando fazemos experiências com alimentos. Na verdade empregamos uma coisa que dá certo em determinado rumo, porém não dá em outro. Depois empregamos uma segunda adicionada à primeira, obtendo deste modo uma quantidade de alimentos dos quais cada qual tem um signi-

001385

ficado específico para gado novo ou para gado de engorda; porém tudo se torna tão complicado que não se consegue mais visualizar a coisa de modo abrangente, por não se poder mais abarcar com a vista as relações de energias. Ou então o processo sofre mútua anulação de seus tipos de efeitos. Com freqüência é o que de fato acontece, especialmente entre os que praticam a agricultura com estudos pela metade. Estes consultam os livros ou então se recordam do que aprenderam: "Gado novo se deve arraçoar assim, e gado de corte, assado." Então passam a fazer o controle. Ora, isto não pode dar muito resultado, porque a rigor o que é lido nos livros talvez possa contradizer de modo incorreto o que, sem isso, também já se esteja ministrando. Somente se procederá de forma racional partindo de uma maneira de pensar como a que indiquei, com ela simplificando de muitos modos a nutrição animal para poder visualizá-la de modo abrangente.

Digamos que se possa ter uma visão global do seguinte: cenouras amarelas ou forrageiras e sementes de linho atuam deste modo. Visualiza-se isto, sem nada misturar. Observa-se o efeito do que se está ministrando. Imaginem como nos engajamos na agricultura fazendo isto assim, bem conscientemente, de modo bem compenetrado. Assim adquirimos conhecimentos não para complicar, mas para simplificar o modo de arraçoamento. Alguma coisa, e até muita coisa mesmo, do que foi sendo sucessivamente descoberto pela experimentação é correta, porém não é sistemática nem exata. Justamente aquela espécie de exatidão utilizada hoje em dia é na verdade inexata, porque as coisas são remexidas e não são visualizadas com abrangência, enquanto algo como o que apresentei pode ser muito bem observado, tanto em sua simplicidade quanto em sua forma simples de interagir, até quando já dentro do organismo animal. Tomemos um exemplo diferente.

Abordemos, desta vez, o assunto procurando ver o lado mais floral, isto é, aquilo que age de modo frutificante na flor. Mas neste caso precisamos ir ainda mais longe, precisamos verificar também o que frutifica na parte restante da planta. Bem, a planta possui algo que agradou sobremaneira a Goethe. Ela tem por todo o seu corpo indícios daquilo que normalmente é especializado. Na verdade, no caso de outras plantas colocamos na terra aquilo que na flor aparece como predisposição para frutificar a fim de produzir novas plantas, enquanto com a batata não procedemos

286109

assim. Neste caso empregamos os olhos dos tubérculos. Em muitas plantas não procedemos deste modo, pois nelas existe o elemento frutificador. Ora, sempre podemos estimular esta parte frutificadora, que ainda não foi impelida ao seu extremo na Natureza — nem tudo é impelido ao seu extremo na Natureza —, em seu modo de atuação, mediante aqueles processos que de alguma forma se assemelham externamente à combustão interior.

Por conseguinte, a parte vegetal que eventualmente entra no organismo sob forma de aparas é melhorada em sua atuação quando posta a murchar espalhada à luz do sol, pois neste caso o processo latente aí é conduzido um pouco mais adiante, rumo à frutificação. Um maravilhoso instinto subjaz a esse procedimento. Contemplando o mundo de modo compreensivo, sem dúvida se perguntará, afinal: por que os homens chegaram ao cozimento dos alimentos? Eis uma boa pergunta. Só que não é comum questionarem-se as coisas que nos cercam cotidianamente. Por que os homens cozinham os alimentos? Justamente porque foram pouco a pouco constatando que em todo impulso rumo à frutificação desempenham um papel os processos próprios do cozimento, da combustão, do aquecimento, da secagem, da desidratação; é que todos estes processos tornam apropriados sobretudo os elementos floral e seminal, bem como indiretamente as demais partes da planta — nomeadamente aquelas voltadas para o alto — a desenvolver de forma particularmente intensa as forças que devem ser cultivadas no sistema metabólico-motor do animal. Já ao administrarmos a flor e a semente, essas partes florais e seminais da planta influem no sistema metabólico, no sistema digestivo do animal, atuando de preferência no desenvolvimento de suas forças, e não através de sua materialidade. É que o sistema metabólico-motor necessita de forças terrenas, e deve recebê-las na medida de sua necessidade.

Tomemos os animais que em geral pastam nos Alpes. Certamente não são iguais àqueles encontrados na planície, pois precisam locomover-se em condições mais difíceis, pelo fato de o terreno não ser plano. Andar em terreno plano ou inclinado são coisas diferentes. Por isso esses animais precisam ingerir aquilo que desenvolve as forças atreladas pela vontade à região dos membros. De outro modo não se tornariam nem bons animais de trabalho, nem de leite, nem de engorda. Daí se dever providenciar para que

recebam alimentação suficiente provinda das ervas aromáticas alpinas, nas quais, mediante o processo de cozimento solar rumo às flores, as partes frutífera e floral tenham sido mais tratadas, até mesmo pela própria Natureza. Contudo, mediante tratamento artificial adicional também se introduz força nos membros, especialmente quando esse tratamento artificial se refere à cocção, à fervura, etc. Melhor é o alimento proveniente da parte que frutifica e floresce na planta, e em especial quando são tratadas assim as plantas que de antemão têm uma forte predisposição para florescer e frutificar, desenvolvendo pouco material herbáceo e foliáceo e partindo diretamente para florescer e dar frutos. Tudo o que atribui pouco valor a tornar-se herbáceo, proliferando intensamente ao florescer e frutificar, é o que devemos cozinhar.

As pessoas farão muito bem em observar algumas vezes estas coisas por si próprias, caso contrário não emanariam coisas de pessoas que se estão desviando para a indolência, para a preguiça. Ora, estando nesse desvio pode-se muito bem dizer que "passando o dia todo a lidar para todos os lados, não consigo mesmo ser um verdadeiro místico. Somente conseguirei ser um verdadeiro místico quando me tornar inteiramente calmo, não tendo continuamente a ocasião, nem graças a mim próprio nem a meu ambiente, de me excitar; quando me transformar a ponto de poder dizer ao meu redor: 'Não possuo as forças para ficar trabalhando por aí.' Então serei um verdadeiro místico. Portanto, também tentarei organizar minha alimentação de modo a tornar-se um verdadeiro místico." Então se torna vegetariano e não cozinha mais nada — agora é um vegetariano autêntico. Mas vejam só: na realidade todas as coisas se escondem, não se manifestando de forma ordenada. Ora, por outro lado também é verdade que quando alguém se torna vegetariano, colocando-se assim claramente no desvio rumo à mística, e tendo de antemão uma frágil natureza física, certamente evoluirá logo, fazendo grandes progressos e tornando-se cada vez mais indolente e indolente, isto é, cada vez mais místico. O que acontece com o homem pode ser inteiramente aplicado ao animal; portanto, podemos saber como tornar o animal ativo.

Também o outro caso pode dar-se com o homem. Ele pode ter uma natureza física forte e adquirir apenas mais tarde a excentricidade de tornar-se místico. Pode ser portador de vigorosas forças físicas. Neste caso, simplesmente se desenvolverão nele os

processos que ele já contém, bem como as forças para elaborar ainda mais, lá dentro, o alimento vegetariano que ele houver ingerido. Neste caso isto pouco o prejudicará. E quando ele convoca as forças que, de outro modo, permaneceriam embaixo provocando reumatismo e gota, quando as convoca e as elabora ainda mais, ele, o vegetariano, torna-se cada vez mais forte.

Todas estas coisas têm os dois lados, assim como a balança tem dois pratos. Por isto precisamos compreender como elas se individualizam. Não se pode fornecer princípios gerais. E a vantagem do modo de vida vegetariano é tornar-nos no fundo mais fortes, pois as forças que de outro modo permaneceriam incultas dentro do organismo, sendo na verdade as mesmas que provocam a gota, o reumatismo, a diabetes, etc., são retiradas dele. Tendo-se apenas uma alimentação vegetal, são as plantas que devem amadurecer essas forças para o homem. Mas quando se comem ao mesmo tempo os animais, essas forças são depositadas no organismo, permanecendo sem uso e ocupando-se em depositar os produtos do metabolismo nos mais diversos locais, ou em expulsar dos órgãos as coisas necessárias, reinvindicando para si aquelas que o homem deveria ter, como ocorre em caso de diabetes e assim por diante. Só se compreendem estas coisas observando profundamente o assunto.

E então se tratará da questão da engorda de animais imaginando que neste caso deve acontecer como se num saco fosse colocado o máximo de substância cósmica. Ah, os porcos, os gordos, são, isso sim, animais bem celestiais! Pois em seu gordo corpo eles realmente contêm, afora o sistema neuro-sensorial, substância inteiramente cósmica, e não terrena. Na realidade eles necessitam daquilo que comem apenas para distribuir novamente no corpo toda a plenitude de substância cósmica que precisam absorver de todos os lados. O porco precisa comê-lo a fim de poder distribuir a substância a ser retirada do Cosmo. Ele precisa ter dentro de si as forças para conseguir distribuí-las, tal como os outros animais de engorda. Então veremos como esses animais se tornam gordos ao lhes darmos partes frutescentes, se possível em estado de maturação intensificado por cozimento ou murchamento, e quando lhes damos coisas que já contenham o frutescente, porém já um pouco intensificado — o máximo possível, digamos, de cenouras aumentadas por uma espécie de processo prolongado além

BC UFG

do original, ou seja, cenouras já tornadas maiores do que no anterior estado silvestre, mediante cultivo adicional.

Deste modo cabe cogitar: o que deve ser dado, por exemplo, a um animal de engorda? Alguma coisa que possa contribuir para a distribuição da substância cósmica — portanto, aquilo que em primeiro lugar esteja próximo do frutescente e que, além disto, também tenha sido tratado de modo correto. Tal condição é, no fundo, preenchida por determinadas tortas de oleaginosas e similares. Mas precisamos também conseguir que neste animal a cabeça não fique inteiramente descuidada, e que por essa engorda ainda se transponha algo de substância terrena para a cabeça. Ao que já foi exposto precisamos, portanto, contrapor algo que certamente deve ser dado em pequenas porções, pois a cabeça não precisa de muita coisa. Devemos ministrá-lo, pois, em porções diminutas. Por isso deveríamos misturar, à ração de animais de engorda — embora, repito, em pequenas doses —, partes radiculares.

Vejam, existe uma espécie de substância — a substância pura — sem nenhuma tarefa especial. De um modo geral, pode-se dizer que no organismo humano o elemento radicular desempenha, com sua substancialidade, uma tarefa em prol da cabeça; o florescente a desempenha em prol do sistema metabólico-motor e o foliáceo e herbáceo em prol do sistema rítmico. O meio pelo qual se pode reforçar a ajuda, por referir-se a todos os membros da organização animal, é o elemento salino. E uma vez que o alimento consiste num mínimo de sal, tanto no caso do homem como no do animal, disso se constata, justamente pelo acréscimo de sal, que nem sempre o importante é a quantidade, e sim a qualidade correta — ou seja, mesmo pequenas porções de qualidade apropriada cumprem inteiramente sua finalidade.

Agora convém indicar ainda algo especialmente importante. Trata-se de um assunto sobre o qual peço que se façam experimentos realmente exatos, que também podem ser ampliados à observação do ser humano quando este se inclina para o alimento em questão. Os Senhores sabem que ultimamente, há relativamente muito pouco tempo, o tomate foi introduzido como tipo de alimento. Muitas pessoas o apreciam bastante. No entanto ele também é um objeto de estudo extraordinariamente importante. Pode-se aprender muita coisa com a produção e o consumo de tomate. As pessoas — e hoje em dia existem muitas — que se põem a refletir um pouco a respeito destas coisas acham, e até com total razão, que comer tomates tem um grande significado para o homem — e pode-se estender isto integralmente aos animais, uma vez que estes poderiam habituar-se a comê-los —, sendo que este fato tem um grande significado para tudo o que se destaca no organismo, adotando dentro deste uma organização própria. Vejam, daí resultam duas coisas distintas. É a confirmação do depoimento feito por um americano, segundo o qual talvez a ingestão de tomates como meio dietético influa favoravelmente sobre a tendência doentia do fígado humano, pois este é o órgão que age mais independentemente no organismo do homem — de forma que em geral também se poderia combater as doenças hepáticas, que são predominantemente enfermidades do fígado animal, por meio do tomate.

Vejam, neste caso se examina *a priori* o relacionamento entre a planta e o animal. Deveríamos, pois — quero dizer isto entre parênteses —, proibir imediatamente, a quem sofre de um carcinoma, o qual também estabelece de antemão uma certa área independente no organismo humano ou no organismo animal, o consumo de tomates. Mas então nos perguntamos: como é possível e com que se relaciona o fato de o tomate atuar de modo inteiramente peculiar naquilo que é independente no organismo, naquilo que aí se destaca de modo tão especializado?

Isto se relaciona com o que o tomate quer e utiliza em sua própria formação. O tomate se sente o melhor possível em sua formação quando tem a possibilidade de dispor de um adubo que ainda tenha sua configuração original, tal como foi secretado do animal, e também de algo diferente. Quando o adubo não consegue ser elaborado longamente na Natureza, sendo um adubo totalmente bruto, quando se amontoam resíduos em algum lugar, obtendo-se um monte de adubo, um monte de composto em completa desordem dentro do qual se encontra de tudo em sua forma inicial, não elaborado nem preparado, ao plantar tomates lá dentro veremos formarem-se os mais esplêndidos frutos. Ou se empregássemos montes de composto feito dos próprios tomateiros, ou seja, se deixássemos o tomate crescer em seu próprio esterco, ele se desenvolveria de um modo esplêndido. O tomate não quer absolutamente extrapolar-se a si mesmo, não quer absolutamente sair do que é intensamente vivo. Ele quer permanecer nesse âmbito.

O tomate é o ser mais intratável do reino vegetal. Ele não quer, em absoluto, coisa alguma de estranhos. Sobretudo afasta de si aquilo que alguma vez tenha percorrido algum processo enquanto adubo — ele não o quer. Com este aspecto se relaciona o fato de o tomate poder, por sua vez, atuar sobre a organização independente no organismo humano e animal.

De certo modo sememlhante ao tomate, no sentido apontado acima, é a batata. Esta também atua de modo intensamente independente, aliás tão independente que prefere passar facilmente por todo o processo digestivo e penetrar no cérebro, tornando-o independente, por sua vez, até mesmo da atuação dos demais órgãos humanos. E entre tudo o que tornou materialistas os homens e os animais desde o descobrimento do cultivo da batata na Europa está precisamente seu exagerado consumo. O consumo da batata só deve chegar até ao ponto de nos estimular o âmbito cerebral, o âmbito da cabeça. Porém é justamente o consumo de batata que não se pode exagerar. Tudo isto são coisas mediante cujo conhecimento a agricultura se relaciona muito intimamente, e de modo objetivo, com a vida social. E é infinitamente importante que a agricultura se relacione com toda a vida social.

Naturalmente só me foi possível dar algumas diretrizes a respeito destas coisas, que todavia poderão, por longo tempo, justamente neste campo servir de base para os mais variados experimentos. Disto resultarão coisas esplêndidas, se agora as pessoas se aprofundarem experimentalmente em sua elaboração. Na verdade isto também deve fornecer o fio de prumo para o modo de lidar com o que foi dado aqui neste curso. Estou inteiramente de acordo com o que os agricultores aqui presentes decidiram, e decidiram seriamente: que o que foi proporcionado aos participantes do curso permaneça inicialmente circunscrito ao círculo dos lavradores, sendo intensificado experimentalmente, e que depois a comunidade agrícola — esse mesmo círculo — determine o momento que acreditar propício, pelo avanço de suas pesquisas, à publicação dos assuntos.

Em virtude da louvável tolerância aqui cultivada, alguns interessados, embora não sendo diretamente lavradores, puderam

participar deste curso. Estes, lembrando-se da conhecida ópera*, colocarão uma fechadura na boca e não incidirão no mais comum erro antroposófico de ir anunciando todas estas coisas pelos mais distantes rincões possíveis. É que justamente deste modo temos sido tantas vezes e de tantas formas prejudicados, pelo fato de pessoas que realmente nada têm para falar sobre certo assunto a partir de um impulso objetivo simplesmente repetirem as coisas com o fito de, num ímpeto, passá-las adiante.

É diferente se quem fala a respeito destas coisas é um lavrador ou alguém completamente afastado da agricultura. Certamente faz uma diferença, fácil de ser prontamente reconhecida. Mas o que aconteceria se simplesmente tudo isto fosse levado adiante por não-lavradores, sob forma de um interessante capítulo de estudo antroposófico? Aconteceria, conforme já ocorreu em diversas séries de conferências, que as pessoas, incluindo os lavradores, simplesmente ouviriam estas coisas provindas de outras direções. Ora, os lavradores, ao ouvi-las de lavradores, dizem: "Chega! É pena que ele tenha ficado tão louco." No entanto, talvez o digam da primeira e da segunda vez. Mas quando um lavrador vê alguma coisa, não fica totalmente seguro de rejeitá-la. Porém quando a ouve de alguém que não tenha sido especialmente convocado para tal, sendo apenas interessado no assunto, então a coisa é inteiramente repudiada. Neste caso o assunto não mais evolui, por estar realmente desacreditado. É necessário que aqueles amigos que puderam participar somente por interesse, não pertencendo ao círculo de agricultores, mantenham reserva guardando o assunto para si e não o espalhando aos quatro ventos, como se costuma fazer com Antroposofia. Assim foi deliberado pelo círculo de agricultores e comunicado hoje pelo muito prezado Conde Keyserlingk; e eu posso declarar minha concordância no mais amplo sentido desta palavra.

De resto, uma vez que nos encontramos no final destas conferências — afora o debate a seguir —, já posso perfeitamente expressar-lhes, em primeiro lugar, meu contentamento por terem desejado vir até aqui e participar do que foi possível dizer, bem como do que deve resultar disto e ainda precisa ser mais desenvolvido. Por outro lado, posso expressar claramente que concordo

*_A flauta mágica_, de Mozart, com seu personagem tagarela Papageno. (N.E.)

com os Senhores em tudo, dizendo que o processo aqui desenrolado deve ser um trabalho útil, tendo como tal um forte valor interno. Pensem, contudo, apenas em duas coisas: em tudo o que foi necessário em energia do Conde Keyserlingk, da Condessa Keyserlingk e dos membros de sua casa para realizar aqui tudo o que viabilizou este curso. Isto implica em energia, resolução, sentido antroposófico de realidade, identificação com o objeto da Antroposofia, abnegação e tudo o mais possível. E com isto também aconteceu que o que para os Senhores significava aparentemente muito trabalho se transformou num trabalho destinado a aspirar até mesmo a grandes e frutíferos objetivos para toda a Humanidade; e que enquanto estivemos aqui isto se inseriu no quadro de uma verdadeira festa, pela maneira como as coisas foram realizadas. Dentro de cinco minutos os Senhores terão novamente um pequeno exemplo disto. E tudo o mais que se perfilou nesta direção, incluindo-se a extraordinária e cordial amabilidade do pessoal da casa, tudo isto por certo inseriu inteiramente este trabalho no quadro de uma festa maravilhosa, fazendo com que tenhamos comemorado aqui, com uma jornada agrícola, uma autêntica festa da agricultura. É com a mesma autenticidade que desejamos manifestar do fundo do coração, à Condessa e ao Conde Keyserlingk e a toda a sua casa, o nosso mais profundo agradecimento por tudo o que nestes dez dias fizeram aqui por todos nós a serviço da causa [que nos move] e pela forma amistosa e gentil desta hospedagem.

Respostas a perguntas

16 de junho de 1924

Esterco e chorume. A questão das constelações. O papel da eletricidade na Natureza. A acidulação da forragem. A adubação verde. O emprego do estrume humano. Moralidade e caráter

Acaso o chorume possui a mesma força organizacional do eu possuída pelo esterco?

É claro que, nesta questão, tudo depende essencialmente de se empregar chorume e esterco numa associação adequada, ou seja, empregá-los de modo que ambos colaborem para a força organizacional do solo. Esta ligação com o eu vale totalmente para o esterco. Em geral, porém, não vale para o chorume. É que cada eu, mesmo na situação tal qual se encontra no esterco, deve, por sua vez, atuar em conexão com algo astral, sendo que o esterco não teria astralidade se o chorume não estivesse por perto. O chorume dá apoio a isto. Ele possui energia astral mais intensa. Já o esterco possui mais intensa a energia do eu. O esterco é mais cérebro e o chorume é mais secreção cerebral, energia astral — é mais o elemento fluido do cérebro, é mais o líquido cerebral.

Será que poderiam ser dadas aqui as indicações das constelações estelares para a realização dos preparados à base de queima?

Dra. Vreede:

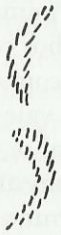
As indicações precisas não podem ser feitas aqui. Para isto ainda são necessários cálculos impossíveis de serem feitos no momento. Para a queima de insetos vale, em geral, o período compreendido entre o início de fevereiro e agosto adentro. Para o extermínio do rato campestre interessaria, este ano [1924] — os períodos se deslocam de um ano para outro —, a época da segunda metade de novembro até à metade de dezembro.

Rudolf Steiner:

Os princípios do calendário antroposófico, segundo este foi elaborado, deveriam ser observados com mais exatidão; então se poderia agir de modo bem preciso, de acordo com tal calendário.

Ao se falar em lua cheia e lua nova entende-se apenas o dia da lua cheia e da lua nova ou também o tempo imediatamente antes ou imediatamente depois?

Neste caso conta-se a lua nova desde o momento em que aparece mais ou menos esta imagem. Esta imagem começa aqui e desaparece aqui. Considera-se lua cheia a partir do momento em que aparece esta figura [desenho] — uma foice delgada —, até desaparecer. Sempre cerca de doze a catorze dias.



Os insetos impossíveis de se obterem na época das respectivas constelações podem ser conservados até à queima?

Ainda haveremos de estabelecer mais precisamente em que tempo devem ser feitos os preparados. Cada uma das formas de insetos pode ser conservada.

A queima da semente de erva daninha precisa acontecer no verão ou pode acontecer a qualquer tempo?

Não muito tempo depois de colhida.

Como se realiza a dispersão dessa "pimenta" quando proveniente de insetos que, em realidade, nem entram em contato com a terra?

Ora, também se realiza na terra. Aqui não se trata absolutamente do contato físico no caso do inseto, porém da qualidade oferecida nesta dose homeopática. O inseto tem um tipo de sensitividade completamente diferente, e o que aí surge foge justamente quando se emprega o elemento em questão para distribuição na terra. Isto não é impedido pelo fato de o inseto não entrar em contato com a terra.

Como portar-nos diante da nocividade da geada para a agricultura, em particular para o tomate? E em qual contexto cósmico se deve entender a geada?

O tomate, para ficar belo e graúdo, deve ser mantido no calor, padecendo muito com a geada. Em geral, no que concerne à geada basta esclarecermo-nos sobre o que se expressa em seus efeitos. Os efeitos da geada consistem sempre numa intensificação substancial da influência cósmica que está ativa dentro da terra. Ora, essa influência cósmica dispõe de um meio normal quando temos determinadas temperaturas. Em determinadas temperaturas, essa influência é justamente aquela de que a planta precisa. Se temos todavia uma geada demorada e também muito intensa, impregnando-se excessivamente, aí a atuação do céu sobre a terra é muito forte e obtemos nas plantas a tendência a ramificar-se em várias direções, a formar filamentos, ou seja, a dispersar-se na finura; e, naturalmente também pela circunstância de estar delgada, a planta é tomada imediatamente pela geada do exterior, vindo a ser destruída — de modo que na geada prolongada teríamos um fenômeno extraordinariamente nocivo à vegetação, justamente por penetrar um excesso de céu no solo.

Porventura devemos tratar o corpo do animal com os resíduos da queima das moscas varejeiras, ou somente espalhar esses resíduos nos prados e pastos?

Nos locais onde o animal come. Espalham-se esses restos de insetos pelos campos. Todos devem ser considerados suplemento para o adubo.

Qual o melhor modo de combater a grama? É muito difícil obter a semente da grama.

Esta forma de multiplicação da grama, à qual o Senhor se refere e que não conduz à semente, no final se anula por si mesma. Quando não se obtém qualquer semente, em realidade tampouco se obterá a planta. Quando ela se instala aprofundando-se e depois continuando a proliferar, também se consegue combatê-la. A quantidade de semente necessária haverá de ser encontrada, uma vez que se necessita de muito pouco. A rigor também se encontram folhas de trevo de quatro folhas.

É lícito conservar grandes quantidades de forragem pelo uso de corrente elétrica?

O que o Senhor desejaria alcançar com isto? Neste caso deve-se, naturalmente, olhar para todo o papel da eletricidade na Natureza em geral. Eu diria que é até consolador chegarem agora da América — onde geralmente existe um dom de observação melhor do que na Europa — opiniões levando a dizer que os homens não podem continuar a desenvolver-se numa atmosfera impregnada de todos os lados por correntes e irradiações elétricas, sendo que isto exerce uma influência sobre todo o desenvolvimento do homem. A vida da alma será outra se estas coisas forem levadas tão longe quanto realmente se propõe. Existe até uma diferença se os Senhores equipam alguma região com máquinas a vapor, locomotivas a vapor para a estrada de ferro, ou se a eletrificam. O vapor atua aqui de um modo mais consciente; já a eletricidade atua de um modo horrivelmente inconsciente, e as pessoas não sabem em absoluto de onde provêm certas coisas. Sem dúvida alguma, segue aí um desenvolvimento no seguinte sentido, considerando-se que a eletricidade é empregada em cima da terra, tanto como eletricidade irradiante quanto como eletricidade condutora, para levar notícias o mais rapidamente possível de um lugar a outro: essa vida do homem, principalmente na eletricidade irradiante, provocará o fato de os homens não mais virem a compreender estas notícias recebidas tão depressa. Ela atua de modo a extinguir a compreensão. Hoje já existem efeitos observáveis. Atualmente já se pode observar que as pessoas compreendem assuntos advindos ao seu encontro com muito maior dificuldade do que ocorria há décadas. Apesar de tudo, é consolador já se encontrarem, divulgados a partir da América, conhecimentos sobre

estas coisas. Ora, em geral, quando surge algo assim, é comum que no início também seja um remédio. Em seguida, porém, os profetas também se servem da coisa. É digno de nota que, ao surgir algo desse tipo, as coisas clarividentes também sejam reduzidas às coisas humanas. Então aparece alguém que profetiza ferozmente aos homens a respeito da força curativa da eletricidade, enquanto anteriormente isto não lhe teria ocorrido em absoluto. E assim as coisas se tornam moda. Tampouco se podia pensar em curas pela eletricidade enquanto esta não existia. Subitamente agora, não só porque ela existe, mas porque as coisas entraram na moda, de repente ela é um remédio. Às vezes a eletricidade, quando empregada de forma irradiante, não constitui muito mais remédio do que ao se tomarem pequenas picadas de agulha. Não é a eletricidade que cura, e sim o efeito de choque que aqui age curativamente. Bem, mas não se pode esquecer que a eletricidade sempre atua especialmente na organização superior, na organização da cabeça humana e animal, interferindo, de conformidade com isto, de modo extraordinariamente forte na organização das raízes vegetais. Portanto, quando se emprega eletricidade para eletrizar os alimentos, produzem-se alimentos que paulatinamente levarão a esclerotizar o animal que os ingere. Este é um processo lento — no começo não será logo notado —, vindo-se a perceber inicialmente que, de algum modo, esses animais morrem mais cedo do que deveriam. Não se chegará à eletricidade como causa, atribuindo-se o fato a todas as coisas possíveis. Aliás, a eletricidade não é em absoluto algo que devesse influenciar o ser vivente e favorecê-lo em especial, pois não está em seu poder fazê-lo. Quando justamente se sabe que a eletricidade se encontra num nível inferior ao vivente, e que este, quanto mais elevado é, mais procura afastá-la — trata-se de uma repelência — e então se estimula o vivente a usar meios de defesa, quando absolutamente nada há a defender, este fica nervoso e inquieto, além de cada vez mais esclerótico.

Que diz a Ciência do Espírito sobre a conservação dos recursos forrageiros por acidulação, sobre o processo de acidificação em geral?

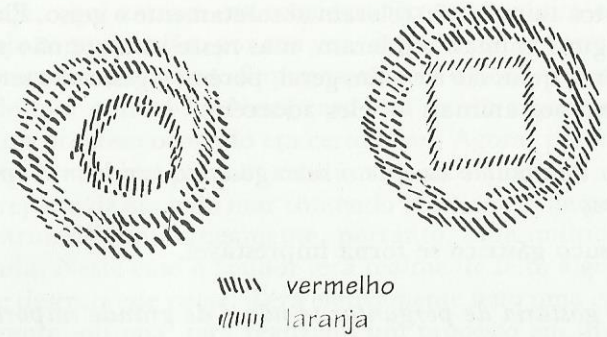
Utilizando-se, neste processo, o elemento salino em seu sentido mais amplo, quer se façam acréscimos de sal no final, no ins-

286109

tante da ingestão, quer se faça o acréscimo na forragem, isto não faz uma diferença tão grande. Quando se tem forragem com um teor muito baixo de sal, para ser, até certo ponto, impelida aos locais do organismo onde deve atuar, sua acidulação também será o procedimento totalmente correto. Digamos que haja cenouras forrageiras em alguma região. Vimos que são especialmente apropriadas para atuar de forma correta sobre a organização da cabeça. Constituem, portanto, um excelente recurso para certos animais — por exemplo, para gado novo. Ao contrário, notando-se em alguma região que o animal está sendo levado a pelar, a mudar o pêlo muito cedo ou muito intensamente, será mister salgar as forragens, por se saber não estarem elas sendo suficientemente depositadas no local aonde devem chegar. Elas não estão chegando tão longe. O sal é o que em geral atua de um modo incrivelmente forte para que, no organismo, uma forragem chegue ao local onde deve atuar.

Como se posiciona a Ciência Espiritual diante do processo de acidulação de folhas de beterraba e de outros alimentos verdes?

Neste caso se deveria tentar conseguir esta otimização, que não deve ser excedida quanto ao acidulante. Em geral a acidulação não poderá atuar de modo nocivo quando não praticada em demasia por adição excessiva, pois justamente os componentes de natureza salina são, na verdade, os que mais permanecem no organismo do modo como efetivamente são. Em geral o organismo — mesmo o organismo animal, e mais ainda o humano — é dotado de forma a modificar dos mais diversos modos tudo o que absorve. É um preconceito crer, por exemplo, que alguma parte da proteína que se absorveu pelo estômago tenha ainda uma utilidade adicional mantendo a mesma forma sob a qual foi ingerida. Inicialmente essa proteína precisa ser totalmente transformada em substância morta, sendo a seguir transformada de volta pelo próprio corpo etérico do homem em proteína, que então se torna proteína especificamente humana ou animal. Tudo que de algum jeito penetra no organismo precisa realmente transformar-se. O que vou dizer agora vale até para o calor comum. Desenhando-se isso esquematicamente [desenho ao lado], suponham o seguinte: aqui teríamos um organismo e aqui calor nos arredores. Admitamos



que aqui tivéssemos lenha morta — que na verdade também provém do orgânico, já estando porém morta — e outra vez calor dos arredores. Sendo isto um organismo, este calor não penetra somente um pouquinho nele, nem tampouco o impregna: assim que chega ao âmbito do organismo, é elaborado por ele, convertendo-se em calor elaborado pelo próprio organismo — e nem pode ser diferente —, enquanto na lenha o calor simplesmente penetra, sendo, como calor interno, tal qual é lá fora, no reino mineral. No instante em que o calor penetra inalterado dentro de nós próprios do modo como penetra num pedaço de lenha, nesse instante nos resfriamos. Aquilo que, proveniente de fora, penetra no organismo não pode permanecer tal qual é — precisa ser imediatamente convertido. Este processo ocorre o menos possível no sal. Portanto, naturalmente usando os sais do modo como o Senhor indicou para a acidulação das matérias forrageiras, bastando ter um pouco de bom senso e não dando demais — pois ele já será rejeitado pelo paladar —, não se provocará uma grande desgraça. Se isso é necessário para a conservação, este é um sinal de que, até certo grau, trata-se de um processo correto.

É recomendável a acidulação não-salina das forragens?

Este é um processo que avançou excessivamente. É um processo que eu chamaria de supra-orgânico; e em algumas circunstâncias, tendo avançado em excesso, é enormemente nocivo.

O gesso empregado para abafar os efeitos da acidulação é nocivo aos animais?

Certos animais não toleram absolutamente o gesso. Eles adoecem. Alguns animais o toleram, mas neste instante não sei dizer exatamente quais são eles. Em geral, porém, o gesso não será muito proveitoso aos animais — eles adoecem.

Sou de opinião de que o suco gástrico também é embotado pelo gesso.

O suco gástrico se torna imprestável.

Eu gostaria de perguntar se não é de grande importância a atitude moral com que nos acercamos de cada um dos assuntos. Faz uma grande diferença se semeamos cereais ou espalhamos o que se presta à destruição. A atitude deve ser levada em consideração. Quando se age contra insetos com os meios aqui indicados, porventura não terá isto um efeito extraordinariamente maior sobre o carma, tal qual ao se eliminar, em alguns casos, animais com um instrumento mecânico?

Ora, é bem verdade que na atitude moral o que vem ao caso, no fundo, é o fato de esta ser boa ou má. E o que quer o Senhor dizer com "ao se eliminar'? Tome todo o modo como se deve pensar, a rigor, sobre as coisas. Veja, refletindo sobre a conferência de hoje do modo como foi proferida — por exemplo, quando fiz atentar para o seguinte: sabe-se algo sobre um assunto, constatando-o também externamente ao ver, no caso da semente de linho e da cenoura forrageira, o processo pelo qual estas passam dentro do animal — o Senhor verá que isto constitui uma objetivação percorrida no momento de tornar-se realidade, não sendo isto absolutamente pensável sem que o impregnemos com uma determinada devoção. E o Senhor terá lucrado fazer isto a serviço da Humanidade, a serviço do Universo. Bastaria introduzir num propósito francamente mau as nocividades que pudessem surgir pela atitude moral. Neste caso ter-se-iam maus propósitos, realmente. De modo que não posso imaginar muito bem que, simultaneamente a se promover a moralidade em geral, o mal possa atuar de algum modo. E o Senhor acha simplesmente que correr atrás do animal e matá-lo significaria um mal menor?

Eu pensei se existe uma diferença no modo de eliminar — se eliminamos com meios mecânicos ou se atuamos cosmicamente.

Veja, aqui entram em consideração coisas muito complicadas, cuja compreensão, por sua vez, depende de as vermos a partir de contextos maiores. Suponha retirar o Senhor próprio um peixe do mar e matá-lo. Neste caso terá morto algo, terá consumado um processo ocorrido em certo nível. Agora, porém, admitamos que o Senhor pesque, com um intento qualquer, um recipiente repleto de água do mar contendo muitas ovas de peixe, com isto destruindo simultaneamente, portanto, uma multidão inteira de vida. Neste caso o Senhor terá realmente feito algo bem diverso de destruir esse peixe. Terá efetivamente feito uma coisa muito diferente, ou seja, terá realizado um processo em nível totalmente outro. E quando algo que se acha na Natureza passa a ser um peixe acabado, é porque as coisas tomaram um rumo. Ora, anulando isso desordena-se algo. Mas quando detenho o processo antecipadamente, antes de terminado, ou quando não desemboca no organismo pronto, então não fiz a mesma coisa — não é verdade? — que faço ao realizar isso no organismo acabado. Assim sendo, devo reduzir a questão formulada pelo Senhor ao seguinte: — Qual é a injustiça que cometo ao preparar a "pimenta"? Pois o que destruo por meio desse pó já não vem ao caso, movimentando-se em outra zona. Tratar-se-ia somente daquilo de que necessito para conseguir a pimenta. Na maioria dos casos, ficará evidente que destruo muito menos animais do que ao ter de ajuntar essas espécies animais e matá-los todos de algum modo. Creio que se o Senhor examinar a questão de modo prático, e não tão abstratamente, ela não lhe parecerá mais tão terrível.

Porventura pode-se empregar fezes humanas, e a que tratamento serão submetidas antes de seu emprego?

Obviamente tão pouco quanto possível. É que elas realizam extremamente pouco no sentido da adubação, sendo muito mais nocivas do que qualquer outro adubo pode ser. No entanto, querendo-se empregá-las basta somente aquilo que, numa lavoura normal, se insere por si como adubação. Portanto, na verdade temos uma medida precisa do que não é nocivo quando sabemos haver tantos e quantos homens numa empresa agrícola, misturando a todo adubo proveniente dos animais e a outras formas o que provém do homem, vindo então a alcançar o máximo do que pode ser empregado. Constitui o maior abuso empregar adubo huma-

no nas proximidades de cidades grandes, por encontrar-se nelas uma quantidade desse adubo humano bastante para uma lavoura enorme. Mas pensem, por outro lado, que não se pode sucumbir à idéia totalmente insana de empregar o adubo humano nas imediações das grandes cidades — num pequeno território, por exemplo, de toda a Berlim. Basta provar as plantas que ali crescem, e elas lhes mostrarão isto. Façam isso com aspargos, com qualquer coisa que fique bem aprumada e ereta, e verão do que se trata. E considerem ainda que se, por outro lado, empregarem este adubo para coisas que os animais comem, o que provier delas será especialmente nocivo. É que neste caso muitos elementos ficam retidos justamente neste grau. Em verdade, na passagem pelo organismo muita coisa fica retida no grau que o aspargo encerra ao atravessar o organismo humano. Neste sentido, foi a mais crassa ignorância que estimulou o terrível abuso nesse campo.

Como se pode combater o mal da disenteria nos suínos?

Bem, esta é uma questão veterinária, e então se tratará — ainda não precisei propor-me este caso, pois ninguém me havia ainda consultado —, eu creio que se poderá tratar isso muito bem, procedendo a uma fricção com uma certa dosagem de blenda de antimônio. Isto pertence ao campo da terapia, pois trata-se de uma verdadeira doença.

Pode-se combater também o saramago, que é um híbrido, com esse pó?

Esses pós de que falei são especificamente eficazes apenas para as espécies vegetais de onde são retirados. Portanto, plantas em que realmente ocorra um cruzamento, etc. com outras espécies não deveriam ser propriamente atingidas. Simbioses não são influenciadas por isto.

O que dizer da adubação verde?

Por certo esta também possui seus bons aspectos, sobretudo quando empregada mais para fruticulturas. Não se pode levar a efeito as coisas de modo generalizante. A adubação verde tem sua utilidade para determinadas coisas. Deve-se empregá-la nas plantas em que se quer provocar um intenso efeito sobre a formação herbácea. Se tencionássemos esta formação, poderíamos fazer um pouco de adubação verde adicional.

Alocução

Koberwitz, 11 de junho de 1924

Antes de mais nada, permitam-me exprimir meu mais profundo contentamento com a criação deste Círculo Experimental incentivado pelo Conde Keyserlingk, e agora também por sua ampliação com os interessados em agricultura, presentes pela primeira vez numa reunião deste tipo. Esta justificativa surgiu em tempo pelo fato de a princípio o sr. Stegemann, após diversas solicitações, haver-se declarado disposto a comunicar algumas coisas do que, ao longo dos últimos anos, tem sido conversado por nós dois a respeito de toda sorte de orientações frente à agricultura, bem como sobre as pesquisas que, mediante louváveis esforços, ele realizou nesta ou naquela direção em sua atividade agrícola. Disto emergiu então, entre nosso benemérito Conde Keyserlingk e o sr. Stegemann, o debate que levou, primeiramente, a estabelecer-se uma conversa durante a qual foi tomada a resolução anunciada hoje, e depois a nos reunirmos hoje novamente.

É profundamente gratificante o fato de que, de certa forma como portadores dos experimentos, em conexão com — bem, de início só podem ser orientações — as orientações dadas aqui nestas conferências, um certo número de pessoas se tenha encontrado para fazer experiências com a finalidade de confirmar estas orientações e mostrar como estas se fazem aproveitar na prática. Só que hoje, no instante em que algo assim se forma de modo tão gratificante, é necessário valorizarmos as experiências que, com esforços próprios, fizemos nos campos práticos do movimento antroposófico; e em especial cumpre evitarmos os erros que, bem, só se tornaram tão claramente visíveis no decorrer do tempo em que, de dentro da atividade antroposófica — central, eu diria —, estendemo-nos à atividade periférica, à introdução, nos diversos campos da vida, daquilo que a Antroposofia pode e deve ser. Portanto, naturalmente haverá de interessar de modo muito especial, aos trabalhos que esta comunidade agrícola tem de realizar, aquilo que para nós se tornou experiência quanto à introdução, digamos, do aspecto antroposófico no âmbito científico geral.

Vejam, em se tratando de algo assim, aqueles que de certa forma têm administrado até agora o cerne antroposófico a seu mo-

do, com íntima lealdade e devoção, e aqueles que, por sua vez, estão na periferia desejando desenvolver isso para o campo individual da vida, via de regra não se têm defrontado mutuamente com total compreensão. Em especial pudemos constatá-lo sobejamente no trabalho conjunto de nossos institutos científicos. Neste caso estão, por um lado, os antropósofos como tais — os que se desgastam nesse cerne da Antroposofia enquanto cosmovisão, enquanto conteúdo da vida, que talvez se carregue a cada minuto pelo mundo com intensa interioridade. Estes são precisamente os antropósofos que praticam e amam a Antroposofia, transformando-a em seu próprio conteúdo de vida e tendo por norma — nem sempre — a idéia de que algo de significativo foi feito quando, aqui e acolá, mais uma vez se conquistou uma ou muitas pessoas para a Antroposofia. Estes realmente só querem, agindo em sentido exterior, conquistar pessoas para a Antroposofia, imaginando então que as pessoas — por exemplo, quando uma delas é professor universitário de algum ramo científico — também se devem deixar conquistar — perdoem-me a expressão: — da cabeça aos pés, tal qual esse professor está engajado na ocupação científico-natural que exerce. Tais antropósofos, em sua bondade e amor, evidentemente também imaginam que desse modo se conseguiria, de hoje para amanhã, introduzir com facilidade, no movimento antroposófico, o lavrador da cabeça aos pés, incluindo o solo e tudo o que lhe é pertinente, ou seja, aquilo que a agricultura entrega ao mundo em matéria de outros produtos. É isto o que imaginam os antropósofos "centrais". Naturalmente eles se enganam. E embora muitos deles digam serem meus leais seguidores, bem, freqüentemente acontece até de serem leais seguidores em sua índole, porém deixando de ouvir o que tenho a dizer nos momentos decisivos. Nessas ocasiões não ouvem, por exemplo, quando digo ser uma ingenuidade acreditar que se consiga conquistar de uma só vez um catedrático ou um outro cientista contemporâneo para a Antroposofia. Isto não dá certo. O homem terá de romper com um passado de vinte a trinta anos, tendo, para isto, de construir um abismo atrás de si; as coisas precisam ser aceitas de acordo com a vida.

É freqüente os antropósofos crerem que a vida consiste em pensar. Ela não consiste meramente em pensar. Estas coisas precisam ser ditas a fim de também poderem cair em solo propício. Aqueles que, com bondade e lealdade no coração, querem unir

à Antroposofia algum campo da vida, e até mesmo campos científicos, em realidade não se deram absolutamente conta disto ao começarem a trabalhar na Antroposofia; e sempre partem novamente da opinião errônea de que se deve fazê-lo justamente do mesmo modo como se tem feito até agora na ciência, procedendo tal qual se procedeu até aqui. Para exemplificar, existe um número de pessoas trabalhando conosco no campo da medicina, realmente queridos e bons antropósofos cuja opinião era de que médicos deveriam empregar em seu tipo de medicina praticado até agora aquilo que advém da medicina antroposófica. Quanto a isto, a dra. Wegman* é uma exceção total: ela realmente só via puramente a necessidade dentro de nossa Sociedade.

Ora, o que se percebe nesse caso? Aqui não se trata tanto da ampliação do cerne antroposófico, mas da ampliação do âmbito antroposófico para fora do mundo. Então assistimos às pessoas dizerem: "Bem, nós também fizemos isso até agora, nisto somos os especialistas, conseguimos dominar isso com nossos métodos; sobre isso podemo-nos pronunciar sem qualquer dúvida. Todavia, o que os Senhores estão dizendo contraria o que encontramos com nossos métodos." Então dizem estar tudo errado — e nós já passamos pela experiência de que, quando se quer meramente imitar os cientistas, afirma-se saber fazer melhor. Nestes casos não cabe absolutamente negar que eles saibam aplicar melhor alguma coisa, já pela simples razão de os métodos terem realmente devorado a ciência nos últimos anos. Às ciências só restam métodos. Elas não investem mais contra o objetivo, pois foram consumidas por seus métodos, de forma que hoje se podem ter pesquisas, mas estas não possuem mais conteúdo. Desta maneira presenciamos o seguinte: os cientistas que tinham seus métodos sumamente exatos ficavam furiosos quando vinham os antropósofos fazendo nada mais do que manusear os mesmos métodos. O que se pode provar aqui com isto? Das belas coisas que conseguimos fazer assim, e dos excelentes experimentos feitos no Instituto Biológico, nada mais resultou senão que as pessoas ficavam furiosas quando nossos cientistas, em suas conferências, falavam a respeito dos mesmos mé-

* Dra. Ita Wegman (1876-1963), primeira dirigente da Seção Médica do Goetheanum (v. nota à pág. 16) e fundadora do Instituto Clínico-terapêutico em Arlesheim, Suíça. (N.E.)

todos. Elas ficavam furiosas, pois ouviam as coisas que se haviam habituado a obter mediante certas linhas de pensamento — ouviam-nas de novo.

Todavia presenciamos uma outra coisa, que é importante. Trata-se do seguinte: de repente alguns de nossos cientistas dignaram-se abandonar seu método de copiar os outros, já que só o haviam feito pela metade, tendo sido totalmente científicos apenas na primeira parte, ao empregar corretamente os métodos da ciência nas explicações. Então os ouvintes ficavam furiosos. "O que significa isto de ficarem se intrometendo em nosso assunto? São uns arrogantes, uns atrevidos, que ficam aí se intrometendo de modo diletante em nossa ciência." Mas em seguida os palestrantes passavam, na segunda parte, à vida propriamente dita, o que então não era apurado à velha moda, e sim, na qualidade de conteúdo antroposófico, tomado do âmbito supra-terreno. Ora, aqueles que antes haviam ficado furiosos ficavam tremendamente atentos e ansiosos por ouvir isso, começando então a pegar fogo. Da Antroposofia as pessoas até gostavam, mas não podiam suportar — e até com razão, conforme admiti — essa colagem parecendo um obscuro *Mixtum compositum* de Antroposofia e ciência. Com isto não se consegue ir adiante.

É por isso que saúdo com grande alegria o resultado da sugestão do Conde Keyserlingk: o desejo da comunidade agrícola profissional no sentido de estreitar-se agora em torno da Seção de Ciências Naturais fundada a partir de Dornach. Na verdade essa Seção de Ciências Naturais surgiu, tal qual outra coisa que agora se nos apresenta, do Congresso de Natal [v. nota à pág. 14]. Portanto, de Dornach emanará o que deve emanar. Ali haveremos de encontrar, a partir da própria Antroposofia, os mais exatos métodos científicos e orientações. Só não posso, natualmente, estar de acordo com o que disse o Conde Keyserlingk — que a mencionada comunidade dos profissionais será um mero órgão executivo. Os Senhores hão de convencer-se de que de Dornach emana um tipo de orientações e tarefas a exigir de cada pessoa em seu lugar, querendo esta colaborar, que seja um colaborador pleno. Teremos mesmo — e isto se mostrará no final de minhas conferências, quando terei de dar as primeiras orientações — de receber inicialmente dos Senhores a base para o trabalho pioneiro que deveremos realizar em Dornach. Teremos de fornecer orientações

apenas a partir das respostas que obtivermos, só assim podendo fazer alguma coisa. Portanto, desde o início necessitaremos de colaboradores ativos, dos mais ativos, e não só de órgãos executivos. Porquanto, vejam, basta eu mencionar uma coisa — que nestes dias foi freqüentemente debatida pelo Conde Keyserlingk e por mim : uma fazenda é sempre uma individualidade, no sentido de que realmente nunca uma é igual à outra. O clima, as condições do solo fornecem os alicerces para a individualidade de uma fazenda. Uma fazenda na Silésia não é igual a uma na Turíngia ou na Alemanha do Sul. Trata-se, efetivamente, de individualidades. Por outro lado, justamente segundo a visão antroposófica, as generalidades e abstrações não têm absolutamente qualquer valor, tendo menos valor ainda quando se quer intervir na prática. Que valor terá falar de modo apenas generalizado desta questão prática, das fazendas?

Em geral deve-se atentar ao que é correto, chegando-se assim àquilo que depois será empregado. Naturalmente, da mesma forma como as coisas mais diversas se compõem das letras do alfabeto, devemos também proceder com o que está sendo apresentado nestas conferências, pois somente disto se comporá o que se espera. Querendo-se falar sobre as questões práticas com base nos sessenta colaboradores, o que realmente importa é encontrar as sugestões e os fundamentos práticos para esses sessentas agricultores concretos. E então se tratará primeiramente de pesquisar o que sabemos nesse sentido. Só assim se dará a primeira série de experimentos, tratando-se de trabalhar de um modo realmente prático. Para isto precisamos dos mais ativos membros. E o que precisamos, sobretudo na Sociedade Antroposófica, é de verdadeiros práticos, que não partam do princípio segundo o qual a prática justamente promove algo que não pode ser realizado imediatamente, de hoje para amanhã. Se os que designei como antropósofos centrais crêem que um professor, um lavrador ou um médico, após ter estado durante decênios em determinado meio, pode adotar de hoje para amanhã uma convicção antroposófica, isto é um equívoco. Na agricultura isto se evidenciará claramente. O agricultor antropósofo poderia, sendo suficientemente idealista, transferir-se inteiramente, dos vinte e nove aos trinta anos de idade, para as águas navegáveis da Antroposofia, mesmo em relação à sua lavoura; mas será que as empresas agrícolas, intermediárias entre

286109

ele e o consumidor e assim por diante, se associarão a ele? A estes não se consegue transformar de súbito, dos vinte e nove aos trinta anos, em antropósofos. E quando se reconhece que isto não dá certo, com muita freqüência perde-se logo o ânimo.

Mas é justamente disto que se trata — de não se perder sempre o ânimo, mas saber que não importa o êxito momentâneo, e sim trabalhar incondicionalmente. Faz-se tanto quanto justamente possível. Um pode mais, o outro pode menos. Afinal, por mais paradoxal que isto soe, poder-se-á mesmo fazer tanto mais quanto mais limitadamente se delineie o âmbito do solo a ser cultivado, de início, a nosso modo. É bem verdade que numa pequena área de terra, num pequeno âmbito rural, não se arruina tanto como num maior. E aqui também se pode verificar com rapidez o que, pelas orientações antroposóficas, resulta em melhorias, pois não será preciso modificar tanta coisa. E neste caso o rendimento também será constatado com maior facilidade do que numa propriedade grande. Mas as coisas deveriam tornar-se realmente afirmativas num campo tão prático como o da agricultura, se é que essa comunidade efetivamente deve ter êxito. E é deveras notável que se haja comentado muito — embora com toda a bondade e sem ironia, por ter o fato provocado regozijo — a divergência havida entre o Conde Keyserlingk e o sr. Stegemann na primeira reunião. E algo assim assume um certo tom, de modo que eu quase achei que deveríamos refletir se, naquela noite, a direção antroposófica ou qualquer pessoa não deveria ser solicitada a apresentar-se para conciliar espíritos em disputa. Mas pouco a pouco fui-me convencendo a respeito de algo inteiramente diferente, ou seja, de que na verdade o que vale então é efetivamente a base para uma íntima tolerância entre os agricultores, para uma íntima equivalência entre colegas — havendo grosseiria apenas na aparência.

O fato, na verdade, é que o agricultor, mais do que muitos outros, tem necessidade de defender sua pele, sendo que com muita facilidade se dá palpite nas coisas que somente ele pode compreender. Assim é que no fundo se descobre realmente uma certa tolerância. Tudo isto, na verdade, precisa ser corretamente percebido nesta comunidade; e apenas faço aqui esta observação por achar de fato ser necessário começar a agir corretamente de antemão. Por conseguinte, penso poder exprimir mais uma vez minha mais profunda satisfação com o que ocorreu graças aos Senhores, pois creio

que temos levado adequadamente em consideração as experiências da Sociedade Antroposófica; creio também que o que foi iniciado será muito benéfico, e que Dornach não deixará de colaborar energicamente com aqueles que queiram conosco ser colaboradores ativos neste assunto. Nós só temos de alegrar-nos com relação ao fato de ter-se iniciado o que ocorreu aqui em Koberwitz. E quando o Conde Keyserlingk diz, tão amiúde, que eu me teria imposto algo ao vir até aqui, eu desejaria replicar, não para provocar agora um debate sobre diferenças: quais foram os muitos incômodos que eu tive? Eu precisava mesmo viajar até aqui, e agora me encontro nas mais belas e melhores condições, sendo todas as coisas desagradáveis feitas por outros; e não tenho senão de falar diariamente, isto é, de falar diante de pessoas pelas quais tenho respeito por constituírem um campo novo. Meu incômodo não é tão grande. Mas ao constatar todo o incômodo que têm tido o Conde Keyserlingk e as pessoas desta casa, tudo o que se imiscuiu nela, devo dizer que a mim ocorre o que deveria ter ocorrido a cada qual, em virtude dos que aqui cooperam: o fato de podermos estar aqui juntos, o que afinal supera imensamente a circunstância de eu ter encontrado tudo pronto. E é precisamente neste ponto que não posso estar de acordo com o Conde Keyserlingk. Por isso desejo pedir encarecidamente aos presentes que tudo o que acharem merecedor de reconhecimento, referente à realização deste curso agrícola, lhe seja agradecido; e que acima de tudo ponderem: se ele não tivesse pensado nisso com sua energia férrea e não houvesse enviado a Dornach seu representante, não tendo absolutamente desistido, talvez não se realizasse, somado ao muito de maravilhoso nascido de Dornach, este curso neste distante recanto do extremo leste. Não concordo absolutamente que os sentimentos de gratidão sejam despejados sobre mim, pois a rigor eles realmente pertencem, na medida mais relevante, ao Conde Keyserlingk e a todas as pessoas de sua casa. Era isto o que eu ainda queria incluir neste debate.

A princípio não há muito mais a dizer, senão que em Dornach vamos precisar de um relatório, de cada um dos que desejam colaborar no Círculo, a respeito do que ele constata embaixo de sua terra e em cima dela, e de como ambas as coisas traba-

lham em conjunto. Na verdade, quando cumpre fazer uso de documentação, naturalmente é preciso saber com muita exatidão como são as coisas às quais essa documentação se refere. Portanto, o que certamente interessa é o que os Senhores, pela prática, sabem muito melhor do que nós em Dornach: a qualidade do solo de cada uma das fazendas, que tipo e quanto de florestas e similares existem, o que foi cultivado na fazenda nos últimos anos, como foram as produções — para encurtar: no fundo, precisamos saber tudo o que cada lavrador deve certamente saber quando deseja administrar sua fazenda de modo compreensivo, ou seja, justamente de uma maneira campesinamente compreensiva. Estas são as primeiras indicações de que precisamos: as coisas existentes na fazenda e as experiências que cada qual tiver feito com elas. No fundo isto pode ser dito com facilidade. O modo como se deve compor isto vai aparecer no decurso deste encontro, onde ainda irão surgir pontos de vista para a agricultura, os quais, por assim dizer, indicarão a alguns qual o relacionamento entre o que a terra finalmente dá e aquilo que a terra é, com seus arredores.

Creio que com estas palavras já se caracterizou o que o Conde Keyserlingk deseja dos membros do Círculo como projeto elaborado. As palavras amáveis e atenciosas que o prezado Conde, por seu lado, dirigiu a todos nós, com a engenhosa distinção feita entre lavradores e cientistas, pela qual foi colocado que no Círculo, por um lado, encontram-se todos os lavradores, enquanto os cientistas estão em Dornach, esta colocação não pode nem deve ficar assim. Precisamos, por assim dizer, crescer juntos, e em Dornach deve reinar tanto do elemento campesino quanto possível, apesar da cientificidade. E o que emana de Dornach como ciência deve ser de tal natureza que ilumine a mais conservadora cabeça de lavrador. E espero que tenha sido apenas uma amabilidade o Conde Keyserlingk dizer que não me compreende. Essa é uma espécie peculiar de amabilidade. Pois eu penso que certamente haveremos de crescer juntos, Dornach e o Círculo, como naturezas gêmeas. No final ele me chamou de grande fazendeiro. Ora, isto já indica estar também ele sentindo que podemos crescer juntos. No entanto, vejam: sem dúvida não posso ser tratado assim meramente pela pequena tentativa inicial de mexer o esterco, à qual me entreguei forçosamente antes de vir para cá — o que aliás também teve de ser continuado, pois eu não conseguia

mexer por tanto tempo: é preciso mexer por muito tempo, e eu consegui apenas começar a mexer, tendo isso depois de ser continuado.

Ora, estas são coisas de somenos. Mas eu efetivamente não cresci dentro disto. Cresci dentro do campesinato. E, por convicção, sempre fiquei ali dentro. Em minha autobiografia* explico que, embora não em propriedades grandes como esta, porém em menor escala, plantei batatas, e embora não tenha criado exatamente cavalos, porém porcos, pelo menos participei disto, tendo participado igualmente das proximidades da pecuária leiteira. Todas estas coisas estiveram deveras próximas de mim durante muito tempo de minha vida; eu participei delas, e justamente por isso cresci dentro do meio agrícola, ao menos inclinado a amar a agricultura. Isto me apega muito mais do que aquela mexidinha atual no esterco. E neste sentido também não quero, por outro lado, declarar-me inteiramente de acordo com outras coisas, porém declarar aqui que, ao lançar agora um olhar retrospectivo sobre minha vida, então o lado rural mais valioso não é o do grande fazendeiro, porém o do campesino, que trabalhou justamente como jovem camponês na agricultura. Se isto tiver de acontecer agora em escala maior, traduzido para o nível científico, então deverá brotar — usando-se uma expressão popular austríaca — da "craniosidade"** do lavrador. Essa brotação me servirá mais do que o que adotei posteriormente. Por esta razão, queiram considerar-me como aquele campesino que passou a adquirir amor pela lavoura e se lembra de sua condição camponesa, conseguindo, justamente por esta razão, realmente compreender o que se passa no hoje chamado meio rural. Isto será compreendido em Dornach — os Senhores podem ter certeza disto. Sempre tive uma opinião concebida de modo não tão irônico quanto, pela aparência, foi entendida: que esta parvoice — tolice, dizia eu — é sabedoria perante Deus, perante o espírito. Em realidade sempre achei enormemente mais sensato o que os lavradores pensaram a respeito de suas coisas do que o que os cientistas pensaram. Sempre achei isso, e ainda hoje acho efetivamente muito mais sensato. Pre-

---

* *Mein Lebensgang*. GA-Nr. 28, 8ª ed. Dornach, Rudolf Steiner Verlag, 1982. (N.E.)

** Ou "cabeça dura". (N.T.)

firo ouvir tudo o que porventura alguém, diretamente dedicado ao cultivo, fale a respeito das experiências feitas por ele próprio do que todas as estatísticas arimânicas originárias da ciência, e sempre me senti mais feliz em poder ouvir esse tipo de coisa, por sempre achá-la extraordinariamente mais sábia. E é justamente no campo da atuação prática, da execução, que sempre achei a ciência extraordinariamente tola. Ora, tudo o que justamente tiver de tornar esta ciência primeiramente sensata a tornará sensata precisamente pela "tolice" do meio rural, introduzindo um pouco da "tolice" do campesinato na ciência; é disto que nos ocupamos em Dornach. Então esta tolice se tornará sabedoria diante de Deus. Atuemos deste modo em conjunto — este será um começo genuinamente conservador, mas também será um começo radical e extremamente progressista. Para mim sempre permanecerá como uma bela recordação se justamente este curso se tornar o ponto de partida para efetivamente se introduzir uma mentalidade rural genuína e sábia na metodologia da ciência, que talvez não se tenha tornado tola — isto a ofenderia —, porém, eu diria, tornado morta; e o dr. Wachsmuth* também já rejeitou indubitavelmente esta ciência, efetivamente tornada morta, desejando a ciência viva que só será fecundada pela sabedoria campesina. Sendo assim, cresçamos juntos — Dornach e o Círculo — como gêmeos siameses. Diz-se dos gêmeos que eles têm realmente um sentir igual, um pensar igual; e se tivermos esse sentir e esse pensar iguais, também haveremos de progredir melhor em nosso âmbito.

* Dr. Guenther Wachsmuth (1893-1963), membro da diretoria do Goetheanum desde o Natal de 1923 até 1963, na qualidade de Secretário-tesoureiro e diretor da Seção de Ciências Naturais.

Índice remissivo

Ácido (gás) carbônico 48, 64, 69, 73
Ácido silícico (óxido de silício) 35, 46, 55, 116-117, 121, 127-130
Adubação 15-16, 22, 82, 86, 88-89, 94-95, 104, 111-113, 117-118, 123, 126, 129-130, 213-214
  com cal virgem 111
  com fezes humanas. *Ver* Adubo, humano
  como remédio para doenças vegetais 126
  de chifre de vaca 112
    Ver também Adubo, de chifre de vaca
  essência da 22
  força de 94
  homeopática 118
  meios minerais de 89
    Ver também Adubo, mineral
  melhora da 113
  para interiorização cósmica 129
  questão da 82
  reforma na 16
  segredos da 15
  Ver também Adubo, Chorume, Composto, Esterco e Preparados
Adubação verde 214
Adubo 22-23, 42-43, 83, 86-87, 89, 92-94, 105, 107-108, 111, 113-118, 121-125, 127-134, 136-138, 166, 190-191, 201-202, 207, 213-214
  bactérias no 93, 114-115
  bruto 201
  cheiro no. *Ver* Cheiro, no adubo
  com preparados. *Ver* Preparados
  compensação pelo 117
  comum de estábulo 92
    Ver também Esterco, de curral
  conexão da terra com o. *Ver* Terra
  de chifre de vaca 93-94, 105, 107, 113
  e ação da chuva. *Ver* Chuva, ação sobre o adubo
  e as forças do eu 190-191
  e teor de nitrogênio 128
  estabilidade do nitrogênio no 123
  força irradiante no 121
  humano 213-214
  mineral 22, 89, 108, 115, 125, 166
  na profilaxia de doenças vegetais 127
  obtido de fora 191
  orgânico 166
  químico. *Ver* Adubo, mineral
  relação pessoal com o 87
  sensibilização do 125
  vitalidade do 118
Agricultor 13, 96, 176, 202, 219-220
  Círculo de Agricultores 16-17, 121, 183, 202-203, 215, 221-222, 224
  Ver também Camponês e Lavrador
Agricultura predatória 114, 117, 121
Água 32, 35, 38, 44-45, 47-48, 67, 70, 79, 94-95, 98, 100, 105, 107, 115, 127, 130-131, 134, 153-155, 157, 163, 181-182, 213
  de chuva 32, 38, 127, 131, 134
  de neve 127
  dentro da terra 48
  do mar 213
  e a atuação da Lua 38, 45, 153, 155, 157
  e fertilidade vegetal 153-154
  e relação com a planta 182
  eletrólise da 38, 67
  em cima da terra 47
  embebida de lua 154
  mineralidade da 155
  na diluição do adubo 94-95, 98, 100, 105, 107, 130
  no organismo animal 181-182
  no tratamento do esterco 94
  plantas da 163
  vapores da 44
  vitalização da 115
Alimentação
  animal 134-135, 139, 179, 184, 188, 190, 198

humana 16, 24-25, 81, 83, 198-199
pela atmosfera 187
Ver também Alimento e Nutrição
Alimento 24, 37, 82-83, 90, 92-93, 97, 139, 179, 182, 185, 188-189, 192-195, 197-200, 209-210
cozimento do 197
do animal 92, 179, 182, 185, 188-189, 192-195, 198, 209-210
do homem 24, 82-83, 97, 199-200
escassez de 160
sal no. *Ver* Sal
Ver também Alimentação e Nutrição
Ameixas. *Ver* Planetas, efeitos sobre as frutas
Ar 22, 24, 39, 44-45, 47-48, 57, 67, 69-70, 78, 93, 114, 128, 141, 151, 172, 176, 180-182, 187, 190
atuações cósmicas no 141, 151
e o astral da planta 190
em cima da terra 47, 141
embaixo da terra 48, 57
forças do 114
frio 39
irradiação cósmica no 45
mineralizado 172
morto 22
no organismo animal 180-182
no organismo vegetal 182
quente 39
respiratório 67, 69
temperatura do 151-152
vivo 22, 67
Arbustos 178-179, 183
Argila 46, 49, 79, 133-134
Ver também Solo, argiloso
Aroma 173
Ver também Odor e Cheiro
Arsênico 116-117
Árvore 40, 84-86, 113, 138, 165, 169, 170-176, 178
e animais subterrâneos 174
e astralidade. *Ver* Astralidade, na copa da árvore
e insetos 174-175
e planta herbácea 84, 169, 173-174
frutífera 165, 169
Ver também Carvalho
Ver também Cheiro, arbóreo
Ver também Etericidade, arbórea
Astralidade
animal 194
do eu 72
geral 70
herbácea pobre 173
na copa da árvore 172-174, 176
no chorume 205
no esterco animal 94, 205
no solo 43, 90
Ver também Elemento astral
Astralização
da terra / do solo 93
do ar 176
Astronomia 17, 34, 153, 164
Atmosfera 24, 35, 38, 129, 139, 169, 173
absorção alimentar pela 83, 139, 187
vegetal 173
Aves 169, 176-179

Bactérias 93, 114, 179
no adubo. *Ver* Adubo, bactérias no
Batatas 23, 29, 41, 56, 96, 101, 107, 120, 148, 152, 165, 196, 202, 223
consumo das 202
germes das 152
plantio das 196
purê de 148
rama das 165
Bicarbonato de sódio 116
'Bimembração' do organismo 186

Cabeça
animal 59-60, 186-189, 192-194, 200, 209-210
da individualidade agrícola 44, 46, 58
humana 24, 44, 192, 202, 209
Ver também Cérebro
Cactáceas 36
Cal 36, 78-79, 90, 111, 116, 126-128, 177, 183
conversão em nitrogênio 128
e milefólio 135
exigências da 78-79
na Terra 36

virgem 90, 111
Cálcio 47, 65, 76, 78, 122, 124, 126-127, 129
ação no corpo astral 126
ação no corpo etérico 126
combinações calcárias 122
como base da vegetação 76, 122
efeitos calcários do solo. *Ver* Solo, efeitos...
elemento calcário
e atuação planetária 36-37
e cobiça 79
na planta 55
no solo 77
essência calcária 177
na adubação 126
na camomila 122
na urtiga 124
natureza cobiçosa do 78-79, 89
no carvalho 126-127
no organismo animal 76
no organismo humano 65, 76
substância calcária/cálcica
na Terra 36
no solo 47, 55
teor no solo. *Ver* Solo, teor calcário
Calor
atmosférico 38-40, 44, 151, 169, 172, 187, 210-211
do Sol 43
e forças planetárias 40, 47
e sílica 39
floral e foliar 47
inorgânico 211
mineralizado 172
morto 47-48
na cultura do tomate 207
no adubo 132
no organismo animal 180-182
no organismo vegetal 182
orgânico 25, 211
radicular 47
vivo 47
Câmbio 171, 173-174
Camomila (*Chamomilla off.*) 122-123, 128, 130, 134, 162-163
Camponês 110, 223
Ver também Agricultor e Lavrador
Caos
da semente 50-53, 58, 75, 104
do Universo 75
Carbono 62-65, 68-69, 72-73, 75-76, 79, 117, 119
e o espírito do homem 65
e os alquimistas 63
elemento carbônico 68-69, 71, 75
formação carbônica 76
no organismo humano 65, 68, 76
plasmador na Natureza 64, 79
secreção de. *Ver* Secreção
Ver também Ácido carbônico
Cavalinha [*Equisetum*] 35, 55, 79, 157
Cenoura 29-30, 55, 192-193, 196, 199-200, 210, 212
forrageira. *Ver* Forragem
Cereais 23, 29, 36, 103, 105, 120, 133, 155, 169, 212
de inverno 105
e adubo 166
e sílica 36
semeadura de 103
Cérebro 24, 70, 189, 202, 205
animal 189
humano 189, 202
secreção de matéria no. *Ver* Secreção, de...
Cervo 120-121, 125, 131
bexiga de 120-121, 125, 131
Ver também Veado
Cheiro 87-88, 94, 132, 173
arbóreo 173
de planta herbácea 173
no adubo 132
no esterco 94
Ver também Odor e Aroma
Chicória selvagem 54
Chifre de vaca 91-96, 98-101, 103-104, 106-108, 110-113, 118, 138, 164
adubo de. *Ver* Adubo, de chifre de vaca
conservação do 104-105
esterco de. *Ver* Esterco, de chifre de vaca
idade do 102

local de enterramento 106
natureza do 103
preparados minerais no. *Ver* Preparados, minerais
procedência do 101-102
profundidade de enterramento 138
reutilização do 101, 108
tamanho do 102-103
unidades por área 110-111
Chorume 114, 116, 121, 130-131, 157, 205
astralidade no. *Ver* Astralidade, no chorume
e a força do eu 205
Chumbo 116-117, 121
Chuva
ação sobre o adubo 131
ação sobre o esterco 103
e lua. *Ver* Lua, e chuva
elementos fornecidos pela 116
na elaboração do chorume 127, 131
Cloro 116
Combustão orgânica 185, 197
Composto 89-90, 111, 114, 121, 130, 133, 201
Confinamento animal 188
Constelação cósmica 51-52, 152, 164-165, 167, 205-206
Corpo astral
do animal 70, 154
do homem 68, 79
e a ação do cálcio. *Ver* Cálcio, ação no...
e doença 154
fraqueza no 119
Corpo etérico
da planta 186
do animal 154
do homem 79, 178, 210
e a ação do cálcio. *Ver* Cálcio, ação no...
e doença 154
Cristalização 48-49

Damascos. *Ver* Planetas, efeitos sobre as frutas
Dente-de-leão (*Taraxacum*) 51, 129-130, 134-136, 146
Desfolhamento, doença do 163
Doenças 33, 35, 125-127, 154, 156-157, 163, 179, 201, 214
animais 154, 214
humanas 33, 35, 125, 154, 201
vegetais 125-127, 154, 156, 157, 163, 179

Elemento aquoso 89, 93, 181-182
Elemento astral
cósmico 68, 70, 175, 177, 186
da planta 190
do organismo agrícola 91, 190
hidrogênio e. *Ver* Hidrogênio
no adubo comum de estábulo 92
no chifre de vaca 92
no composto 89-90
no nitrogênio 68-69, 71-72, 79, 89
Ver também Nitrogênio, como mediador astral
Elemento etérico
ação do espírito no 67
da terra 94
do solo 45, 113, 155, 177
sob ação lunar 155
e o efeito astral do nitrogênio 68-69
ligando as 'plantas' da árvore 171-172
na estrutura carbônica do ser vivo 65-66
no adubo comum de estábulo 92
no composto 89-90, 127
proliferante 89, 127
no monte de terra 85
oxigênio, portador do. *Ver* Oxigênio
químico
da atmosfera. *Ver* Éter vital
do solo 45
Elemento etérico-astral 92
no chifre de vaca 94
no esterco animal 93-94
Elemento terroso 86, 89-90, 93, 116, 123, 126, 134, 143, 155, 171, 181-182, 187
Eletricidade 208-209
Empresa agrícola. *Ver* Empresa rural

Empresa rural 58, 219
Ver também Fazenda
Ente agrícola 91
Ver também Organismo agrícola e Individualidade agrícola
Entidades mínimas 118, 146
Enxofre 34, 62, 64-68, 72-73, 75, 119, 121-122, 124, 128
na camomila 122
na urtiga 124
no milefólio 119, 121-122
plasmador na Natureza 64
portador do espiritual 62, 65, 68
Erva daninha 16, 131-132, 140, 143, 145-146, 163, 206
preparado de 146, 206
reprodução da. *Ver* Reprodução, vegetal
Ver também Pragas, vegetais
Escaravelhos, larvas dos 152
Esparzeta 55, 105
Espírito 16, 25-27, 62, 65, 68-69, 71-73, 75, 81, 119, 172, 209, 223, 229
atuação na Natureza 81
Ciência do 82, 84, 97, 113, 116, 122, 132, 209-210
do homem 65
e 'plantas' da árvore 172
e carbono. *Ver* Carbono, e o espírito...
e enxofre. *Ver* Enxofre, portador do espiritual
e nitrogênio. *Ver* Nitrogênio, como mediador astral
hidrogênio e. *Ver* Hidrogênio
portador do 62, 75
realidade do 229
tornado físico 72
universal 65
Espírito agrícola 27
Espiritualidade astral 68
Esterco 42, 58, 60, 93-96, 98, 100, 102-103, 106-108, 114, 120, 130, 136-137, 166, 168, 190-192, 201, 205, 222-223
animal comparado ao humano 190
astralidade no. *Ver* Astralidade, no esterco
cheiro no. *Ver* Cheiro, no esterco
de carneiro e de porco 166
de cenoura forrageira 192
de chifre de vaca 94-96, 100, 102-103, 106-108, 222-223
de cavalos no chifre de vaca 108
Ver também Adubo, de chifre de vaca
de curral 114, 130, 166
do tomate. *Ver* Tomate
e ligação com o eu 205
espiritual 95
portador do etérico e do astral 93-94
proporção na fazenda 58, 60, 191
Esterqueira 131, 133-134, 136-137
Estrume 89, 189-190
humano 189-190
Ver também Adubo, humano
Ver também Esterco
Éter vital 169
Etericidade
arbórea pobre 174
da terra 175
na formação da árvore 85-86
Ver também Elemento etérico

Fazenda 58, 148, 191, 219, 222
Febre aftosa 92
Feldspato 95
Feno 135, 193
Ferro 14-15, 21, 116, 124
desferrificação. *Ver* Solo, ferroso
irradiações na urtiga 124
no solo. *Ver* Solo, ferroso
Ferrugem das plantas 156-157, 163
Fezes humanas. *Ver* Adubo, humano
Filoxera 142
Flor 36, 52-56, 70, 75, 77, 108, 119-120, 130, 135, 169-170, 172-173, 190, 194, 196-198, 200
arbórea 169-170, 172-173
calor floral. *Ver* Calor
cores florais 54-56
da batata 56
da cavalinha. *Ver* Cavalinha
da urtiga. *Ver* Urtiga, flores da
e o elemento astral 70
na nutrição animal 196-198, 200

Ver também Girassol, Dente-de-leão, Milefólio *e* Valeriana
Floresta 16, 40, 130, 169, 174, 176-179, 183, 190, 222
de coníferas 40, 178
e agricultura 177, 179, 183, 190
e astralidade 176
e aves regionais 169
e os insetos 174
Fogo 146, 150, 153-154
impregnado de Lua 154
Forragem 60, 90, 134-135, 208, 210-211
acidulação da 209-211
não-salina 211
cenoura forrageira 192-193, 196, 210, 212
esterco de. *Ver* Esterco
conservação da 208-209
gesso na. *Ver* Gesso
plantas forrageiras 55, 107
Fósforo 62
Fruta 56, 86, 143, 165, 169, 186
arbórea 169
sabor da 56
Ver também Ameixa, Damasco, Maçã, Pêssego *e* Uva
Fungos 156, 179

Gado leiteiro 193, 195, 223
Galhada 91-92, 121
Gás carbônico. *Ver* Ácido carbônico
Geada 138, 207
Gesso 211
Girassol 53
Grama 207-208

Hidrogênio 34, 38, 62, 72-73, 75, 119, 128
dissolvendo o físico 72-73, 75
e elemento astral 73
e espírito 73
na vida vegetal 128
Húmus 85
Ver também Solo, humoso

Individualidade agrícola 44, 60
Inflorescência. *Ver* Flor
Insetos 150, 152-153, 160, 162, 164, 167, 169, 174-177, 205-207, 212
atitude moral no combate aos 212
e árvore. *Ver* Árvore
preparado de 152-153, 160, 162, 164, 205-207
Inverno 47-49, 74, 78, 94, 103, 105, 109, 120, 123, 127, 129, 155
chuvoso 155

Júpiter 34, 36-37, 39-40, 47, 53-54, 56, 58, 60, 141
e cores florais 53-54
e maçã 56
e o calor dentro da terra 47
e o elemento silícico 36-37, 39, 141
efeitos sobre os animais 58, 60

Kali Yuga 15, 57

Larvas 152, 167, 174-175, 177, 183
Lavrador 15, 17, 74, 106, 142, 148, 173, 202-203, 216, 219, 222-223
Ver também Camponês *e* Agricultor
Leguminosas 76, 105, 195
Leite 193-195, 197
Lua
e a formação mineral 143
e as ervas daninhas 145
e chuva 31-32, 38, 155
e o elemento calcário 36-37, 141
e raios cósmicos 143-144, 155
e reprodução vegetal 37, 144-145, 153-157
efeitos sobre a superfície terrestre 34, 45, 47, 71, 141-142
efeitos sobre os animais 58-60, 149, 180
fases da 31-33, 38-39, 144-145, 149, 155, 206
Ver também Semeadura, e lua

Maçã. *Ver* Planetas, efeitos sobre as frutas
Mamíferos 59, 178-179
Máquinas agrícolas 95-96, 99, 101, 106-107

Marte 34, 36-37, 39-40, 47, 53-54, 58, 60, 141
e as forças calóricas da terra 47
e cores florais 53-54
e o elemento silícico 36-37, 39, 141
efeitos sobre os animais 58, 60
períodos de 40
Meditação 73-74, 108
nitrogênio e. *Ver* Nitrogênio
Mercúrio 116-117
Mercúrio (planeta) 34, 36-37, 45, 47, 58, 60, 74, 141-142, 144
e o elemento calcário 36-37
e reprodução vegetal 141, 144
efeitos sobre a superfície terrestre 45, 142
Mesentério bovino 129, 165
Metabolismo
animal 93, 181, 186-187, 189, 193-194, 197, 200
humano 24-25, 83, 183, 187, 199
Minhocas 175

Natureza vegetal 37, 93, 126
cura na 126
no trato digestivo 93
Nematódeo 150-153, 160, 162
preparado de 152-153
Nitrogênio 22-23, 34, 61-62, 68-80, 88-89, 91-92, 108, 116, 118-119, 123, 125, 128
como mediador astral 68-72, 76, 79, 88
como portador astral 92
e atuação planetária 71
e meditação 74, 108
e o organismo humano 69-71, 75
morto 22, 73
na adubação 88-89, 91, 118, 123, 125, 128
na vida vegetal 61, 70-71, 76, 78, 80, 116, 119, 128
no Universo 61
similar de 128
vivo 23, 70
Nutrição 24, 83, 134, 180, 184, 186, 188, 192, 195-196
animal 134, 180, 184, 186, 188, 192, 195-196
humana 24, 186
Ver também Alimentação *e* Alimento

Odor 88, 95
Ver também Cheiro *e* Aroma
Organismo agrícola 190
Ver também Ente agrícola e Individualidade agrícola
Ortoclásio 95
Outono 95, 106, 111, 120, 127
Óxido de silício. *Ver* Ácido silícico
Oxigênio 22, 34-35, 38, 48, 62, 64, 67-70, 72-73, 75, 78, 90, 93, 128, 185
e combustão no organismo 185
morto 68
na cal 78, 90
na respiração humana 64, 67, 69
portador do etérico 67-69, 72, 75, 93
vivo 67-68, 70

Papilonáceas 76-77
Parasitas 16, 86, 93, 109, 132, 150, 158, 163, 170, 173, 179
hérnia da couve 163
Ver também Bactérias, Fungos *e* Pragas
Pedra filosofal 63
Peritônio bovino. *Ver* Mesentério bovino
Pêssego. *Ver* Planetas, efeitos sobre as frutas
Planetas, efeitos dos
nas cores florais. *Ver* Flor, cores florais
no reino animal 149
no solo e na vegetação 34, 36-37, 39-40, 45, 53-54, 56, 71, 141, 143, 149
sobre as frutas 56, 143
Planta herbácea 84, 169-171, 173-175, 177, 214
Plantas anuais 40, 64, 84
Plantas forrageiras. *Ver* Forragem
Plantas perenes 40, 131

BC UFG

286109

Potassa 111, 116, 119, 122, 124, 128
conversão em nitrogênio 128
magnesiana 111
na urtiga 124
no milefólio 122
Potássio 36, 121, 129
efeitos potássicos 122
na Terra 36
no milefólio 121
sais potássicos 119
Pragas 16, 132, 140, 148, 150, 153, 160, 163, 179
animais 16, 140, 148, 150, 153
Ver também Insetos, Nematódeo *e* Rato campestre
vegetais 140, 148, 163, 179
aquáticas 163
Ver também Erva daninha
Ver também Parasitas
Preparado farmacêutico 119, 120, 124
Preparados 136-138, 146, 148, 165, 205-206
animais. *Ver* Insetos (preparados de), Nematódeo *e* Rato campestre
de esterco. *Ver* Esterco de chifre de vaca
minerais. *Ver* Feldspato, Ortoclásio e Quartzo
vegetais. *Ver* Camomila, Cavalinha, Dente-de-leão, Erva daninha, Milefólio, Urtiga *e* Valeriana
Ver também Adubo (de chifre de vaca) *e* Chorume
Primavera 95, 111, 123, 129, 155
chuvosa 155
Propriedade rural 14, 20, 135-136, 148, 220, 223
Ver também Fazenda
Proteína 50, 62, 75, 82, 210
combinação gasosa na 62, 75
elemento protéico da planta 119
molécula protéica 50
na alimentação 82, 210

Quartzo 34-35, 95, 139, 185
preparado de 95, 139

Raiz 46, 52, 54-56, 75, 145, 151-152, 162, 170-172, 174-175, 190-192, 200
calor radicular. *Ver* Calor
da árvore 174
da beterraba 151-152
da planta arbórea 170-171
da urtiga 162
e a "energia do eu" 191
e forma vegetal 54-56, 145
e planta arbórea 172
e sílica 46
efeito cósmico na 54, 56
na nutrição animal 192, 200
Rato campestre 148-150, 152, 164, 205
Remédio 35, 42, 57-58, 92, 99, 104, 126, 132, 135, 142, 157, 161, 195, 209
antroposófico 35
contra a febre aftosa. *Ver* Febre aftosa
de efeito moral 161
efeito curativo do 132
eletricidade como 209
força curativa do 104
para a agricultura 42, 58
para a natureza vegetal 126
preparo do 99
Reprodução
animal 149, 150
do rato campestre 150
dos seres vivos 144
vegetal 36-37, 52, 143-145, 149, 153-155
das ervas daninhas 145
Ver também Semente
Respiração
animal 187, 193
como interação no organismo 183
humana 24-25, 44, 64, 67-68, 73, 76, 83
e carbono 76
e meditação 73
vegetal 77, 182

Sabedoria 56, 109, 146, 178, 188, 195, 223-224

instintiva 56, 109, 146, 178
Sal 192, 200, 209-211
na forragem 209-211
no alimento 200
Saramago 214
Saturno 34, 36-37, 39-40, 47, 53-54, 56, 58, 60, 71, 141
e ameixas 56
e as coníferas 40
e as forças caloríricas da terra 40, 47
e cores florais 53-54
e o elemento silícico 36-37, 39, 141
efeitos sobre os animais 58, 60
Secreção
alimentar 83, 92, 184
da vida no adubo 113
de ar e calor 182
de astralidade 172
de carbono 64, 65
de matéria no cérebro 189, 192, 205
sexual 194
Ver também Leite
Semeadura 108
de ervas para preparados 134, 163
e atitude moral 212
e chuva 38
e instinto camponês 31
e lua 38, 144-145
Sêmen 50
Semente 40, 50-53, 75, 78, 96, 104-105, 107, 143, 145-146, 154-156, 193, 196-197, 206-208, 212
caos da. *Ver* Caos
da grama 207-208
de erva daninha 145-146, 206
de linho 193, 196, 212
e parasitas 156
fertilidade da 78, 154
força destrutiva da 154
formação da 50-52, 75, 104, 107, 145, 156
na nutrição animal 197
Sílica 34-36, 39, 45-46, 76, 79, 104-105
calor e. *Ver* Calor
e influência cósmica 45-46, 55, 76, 104
substância siliciosa 34-36, 55
Ver também Silício
Silício 34-35, 46, 55, 128
e influência cósmica 36, 55
elemento silícico 36-37, 39, 57, 76, 78-79
na medicina 35
óxido de. *Ver* Ácido silícico
Ver também Sílica
Sol 34, 36, 39, 43, 45, 47, 53-54, 58-60, 71, 106, 144, 152-153, 165, 180, 197
cozimento solar 198
e a cor foliar 54
e as constelações 153
e reprodução dos insetos 152-153
efeitos sobre a superfície terrestre 47, 71
efeitos sobre os animais 58-60, 180
flor do. *Ver* Girassol
força cósmica do 53-54
luz e calor do 43
luz solar 62, 106, 120, 123, 144, 197
manchas solares 33
raios solares refletidos 143-144
Solo 47
ácido 135
adubação do 60, 86, 89-90, 108, 117, 126, 129-130, 132
Ver também Adubação
arado 95
áreas utilizáveis do 179
arenoso. *Ver* Solo, silícico
argiloso 93, 111, 134
artificial 134
atuação do húmus no. *Ver* Húmus
cobiça no 78
como órgão na Natureza 43-47, 49, 55, 58, 67, 78, 113
concepções sobre o 116
condições favoráveis ao 16, 177, 183, 219
cultivo do 49
de campinas 179
de loesse 134
e relação com a árvore 86, 169-170, 172
efeito terrestre dentro do 55

efeitos calcários do 141
efeitos cósmicos sobre o 43, 45-47, 54, 56, 117, 121, 155
efeitos silícicos do 141
elemento argiloso no 46, 49
estimulação do 90
exaurido 142
excesso de céu no 207
ferroso 14, 15, 124
desferrificação do 124
força de cristalização no 49
força organizacional do 205
impregnar de sensatez o 125
inoculação do 114
limitação do 220
manejo do 145
pobreza etérica do 174
qualidade do 222
quimismo do 45, 46
silícico 46, 56, 93, 104, 111, 133
teor cálcico no 47
teor silícico no 35
úmido 135
vitalidade etérica no 175
vitalização do 86, 88, 93, 118, 129
Suínos, disenteria nos 214

Tanchagem. *Ver* Chicória selvagem
Terra 16, 23, 30, 38, 40, 43-49, 52, 54-55, 57-58, 60, 65, 67-68, 70-71, 76-78, 84-86, 89-90, 93-96, 102, 104, 105-106, 109, 111, 113-123, 125, 127, 129-130, 133, 136, 138, 141-142, 144-145, 150-153, 155-157, 164, 167, 169-171, 173-177, 181-182, 187, 191-192, 196, 206-208, 221-222
adubada 86
área de 220
astralização da. *Ver* Astralização
capacidade terrosa da 157
e conexão com o adubo 133
e influências cósmicas 45, 68
e proporção de esterco 60
elaborada pela planta 182
elementos da 89
empobrecida 117, 127
espécies de 134
espera dentro da 145
eterícidade da. *Ver* Eterícidade
exploração econômica da 57
força lunar excessiva na 157
forças da 114
humosa 106, 123
impregnada de água 155
inorgânica 86
interior da 23, 44-45, 47-49, 55, 57, 60, 68, 70, 76-77, 95-96, 102, 105-106, 109, 120, 129, 133, 141, 151-152, 171, 175, 177, 183, 191-192, 207, 221
larvas da. *Ver* Larvas
modificação da 177
monte de 84-86, 113, 170
morta 86
na organização da cabeça 187
no interior do animal 181
presente na semente 156
preta 86
produto da 16
relação com a 153
seca 155
sob a geada 138
sobre os preparados 136
substâncias minerais da 48, 65, 104, 116-117, 133, 177, 192
superfície da 23, 44, 47, 52, 120, 142, 176, 208
tornada imprópria
aos nematódeos 153
aos roedores 150
às ervas daninhas 145
tornar sensata a 125
turfosa. *Ver* Turfa
vida da 49, 52, 113, 155, 175
vida na 32, 36
vitalização da 89-90, 114-115, 118, 121-123, 155
viva 86, 167
Ver também Solo
Terra (planeta) 15, 23, 30-40, 43, 45, 48, 57, 61, 66, 68, 70-72, 85-86, 102, 109, 117, 141-144, 153, 158, 160, 177

e a ação do homem 15
e crescimento vegetal 144
e influências cósmicas 33-34, 36-39, 43, 45-46, 48, 109, 141-144
e interação com o Universo 72
forças calóricas da 40
forças da 61
pólos magnéticos da 23, 158
regiões da 57, 70, 86, 102, 144, 177
substâncias da 35-36, 46, 48
vida da 31, 71
Trevo 195, 208
de quatro folhas 208
Trimembração do organismo 186
Turfa 91, 105, 111, 125, 127, 131

Urtiga (*Urtica dioica*) 124-125, 128, 130-131, 134, 162
flores da 162
Uva. *Ver* Viticultura

Valeriana (*Valeriana off.*) 130
Veado 92, 131, 164
Ver também Cervo
Vegetal longicaule 193
Vegetarianismo 198-199
Vênus 34, 36-37, 45, 47, 58, 60, 74, 141-142, 144, 149, 150, 152, 164-165
e o elemento calcário 36-37
e reprodução animal 149-150, 152, 164-165
e reprodução vegetal 37, 141, 144
efeitos sobre a superfície terrestre 45, 47, 58, 142
efeitos sobre os animais 60
Verão 43, 47, 49, 78, 95, 105-106, 109, 120, 125, 206
Vermes 151, 177
Vida embrionária animal 59
Videira. *Ver* Viticultura
Viticultura 133, 142, 163-164

BC UFG

"Uma agricultura preenche de fato sua natureza, no melhor sentido da palavra, quando pode ser entendida como uma espécie de individualidade em si, uma individualidade realmente coerente." Foi com esta afirmação que Rudolf Steiner lançou em 1924, junto a um grupo de agricultores reunidos em Koberwitz/Breslau, Alemanha, os fundamentos de uma prática agrícola que viria a resgatar aspectos insuspeitados pela modernidade já então vigente: as relações entre o crescimento vegetal e o Cosmo, a natureza e o sentido profundo da adubação, o equilíbrio vital entre a lavoura e a pecuária, o papel e o trato biológico das pragas vegetais e animais etc. Considerando o núcleo rural como um organismo cuja saúde cabe ao ser humano promover com bom senso e sabedoria, a corrente dessa agricultura denominada biodinâmica vem-se desenvolvendo em vários países, inclusive no Brasil, em busca de uma produção de alimentos realmente nutritivos. Como afirma o próprio Autor, não basta obter, graças à mais sofisticada tecnologia, produtos agrícolas belos e avolumados; tais características não lhes atestam qualidade nutricional, o que só ocorre pela real assimilação das energias cósmicas, viabilizada por práticas agrícolas conscientemente conduzidas. Nas sucessivas conferências aqui apresentadas, ele desvenda os primeiros passos para tais procedimentos; suas surpreendentes indicações constituem, ainda hoje, um alento e um incentivo na busca de soluções para os problemas da agricultura e para o equilíbrio ecológico geral. Em todas as regiões onde é praticada, a agricultura biodinâmica tem-se mostrado uma verdadeira agente sanadora do solo, dos alimentos e do próprio homem.

Rudolf Steiner nasceu em 27 de fevereiro de 1861 em Kraljevec (Áustria). Apesar de seu interesse humanístico, despertado ainda na infância por uma sensibilidade para assuntos espirituais, cumpriu em Viena, a conselho do pai, estudos superiores de ciências exatas. Por seu desempenho acadêmico, a partir de 1883 tornou-se responsável pela edição dos escritos científicos de Goethe na coleção *Deutsche Nationalliteratur*.

Convidado a trabalhar no Arquivo Goethe–Schiller em Weimar (Alemanha), Steiner transferiu-se para essa cidade em 1890, onde residiu até 1897. Ali desenvolveu um grande interesse cognitivo e uma conseqüente atividade literário-filosófica, sendo dessa época sua obra fundamental *A filosofia da liberdade* (1894). Após alguns anos em Berlim como redator literário, passou a dedicar-se a uma intensa atividade de conferencista e escritor, no intuito de expor e divulgar os resultados de suas pesquisas científico-espirituais, de início no âmbito da Sociedade Teosófica e mais tarde da Sociedade Antroposófica, por ele fundada.

Em Dornach (Suíça), Steiner construiu em madeira o *Goetheanum*, sede da Sociedade (e mais tarde também da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual), destruído em dezembro de 1922 por um incêndio e posteriormente substituído pelo atual edifício em concreto. Foi em Dornach que ele morreu em 1925, deixando extraordinárias contribuições nos campos das artes, da organização social, da pedagogia (Waldorf), da medicina, da farmacologia, da agricultura, da pedagogia curativa, etc. Por oferecerem uma alternativa às cosmovisões e soluções meramente materialistas, tiveram elas grande repercussão e inspiraram o surgimento de instituições e atividades antroposóficas em todos os continentes.